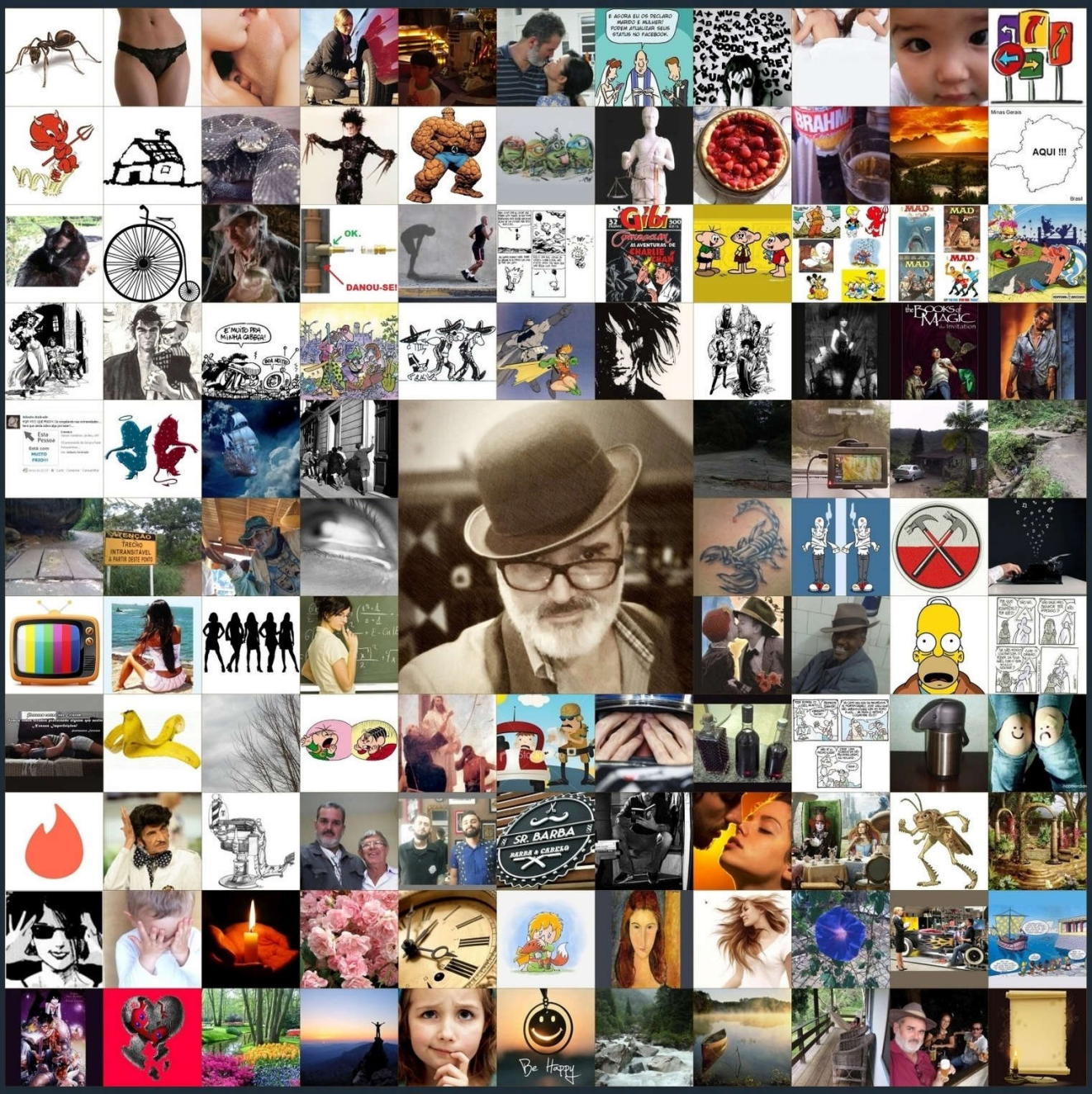
# Filosofices de um Velho Causídico

## Seletos 99 Causos




## Adauto de Andrade

A palavra **livro** veio do latim *liber*, a fina camada fibrosa que fica entre a casca e o tronco da árvore. Depois de retirada e seca podia ser utilizada para escrever. Porém o tamanho reduzido e a forma irregular limitavam em muito a sua utilidade.

Os egípcios aperfeiçoaram a ideia e conseguiram produzir folhas muito mais flexíveis e regulares a partir das fibras de uma planta aquática abundante na região do Nilo, o **papiro** (de onde nos veio o termo **papel**). Depois de removida a casca verde exterior, o caule macio era cortado em tiras muito finas e entrelaçadas, formando uma trama compacta. Uma vez molhado o conjunto, ficava secando sob pressão, de modo que a seiva da planta agia como cola, unia as tiras entre si e produzia uma folha homogênea, mais tarde aparada em dimensões regulares.

Essas folhas de papiro, unidas umas às outras, formavam um texto de vários metros de comprimento, que, para facilitar o transporte e manuseio, eram enrolados em hastes de madeira ou marfim. Foi desse rolo, chamado de *volumen*, que veio o nosso atual **volume**.

Mais tarde, por volta do século III a.C., no reino de Pérgamo foi desenvolvida uma nova técnica, a qual preparava o couro de cabra ou ovelha para material de escrita. O couro era curtido, lavado e raspado cuidadosamente, sendo em seguida branqueado com gesso ou cal. Estava criado o **pergaminho**, que eram folhas de excelente qualidade e durabilidade.

Mais tarde os chineses inventaram o papel e os árabes o apresentaram ao Ocidente, criando uma dependência crônica que hoje começa a ser atenuada pelo avanço da tecnologia digital.

Avanço esse que vive a apregoar que é chegado o fim do papel como suporte de escrita e de leitura. Entretanto, na contramão dessa vertente, eis aqui mais um novo livro para provar que se essa época houver de chegar, ainda está distante o momento de esvaziarmos nossas bibliotecas.

Boa leitura.

# *FILOSOFICES*

# *DE*

# *UM VELHO CAUSÍDICO*

## *– SELETOS 99 CAUSOS –*

**VERSÃO REVISTA E AMPLIADA - 2017**

## *– 2016 –*

**Adauto de Andrade**

# *Filosofices de um velho causídico*
## *– Seletos 99 Causos –*

*1ª Edição*

São José dos Campos – SP
Edição do Autor
**2016**

ANDRADE, Adauto de, 1969 –

A565fs

Filosofices de um velho causídico: seletos 99 causos. – 1.ed. – São José dos Campos, São Paulo: O Autor, 2016. 270 p.; 21cm.

ISBN 978-85-918531-4-4

1. Crônicas 2. Blog I. Autor II. Título

CDD B869.8
CDU 82-94

**Creative Commons**
**Atribuição Uso Não Comercial 4.0 Internacional**

Você tem a liberdade de **compartilhar** – copiar, distribuir e transmitir esta obra, bem como de **remixar** – criar obras derivadas, sob a condição de não utilizar nenhuma das informações aqui contidas para fins comerciais ou para causar qualquer tipo de dano moral a quem quer que seja.

Contato com o autor:

**Adauto de Andrade**
(12) 98113-1300

adauto.andrade@gmail.com

*O livro não morrerá.*

# MANTENDO A CHAMA ACESA

Como muitos já sabem, tirando meus rabiscos e surtos literários que se perderam no tempo e nas últimas páginas de muitos cadernos, comecei de fato a escrevinhar nessa tal de Internet lá pelo início de 97 – mas o formato de blog viria um pouco mais tarde, praticamente um ano depois... Nesse meio tempo muita coisa já aconteceu neste nosso mundo virtual – e também no real. Formatamos e reformatamos, nomeamos e renomeamos, incluímos, apagamos, mudamos, até que o blog atingiu uma existência – e aparência – mais ou menos estável. É o **Legal** que vocês já conhecem e que está aí, hoje.

E, mais do que uma grande brincadeira, o blog se tornou meu repositório particular de lembranças – uma *"penseira virtual"*, para que melhor entendam a comparação... São lembranças legítimas e parte intrínseca da minha personalidade – aliás, esta mesma só é como é por conta do que já foi e do que já fui.

Para compartilhar boa parte disso tudo com vocês, inclusive afastando-nos um bocadinho do mundo virtual, resolvi registrar essas minhas escrevinhações, lembranças e memórias num outro tipo de suporte: o livro.

Livro... Eis um objeto que parece cada vez mais cair em desuso, pelo menos com relação à função para a qual foi criado. É tão difícil ouvir alguém por aí dizer que “está lendo um livro”, não é mesmo? O tempo virou matéria escassa e o pouco que sobra é dedicado às redes sociais, jogos virtuais e outras maquinações do gênero. Computadores e smartphones estabeleceram um novo nível de comunicação entre a humanidade, relegando nossas vidas à necessidade de estabelecer contatos virtuais em detrimento dos relacionamentos pessoais, dos encontros olhos nos olhos com gente de carne e osso...

Mesmo quando encontro (no mundo virtual, é claro) registro de alguns parcos leitores, quando estes estão com um livro nas mãos, parecem estar mais preocupados em posicioná-lo adequadamente ao lado duma xícara de café e capturar o melhor enquadramento a ser compartilhado com seus seguidores...

É. De fato, daqui para frente não dá para imaginar o mundo sem Internet. Além das redes, é graças a ela que conhecemos novas bandas, novos filmes, pesquisamos novos lugares e buscamos respostas às mais estapafúrdias questões que venham a surgir. Mas... E se houvesse um

colapso mundial, daqueles cinematográficos, que nos lançasse num mundo sem Internet? Não tenho dúvidas de que o livro se apresentaria como um novo vício. Seria um retorno triunfante, de volta ao seu lugar de direito a (re)conquistar mentes e corações!

De minha parte, em prol de um mundo com mais livros, venho tentando contribuir com meus dois cents: em 2014 tivemos *Filosofices de um Velho Causídico* e, também, *Criança dá Trabalho*; já em 2015 viria *Juridicausos* e, logo em seguida, um complemento da primeira publicação, *Outros Causos*.

E agora o que venho a lhes apresentar é um bocadinho disso tudo. Em ***Seletos 99 Causos*** procurei buscar o que havia de melhor em cada um desses livros, como também fui pinçar mais uma ou outra coisinha que, hoje, só lá no blog é que existe.

Distribuídos pelos capítulos *Coisas de Casal*, *Criança dá Trabalho*, *Juridicausos*, *A vida como ela é*, *Passado a Limpo*, *Martelando o Teclado* e *Filosofices*, falo um pouquinho da vida conjugal, da difícil arte de ser pai, de causos jurídicos, dos perrengues do dia a dia, do passado que tanto me guia quanto persegue, bem como algumas crônicas, invencionices e elucubrações de praxe...

É desta maneira, através dos livros e em conjunto com o blog, como um bom e velho bandeirante d'almas, sertanista de palavras, que me permito compartilhar com vocês um tanto dessas minhas memórias virtuais, de modo a ficar claro que nada se perderá, pois em algum momento foi compartilhado com alguém, que por sua vez compartilhou com outro alguém e assim por diante.

Desta maneira ao menos uma fração daquilo que eu já disse, do que já pensei, do que já imaginei, permanecerá em suas memórias e nas memórias alheias. Uma pequena chama de uma pequena vela que, compartilhada, representa meu pequenino esforço de perpetuar minhas ideias no tempo, de manter essa mesma chama acesa a iluminar as andanças d'outrem.

Este sim talvez seja um bom caminho para imortalidade…

Mais uma vez, um grande abraço e uma boa leitura!

http://www.legal.adv.br

# SUMÁRIO


**I – Coisas de Casal** ..... 11

**II – Criança dá Trabalho** ..... 29

**III – Juridicausos** ..... 59

**IV – A vida como ela é** ..... 69

**V – Passado a Limpo** ..... 101

**VI – Martelando o Teclado** ..... 157

**VII – Filosofices** ..... 207

**Terminus** ..... 260

**Índice** ..... 265

# I

## COISAS DE CASAL

### A difícil arte de viver a dois...

A vida a dois não é complicada. Complicado é sambar em descida. A vida a dois é um milagre, isso sim. Só vivendo pra entender o que é aguentar maus humores, parentes, cachorro pentelho, ciúmes, amigos intrometidos. Mas também é só vivendo que se compreende a delícia de chegar em casa depois de um dia corno e encontrar quem se ama, receber cafuné assistindo filme, soltar pum sem precisar pedir desculpa. E (...) todos esses ingredientes misturados com graça, leveza e humor – atributos indispensáveis para a sobrevivência de qualquer relação. E de qualquer um.

*Ailin Aleixo*

*(Na orelha do livro "Balde de Gelo",*
*de Daniela Macedo & Marco Aurélio)*

### *Amor à exatidão*

– ROOOONNCC…

– Bonito, hein?

– Hmm?

– A que horas o senhor chegou ontem?

– UAAHH… Umas onze, eu acho…

– Pois é. Custava ligar? Volta e meia o senhor me apronta uma dessas. Já parou pra pensar por um único momento que eu fico preocupada com você? E se tivesse acontecido alguma coisa? Se ia demorar e sabia que ia demorar então ao menos avisasse. Já perdi a conta de quantas vezes o senhor me aprontou uma dessas. Eu já devo ter direito a sair de casa sem deixar nenhum recado por pelo menos umas duzentas e cinquenta e seis vezes, você não…

– Oito…

– Quê?

– Oito.

– Como assim, "oito"?

– Duzentas e cinquenta e OITO vezes. Não seis.

– …

– Amor?...

– VOCÊ. NÃO. TEM. JEITO ! ! !

– Mas te amo tanto…

– @#$%¨&*!!!!

### *Formigas levam o fumo; eu, o vinagre*

*"Jamais discutas, pois perderás."*

Essa deveria ser uma recomendação expressa em toda e qualquer cerimônia de casamento. Dirigida aos homens, é claro.

Tudo começou porque caí na BESTEIRA INOMINÁVEL de falar – durante o preparo de uma salada – que *"Péraê, péraê, vinagre não. Prefiro sem."*

Foi o suficiente.

Ela até deixou uma porçãozinha à parte da salada para mim – sob meus próprios protestos, depois que percebi o tamanho da bobagem que havia feito.

Tivesse tudo acabado aí, maravilha.

Jamais eu voltaria a cometer essa gafe de novo.

Mas não.

Mais tarde, enquanto eu estava na garagem, ela me perguntou lá do alto das escadas: *"Benhê! Posso pegar um cigarro seu?"*

– Cuméquié? – perguntei, incrédulo.

– É que preciso fazer um preparado pra matar ou espantar essas formigas pequenininhas. E um dos ingredientes é o fumo de um cigarro. Afinal você sabe o quanto esse negócio é venenoso…

Tive que concordar, resignado, com essa última parte. Era o lado bruxa Morgana dela que, de quando em quando, aflora. Cedi, de bom grado o "ingrediente" para sua poção natureba e voltei aos meus afazeres funilariais.

Final do dia. O guerreiro, cansado, exausto, mas certo e feliz de seu dever cumprido, sobe as escadas lenta e compassadamente de volta ao seu lar, à sua toca, ao seu ninho de conforto.

Mas, eis que depara-se com uma cena inusitada: todos os móveis meio que afastados, as cadeiras sobre a mesa (tal qual num bar que já houvesse fechado), nenhum brinquedo espalhado pelo chão.

Antes mesmo que pudesse raciocinar e concluir logicamente sobre a "operação limpeza" que passou por ali, veio *o cheiro*.

Não surgiu de algum lugar específico, mas de toda parte, simultaneamente. Atingiu-me como uma bomba. Aquele conhecido odor agridoce, que faz coçar o fundo da parte de cima das narinas e imediatamente enche a boca com seu sabor, causando um imediato arrepio de compreensão.

*"Vinagre!"*

Ela estava em nosso quarto, distraída, enxugando nosso menor pequerrucho após o banho.

– Amôoor…

– Oi?

– Me diz uma coisa, tô sentindo um cheiro meio diferente… O que é?

– Ah! É aquele preparado pras formigas!

– Não era para suas plantas, lá fora?

– É que tinham alguns pontinhos de formigueiro aqui dentro de casa também.

– Ahn… Entendi… Só por curiosidade: vai VINAGRE nesse coiso?

– Sim!

Seus olhinhos nipônicos estavam brilhantes e um sorriso bailava, teimoso, em seus lábios.

– Pôxa! Só porque eu não quis vinagre na hora do almoço?

– Imagiiiiiiina… É que faz parte da receita…

A essas alturas já não procurava mais disfarçar o sorriso.

Pro bem das formigas, espero que elas tenham desaparecido.

Ôôôô boca maldita!

### *Sonho de uma noite de verão*

– Uaahhh… Bom dia amor!

– …

– Amor? Lindinha? Você tá legal?

– Humpf!

– Que é que há? Você não está passando bem?

– Ainda estou com raiva.

– Raiva? E por que mesmo?...

– PORQUE TIVE O MAIOR QUEBRA PAU COM VOCÊ!

*(**PERIGO! PERIGO!** Ativando modo defensivo. Analisando ambiente em busca de pistas. Processamento paralelo. Rastrear memória. Recapitular últimas doze horas. Fato: ingestão de bebida alcoólica na noite anterior.*

*Questão: suficiente para ocasionar perda de memória? Fato: resposta negativa. Questão: discussão durante algum ataque de sonambulismo? Referência cruzada: sonambulismo = sonho. Conclusão lógica: sonho. Cancelar rastreamento. Suspender análise de ambiente. Processamento final: ela sonhou que teve uma briga. Desativando modo defensivo. Reassumindo funções. Tempo decorrido: 1,4 seg.)*

– Ahhh… Você sonhou com isso né?

**– É!**

– E por que mesmo você brigou com este pobre coitado que vos fala?

– Porque o SENHOR estava numa BOATE dançando com um monte de VAGABUNDAS e com uma CALCINHA PRETA NA CABEÇA!!!

– Huá! Huá! Huá! Huá!

– E para de rir! Ainda tô brava com você!

– Amor… Justo eu, que jamais pus os pés numa boate? Pelo menos você pegou o endereço para futura referência?…

– Seu…

– **Al!** Isso doeu!

– É pra você aprender!

– Mas eu não fiz nada!

– Eu deveria me divorciar de você por uma dessas…

– Dá pra pelo menos esperar eu TRAIR de verdade antes de uma atitude assim drástica?

– Seu…

– **Al!** Isso também doeu!

– Xarope!

– …

– …

– Môr?

– O quê?

– Tá mais calma?

– Ah… Tô. Desculpa. É que foi um sonho tão real que não tinha como não acordar com raiva.

– Tudo bem, eu entendo.

– Mesmo?

– Mesmo.

– Que bom…

– Só mais uma última perguntinha. Pode?

– Claro.

– A calcinha. Você disse que era preta. Mas você lembra dos detalhes?

– Era de rendinhas…

– VIXE! Então a coisa deve ter sido boa MESMO!

– ORA, SEU…

– **AAAAAIIIIÊÊÊÊÊ!!!!!**

### *Baleia ou avestruz?*

Ainda ontem estávamos, Dona Patroa e eu, na casa do amigo e *copoanheiro* Paulo tomando um bom café da tarde, acompanhados de um belo dum queijo à mesa.

Falávamos de amenidades.

Já nem sei mais como o assunto recaiu sobre um primo da Dona Patroa que tem um sítio onde cria avestruzes. Comercializa ovos, carne, etc. Nisso a esposa de nosso anfitrião ficou curiosa sobre a carne de avestruz: se seria saborosa ou não.

Dona Patroa não teve dúvidas e, esquecendo-se que ninguém mais à mesa além dela já teria vivido durante quatro anos no Japão, respondeu-lhe:

– Ah, eu não gostei não. É muito forte. É igualzinho **carne de baleia**, sabe?

Excelente referencial.

Qualquer um sabe.

Assim, intrépido leitor, caso algum dia alguém lhe pergunte qual o sabor da carne de avestruz, você já tem uma prática resposta na ponta da língua…

## *Conto de reencontro*

Não importa o como ou o porquê.

O que importa é que estavam ali.

Como há muito não mais estavam.

Um certo nervosismo implícito. Um quê de dúvida. Um olhar no olhar. Profundo. Com mil questões e mil respostas. Sem palavras. Compreensão. Amor. Desejo. Paixão.

E suas bocas se encontram, tímidas, num primeiro momento. Vasculhando, procurando, se (re)conhecendo.

Mas esse era o sinal. Foi dada a largada. Agora os movimentos já não são tão calculados – tornam-se automáticos na justa medida em que precisam ser. É esta a bênção e a maldição da familiaridade. Em apenas segundos, pele na pele. Explorando. Buscando as curvas conhecidas, as experimentadas regiões prazerosas. Suave onde deve ser suave. Intenso onde deve ser intenso. Apenas um roçar aqui; uma firme pegada ali. Os lábios buscam mais que a boca. A boca experimenta os sabores de todo um corpo…

Mas a boca não descuida da boca.

Os olhos não descuidam dos olhos.

As mãos, de ambos, ávidas, exploram, tocam, puxam, sentem, empurram, procuram… e acham.

E um novo nível é atingido. Um prazer mais profundo. Mais denso. Seguro. Cada pequena partícula a ser explorada também dotada da familiaridade daqueles que sabem o que buscam. As mãos de ambos, experientes, há muito sabem o ponto certo de cada ponto. A justa medida e intensidade de cada toque. A ansiedade se instala. A vontade transcende. O desejo grita por ser atendido.

E então se completam.

Olhos nos olhos. Não se perdem. Não se buscam. Apenas dialogam na linguagem universal.

As mãos deixam de ser necessárias…

Seu peso, o arquear, o resfolegar, o envolver. Uma luta? Uma dança. Viram-se de novo e de novo e de novo. Frenético frenesi. Ritmado.

Conjugado. Conhecem-se o suficiente para estabelecer a perfeita cadência. Prazer absoluto. Intenso. Máximo.

Explosão!!!

Mútua. Conjunta. Completa.

E os olhos ainda nos olhos.

E tão rápido quanto o início, também se dá o fim.

Cansaço misturado com felicidade misturado com silêncio. Mudo silêncio. Não há necessidade de palavras. De comunicação. Nem mesmo pelo olhar. Estar ali é tudo quanto basta.

E agora o aconchego.

O abraço aninhado.

A exaustão conjunta.

A felicidade final de um reencontro que superou as palavras, as discussões, as acusações, os dedos em riste, a mágoa, a tristeza, tudo, transcendendo até mesmo a própria relação.

E então…

Não mais que de repente…

Do mais profundo e obscuro canto do inconsciente de meu subconsciente…

*Eu acordo…*

## *O pneu furado*

No meu local de trabalho a ala masculina é minoria absoluta. O assim chamado “sexo frágil” reina em todos os setores. Mas… Será mesmo? Dia desses furou o pneu do carro de uma de nossas heroínas…

Bem, não teve como não lembrar um episódio acontecido com este desinfeliz que vos tecla, já há um bom tempo!

Na época, recém-separado e já meio que me engraçando com aquela que viria a ser a Dona Patroa, eu estava acampado na casa de meu irmão, que – coincidência das coincidências! – era mais ou menos próxima da casa dela. Trabalhávamos no mesmo escritório de advocacia e, de quando em

quando, eu pegava uma carona com ela e o pai dela no bom e velho Golzinho quadrado que ele tinha. Aliás, tem até hoje.

E eis que numa bela manhã de sol, lá estávamos nós a caminho do Centro da cidade, ambos recém-formados, eu já de terno e gravata e ela num lindo tailleurzinho. Passávamos numa das avenidas mais movimentadas, cheias de lojas e comércios diversos, quando, não mais que de repente, o pneu do carro furou.

– FLOP-FLOP-FLOP-FLOP… FLOP… FLOP…

Nós, juntamente com o pai dela, “seu Carlos” (cujo nome na realidade não é esse, trata-se apenas de um “apelido” que ele usa, como boa parte dos japoneses das antigas), descemos do carro para dar uma olhada. Pneu traseiro, lado direito.

– Heh… Furou, né? – Disse ele.

Daí que o bonitão aqui, todo garboso e solícito, em pleno começo de namoro, já foi tomando a dianteira da situação!

– Xácomigo, seu Carlos! Em dois minutos tá resolvido!

Mas eis que ele me vem com essa:

– Non, non. Ela troca, né? Tem que aprender.

Murchei.

Que nem o pneu.

Olhei pra ela, toda arrumadinha, pronta para ir para o escritório, do alto (alto?) de seu metro e meio, unhas feitas, maquiada, cabelo ajeitadíssimo – e simplesmente fiquei boquiaberto…

Como discordar de um pai que tinha uma “lição” para ensinar à filha?

Pior: estando na condição de quem estava querendo me engraçar com a moçoila!

Ainda pra tentar ajudar pelo menos tirei o estepe do porta-malas. Mas todo o resto TEVE que ser feito por ela. E, pra piorar, o pai dela ali, conversando e explicando o que fazer EM JAPONÊS. Pelo menos em alguns momentos eu tive quase que certeza que eu era o tema da conversa, mas talvez fosse apenas neuras de minha parte.

Ou não?

Bem, no final das contas ficamos ali, enquanto ela trocava o pneu. Inúmeros transeuntes passavam e se espantavam ao ver os dois marmanjos parados enquanto a mocinha ralava com a chave de rodas na mão. Vendedores das lojas vinham até a porta e apontavam. Pessoas se apinhavam nas janelas dos prédios para ver. Até o tráfego de carros diminuiu seu ritmo para que os motoristas pudessem contemplar tão insólita situação!

Tá, acho que talvez não tenha sido bem tudo isso, mas que foi – no mínimo – ridículo, ah isso lá foi!

Saldo final: mãos sujas, roupa amassada, escova seriamente prejudicada, cansaço e suor de um dia quente. Isso às oito da manhã. Antes mesmo de "começar" o dia…

Bem, nem preciso dizer que depois dessa foi a ÚLTIMA vez que ela trocou um pneu NA VIDA.

Dali pra diante, pneus passaram a ser (eternamente) matéria de outrem. Sempre fui eu, ou algum borracheiro, ou até mesmo algum "cavalheiro" que passasse pela rua. Como, aliás, deveria ser norma constitucional para toda e qualquer "dama em apuros".

Especialmente se de apenas metro e meio de desenvoltura…

### *Star Wars Day*

E por que, afinal de contas, hoje, quatro de maio, seria esse dia?

Pela mais famosa frase do cinema desde então:

*"May the Force be with you."*

Ou seja, algo como *"Que a Força esteja com você"*.

Mas vejam a corruptela que arranjaram, possível somente na língua original: *"May the fourth be with you"*…

Bem, na prática há quase quatro anos tivemos (eu, Dona Patroa e a Tropinha de Elite) um dia bem legal, regado a Star Wars, numa exposição lá no Parque Ibirapuera.

Mas não podia deixar passar em branco e me vi obrigado a homenagear o dia de hoje!

No mais, *Vida Longa e Prosperidade!*

(Ops… Acho que isso é de outra série…)

*Emenda à Inicial:* Durante o café da manhã, tentando explicar para a Dona Patroa o porquê de hoje ser o “Star Wars Day”, perguntei-lhe:

*“Vamos lá, só pra você entender: qual é a frase mais recorrente em toda a história de Guerra nas Estrelas?”*

Ela pensou um pouco e tascou essa:

*“Hmm… Deixa eu ver… Ah, já sei! É aquela assim:* ***Eu tenho a força!****”*

E foi dessa maneira que He-Man, com convulsões, caiu de uma das torres de Grayskull…

## *Papa-anjo*

Segundo o *“Dicionário Informal“*, seria a *“pessoa que gosta de ficar ou namorar parceiros mais novos”*…

Então.

Dona Patroa e filhotes, supermercado, carrinhos de compra, muvuca, acaba por encontrar uma amiga. E eu ausente. Papo vai, papo vem, proseiam daqui, assuntam dali, quando, do nada, a “amiga” solta essa:

– Mas esse não é o primeiro casamento dele, é?

– Não, não é. Eu sou a segunda esposa. Mas como você sabe?

– Ah, logo percebi. Mas isso é normal, sabe? É que dá pra notar pela *diferença de idade* entre vocês…

(Pausa dramática para claquete de risos.)

Conforme fidedignas informações da Dona Patroa ela preferiu não desconcordar da amiga. E olha que ela (a Dona Patroa) *é um ano mais velha que eu!*

Duas inafastáveis conclusões:

1. Tá na hora de tirar a barba (branquíssima).

2. Sósifôdo…

## *Casórios modernos*

*(**Aviso aos Navegantes:** os gnomos revisores/censores que vivem nas entranhas do blog classificaram este texto como altamente herege e sarcástico. Se você for do tipo que fica indignado com coisas desse tipo, então pare agora e aguarde algum próximo texto não tão carregado. Pode voltar à sua leitura de Pollyana Moça, aos seus afazeres normais ou seja lá o que for que pessoas como você costumam fazer. Não diga que não avisei.)*

Resolveu continuar, hein? Além de herege, curioso…

Pois bem. Disaôje (como dizia minha Bisa) fomos a um casamento. A filha mais velha de um antigo amigo de uma outra vida. Literalmente, a vi nascer – o que comprova que eu estou mais pra curva de pra lá de Marrakesh, mas não ainda do Cabo da Boa Esperança.

Bem, enfim. Fomos ao casamento. Lugarzinho longe mas bem agradável: um clube, no campo, com muita mata, muito verde, muita estrada, muita chuva, etc. A noiva atrasou somente uma hora, o que está dentro dos padrões internacionais aceitos pela ABNT e homologado pela ONU para eventos de igual porte e estilo. Chegou, com a habitual pompa e circunstância (sempre adorei esse termo) que lhe é peculiar, foi adentrando o recinto, toda sorridente, até engatar (ou seria "alicatar") no braço do noivo de uma maneira tal que, estou certo, nunca mais deve largar.

Até aí estava tudo indo muito bem.

Então ouvimos uma voz chamando a atenção de toda a congregação. Ou melhor, dos convidados. De imediato a Dona Patroa ressaltou que o pastor tinha uma voz muito feminina. *"Será que talvez não seja porque ele **é** uma mulher?"* Perguntei-lhe. Ela foi obrigada a concordar comigo. E olha que já é a segunda vez neste semestre! É sempre bom pro ego quando a gente usualmente tem razão…

Bem, os noivos posicionados, eis que ela começa a preleção. E de uma maneira inusitada! Agradeceu a presença de todos e ressaltou que ainda estava faltando alguém muito importante. Seriam os avós de algum deles, perguntei para mim mesmo. Mas não. Ela continuou: *"Convido a adentrar este recinto aquele que está faltando nesta reunião, alguém muito importante e que não poderia faltar! Convido ao Todo Poderoso para que entre por este corredor, por este tapete, e venha nos abençoar a todos! Vamos, Senhor, pode vir! Venha, Senhor!"* Automaticamente todos olharam pra trás, pelo tapete, pelo corredor, pela porta afora. Juro que quase fui. Já

me imaginei ali, entrando, a passos largos, um falso sorriso constrangido, acenando para todos, piscadelas para as moçoilas, o escambau. Mas algo me disse que era melhor me conter. Talvez o olhar de fúria da Dona Patroa quando me propus a isso. E, assim, me contive.

Dali em diante ela passou a hora seguinte (eu disse "hora"? pareceu bem mais…) pregando, na minha opinião, toda e qualquer ideia relacionada a casamento que lhe viesse na cabeça. Nem pouco, nem menos. Professores de cursos de oratória de todo esse lado do estado devem ter passado mal com a energia emanada da tamanha falta de coesão, métrica e foco demonstrada em tão pouco tempo (eu disse "pouco"?).

Aliás, ela não estava sozinha, não! O gentil cavalheiro que pairava ao lado da distinta também era pastor! E ela, já nas primeiras palavras, ressaltou que estava ali presente juntamente com o pastor sei-lá-o-nome-do-caboclo. Ainda que ele não abrisse a boca um momento sequer. "Deve ser alguma espécie de pastor-estagiário", pensei comigo mesmo.

Como se já não bastasse, após tudo isso, ela ainda me soltou a seguinte frase: *"Tô percebendo, pela carinha de vocês, que já deve estar na hora de trocar as alianças!"* Putz, eu também já estava percebendo! Juro! Eu e as demais 1.469 pessoas do salão. Mas esse ainda não foi o ponto. O ponto foi quando da surreal sequência:

– *Vamos lá, então, gente, vamos ver o que ele responde! E daí, o que você responde?*

– *Siiiiiiiiiimmm!* (Brincadeira, não foi assim não, nesse estilo Domingo no Parque – foi muito mais sério que isso. O que não altera em nada o desfecho.)

– *Ele disse sim! ELE DISSE SIM! Gente, ai que chique!*

"Ai que chique"? Em quantos missais vocês já ouviram isso, hein? Não contente, logo na sequência, quando da noiva, ela me soltou:

– *Ah! Ela TAMBÉM disse sim! Gente, ai que ma-ra-vi-lha!*

É sério. Olhei para os lados para dar uma conferida onde a gente estava. Em qual centro fomos parar. Não, somente a noiva estava de branco, então não podia ser algum outro onde a Hebe tivesse baixado ali e reencarnado para dar o ar de sua graça, presença e pieguice. Aquilo era DELA mesmo… Mas ainda teríamos mais! Logo após os votos dos noivos um para o outro – coisa bonita, que nem aqueles dos filmes (por mais curtos que tenham sidos) – ela deu uns dois passos para trás, quase caiu, olhou para os

nubentes e com aquele sorriso puro e franco de um filme de terror, soltou mais essa, no melhor estilo Sazón:

– *Ai, gente, olha como o amor é lindo!*

Ok, sei que eu estava com o meu sarcasmo em *mode on* e carregado com a bateria até no talo, mas entendam como foi complicado estar ali... As sequências seguintes foram acompanhadas externamente por meu semblante sereno e dedicado a uma cerimônia do porte, mas internamente eu, irônico que sou, só aguardava a próxima tirada para soltar das minhas – ainda que somente em pensamento. Me sentia fazendo escárnio num programa de auditório. Cruel, eu sei, mas este sou eu, que fazer? Vamos lá:

*"Agora vamos consagrar as alianças, mergulhando-as no no azeite."* Por quê? Senão não entra? Tudo bem que os noivos parecem estar meio gordinhos, mas não me parece que seja pra tanto…

*"Olha, gente, como ela está tremendo de emoção!"* Emoção? Com aqueles ombros de fora, o vento que está fazendo e a chuva que está caindo? Ela está é com frio, caramba!

*"E vocês deverão lembrar que o homem é a cabeça do casal."* Hah! Piada pronta! Não conhecem? Então tá. De fato o homem é a cabeça do casal; mas a mulher é o pescoço: vira a cabeça pra onde quiser!

Bem, foram tantas tiradas que acho que não vai dar pra lembrar de todas. Dentre outras, vamos combinar que não é lá muito comum alguém, ainda que seja uma pastora em suas orações, referir-se ao Senhor ora pelo respeitoso termo *"Deus Altíssimo Onipotente"*, ora pelo intimista e quase infantil *"Papai"*. Ao menos não numa cerimônia de casamento…

Mas ainda teríamos a homenagem final. Uma dançarina. Não, cambada de hereges! Não ESSE tipo de dançarina! Não tinha nenhum dos costumeiros sete véus nela. Se bem que, dada a performance e a silhueta, talvez tenha sido até bom… Mas o que de fato aconteceu é que uma moçoila, vestida com o que eu achei ser uma espécie de túnica, desenvolveu toda uma performance ao som da mais apurada e decibelística música gospel que o momento pedia. Pedia? Bem, manjam aquelas pessoas que dançam "interpretando" a música? Então. Dava até para ver os lábios se movendo em conjunto… Ainda bem que *Jennifer Beals* (aquela, do filme *Flashdance*) não estava por ali pra ver aquilo…

Bem, finalmente fomos para as orações finais. E, é lógico, desta vez em conjunto com ~~a plateia a congregação~~ os convidados.

*"Quem é a noiva de Jesus?"* Nessa hora fui sumariamente aquietado com um bom chute na canela e não tive oportunidade de tecer nenhum comentário sobre Madalena, enquanto que os demais respondiam *"é a Igreja!"*…

*"Agora vamos pedir a Deus que nos dê direção!"* Mais piada pronta, ao menos na minha cabeça. Não teve como não lembrar de uma tirinha do Deus do Laerte...

*"E agora o beijo! O pessoal tá esperando o beijinho de vocês! Vamos lá! Não, não valeu! De novo! Ainda não valeu! De novo! Não vale-eu! De novo! Ai, geeeeente, que liiiiindo!!!"*

Agora acho que já sei o porquê de o buffet não ter deixado talheres nas mesas. Facas, pulsos, pensamentos suicidas… Com tudo isso já deu pra imaginar, né?

Mas enfim, após os cumprimentos à noiva – que sim, estava linda – e ao noivo – que estava muito bem apessoado (jamais me ouvirão chamar um ser masculino de "lindo") – o ponto alto de tudo isso ainda estava por vir e eu não tinha sequer me tocado.

Bem, não foi difícil para vocês perceberem que estávamos num casamento evangélico, certo?

AH – HA! Exatamente!

Isso mesmo.

Absolutamente nem uma gota de álcool!

De novo.

### *O flerte*

E então aqueles dois resolveram passear em Sampa.

Passeio revigorante para o casal, ver coisas novas e – por que não? – fazer suas comprinhas de praxe!

Num local cheio de novidades, cheio de lojas com fantásticas bugigangas, com traquitanas tecnológicas de última geração, ainda assim acabaram indo no trivial…

Entram, conferem, se interessam, se separam.

Cada um para um lado para vasculhar o que havia por ali.

Ele, dando voltas e revoltas, se interessando ou não por este ou aquele produto, vai, volta, anda caminha, passeia e se perde.

Ela, concentrada, vendo o que realmente lhe interessava (afinal elas são elas, não é mesmo?), de repente percebe sua solidão. Mas com isso não se preocupa. Afinal ele deveria estar por ali, por perto e tudo bem.

Então ela vê.

De costas.

Entretido com algo – sabe-se lá o quê.

Dentro de seu gosto, de sua preferência, da altura perfeita, com o físico ideal. Não tem como não olhar. Não tem como não cobiçar.

Sente – mais que momentaneamente – um quê de vergonha (afinal seu marido ainda estava por ali, ainda que não às vistas). Mas inevitavelmente aquele sujeito lhe chamou a atenção. Uma ligeira pontada de desejo lhe estremeceu o corpo…

Afinal, apenas olhar e admirar não seria errado, certo?

Mas não poderíamos ficar apenas nisso.

Pois, vagarosamente, aquela figura de seu inesperado desejo, volta-se e a olha nos olhos.

Fixamente.

E lhe sorri.

E ela se assusta.

E se confunde.

Pois aquele pequeno flerte jamais consubstanciado, que sequer veio à tona, tinha por objeto algo ainda mais inesperado.

O sujeito, afinal de contas, ao voltar-se para ela, revelou-se como sendo *seu próprio marido!*

E agora?

Em que situação ele fica?

Traído consigo mesmo?…

Ou orgulhoso de ser o que é?…

Alguém se habilita a opinar?…

### *O corpo fala*

Não importa há quanto tempo estamos juntos – se meses ou anos – mas definitivamente sempre acabamos por aprender o linguajar do corpo de cada um…

E esse linguajar transcende as palavras.

Ontem. Noite. Frio. Ainda assim, agasalhados em nosso ninho, o desejo se acende. Percebo que ainda está acordada e lhe abraço, aconchegando meu rosto ao seu pescoço e, por sob a blusa, passeio com minha mão quente por sobre seu ventre. Já em seu seio, meus dedos brincam pela periferia da aréola rosa que antecede seu mamilo, pois sei o quanto isso a arrepia e a excita. Seu corpo responde. Você não. Permanece deitada, inerte, como se dormindo estivesse. Chateio-me e desisto. Suas palavras não ditas foram:

*"Estou cansada, está frio e não estou a fim. Será que dá pra sossegar e deitar no seu canto, pois amanhã tenho que trabalhar cedo?"*

Viro-me para o lado, deitando-me de costas e olhando para o escuro infinito do teto. O que não disse, foi:

*"Está bem. Desculpe-me se me excito com sua presença e gostaria de me aquecer de outra maneira. Pode dormir tranquila pois não vou mais incomodá-la."*

Tendo percebido minha retirada e claramente escutado o que não disse, desta vez é você quem me abraça. Sua mão por sob minha blusa paira em meu peito e, por entre os dedos, brinca com meus pelos. Sua perna entrelaça a minha e fica no aguardo de uma resposta. Em tom constrito, suas palavras moucas enchem o quarto:

*"Sou eu quem peço desculpas! Já há tanto tempo não temos um ao outro… Meu trabalho, seu trabalho, nossas correrias… Será que nos tornamos apenas companheiros de quarto? Deixei de ser sua amante? Você deixou de ser o meu? Me dê um sinal de que estou errada para que possamos nos entregar um ao outro!"*

É com uma lágrima no rosto que não escuto o que não foi dito. Ser repelido nunca é uma sensação agradável, mesmo que na intimidade da própria

cama. A chama de meu desejo foi apagada pelo gelo de meu orgulho. Viro-me novamente, deitando-me de lado. Sonoramente calo-me em nenhuma palavra e esse silêncio – verdadeiro silêncio – é minha resposta final.

E você escuta e compreende que ali encerramos nossa acalorada discussão, sem a pronúncia de absolutamente nenhum palavra.

E, por fim, também se vira.

Costas a costas.

Duelistas prontos para seus dez passos.

Mas não hoje.

Amanhã.

Talvez.

### *Realidade paralela*

– Roooonc... Hm? Oi?

– Bom dia, mocinho.

– Aff... Bom dia, amor...

– Bonito, hein?

– Você também!

– Não é nada disso! Você tem ideia da condição em que o senhor chegou ontem? Ou, no mínimo, tudo que fez desde que pôs os pés em casa?

– Não...

– E então? Quer saber?

– Cá entre nós, amor: eu vou gostar da resposta?

– Nem um pouco.

– Então, não.

– Tá. Vem tomar café, que já está na mesa (beijo).

– ??????????????????????????????????

*(Será que alguém pode me beliscar, me acordar ou então me contar em qual realidade paralela eu vim parar???)*

II

# CRIANÇA DÁ TRABALHO

## Da música do conjunto Palavra Cantada me veio a expressão que norteia meu dia a dia com os filhotes!

Há livros que se lê uma vez e depois joga-se fora. Lidos, esgotaram o que tinham para dizer. Parecem-se com as piadas: as piadas só fazem rir na primeira vez que são contadas. Outros livros, entretanto, são como fontes. A fonte é a mesma. Mas a água que dela brota é sempre fresca, sempre nova, sempre outra água. Retornamos sempre às fontes. Cada retorno é uma felicidade nova. Na minha infância havia uma fonte, um buraco simples em forma de bacia, que me dava grande alegria visitar. Não que eu estivesse com sede. Apenas para me encantar. Daquela fonte nem meu pai nem minha mãe ficaram sabendo. Vocês são os primeiros a quem estou contando. Que felicidade encontrei na minha infância, solto por espaços vazios de olhos adultos! Os adultos estragam o mundo das crianças com seus olhos. Diante da fonte, minha amiga, eu estava sozinho, absolutamente sozinho. Guimarães Rosa, falando de sua infância, disse que ela foi muito gostosa. A única coisa que a atrapalhava era os olhos dos adultos que se intrometiam em tudo. Livrou-se disso quando arranjou uma chave para o seu quarto. Trancado, podia gozar livremente os seus devaneios. Esses livros-fontes não são de diversão. São livros de encantamento. A sua leitura é como beber água da fonte, sempre. Por isso voltamos a eles.

*Rubem Alves*

*(Na crônica "Uma criança", do livro "Ostra feliz não faz pérola")*

### *Teimosas lágrimas*

Tudo bem que nós pais normalmente somos taxados de neandertais toscos e insensíveis ao que ocorre no dia a dia em casa. Ser assim não é uma atitude proposital, mas que acontece, acontece. Entretanto certas coisas nos atingem como um raio, nos transformando, além de neandertal, de tosco e de insensível, também em boca aberta…

**1st case:** Meu filhote do meio passou mal no fim de semana e foi parar no hospital, vomitando até o que já não tinha mais no estômago. No dia seguinte, pouco antes da hora do almoço, ele estava tristinho e lhe perguntei se queria deitar um pouco pra descansar. Disse-me que sim. Após aconchegá-lo, cobri-lo e trazer seu cachorrinho (porque toda criança tem um bichinho de pelúcia pra dormir), eu estava saindo do quarto quando ele se virou e me disse: "Não! Com o papai!" Era para que eu ficasse com ele na cama. Segurou minha mão até dormir. E uma lágrima teimosa e condoída rolou de minha face.

**2nd case:** O caçulinha, que mal tem um ano e meio, esmerdeou-se (existe esse verbo?) todo ontem à noite. Como eu já estava no banho, bem mais fácil que eu o lavasse – e assim o fiz. Brincamos um pouco, arranquei dele algumas gargalhadas e depois chamei a mãe para que o tirasse dali. Após fechar o box, o bichinho fez uma cara de indignado, e com olhinhos arregalados soltou um sonoro "PAAA-PAAEE". O primeiro de sua vida. O primeiro que eu ouvi de seus lábios. E uma nova lágrima de alegria e felicidade misturou-se com a água que caía do chuveiro.

**3rd case:** Hora de dormir, ainda que não tão tarde, retomei o livro que comecei a ler e, por excesso desumano e descomunal de trabalho, fui obrigado a deixar de lado por algum tempo. Aconcheguei-me ao lado da Dona Patroa e de meu mais velho, de seis aninhos, que estavam lendo seus gibis. De repente, ainda que não movesse um músculo, fui obrigado a me desconcentrar da leitura para ouvi-lo lendo SOZINHO frases inteiras, se divertindo com seu novo poder de compreensão, enroscando apenas em algum eventual ce-cedilha. E fechei o livro, deixando-o sobre a cômoda, deitei-me, e com um sorriso uma terceira lágrima de orgulho veio a molhar meu travesseiro.

Chorão e boca aberta até prova em contrário.

Mas ainda teve mais uma, dessa vez não comigo, que é digno de nota aqui. A Dona Patroa, muito preocupada com as brincadeiras da criançada, chamou os dois mais velhos e lhes disse: "Escutem: têm três coisas MUITO

perigosas nesta casa e eu NÃO quero que vocês abusem de jeito nenhum. Em primeiro lugar a escada que vem da garagem; em segundo lugar a escada que vai para o quintal; e, em terceiro lugar, não quero saber de que coloquem banquinho algum na murada pra ver a rua. Entenderam?"

Após cada um renovar seu compromisso de que entendeu, o mais velho completou: "Mas mamãe, ainda tem uma outra coisa muito perigosa também!" Com uma cara de interrogação, ela perguntou: "Qual?"

Ao que ouviu: "Você, quando está brava…"

Heh… Puxou o pai… Perde o amigo, mas não perde a piada! Tudo bem, no final todos terminaram rindo e – ao menos dessa vez – ninguém apanhou…

### *Superpoderes*

Meu filho é um X-Man (para os incautos: lê-se "équis mén"). É sério. Nesse final de semana a Dona Patroa precisou sair e fiquei em casa com a prole. Assim pude não só descobrir como também observar os poderes que vem desenvolvendo.

Por exemplo: assim como o Noturno, da equipe do Professor Xavier, meu caçulinha de um ano e meio também tem o poder do teletransporte. Talvez devido à idade ainda não consiga se teletransportar a grandes distâncias, mas – com certeza – ele já manifestou esse poder. Explico. Ele estava a meus pés enquanto eu estava na cozinha e, NO EXATO MOMENTO SEGUINTE, antes mesmo de um piscar de olhos, ele já estava no banheiro "dando corda" ao rolo de papel higiênico. Conseguiu desenrolar apenas uns vinte e cinco metros.

Mais tarde ele estava jantando e quando eu baixei a colher para pegar um novo bocado e a levei até sua boca – pasmem – ele já havia se teletransportado. Dessa vez, inclusive, levou a cadeira junto para alcançar o vídeo cassete. Consegui salvá-lo (o vídeo) momentos antes de cair.

Creio que ele já deve fazer parte de uma geração mais avançada de mutantes, eis que ele não só se teletransporta no mais absoluto silêncio, como também não deixa nenhuma evidência de seu sumiço. E, ainda, existem outros poderes latentes mas que ele já vem treinando. Tal como a heroína Canário Negro ele tem também o poder do grito sônico, porém ainda não está muito focado. Às vezes ele simplesmente para, olha pra gente, e solta o grito de, vejamos, uns 380 decibéis. Sim, supera qualquer escala. Digo que não está muito focado porque ainda não consegue

quebrar nada (pelo menos não com o grito), mas já atordoa seriamente sua vítima deixando-a com os tímpanos, senão estourados, ao menos desorientada.

Aliás não é só ele quem possui poderes, eis que meu “do meio”, de quatro anos, também vem demonstrando algumas manifestações. Nesse final de semana, por exemplo, e por mais de uma vez, ele demonstrou poderes equivalentes ao do Tocha Humana, do Quarteto Fantástico. De um momento para outro, sem o menor aviso, ele consegue elevar a própria temperatura corporal para muito próximo dos quarenta graus. Mas como ele ainda é novinho, acho que não sabe como voltar ao normal, daí a necessidade de a gente ter que controlar através de medicamentos. Espero que fogo propriamente dito fique somente para a adolescência. Aliás, isso me lembrou um teleporte que o caçula fez para tentar acender o fogão elétrico…

Somente o mais velho é que não parece ter algum poder específico. Pelo menos não atualmente. Se bem que ele, com apenas seis anos, já possui como mecanismo de defesa um super sarcasmo pra lá de ferino que, sinceramente, não sei de onde herdou…

### *Um dia de Philippe Pinel*

“Dia desses” a empregada lá de casa faltou.

Como a Dona Patroa está em uma nova fase em seu trabalho, prontifiquei-me: *“Deixa que eu fico em casa com as crianças, amor”*…

O saldo espiritual no final do dia até que foi positivo e relaxante, mas foi uma luta pro dia acabar. Logo após o café da manhã (mais ou menos uma hora e meia entre o primeiro a sentar e o último a sair da mesa), peguei a prole – todos os três – e dei uma passada no meu trabalho pra dar uma ajeitadinha no imprescindível.

Fora o fato de a mesa do estagiário ter ficado toda carimbada, a do assessor toda riscada, o livro de controle de processos todo colorido, e muitos clips e elásticos espalhados pelo chão, não houve nenhum problema (muito) grave.

O resto do dia foi no trivial, entre almoço, arrumação de casa e o leva e traz das crianças para escola.

Mas cheguei a uma conclusão irrefutável: é MUITO mais fácil acudir **treze** secretarias em uma Prefeitura do que **três** crianças dentro de uma casa!

Ainda que com pouca diferença de idade (2, 4 e 6), as necessidades de cada um são totalmente distintas das dos outros, tendo em comum somente a sua simultaneidade… Todo mundo quer tudo aqui ao mesmo tempo agora!

Enquanto este está com fome, aquele quer desenhar e aqueloutro pede pra colocar uma fita para assistir, mas o primeiro se cagou todo, logo depois do segundo ter saqueado alguns doces na geladeira (antes do almoço), ao mesmo tempo em que o terceiro derrubou todos os lápis, canetas e papéis pela sala, momentos antes de o caçulinha ter puxado a mangueira do chuveiro e jorrar água pra todo lado, enquanto que o do meio apareceu chorando na porta do banheiro porque o mais velho bateu nele, mas este não podia ter feito isso porque estava andando de bicicleta no quintal e o primeiro não deixava pôr a fralda porque queria brincar com o segundo de correr com a máscara do Batman, pois o terceiro estava montando uma estratégia de defesa do Yu-Gi-Oh baseada nos ataques do Pokémon…

Enfim, um dia digno de internação num manicômio…

Ontem, ao voltar pra tranquilidade de meu trabalho, tive que enfrentar apenas umas três reuniões, duas representações no Tribunal de Contas, uma impugnação a um edital, algumas formalizações de contrato e um outro tanto de pareceres, fora as consultas, cobranças, correrias e atendimentos.

Ah… A paz…

Um dos corolários da Lei de Murphy diz que *"se você é o único a estar calmo quando todos os demais já estão desesperados, isso quer dizer que você não entendeu a gravidade da situação"*.

Será?…

### *Da propaganda enganosa*

Hoje eu acordei com um pontapé bem no meio do queixo – *ôôôôô maneira desgraçada de acordar*!

Não, não, não.

Não foi briga, não.

Foi meu caçula, de dois anos e quatro meses. Pra variar, ele foi pra nossa cama no decorrer da noite e acomodou-se em seu lugar predileto:

atravessado, sobre nossas cabeças. Como ele costuma se mexer muito durante o sono… Bem, foi dali que veio o malfadado pontapé!

Isso me levou a algumas elucubrações mentais logo pela manhã…

Sabe aquele momento, entre o “acabar-de-acordar” e o “criar-coragem-pra-sair-da-cama”? Perguntei pra mim mesmo: “Mim mesmo, por que cargas d’água esse bandidinho veio parar aqui? Será que foi o frio? Afinal ele se mexe MUITO quando dorme (nesse momento levei a mão ao queixo, massageando-o…) Será que fez xixi? Mas eu troquei a fralda de madrugada – tinha cerca de meia tonelada de xixi e ele ainda deveria estar sequinho…”

Foi quando comecei a pensar nas propagandas de fraldas, onde mostram aquela mulher sorridente despejando um jarro d’água numa fralda, mostrando suas vantagens, e como a camada de seu exclusivíssimo hiper super ultra mega blaster ômega advanced plus gel especial, deixa o bebê sequinho.

Pois bem, deixe-me acabar com a ilusão de vocês: aquilo não é verdade! Bem, pelo menos não corresponde exatamente à realidade. Seria mais correto se ela despejasse seguidamente umas três jarras de água na fralda, até que ela atingisse a forma e consistência de um daqueles ursos de pelúcia gigantes que costumam dar de brinde se você vender algumas rifas até o final.

Além disso, por mais “noturna” que sejam, as fraldas não vêm com um sistema automático distribuidor de cremes anti-assadura (leia-se Hipoglós), pois nos casos de excesso as dobrinhas do pequerrucho sempre acabam ficando ardidas.

Ah! E esqueceram do show de contorcionismo. Não, zelosa mãe, cauteloso pai, aquelas crianças comportadas e sorridentes que aparecem nas propagandas não podem ser reais (robôs animatrônicos, talvez?), pois a probabilidade de que fiquem calminhos numa troca de fraldas é *inversamente* proporcional à pressa ou sono que você tiver no momento. Lembro-me de ter lido certa vez que uma boa maneira de treinar como vestir bebês, seria tentar colocar uma blusinha num polvo. Vivo. Não adianta ter acabado de acordar, ou de tomar banho, ou até mesmo de dormir. ELES. NÃO. SOSSEGAM! Acerta a fralda, eles viram. Gruda um lado, descola outro. Põe um pé, o outro sai. E a coluna vai pro espaço.

E o choro? Pois é, invariavelmente eles choram. E isso os comerciais também não mostram. Os irmãos que acabaram de dormir começam a se

mexer na cama, e o bichinho, lá, chorando. Você já trocou a fralda, trocou a blusa, trocou a calça, e o bichinho, lá, chorando. Fez “SHHHH!”, embalou, acalentou, e o bichinho, lá, chorando. Deu chupeta (que caiu de lado, pela boca aberta), e o bichinho, lá, chorando. Nessas horas, não adianta: a única coisa que resolve é o “ursinho de estimação” com o qual ele adora dormir agarradinho. Ou seja, a mãe.

Há algum tempo existia ainda um outro tipo de problema: haviam dois tipos de adesivos para fechar as fraldas: o que não gruda de jeito nenhum e o que não solta nunca mais. Ao menos isso foi resolvido pela indústria fraldífera…

Por fim, restaria solucionar o derradeiro problema – que, inclusive, deu azo a esse texto: que raio de teletransportador hiperdimensional é esse que já vem embutido nos bebês? Quando, finalmente, superados todos os obstáculos, você o coloca no berço – e ainda prende a respiração no momento em que ele dá uma viradinha e uma resmungadinha aconchegando-se – e você volta, guerreiro, cansado, perto do limite da exaustão, para sua cama, aninhando-se no braço de sua amada, começando a cochilar, a dormitar, sentindo-se envolvido numa inebriante onda de cansaço… Eis que do nada você sente uma presença estranha na cama, pois ele se materializou entre vocês, e ainda dormindo, deu-lhe um respeitável pontapé no queixo.

Pois é, gente. As agências de publicidade não colocam nada disso nos anúncios de fralda…

### *Parque da Mônica, a Epopeia: Parte I – A Viagem*

Antes de mais nada, é INDISPENSÁVEL dizer que FOI divertido. Apesar de minha usual rabugice, o que se tornará evidente no decorrer do texto, posso afirmar – para tranquilidade dos envolvidos – que realmente foi divertido. Não repetiria a dose, ao menos não nesses moldes… Talvez nem nessa vida. Mas tudo a seu tempo…

Já há algumas semanas tínhamos combinado, Dona Patroa e um casal de amigos, que levaríamos nossos pimpolhos à Cidade da Criança, em São Paulo. Ficou marcado para o dia 29 (sábado último). Como todo mundo já estava meio curto de grana, seria uma boa opção, pois o ingresso lá é baratinho, faríamos um piquenique (vulgo “farofa”) e as crianças com

certeza se divertiriam (três nossos e dois deles). De quebra convidamos mais um amigo (pai solteiro) para levar também seu bambino, pois havia espaço no carro.

Na véspera eu e a Dona Patroa ainda tivemos uma séria conversa se realmente iríamos ou não (grana curta, já disse), se eu não iria ficar chateado (leia-se "emburrado"), etc. Chegamos à conclusão que sim, deveríamos ir, afinal as crianças passaram as férias praticamente inteiras dentro de casa e, oras bolas, "mais vale um gosto que dinheiro no bolso"!

E eis que chegou o sábado. Amanheceu chuvoso. Isso, em tese, estragaria os planos, pois trata-se de um parque a céu aberto. Adiamos um pouco a saída, pra ver se o tempo melhorava. Apesar do frio e umidade, naquele momento não estava chovendo, de modo que mantivemos os planos. Saímos de casa por volta de dez da manhã, pois ainda tínhamos que passar em alguns lugares e comprar algumas coisas.

Ficamos de encontrar o casal num ponto da Via Dutra para dar início à epopeia (vamos chamá-los de "Paulo" e "Andréa"), momento no qual transferiríamos para seu carro o pai ~~solteiro~~ separado e seu filhote (vamos chamá-lo de "Evandro"). Apesar de não estar chovendo o céu continuava negro, e nuvens *cumulus nimbus* de milhões de toneladas pairavam num lúgubre agouro do que nos aguardava.

Logo ao cumprimentá-los, Paulo disse: "E aí? Pronto para um P.I.?" (Programa de Índio).

"Ôpa!" – eu disse.

Eu deveria ter percebido os sinais…

Como eu NUNCA dirigi na Capital, fui na cola deles. Logo ao entrar na estrada (às onze horas), me lembrei de um recente post da Ju, quando foi ao aeroporto e seu filho começou a contar quanto tempo iria levar pra chegar.

Rimos um bocado.

Passados alguns minutos, meu filho mais velho me pergunta:

– Paiê, o que vem depois de cento e noventa e nove?

Com um pequeno solavanco na boca do estômago, respondi. E continuei respondendo até que atingisse o número mil, quando, ao perceber que ainda faltava muito pra chegar (dessa vez me lembrei da viagem do impaciente *Burro*, em Shrek 2), ele resolveu deixar de lado a contagem.

Cerca de uma hora e tanto depois, pouco antes de chegar à cidade de São Paulo, voltou a chover torrencialmente. Ainda assim permanecemos firmes em nosso propósito de chegar à Cidade da Criança. Mas, com um tempo daqueles, não teria jeito – em determinado ponto paramos e resolvemos rever os planos. Precisaríamos ir a um local que fosse coberto, pelo que optou-se pelo Parque da Mônica.

Como eu não tinha nem ideia de local ou distância, limitei-me a dizer o de sempre: “Tãotáintão”…

A Capital paulista é algo que ao mesmo tempo me causa encanto e temor. Acho suas construções magníficas, em especial aquelas antigas, da virada do século passado. Certos bairros têm uma característica bucólica, quase de cidade do interior. Outros lembram verdadeiros cortiços, travestidos de miséria e sujeira. Isso sem falar nas grandes e modernas obras arquitetônicas, bem ao estilo do século XXI. Hoje, mais do que nunca, posso falar com certa propriedade, pois, com certeza, devemos ter passado por TODOS os bairros de São Paulo!

É bom lembrar que desde meu acidente, devido ao rompimento de parte dos ligamentos em meu joelho esquerdo, minha perna ficou meio prejudicada. Como acharam que ainda não era hora de sacrificar o equino que vos escreve, passei a me conformar que doravante o frio e esforços repetitivos passariam a deixar esse joelho dolorido. Ah, sim, perna esquerda é a do pedal da embreagem…

Pois bem. No meio do caminho (sim, do NOVO caminho) passamos a seguir por atalhos, ruas paralelas, subidas, descidas, viadutos, o escambau! Tentando sempre ficar logo atrás do carro do Paulo, pois se eu me perdesse NUNCA mais eu conseguiria voltar pra casa. Isso valeu até alguns buzinaços que tomei na orelha, porque simplesmente não podia perdê-los de vista. Em dado momento, no alto de um viaduto, vendo que ele sinalizou uma entrada à direita, acabei fechando violentamente um carro que estava a meu lado. Foi quando a Dona Patroa falou:

– Parabéns, amor. Já está dirigindo como os nativos…

Mais tarde fiquei sabendo que o Paulo e o Evandro se perguntaram se eu estaria muito bravo lá atrás. Olharam para meu carro e todos os vidros estavam embaçados. Chegaram à conclusão que devia ser eu, bufando.

Cerca de duas horas depois de nossa saída, parados num semáforo, o Paulo colocou meio corpo pra fora e gritou: “Já estamos chegando! É logo ali!”. Maldito. Eu devia saber que estava mentindo…

Até então ele vinha dirigindo com calma, sempre de olho no retrovisor, sinalizando todas as curvas e viradas, preocupado se eu estaria ali, logo atrás. Num determinado momento passou a dirigir com mais desenvoltura, senhor de si, nem seta estava dando mais. Falei pra Dona Patroa:

– Ah! Agora devemos estar perto mesmo! Parece que o Paulo se familiarizou com o caminho. Isso aí é que nem cachorro perdigueiro, que quando pega o rastro do bicho, desembesta a correr…

De fato. Pouco depois chegamos nas nababescas instalações do Shopping Eldorado, onde está localizado o Parque da Mônica. Cansados, com fome, a bunda parecendo uma pizza de cinco queijos e o joelho latejando, estacionamos no piso G2 (apesar de importantíssima esta informação, somente vim a saber disso mais tarde).

### *Parque da Mônica, a Epopeia: Parte II – A Chegada*

Enfim, chegamos. Entramos no estacionamento, viramos, rampa, rampa, procura, procura, paramos. Com alívio descemos todos dos carros, espreguiçamo-nos e organizamos nossa entrada. E agora? Que fazer? Bem, primeiro as necessidades básicas do ser humano. Banheiro. Comida. Bebida. Cigarro.

O estacionamento dá acesso direto ao shopping, pelo que, munidos das mochilinhas das crianças, fomos entrando em caravana. Só pra lembrar: eram SEIS crianças, com idades variando de 2 a 8 anos. De imediato deu pra perceber que era o que chamamos de shopping de “bacanas”. Tudo muito luxuoso, muito suntuoso, brilhante e organizado. Pensei em minha carteira, depois em minha conta-corrente, e suspirei…

Apesar do megacolossal tamanho da construção, ao chegarmos nos banheiros, ainda assim havia fila no lado feminino! O Universo não parava de mandar sinais – os quais foram solenemente ignorados… Dali fomos procurar uma praça de alimentação.

Anda, olha, lê placa, pergunta, procura, ficava na último andar. “Tãovamuintão!”. Após passarmos por 1.469 escadas rolantes, eis que chegamos. DUZENTOS MILHÕES DE PESSOAS ocupavam o recinto! Apesar da imensa área, toda coberta de mesas quadradinhas, não se via um local vago pra sentarmos – ainda mais em onze! Nesse momento, com sua característica virada de franja, o Evandro me encarou:

– Adauto!

– Diga!

– O Inferno existe!

– Sim! E é aqui!

No meio de tanta gente, não teve como não lembrar de um imenso tabuleiro de xadrez, ou campo de batalha naval… Cada um prum lado, começamos:

– Vi uma vaga em B-12!

– Tem uma maior em Q-14!

– Bispo pra Torre em Z-34!

Após alguns minutos acomodamo-nos. Nossas amadas, idolatradas, salve, salve, sempre precavidas esposas trouxeram lanches na bagagem, e pusemo-nos, literalmente, a repartir o pão. A Dona Patroa sacou duas bandejinhas com iguarias nipônicas, e a Andréa espalhou MacSanduíches caseiros para todos os lados. Mas precisávamos beber algo. O Paulo se adiantou e trouxe uma primeira leva de refrigerantes e uma cerveja – e minha parabólica entrou em operação! Deixa eu ver, onde foi, onde foi… Ah! Ali!

– Gente, vou ali pegar umas bebidas também e já volto.

Fui no rastro de onde o Paulo tinha comprado as dele.

– Bom dia.

– Boa tarde, senhor.

– Ah. É. Boa tarde. Quanto é o refrigerante e a cerveja?

– Dois e quarenta o copo médio e dois e noventa a latinha, senhor.

Com a boca entreaberta, inclinando um pouco a cabeça e com o olhar fixo no vazio, encarei a mocinha do caixa. Dois e noventa? DOIS E NOVENTA? Que é isso? Putzquipáriu! Não dá pra acreditar! Onde estão os fiscais do Sarney quando precisamos de um? Será possível?

– Errr… Senhor?

– Ah, desculpe. E essa outra cerveja aqui, que desce redondo, quanto é?

– Dois e quarenta, senhor.

Menos pior. Como diria meu amigo Walace: *"já que tá no Inferno, abraça o capeta!"*

Comprei uma leva de refrigerantes e cervejas e voltei pras mesas. Após saciarmos nossa fome, prosearmos um pouco, não sem antes dividirmos um sanduba deixado pra trás por uma das crianças, preparamo-nos para sair. De repente, vejo meu filhote mais novo, o caçulinha do grupo, indo até uma mesa vizinha e apontando uma caixa colorida do McDonald´s.

– Uh!

O casal e seu filho sorriram, achando bonitinho. Ele voltou pra nossa mesa, pegou dois sachês de Shoyu e levou para o casal. Eles sorriram novamente e, meio sem jeito, aceitaram o "presente". Então ele sorriu, contente, esticou os bracinhos e tentou pegar a dita caixa. Aí percebemos que ele estava TROCANDO com eles! Sob veementes protestos (dele), intervimos e desculpamo-nos…

Reorganizamos a caravana. Destino: Parque da Mônica. No caminho Evandro me fala:

– Cara… Tô com uma vontade de fumar…

– Eu também. Deixa quieto, por enquanto. Até porque acabou o fluido do meu isqueiro. Quando chegarmos provavelmente deverá ter algum lugar aberto para umas baforadas.

Mais uma vez, naquele imenso labirinto digno das andanças do Minotauro, custamos a encontrar o local correto. Enfim, chegamos! Fomos direto às bilheterias, contentes, alegres e saltitantes, prontos a ingressar no malfadado parque, quando a mocinha do caixa, sorrindo um sorriso franco e puro como num filme de terror, declara:

– Trinta reais. Adultos, vinte e um. Senhor.

CUMASSIM???!!!! Trinta contos? Cada?

– Trinta… per capita?

– E adulto vinte e um, senhor.

Mais uma vez me lembrei da Ju, que dia desses comentou que tudo na vida tem limites – inclusive o cheque especial…

Como já estávamos ali, e agora tendo criado uma verdadeira ansiedade nas crianças, tivemos que nos render ao inevitável. Ainda tentou-se cogitar um desconto, grupo grande, assinante do jornal XPTO, etc, mas nada. À

vista, em cheque, ou, no máximo, em até quatro vezes no cartão. E dá-lhe cartão de crédito. Da Dona Patroa.

Uma vez pagos os ingressos, existem duas maneiras de se entrar no Parque da Mônica: uma através de uma longa rampa de acesso e outra através de um “escorregador de rolinhos”, de uns cinquenta metros de comprimento. Optei pela rampa.

Pouco antes havíamos pensado que tínhamos chegados no Inferno. Ledo engano. Aquela era apenas a antecâmara. Ao descer lentamente pela rampa, e com um vislumbre do que nos aguardava, pude saber exatamente o que Dante Alighieri sentiu…

### *Parque da Mônica, a Epopeia: Parte III – O Parque*

Então. Como todo pai que se preza tem que tirar fotos dos pimpolhos, parei no meio da rampa (que, na descida, circundava o escorregador) para tirar alguns instantâneos. Fotografei em plena atividade escorregadícia as crianças do Paulo e da Andréa, da Andréa, do guri do Evandro (e do próprio…), da Dona Patroa e, por fim, de minha prole também.

Foi aí que o caldo começou a entornar.

O humor de meu filhote mais velho vive no limiar da balança. Não sei por que cargas d’água ele desistiu do escorregador logo que começou a descer: deu um jeito de parar e começou a voltar escorregador acima. O funcionário do Parque não teve dúvidas, foi até ele, abraçou-o, e desceram juntos, sob protestos do bacuri.

Aí que vinagrou de vez…

Mesmo assim fomos todos com as crianças num brinquedo logo próximo à entrada, uma espécie de super hiper ultra mega blaster plus trepa-trepa. Enquanto foram entrando na fila, Adauto, o coxo (lembram-se do joelho?), ficou aguardando do lado de fora. Segurando a bolsa da Dona Patroa. E a mochila das crianças. E a máquina fotográfica. E um saquinho com o que sobrou do almoço. E os calçados de todos eles. Pra ficar com as mãos livres dei um jeito de amarrar, transpassar e vestir tudo isso. Num espelho próximo vi que fiquei bem no estilo dos antigos exploradores paulistas, um verdadeiro Bandeir*andante*…

Enquanto estavam na fila dei uma sacada nos arredores. Inúmeros outros pais carregados de mochilas, bolsas e sapatos. Alguns sorrindo para os

filhos distantes, outros com aquela característica cara de tédio de quem espera, e, ainda, mais alguns em estado catatônico.

E as crianças, então? Corriam, pulavam, atropelavam, saindo e entrando de todos os lados possíveis e imagináveis. Isso fora as que choravam. Choravam pelos brinquedos, porque queriam ir, porque não queriam ir, porque já foram, porque queriam ir de novo, enfim: choravam.

Quando voltei desse ligeiro estado de letargia percebi que o filhote, o vinagrado, queria sair da fila. Fui até lá e retirei-o.

– Vou dar uma volta com ele e depois a gente se encontra!

No decorrer da meia hora seguinte (se bem que acho que deva ter sido mais, pois o tempo corre de uma maneira própria quando se está em outra dimensão), fomos caminhando por todo o parque, vendo os brinquedos e eu ainda tentando insistir se ele queria brincar num ou noutro. Mas as negociações foram infrutíferas. Só começou a voltar a seu temperamento normal (?) após um belo, grande e saboroso sorvete escolhido por ele próprio (nunca falha!).

Nessa volta que demos, o único lugar em que me senti um pouco mais à vontade foi a *Casa do Louco*. Aquilo tudo era assaz compreensível para mim, desde as cortinas de linguiça até a vitrola das antigas, na qual virava, toda modorrenta, uma pizza, tocando uma música de fundo…

Encontrei com a Dona Patroa e o caçulinha, bem como o Evandro e seu filhote, os quais também já haviam se distanciado dos demais, brincando sossegados com tijolinhos de construção de tamanho real. Feitos de espuma, é lógico.

Nesse meio tempo, a proposta: “café, doctor?”, ao que respondi “póssassê”. E foi o Evandro pra fila. E ficou. E ficou. E ficou. Quando já não havia mais esperança, eis que ele foi atendido. Mesmo assim, quando fomos servidos ainda tivemos que pedir pra mocinha dar uma completada, pois o café veio abaixo da metade da xícara! Após DESgustar o café, eis que bate novamente aquela vontade de dar uma pitada…

Depois de tudo isso, de toda a fila, de toda a espera, o filhote mais velho vem e me pergunta:

– Paiê, tô com sede. Pode comprar um suquinho?

Com a xícara ainda nas mãos, dou uma esticada de pescoço e vejo a fila de uns 15 metros. Parada.

– Filhô, não serve água, não? Papai achou um bebedouro bem legal, ali atrás…

Não funcionou.

Aliás, deve ter sido mais ou menos por esse momento que percebi a perna meio molhada. Amarrado à mochila estava o saquinho com o que sobrou do almoço, inclusive com o refrigerante, QUE COMEÇOU A DERRAMAR. Nem sei quanto tempo levei pra conseguir limpar o que precisava ser limpo e salvar o que dava pra ser salvo.

Foi então que trocamos, Dona Patroa e eu: ela foi brincar com os filhotes em outros brinquedos e deixou o caçulinha comigo, o que foi um ótimo negócio – pra ela – pois, por ser pequenina (1,53m), ela ficava de igual pra igual com o resto da criançada.

Como o pequenino é da paz (quando não está aprontando) foi mais fácil toureá-lo. Após umas duas birras por brinquedos, uma fralda cheia (com um fraldário ainda MUITO mais cheio) e no limite da exaustão, chegamos à conclusão que o ideal seria ir para o carro colocar as crianças para dormir um pouco. Evandro concordou. Pelo celular (que, GRAÇAS A DEUS, estava com bateria), consegui falar com a Dona Patroa, expondo-lhe o plano. Tudo bem, só pediu pra devolver-lhe a bolsa. Tãotáintão.

Encontrei-a, devolvi-lhe a bolsa e prossegui com os demais apetrechos. Passar por aquela criançada, agora com o guri no colo, me dava a impressão de avançar numa tempestade de areia pelo deserto…

– Bom, pelo menos vamos poder fumar um cigarrinho!

– Pois é! E sair dessa barulheira e colocar os meninos pra dormir um pouco no carro.

– É mesmo!

Mas eu ainda estava com aquela maldita sensação de que havia esquecido algo. Fogo eu já sabia que não tinha. O que seria? Assim que passamos pelas catracas, sem possibilidade de volta, me lembrei: A CHAVE DO CARRO! Ficou na bolsa da Dona Patroa!!!

Olhei para o lado, para o companheiro de jornada, acabado, cansado, suado, mas feliz por ter saído dali, com seu filho virando cambalhota no colo.

“É. Depois eu conto.”

### *Parque da Mônica, a Epopeia: Parte IV – Luz no fim do túnel*

Um pouco após nossa saída resolvemos dar algum alimento para os dois pequerruchos que estavam conosco. Como todo Inferno que se preze, o Parque ficava no térreo (ou melhor, *abaixo* do nível do térreo), enquanto que a praça de alimentação ficava no último piso. E dá-lhe escada rolante.

Aliás, se o caçulinha falasse e alguém lhe perguntasse o que ele mais gostou no passeio, tenho certeza absoluta que diria: *"escada"*. Bastava ver um degrauzinho subindo ou descendo que lá ia ele, lépido e faceiro, em direção à escada rolante.

Após um chá gelado e uns pãezinhos de queijo, resolvi participar ao nobre colega o fato de que eu simplesmente NÃO estava com a chave do carro.

– O QUÊ???? Mas é um Jamanta, mesmo!

O pior de tudo é ter que ouvir isso calado. Mas mostrei-lhe o lado bom: ao menos poderíamos fumar um cigarro do lado de fora enquanto esperávamos. Não, eu não tinha arranjado fogo, fósforo, um par de pedras, gravetos, nem nada que pudesse acendê-lo. Mas havia uma banca de jornais ali perto.

– Por gentileza, quanto é esse isqueirinho?

– Dois e noventa. Senhor.

Dois e noventa. DOIS E NOVENTA! Um mísero isqueiro que mal custaria um real num boteco's bar qualquer e talvez nem chegasse a cinquenta centavos nos camelôs de alguma calçada. E o caboclo tinha o despropósito de querer cobrar dois e noventa, quase trêrreal por aquela coisinha fajuta. Ora, tenha a santa paciência!

– E aí, arranjou fogo?

– NÃO.

– Mas, mas, mas, mas…

– Mas nada. Quando der eu dou um jeito de acender esses cigarros nem que tenha que esfregar dois pauzinhos! FILHO, SAI DA ESCADA!!!

E corre a pegar o tranqueirinha.

Bem, usando de toda nossa capacidade sherlockiana pudemos deduzir que estávamos num shopping. E, certamente, todo shopping daquele porte deveria ter uma charutaria, um hipermercado, ou algo do gênero. O jeito era procurar.

Andar após andar, volta após volta, caminhada após caminhada – inclusive tendo a certeza absoluta de que já havia passado por aquela mesma samambaia umas duas vezes antes – eis que meu pequenino cochilou em meu ombro. O jeito agora era parar um pouco pra descansar. Sentamo-nos num banco de madeira, bem em frente a uma loja com a “última” moda feminina. Não demorou muito, o filhote do Evandro também dormiu.

Com a convivência diária (diuturna, eu diria), Evandro e eu desenvolvemos um sistema de conversa um tanto quanto peculiar. Mais ou menos como os três sobrinhos do Pato Donald, ou os dois sobrinhos do Mickey (por que nessas estórias todos são sobrinhos?), onde um completa a ideia do outro. De vez em quando começamos uma conversa, que quase poderia ser um monólogo por expressar um único raciocínio, se não fosse o fato de que ambos contribuímos para o desenvolvimento das ideias. Num resumo bem apertado, o papo foi mais ou menos esse:

– I-NA-CRE-DI-TÁ-VEL!

– Pois é.

– Quem diria?

– Nós dois.

– Aqui.

– Sentados num banco de um shopping.

– Que não tem nada a ver com a gente.

– Que se frise: NADA.

– Cansados.

– Exaustos.

– Com nossos filhos.

– No colo.

– Dormindo.

– De frente para uma loja de moda feminina.

– Que nem roupas bonitas tem.

– No meio de uma tarde de sábado.

– Sem ter fumado um cigarro sequer.

– Nenhunzinho.

– ZERO de nicotina no organismo.

– Nem álcool.

– Totalmente sóbrios.

– Ninguém vai acreditar.

– Ninguém.

Apesar disso, nossa amiga Milena costuma dizer que nossa personalidade, quando juntos, estaria mais para os irmãos gambás da Era do Gelo 2…

Não demorou muito e as crianças acordaram. Como eu já havia dito, o tempo corre de uma maneira diferente quando se visita outras dimensões, ou seja, mal eram seis da tarde. Passamos a visitar uma ou outra loja, paramos um pouco mais numa livraria, mas continuamos a malfadada procura. De repente, não mais que de repente, passa um sujeito com um carrinho de um hipermercado!

Encaramo-nos com um sorriso e um brilho no olhar! Nem que fosse pra comprar um pacote inteiro de fósforos, desta vez conseguiríamos algo! Afinal, a falta de nicotina já estava atingindo níveis alarmantes em nosso organismo… Pergunta daqui, pergunta dali, fica no térreo. E lá fomos nós. Pela escada rolante, é lógico.

– Ali, ali, ali! – gritava um pululante Evandro, com seu filho no colo. Beleza. Pelo sim, pelo não, resolvi dar uma volta pelo outro lado pra ver se havia alguma charutaria. Combinamos de nos encontrar em cinco minutos, na porta do hipermercado.

Mal havia dado dez passos e quem encontrei? Todo o resto da caravana! Bem, quase. Dona Patroa, Andréa e as crianças estavam bem ali, à minha frente. Mas faltava o Paulo. Ao que parece ela até já havia validado o cartão de estacionamento, mas o Paulo não encontrou o próprio cartão e foi fazer uma busca e apreensão nas dependências do carro.

Deixei o filhote com elas e voltei correndo ao hipermercado, à procura do penúltimo membro desgarrado da caravana.

– Jota! Você não vai acreditar, estão dando um vinhozinho muito bom aqui de amostra grátis! Vamos…

– Não vamos nada! Encontrei o resto do povo!

– O quê? Não acredito!

– Sério. Vem comigo. Elas estão ali, bem próximo da porta.

Com um misto de alegria e satisfação, nos reunimos. Foi quando percebemos o quão próximo da porta do shopping estávamos, defronte a um imenso ponto de táxi. Deixamos as crianças com elas e combinamos que iríamos apenas fumar um cigarro e já voltávamos. Tudo bem. Saímos, emprestamos o fogo de um transeunte, e – finalmente – pudemos dar algumas tragadas.

A fumaça descia em suaves espirais por uma garganta ávida por sua presença. Finalmente relaxamos um pouco das desventuras do dia…

– E o Paulo?

– Parece que não encontrou o cartão de estacionamento. Foi procurar no carro. Aliás, segundo a Andréa, foi procurar o carro também!

Rimos um pouco. Falamos de amenidades. Mas de repente o Evandro leu um cartaz sobre meu ombro e ficou pálido.

– Adauto!

– Digue.

– Você sabe quantas vagas tem no estacionamento desse shopping?

– Não tenho nem ideia afastada…

– No-ve-cen-tos e oi-ten-ta.

– Tá. Quase mil vagas. Aproximadamente umas cinco mil pessoas, numa conta de carro de paulista. Fora quem tenha vindo de moto, ônibus, metrô, trem e a pé. E garanto que TODOS eles estavam lá no Parque hoje!

– Você não está entendendo a gravidade da situação!

– Cumassim?

– O Paulo. Você disse que ele não sabe onde está o carro! E ainda foi procurar!

– Puta-que-o-pariu! Você tem razão! Meia-noite vai ser cedo, assim. Vamos encontrar com o resto do povo!

E voltamos ao interior do shopping, no mesmo local onde havíamos deixado as meninas nos esperando juntamente com as crianças.

Mas elas já não estavam mais lá.

***Parque da Mônica, a Epopeia: Parte V – Home Sweet Home!***

(Recapitulando: nossos heróis haviam acabado de voltar ao ponto de encontro outrora combinado, entretanto, consternados, acabam por descobrir que a caravana partiu e, agora, estariam sozinhos naquele labirinto…)

– E agora?

– Elas só podem ter ido até os carros!

– Juuuura? E onde estão os carros messs?…

– No estacionamento?…

– Eu só me lembro que entramos por uma das laterais.

– O jeito é procurar.

Estávamos voltando para as escadas rolantes, mas resolvemos subir de elevador. Já estava ali mesmo, parado, dando sopa, sem fazer nada… Sem saber em qual andar ficava o piso de estacionamentos onde estavam os carros, resolvemos simplesmente subir. Aperta botão. Fecha porta. Sobe lentamente. Para no andar seguinte. (Que tédio!) Abre porta. E um sujeito do lado de fora, parado, de costas, olhando para os lados, como quem procura algo. Pareceu que uma faísca percorreu o interior do elevador.

– É o Paulo!

– PAULÔÔÔ!!!!

E veio o terceiro mosqueteiro para o elevador. Ficamos MUITO felizes ao vê-lo; aliviados e esperançosos de que agora sim conseguiríamos chegar até os carros. Mas ele só tinha uma certeza: que estávamos estacionados em “G2G”. Em qual andar ficava isso mesmo? Nem ideia. Decidimos que deveria ser o segundo andar, e lá fomos nós.

Descemos do elevador sem ter a mínima ideia de onde ficava a entrada para o estacionamento naquele andar. E então fomos os três, Moe, Larry e Curly, andando, a meio passo, olhando para todos os lados, e conjecturando em voz alta:

– Será que fica lá no fundo?

– Será que tem que virar?

– Será que tem que descer?

– Será que tem que subir?

– Será que alguém lembra?

– Será que alguém saberia informar?

– SERÁ QUE ALGUÉM TEM UMA BÚSSOLA???

(Nota: visando respeitar os direitos autorais nesta minissérie, cumpre esclarecer que a última frase foi um grit…, isto é, um questionamento efetuado pelo Evandro).

Com algum custo, conseguimos encontrar a saída. Ou a entrada. Ou… bem, chegamos lá. Estávamos em “G4″.

Tudo bem. Calma. Bastaria descer dois “Gs”. Tinha um elevador ali do lado, o que afastava a hipótese de nos perdermos novamente. Aperta botão. Espera. Espera. Espera. Espera. Quer saber de uma coisa? Vamos de escada mesmo! Fomos descendo (ainda bem que era uma escada com legenda) e ao chegarmos em “G2″ ainda restou um quê de ansiedade, pois não sabíamos se sairíamos exatamente próximos aos carros.

Saímos! Olhamos à esquerda… E gritamos de emoção e felicidade! Lá estavam elas! Bem atrás dos carros! O porta-malas aberto! Com as crianças! Fazendo… FAROFA?????

Pois é.

Farofa.

Havia guaraná, bolachas, sauduichinhos, pedacinhos de frango e de linguiça empanados, e muitos *oniguiris*. Pra quem não sabe, oniguiri é uma iguaria japonesa, que nada mais é que arroz na forma de bolinhos. Muito prático para eventos do gênero.

Bem, o que não tem remédio, remediado está. Vamos comer. Num lampejo de humor (e crueldade), o Paulo virou para Dona Patroa e perguntou:

– E aí? Que tal aproveitar que amanhã é domingo? Vamos pra Cidade da Criança?

Ela riu sonoramente. Até agora não sei se foi por diversão ou por nervosismo…

Nesse meio tempo passou um segurança do shopping com um olhar incrédulo. Acho que ele nunca viu ninguém fazendo um piquenique de porta-mala num estacionamento de shopping. Bom, a bem da verdade, nem eu. Tentei oferecer-lhe algo, mas ele rapidamente olhou em frente, procurando nos ignorar. Melhor assim.

Nesse meio tempo Dona Patroa resolveu ir até o banheiro. Como ela estava demorando muito começamos a confabular se ela teria se perdido novamente.

– Que isso, gente! Com certeza ela deve ter levado um oniguiri, foi tirando umas migalhas e deixando pelo caminho para saber como voltar!

– Ah, é? E se tiver passado aquela dona da limpeza com um vassourão de dois metros varrendo tudo?

– Xiii. Aí complica…

Mas – ainda bem – não foi o caso. Logo em seguida ela voltou e todos nos aprontamos para sair. O carro do Paulo na frente, é lógico, pois não conhecíamos o caminho de volta (e só porque não havíamos pensado nas migalhas de oniguiri antes).

É lógico que essa aventura não acabaria assim, de maneira tão simples. O cartão do estacionamento. O maldito cartão do estacionamento. Enquanto estávamos piqueniqueando VENCEU O PRAZO DE VALIDADE DA PORRA DO CARTÃO! E volta o marmitão aqui, dois andares acima, pra pagar mais um real…

Enfim, aproximadamente doze horas depois de nossa saída, chegamos em casa.

Na verdade parecia que dias já haviam se passado!

Falando sério. Apesar de todas as minhas reclamações e de minha tradicional rabugice, as crianças se divertiram – e eu também! Ainda haveremos de marcar um novo passeio – desta vez para a Cidade da Criança. Desde que eu tenha alguns MESES pra descansar deste último…

E assim, concluímos esta minissérie de cinco capítulos de padrão não-tão-global-assim. Agradeço aos que me aturaram, tenham ou não comentado nossas desventuras!

**Em tempo:** vocês puderam perceber que no fatídico sábado ficamos praticamente o dia inteiro sem fumar. No domingo houve um churrasco na chácara de minha tia (a mãe da Pimenta e da Pipoca) para comemorar o aniversário da filha de uma outra prima. Resolvi chamar o Evandro para participar.

Só que o pessoal que estava lá era quase todo evangélico.

Não rolou NEM UMA cerveja.

Merda.

## *Rio das Cobras*

E eis que neste final de semana fomos parar no sítio do avô de uma amiga, a uma meia hora de carro do Centro de São José. Apesar de não saber exatamente onde era, fui reconhecendo todo o caminho que fizemos – por onde passei muito no decorrer de minha infância. No final das contas a casa ficava numa antiga estradinha que eu tinha por referência ser o caminho que levava ao Rio das Cobras.

Churrasquinho daqui, cervejinha dali, na beira da represa, um dia lindo e todos foram dar uma volta pelas imediações – menos o vagaba do Jamanta que vos escreve, é lógico.

Passearam bastante – enquanto fiquei pilotando a churrasqueira – e voltaram meio que cansados. Menos as crianças, óbvio! Cinco moleques ao todo. Meus três filhotes, o filho dessa nossa amiga, mais o filho de seu namorado. As idades variando entre quatro (meu caçula) e nove anos (meu mais velho).

E eu ali, na varanda, cuidando de alguns bifes na grelha e justamente o caçula resolve subir um barranco que fica do lado da casa.

– Onde você vai, filhote?

– Vou falar com a mamãe.

– Mas a mamãe não está aí não. Está lá dentro. É melhor descer, tá bom?

– Ah, tá. Vou dar a volta, então.

E lá se foi ele com seu passinho lépido, segurando uma pequena vara – provavelmente uma espada em sua cabecinha infantil. De repente parou.

– Paiê! Olha só! Uma cobra!

– Hm?

Fui ver. A uns vinte centímetros de distância, bem em seu inevitável caminho, despontava o corpo de uma cobra de uns 40cm, talvez meio metro, descendo pelo barranco. Até com certa tranquilidade fui ali do lado, peguei o pequerrucho no colo e chamei as outras crianças para ver a “cobrinha”.

Nesse meio tempo ela assumiu a posição de bote. Aí deu pra ver bem sua cabeça triangular (característica de cobras venenosas) e recomendei distância a todas as crianças, ainda assim explicando o que era uma cobra, o que comia, o que ela deveria estar fazendo por ali, etc.

– Paiê, que barulhinho é esse?

– Hein? Ah, é o guizo na ponta do rabinho da cobra.

*Era uma cascavel.*

Bem, resumo da ópera: a Dona Patroa queria que o bichinho fosse sumariamente executado. Munido mais de consciência ecológica que de bom senso propriamente dito, eu e o eterno amigo e copoanheiro de plantão resolvemos remover o ofídio das proximidades da casa. Aliás foi dele a excelente ideia de arranjar um pedaço de cano, para onde conseguimos conduzir a danada – ainda que sob veementes protestos e botes nos pedaços de pau que usamos na tarefa.

E assim ela foi atirada a uma distância bem segura da casa.

**Só depois é que caiu a ficha.**

Se não fosse a tagarelice e o senso de curiosidade do pequenino, ele poderia ter sido facilmente picado por aquela cascavel – eu disse cascavel – sendo que estávamos a quilômetros e quilômetros de qualquer centro urbano e da possibilidade de eventual ajuda.

E depois os ateus da vida vêm me dizer que “Deus é uma ficção”?

Pro inferno todos eles!

Deus não só existe, como ainda estava sentado ali do ladinho da cobra e ainda deve ter dado uma cutucada (talvez com uma piscadela) para que o filhote parasse e observasse a cascavel, talvez já sabendo que sua primeira reação seria me chamar para explicar o que era aquilo.

Daí o porquê prefiro deixar as religiões de lado e ficar num constante bate-papo direto com o Homem! Que, aliás, é bom de prosa. Basta saber escutar…

Valeu Deus!

### *A difícil arte de ser pai*

E eis que o filhote caçulinha, o Vermelho 3, estava com uma crise de tosse.

Coisa que, sei lá, ainda não identificamos muito bem. Normalmente com a virada brusca do tempo é que ocorre. Mais à noite, antes de dormir, e logo pela manhã. Nada (creio eu) muito sério – mas, ainda assim, preocupante.

Então, num arroubo vindo sabe-se lá de onde, fui ajudar a Dona Patroa a preparar uma inalação e dosar o remédio (na verdade *mesmo*… “manda quem pode, obedece quem tem juízo”!).

Ok. Então era questão de pegar o remédio *x-y-z* e preparar a dose.

– Não tá aqui, não.

– Como não? É o de uma caixinha rosa.

– TODOS parecem que têm caixinha rosa…

E lá vem ela, bufando, e mostra o bendito remédio bem na minha frente, como se ele sempre tivesse estado ali.

– Vocês, homens… Nunca acham nada mesmo! Agora dá uma olhada na bula e vê quanto que tem que dar.

Bem, nesse momento eu acabei ativando meu modo *Simpson/Silvassauro* de ser e já comecei a ficar resmungando pelos cantos…

– O quê?

– Nada, amor…

Tá. Vamos ver a porra do remédio. Não tinha nada a ver com o nome que ela falou. “É genérico”, tinha me explicado. É lógico! Era minha obrigação saber que o tal do medicamento *x-y-z* tinha o óbvio nome de “Fosfato Sódico de Prednisolona”? Quem não sabe disso, afinal de contas? Tinha que castigar esse caboclos que *inventam* esses nomes…

Mas tá bom. Vejamos. Uso adulto… Informações ao paciente… Farmacocinética? Que raios vem a ser isso? Ah, tá. É onde falam das indicações e contraindicações. Hein? “Infecções fúngicas sistêmicas”? “Lesão dos nervos ópticos”? “Elevação da pressão arterial”? “Aumento da excreção de potássio”? “Ativação de focos primários de tuberculose”?

– Amor?…

– Quié?

– Você tem certeza que a gente tem que dar esse troço aqui pro filhote? Tô vendo aqui as contraindicações e tá parecendo mais um misto de cicuta com diabo verde ligeiramente temperado com ácido sulfúrico…

– (Suspiro) Tenho, amor. Esquece isso, senão você nunca mais vai tomar remédio nenhum na vida. Prepara essa dose logo, vai.

– Tá bom. Mas, vendo aqui os casos mais graves, você tem certeza que o filhote não tá com “insuficiência adrenocortical”, gravidez ou mesmo lactação?…

– PREPARA. LOGO. ESSE. REMÉDIO!!!!

– Tá bom, tá bom! Deixa eu ver aqui…

Melhor eu acelerar essa leitura. Vamos lá. Reações adversas… Melhor eu pular essa parte. Uso pediátrico… Ah, é por aqui! Posologia! Agora fica fácil!

*“A dosagem inicial pode variar de 5 a 60 mg por dia, dependendo da doença específica que está sendo tratada.”*

Ah. Tá bom. “5 a 60”. Que raio de faixa de atuação é essa? E como assim “mg”? O troço é líquido! Mas vejamos….

*“A dose pediátrica inicial pode variar de 0,14 a 2 mg/kg de peso por dia…”*

Assifudê! “0,14 a 2”? Tá. Calma. Respira. Inspira. Expira. Ainda que tratemos do limite máximo, que é 2, bem, se o filhote tem 19 kg, ele vai precisar de 38 mg… Acho que é isso. Deixa eu continuar a leitura.

*“…ou de 4 a 60 mg por metro quadrado de superfície corporal por dia, administrados de 3 a 4 vezes por dia.”*

Fodeu.

“Metro quadrado de superfície corporal”? Tão achando que meu filhote é o que? Um tapete? Isso me torna um carpete? Talvez, quando muito, um capacho… Mas – catzo! – como eu transformo essa droga de “mg” em uma coisa administrável? Tem que ter algum outro lugar que fale sobre isso.

*“1 ml de solução equivale a 3 mg, sendo que cada mg equivale a 1,34 mg de fosfato sódico de prednisolona.”*

(Silêncio, triste, meio boquiaberto e com cara de interrogação).

– E aí, amor?

– Tá quase, paixão… Péra um pouquinho!

Taquiôspa! Será que não tem nada mais direto aqui? Pior que eu nem posso procurar nas letras miúdas, pois TUDO tá com letras miúdas!

*“Na síndrome nefrótica utiliza-se 60 mg/m²/dia em 3 vezes ao dia por 4 semanas, seguidas de 40 mg/m² em dias alternados por 4 semanas.”*

Ah, tá! Por que é que não disseram isso antes? Agora ficou claro. Calma. CALMA. Vamos raciocinar. Você consegue.

Vejamos a *matemágica* da coisa: o filhote tem 19 kg (confere); a base é de 2 mg por kg por dia (confere); então ele precisa de 38 mg por dia (confere); mas cada ml que está no frasco corresponde a 3 mg (confere); então tenho que dividir os 38 por 3 para saber quantos ml deve dar (acho que é isso). Merda. Deu dízima. Arredondo para 13, então. Mas, EPA! Os 38 mg originais que se converteram em 13 ml são POR DIA! E o medicamento tem que ser administrado de 3 a 4 vezes por dia – então vou de 4, que é pra não arriscar. Isso significa que cada dose deve ser de 3,25 ml – arredondando, **3 ml**!!!

– AMOR! A inalação tá quase acabando! Esse remédio sai ou não sai?

Depois desse hercúleo esforço em traduzir o que deveria ser óbvio numa situação de emergência, ficou fácil de resolver a questão!

– Só mais um segundinho, amor…

Não tive dúvidas.

Peguei o remédio na mão esquerda e, com o telefone na mão direita, fiz o que qualquer pai ajuizado deve fazer numa situação como essa:

**LIGAR PARA O PEDIATRA!**

### *Tesourada*

E só porque eu disse que meus filhotes, hoje adolescentes (mas eternamente minhas crianças), já não dão tanto trabalho assim, ainda hoje pela manhã o filhote do meio, inquiridor nato de inutilidades metafísicas, me veio com essa:

– Paiê! Sabe aquele cara daquele filme de terror que tem, assim, umas lâminas, umas tesouras, na mão?

– Qual? Tem um que é do Freddy Krueger que ele usa uma espécie de luvas com lâminas...

– Não. Tesouras mesmo.

– Então somente pode ser o Edward Mãos-de-Tesoura!

– Isso. Acho que é isso mesmo.

– Putz! Sabia que esse foi um dos primeiros filmes que o Johnny Depp fez?

Aquele ator que faz o Capitão Jack Sparrow, do Piratas do Caribe... Nesse filme ele é uma espécie de criatura feita em laboratório, bem no estilo Frankenstein, mas o criador morre antes de terminá-lo: ficam faltando suas mãos. É por isso que ele tem aquelas tesouras no lugar das mãos...

Podia ter parado aí. Bastava eu sair da sala, achando que ele gostaria de assistir esse filme ou algo assim. Mas, não. Não eu. Eu TINHA que perguntar.

– Por que, filho? Você tá curioso sobre esse filme?

– Não. É que eu estava aqui, pensando. Se o Edward Mãos-de-Tesoura for jogar pedra-papel-tesoura com o Coisa ele sempre vai perder, né?

*Tu-dum, tsssss...*

### *Adolescente dá trabalho*

O que é óbvio, eu sei.

Mas qual não dá?

Mas qual não *demos*?

Sempre defini que adolescente é aquela criatura que paira entre dois mundos, daí toda a dificuldade de sua existência: já é velho demais para que possa continuar a viver no mundo da infância, porém ainda é jovem demais para que possa ser tratado como adulto...

Em que pese, legalmente falando, ser considerado como adolescente o jovem entre 12 e 18 anos (quando ele passa a ser "de maior"...), muitas vezes a adolescência pode começar até antes – no meu caso, em especial, lá pelos onze –, sendo "culturalmente" aceito que seu início se dê lá pelos 13 anos. Particularmente prefiro a definição dos americanos (juro que tento, mas ainda não consigo escrever "estadunidense"): *teenager*. Melhor dizendo, aquele que tem a idade dos "teen", aquele que está nessa época, nessa faixa. E que faixa é essa, pergunta-me você, incauto leitor? Pois bem, caro incauto, basta lembrar o que vem depois do *twelve* – *thir<u>teen</u>*, *four<u>teen</u>*, *fif<u>teen</u>* e assim por diante, até o *nine<u>teen</u>*, que antecede o *twenty*. Percebeu?

Aliás, só pra constar: não vim aqui tratar do tema da "maioridade penal", nem nenhuma dessas outras sandices afins que volta e meia tomam conta da mídia, mais em decorrência de algum caso isolado que de uma

mobilização e estudo sério pela sociedade. Deixo essa discussão para algum outro momento, no fórum adequado. Isso mesmo. Em alguma mesa de boteco.

Então pra que é que eu vim aqui?

Talvez para lembrar um pouco de minha própria adolescência – já o fiz diversas vezes por aqui – e como era aquele mundo diferente e isolado, à parte das crianças e à margem dos adultos, no qual tínhamos a convicta certeza de nossa própria imortalidade... Os planos poderiam ficar para mais tarde, pois o futuro estava distante e éramos os atuais donos do mundo!

Mas tudo passa.

*Se tudo passa, talvez você passe por aqui.*

Não, péraê! Isso é letra de música. Né nada disso, não!

O que eu quero dizer é que, ainda que eu tenha por regra jamais me arrepender de nada do que já fiz na vida – a uma porque foi só passando por tudo que passei que me defini como o que hoje sou e, a duas, porque uma reflexão desse tamanho me levaria a pensar em passados diferentes e, diversamente do Coringa, não acho que conseguiria lidar com um passado de múltipla escolha – talvez a única coisa que eu realmente me arrependa seja das discussões que tive com meus pais nessa época.

Sim, eu era difícil – mas vamos combinar que eles também não eram lá tão fáceis! Em especial meu pai: taurino, teimoso e turrão. Sistemático. Metódico. Tudo tinha que ser do jeito dele. Ainda que em certos momentos, ele até fosse carinhoso, vivia para o trabalho. Para o sustento da família. O provedor. Isso não lhe dava muito tempo com os filhos, em especial este que vos tecla. E eu, livre no encarceramento de meu próprio mundo, contestava essa forma de ser, talvez gritando por atenção, talvez desejando apenas ficar quieto no meu canto. E, por conta disso, tivemos discussões homéricas.

E, vocês que me conhecem pessoalmente, lendo o parágrafo anterior, já entenderam tudo, não é mesmo? Aquele ali era meu pai. Aquele ali sou eu.

Assim o sendo, ontem, após dar uma também homérica bronca no filhote do meio (usando o que a Dona Patroa chama de “voz de trovão” – uma coisa assim meio Gandalf, que faz com que todos se encolham estremecidos em seus cantos), creio que percebi a correlação de tudo isso. O ciclo. E a bênção e a maldição de um ciclo é simplesmente o fato de <u>já se saber onde tudo aquilo vai acabar</u>. Minha vida é feita de ciclos e parece

que meu carma pessoal, meu destino nessa existência, é rompê-los. E é isso que preciso fazer, o quanto antes, antes que o tempo passe, antes que minhas crianças se afastem. Porque não importa a idade de nossos filhos, eles sempre serão crianças. E sempre darão trabalho.

Acho que por isso que é tão importante para mim o “Projeto 676”, essa eterna reforma de um Opala 79 que tem a carinhosa alcunha de “Titanic” – reforma essa também conhecida como “a lenda”... Em toda minha vida adulta, após todas aquelas discussões do passado, foi a única vez que passei mais tempo junto com meu pai – cerca de seis meses – trabalhando num projeto conjunto, ajudando-o, conversando, concordando e discordando, mas agora num outro patamar: éramos parceiros. Esse carro tem história. A minha história e a do meu pai. E é por isso que já não tem preço no mundo que o pague. Ele é nosso.

E não sei se escrevi tudo o que escrevi somente pela bronca que dei em meu filho, se pela nostalgia, ou se por influência de um filme que assisti ontem, “O Juiz”, que trata da conflituosa e temperamental relação entre pai e filho. Não acho que seja uma película que tenha o estofo de grandes sucessos do cinema. Mas é um bom filme. E nos faz – e me fez – pensar nessa relação. Enquanto ainda há tempo...

# III

## JURIDICAUSOS

### Causos jurídicos que certamente já aconteceram comigo, com você e com todo mundo!

Uma das constantes existentes no dia a dia de quem resolve se lançar nessa vidinha advocatícia são as piadas. Sempre tem alguém tirando um sarro dos advogados, promotores e juízes. Aqueles por serem corruptos, os seguintes por ineptos e estes por onipotência. Já perdi a conta de quantas estórias (e histórias) divertidíssimas recebi com casos e causos de um, de outro ou daqueloutro...

Sim, acho divertido.

Muitos “profissionais” se ofendem com essas piadas, sentenças pitorescas, acórdãos curiosos e demais sandices do mundo jurídico, mas, na verdade, acho que o equilíbrio na carreira acompanha a segurança de poder olhar no espelho e rir com o que se vê – ainda que não seja o seu próprio reflexo, mas sim o dos colegas que o cercam!

*O Autor*

***Coisas que advogados NÃO precisam para amar seu trabalho***

Tendo lido algo similar na área de informática, me deu vontade de tentar fazer algo no mesmo estilo mas que dissesse respeito aos advogados. Sei que já rolou pela Internet algumas coisas parecidas, mas resolvi dar um foco mais pessoal ao texto. Vamos lá:

**1.** Advogados têm seu tempo e modo certo de operação. Não se desespere porque o seu advogado ainda não entrou com aquela ação ou ainda não fez aquela petição. A maior parte dos assuntos precisa ser estudado, pensado, revisto, até que se dê origem a uma linha de raciocínio que deverá ser a melhor possível para atender àquela demanda específica. E isso leva tempo. Como diria Calvin, nossa experiência, nosso talento, nossa criatividade não pode simplesmente ser ligada e desligada a qualquer momento. Temos que estar no modo certo de operação. E esse modo é nada mais nada menos que o pânico do último minuto…

**2.** Outra coisa: se seu advogado disser que o processo está concluso, sob análise do juiz, tramitando no cartório, aguardando publicação, etc, acredite. É verdade. Tá, vá lá, na maioria dos casos, então. Lembre-se que a legislação fixa prazos rígidos, os quais os advogados têm que cumprir. Ao contrário dos juízes. Se aquele seu amigo que entrou com uma ação idêntica à sua e na mesma época já resolveu o problema dele, MUITO provavelmente o juiz que julgou não terá sido o mesmo que está cuidando de seu caso. Sorte do seu amigo. Excesso de processos tramitando, necessidade de estudos maiores pela complexidade do caso, mudança de varas, pauta de audiências lotada, alteração de professor da academia, cachorrinho (poodle, com certeza) que ficou doente, mudança no horário da programação da TV, chegada do Horário de Verão, bem como quaisquer outras situações de relevante interesse (público?) são alguns dos motivos que implicam no atraso dos juízes na elaboração de sentenças. Deixe o pobre de seu advogado fora disso.

**3.** Advogados atendem consultas em seu escritório. Alguns cobram por isso, outros não. Se você encontrar um advogado no shopping, ele estará fazendo compras; se você encontrá-lo numa festa, ele estará se divertindo; se você encontrá-lo no escritório, ele estará atendendo. É importante não inverter ou misturar essa ordem. Nada é mais irritante que aquela famosa frase: “Doutor, só uma perguntinha..”. E o sujeito começa a contar tudo o que aconteceu desde Adão e Eva, meio que exigindo que você tenha todas

as respostas jurídicas DO MUNDO ali, na hora. Nesses momentos, por favor, deixe-nos em paz. Por incrível que pareça, também somos filhos de Deus e temos direito a um descanso de vez em quando. Garanto que se eu fosse um ginecologista ninguém chegaria no meio de uma festa dizendo: "Doutor, você poderia só dar uma olhadinha…"

**4.** Aliás, esse negócio de "Doutor" é mais uma questão de ego que qualquer outra coisa. E muitas vezes um ego plantado por terceiros, pois originalmente o bacharel nem ligava. Mas existem advogados que fazem questão de que os chamem de "doutor". Isso é caso a caso, uma questão de opção que – talvez – deve ser respeitada. Particularmente acho uma bobagem muito grande. Não é uma alcunha dessa que vai fazer com que o sujeito seja melhor ou pior, mais competente ou não. Sou da opinião que devemos ser simplesmente chamados pelo próprio nome – é bem mais fácil. Mas, se por um acaso, ao proceder assim, seu advogado der uma emendada do tipo: "Fulano, não – DOUTOR Fulano", desconfie. Egos inflados nem sempre revelam profissionais competentes.

**5.** Falando em profissionais competentes, vale a antiga máxima: "o hábito não faz o monge". Como já foi dito ali em cima, advogados têm vida própria – não advogam 100% do tempo (ainda que eu conheça alguns que fazem o tipo). Se encontrar seu advogado após o expediente (ou até mesmo durante ele) de bermudão, chinelo de dedo, camiseta, barba por fazer, entenda que mesmo advogados podem ter seu momento de relaxar. Isso também vale para as advogadas (com exceção do "barba por fazer", ok?). Advogados também bebem cerveja, falam palavrão, discutem na mesa. Somos seres humanos. Na maior parte do tempo, pelo menos. Nossa competência não está vinculada a um Armani. Podemos ter a possibilidade de resolver todos os problemas jurídicos do mundo e ainda assim sermos encontrados dirigindo um mero Opala 79. Respeite nossa individualidade.

**6.** Como já dizia Juca Chaves: *"Parente, amigo da gente e vizinho da frente é que nem dente: quanto mais separado, melhor pra ser tratado"*. Se você se encaixar em alguma dessas situações com relação a seu advogado, não fique chateado se ele recusar a causa. Não só é uma coisa natural, como um meio eficaz de autodefesa. Para si e para os outros. Se, numa situação dessas, o advogado ganhar a causa – que pela situação peculiar, sequer deve ter cobrado honorários – sob os olhos do cliente ele não fez mais que a obrigação. Ah, mas se perder… Também sob os olhos do cliente vai ser porque não deu a devida atenção, porque era amigo mesmo, se tivesse

recebido teria feito um serviço melhor, quem mandou procurar um advogado quebra-galho, se tivesse falado com fulano ou beltrano teria sido diferente… Enfim, de qualquer jeito o infeliz do advogado leva na cabeça. Então é melhor não fazer. Compreenda, aceite e procure outro, certo?

**7.** Falando em honorários, entenda que um advogado não necessariamente cobra caro por aquilo que faz. Tá certo, tem alguns que cobram, mas vamos pensar um pouco melhor. Cobrar, sei lá (tô sem a tabela aqui), mil reais por uma reintegração de posse, não é necessariamente caro. "Mas basta fazer uma 'petiçãozinha' pro juiz e pronto", poderiam argumentar. É, só que o processo não acaba ali. Mesmo uma "açãozinha simples" dessas pode ficar tramitando durante anos – eu disse ANOS – pela justiça. E quem é que tem o dever, obrigação e responsabilidade de acompanhar *pari passu* a bendita da ação? Sim, o advogado que você contratou. Durante todos os anos vindouros. Sem cobrar absolutamente nada a mais por isso. Você já entrou no imóvel, reformou, usufruiu, muitas vezes até vendeu. E o marmitão continua lá, tendo que ir ao Fórum, umbigo no balcão, vendo o que está se passando no processo. Tenha consciência disso e peça desculpas pelas vezes que já reclamou do valor dos honorários cobrados por seu advogado.

**8.** Inclusive, existe uma tabela para cobrança de honorários, que fixa o valor mínimo – e, às vezes, o máximo – que pode ser cobrado, de acordo com cada ação. Advogados sérios e responsáveis obedecem os parâmetros da tabela. Parcelamos, facilitamos, fazemos até mesmo algum tipo de "carnêzinho-Casas-Bahia". Mas não deixamos de cobrar o que é justo. Tá certo que sempre algum cliente vai falar algo do tipo: "Mas aquele outro advogado ali cobra a metade do preço". Tãotáintão. Vai lá. Contrate-o. E boa sorte. Tomara que dê tudo certo. Mas, *quando*, quer dizer, *se* der algo errado e você voltar ao advogado anterior, não tenha dúvidas: ele não só vai cobrar exatamente a mesma coisa que tinha lhe falado antes, como talvez ainda tenha algum adicional para desfazer ~~as cagadas~~ os erros de seu antecessor. Portanto não regateie. Se você confia em seu advogado, também deve confiar que ele vá ter bom senso o suficiente para fixar honorários de acordo com o que é justo para a situação específica que você se encontra. Tenha também consciência disso e peça desculpas novamente pelas vezes que já reclamou do valor dos honorários cobrados por seu advogado.

**9.** Advogado é um bicho de extrema confiança. Aliás, confiança é a palavra-chave para designar a relação cliente-advogado. E confiança implica em não ficar perguntando para outros advogados se o que o seu advogado está fazendo está certo ou não. É uma situação extremamente chata, pois, eticamente falando, outros advogados não teriam que ficar dando palpite (mesmo assim, o fazem). E se seu próprio advogado contratado descobre que você anda fazendo essas perguntas (pois temos uma rede de comunicação maior do que se possa imaginar), pode chegar a atitudes extremas, como até renunciar à causa. Se você confia em seu advogado, não questione. Se não confia, destitua-o e contrate outro. Se seu advogado o prejudicou de alguma forma porque não trabalhou a contento (pois péssimos profissionais existem em todas as áreas), além de destitui-lo e contratar outro, denuncie. A Ordem dos Advogados não é nenhuma "máfia" que teria por função proteger seus membros. Se o caboclo for tão ruim, tem mais é que ser investigado mesmo, de modo que se abram vagas para outros profissionais competentes que existam no mercado.

### *Chama a estagiária*

Acontece que numa sessão de abertura de envelopes de uma licitação às vezes (aliás MUITAS vezes) tem algum caboclo chato, daqueles que só reclamam.

E, nesse dia, esse era o caso.

Estavam a presidente da comissão mais as duas outras integrantes já ficando com dor de cabeça por causa das reclamações do "distinto" representante de uma das empresas que participavam da licitação. Que, aliás, era o único presente além da própria comissão.

Passava e repassava pelos documentos apresentados por outras empresas, a cada vez falando uma coisa.

– Vocês têm que ver que esta empresa aqui apresentou uma cópia mal tirada, se não seria o caso de inabilitar, aliás, essa outra aqui apresentou um atestado bem antigo, e eu acho que nem seria mais válido, tem também essa outra que não fica na cidade e eu nem sei se o edital fala se daria pra contratar empresa de fora, deixa eu ver o edital… – ué, mas não está aqui – quero ver a pasta número um da licitação, então dá pra me mostrar ou será que teria algum motivo pra ela não estar aqui, senão essa licitação já

estaria toda viciada e seria o caso de anular tudo, e quero inclusive fazer constar tudo isso em ata, viu, e preciso ler antes de imprimir, pra ver se não mudaram minhas palavras, será que posso ver a pasta, então?

Com a pequena deixa naquela torrente de resmungos e reclamações – que, diga-se de passagem, proferidas sob o manto do mais tenebroso mau humor já visto – meio que saindo do torpor, a presidente da comissão liga para uma outra sessão e pede para que tragam a malfadada pasta número um.

Enquanto isso, talvez mais até de si para si mesmo, permanecia o infeliz ali resmungando, folheando, repassando, enfim, procurando defeitos onde não existiam.

E eis que trazem a pasta.

Quem mesmo?

A estagiária novinha, é lógico.

– *Licença?*

Lá da porta do salão ela perguntou e já foi entrando. Todas as cabeças se viraram à sua chegada. Veio ela em direção à mesa trazendo a pasta debaixo do braço. *Mignonzinha*, com os cabelos metade soltos, metade presos no alto da cabeça, sempre sorrindo, com tudo no lugar certo, tudo bem durinho, empinadinho e apontando para o céu, usando um *topzinho* que deixava o umbiguinho bem torneado à mostra para quem quisesse ver. Percorreu o curto trajeto com seu alegre passinho peculiar – já há muito tempo caracterizado pelas "boas línguas" que a cercam: *"ela não anda, **saltita**"*.

O queixo do ~~velho babão~~ representante veio ao chão.

Enquanto a estagiária – toda solícita e sorrisos – entregava a pasta, o homem permaneceu **calado**.

Depois, com um mero *tchauzinho*, foi embora da sala – toda, toda – com aquele caboclo ali, tiquetaqueando com a cabeça, acompanhando sua saída.

Foi a mudança da água (barrenta) para o vinho (finíssimo).

Ele ficou num *bom humor insuportável*.

Não tinha mais nada a reclamar, não queria constar mais nada em ata, deixa o processo pra lá, ganha quem ganhar, é assim mesmo, o dia está lindo lá fora, vocês todas são muito competentes, a licitação tá muito boa, o edital tá muito bom, cadê a ata, onde é que eu assino, muito obrigado, tudo de bom pra vocês, fica assim, até uma próxima vez…

Quem estava de queixo caído agora era a comissão…

Mas até que foi bom.

Pois já ficou decidido.

Apesar de não ter constado em ata.

Doravante, TODA e QUALQUER licitação que tiver algum representante chato, algum caboclo pentelho, algum distinto que esteja lá só pra encher o saco, pois bem, visando garantir o bom andamento dos trabalhos, nesses casos a solução passará a ser uma só:

– *Chama a estagiária!*

### *Trote na escrevente*

Já faz um bom tempinho que não conto nenhum causo do *Dr. Alegado, o adEvogado*, por aqui…

É preciso ressaltar que Alegado, ainda que detentor do maior para-raios de confusão que já existiu sobre a sombra de um ser humano, é dono de um senso de humor tão ácido quanto valente (além de inoportuno). Adora tanto fazer gozações quanto pregar peças em quem quer que seja.

De certa feita o Dr. Alegado chegou numa sala de audiência onde estava uma nova escrevente de sala. Ela ainda não conhecia o juiz. Aproveitando a situação, o danado sentou-se de frente para ela, puxou um processo crime e lhe disse:

– Vamos lá! Vou lhe ditar uma sentença.

E a menina, toda solícita, empertigada começou a digitar a malfadada sentença, sendo que Alegado foi enveredando pelas teses mais absurdas e estapafúrdias jamais sequer cogitadas no mundo jurídico. Estava já ao final da sentença, *quando chega o verdadeiro juiz*, se posta entre ambos e fita bem a fundo os olhos de Alegado.

Um raio gelado que lhe percorreu toda a espinha, do alto da nuca até… Bem, deixa pra lá. Acontece que Alegado deu uma travada nessa hora.

Mas – para sua rara sorte – o juiz resolveu entrar no jogo. Puxou uma cadeira e, com um mal disfarçado sorriso no canto da boca, disse-lhe:

– Vamos lá, excelência. Não se incomode com minha presença. Pode acabar sua sentença.

Alegado não perdeu o ritmo nem a compostura. Olhou para a escrevente e continuou sua série de disparates, concluindo:

– …e assim, ante as provas constantes dos autos, condeno o réu ao ENFORCAMENTO em praça pública, a ser realizado ao meio-dia do dia tal, na presença de testemunhas e autoridades de direito, nos termos da Lei. Publique-se, registre-se, intime-se.

Os olhos da escrevente já estavam DESTE TAMANHO, mas, apesar de sua incredulidade, não perdeu uma vírgula sequer da sentença. Nisso, o juiz falou:

– Mas o doutor não acha que está carregando muito na sentença, não?

Ao que ele se voltou para o juiz, sorrindo, mas (abusado) com o dedo em riste:

– Ah não, não, não. Ele merece… Aliás, se o doutor não estiver contente, *então que apele!*

### *Todo dia nasce um*

– Aí madama, olha só, coisa fina aqui pra senhora!

Já fazia algum tempo que ela e a amiga estavam rodando pela Vinte e Cinco – aquela Meca brasileira da muamba e do descaminho – quando o caboclo a chamou. Trazia consigo uma caixa numa sacola. Ficou curiosa.

– Seguinte, madama, isso aqui é uma beleza. Filma, tira foto, grava em cedê, em devedê, dá pra ligar na televisão…

– Quanto?

– Negó é o seguin: acabei de levantá essa mercadoria ali do Carrefour. A placa lá dizia mil e setecentos contos. Deixo pra senhora por quatrocentos.

Sob os protestos da amiga, pegou a caixa, analisou, leu as funcionalidades da câmera (fazia tempo que queria uma assim), pensou um pouco.

– Duzentos eu dou.

– Quê isso, madama? A mercadoria é coisa fina! A senhora não acha isso em qualquer lugar não!

– Duzentos.

– Trezentinho, então…

– Duzentos e cinquenta. Pegar ou largar. Toma de volta.

– Não, não, tudo bem. Pode ficar. A senhora me convenceu. Dura na queda, hein? Dá os duzentos e cinquenta que eu vou zarpando, então.

Com um sorriso de vitória foi direto ao fundo da bolsa e, lá dentro mesmo, contou o dinheiro. Tirou a quantia certa e deu para o ansioso negociante. Este nem contou. Enfiou o dinheiro no bolso, olhou desconfiado para os lados, e sumiu no meio da turba que passava.

Feliz da vida com sua própria esperteza, chamou a emburrada amiga para um canto para ver se a máquina estaria com a bateria carregada para já *estrear* seu brinquedo novo. Abriu, rompeu o lacre, desempacotou, pegou seu brinquedo (mais leve do que imaginava) e procurou onde ligava, onde ficavam as baterias. De repente, com uma leve tontura, sentiu todo o sangue esvair do corpo enquanto lava derretida preenchia seu estômago – pois caiu em si e percebeu que seu brinquedo não passava disso: *um brinquedo.*

Quase uma hora depois, ainda esbaforida e totalmente indignada, estava na delegacia mais próxima que encontrou acabando de contar para o delegado de plantão sobre o ultraje que acabara de sofrer. Terminado seu relato, olhou desafiadoramente para o sujeito que, incrédulo, a fitava bem nos olhos.

– Se me permite – começou ele, unindo as pontas dos dedos – acho que aqui temos duas situações que se complementam.

– Quais? – Empertigada, ela quis saber.

– Em primeiro lugar a senhora é BURRA!

– Como é que é???

– Aliás, minto. A senhora não é BURRA. A senhora é MUITO BURRA! Burra, porque saiu disposta a comprar muamba. Burra, porque comprou uma caixa sem ver o que tinha dentro. Burra, porque acreditou num cafajeste qualquer totalmente estranho. Burra, porque sabia que o que estava comprando poderia ser produto de roubo. Mas, sobretudo, MUITO BURRA porque teve a audácia de vir aqui na delegacia para reclamar de sua burrice.

– Mas, como assim…

– A senhora não tem noção, não é? Sabia que *receptação* é crime?

– Mas, mas…

– Vamos fazer o seguinte: como hoje eu estou bonzinho, a senhora vai sair daqui *somente como burra*, tá bom? Contente-se com o papel que já conseguiu fazer. Porque se a gente continuar essa conversa, na realidade eu vou ter que pegar tudo isso que a senhora falou e usar como confissão. E quem vai pro xilindró é a senhora!

– E o…

– ADEUS!

Hora e meia depois, indignada, frustrada, com a amiga tentando lhe consolar – e duzentos e cinquenta reais mais pobre – eis que ela avista o malandro. Desta vez estava vendendo relógios “legítimos” para os passantes. Chegou até ele, desabafou, gritou, chorou, esperneou. Queria seu dinheiro de volta.

Mas o caboclo, verdadeira face da indignação, enquanto apressado juntava sua mercadoria, limitava-se a categoricamente afirmar:

– Quê isso, madama? Num tenho nada com isso não! Nem te conheço! Nunca te vi antes!

E, mais uma vez, sumiu no meio da turba que passava.

# IV

## A VIDA COMO ELA É

### Coisas do dia a dia de um sujeito não tão belo, nada recatado e mais ou menos do lar...

Saguão do Hotel Presidente, na Avenida Salgado Filho, um dos tantos endereços do poeta. O dono do hotel encontra Mario com as mãos no bolso do paletó, parado daquele seu jeito, olhando sem olhar, à espera de nada. E resolve interferir com uma brincadeira.

– Seu Mario, me disseram que o senhor vive dando em cima das moças que se hospedam no hotel...

Foi o que bastou para animar-se o velho sorriso ao mesmo tempo malicioso e ingênuo, quase adolescente:

– Olha, Pedrinho, não é verdade. Mas pode espalhar.

*Juarez Fonseca*

*(Na crônica "Boato", do livro "Ora bolas: o humor de Mario Quintana")*

## *Torta de morango (versão masculina)*

Já há alguns finais de semana estou ensaiando para colocar em prática a receita de *"Torta de Morango Tão Fácil de Fazer, que eu Tenho Até Vergonha de Dar a Receita"* que a ***Ju Geve*** passou em seu site. Finalmente chegou o momento!

Primeiramente é preciso deixar bem claro que nós, homens, temos uma dificuldade enorme para quantificar e pressupor determinadas coisas. Por exemplo, não adianta dizer que tem que misturar todos os ingredientes e pronto. Cumassim? (Sim, isso é plágio descarado!) Qual ingrediente vai primeiro? Em que quantidade? Vira, amassa, mexe ou aperta? Pode ser que essa deficiência seja só minha, mas como já me deparei com muitos outros seres com o mesmo problema, ouso dizer que é generalizada.

Por isso mesmo, vou tentar descrever a *"Operação Torta de Morango"* da maneira mais detalhada possível.

Como não passo de um exímio-fritador-eventual-de-ovo-na-manteiga, com algumas recaídas para doces, bolos e afins, já aprendi que a primeira coisa a fazer é separar e deixar a mão os ingredientes que vai usar. Sim, TODOS. Nada pior que, no meio de uma receita, descobrir que acabou alguma coisa...

A Ju passou o rol, mas, devido a circunstâncias específicas, fui obrigado a improvisar um pouco. Leia-se "circunstâncias específicas" o fato de que não tenho nada que se assemelhe remotamente a uma balança em casa. Até mesmo aquela de banheiro foi sumariamente aposentada quando me aproximei perigosamente dos três dígitos (o pior cego é aquele que não quer ver). Ainda que não aparente (tanto) – pois com 1,90m de altura a coisa fica bem distribuída – para resolver o problema de sobrepeso fiz o que qualquer pessoa sensata faria: parei de me pesar.

Mas voltemos à receita.

Num primeiro momento serão necessários:

- 300g de farinha de trigo (que dá um pouco menos que um terço de um pacote de 1kg, OU 3 copos americanos até a boca, OU pouco menos que 3 medidas de xícara – daqueles frascos que já vem com os risquinhos dizendo quanto é o quê);

- 175g de manteiga (que dá um pouco mais que a metade de uma daquelas barrinhas que você compra na padaria quando não teve tempo de ir até o supermercado e ainda levou bronca por causa disso);

- 100g de açúcar (vide logo acima a maneira científica de mensurar isso);

- 1 gema (sim, de ovo);

- 1 pitada de sal (generosa).

Falou-se em multiprocessador na receita original, mas “não trabalhamos com multiprocessadores”. Então, munido de uma tigela ou bacia de médio tamanho (da largura de uma frigideira grande, por exemplo), coloque a farinha, o açúcar e a generosa pitada de sal. Mexa lentamente com uma colher até que fique tudo com uma cor homogênea.

Agora vem a luta.

Quebre um ovo, colocando o conteúdo numa xícara, depois, com uma colher, retire a gema e coloque na tigela. Esse é o modo básico. Nós, exímios-fritadores-eventuais-de-ovo-na-manteiga, podemos trabalhar com o modo avançado, mantendo a gema na casca enquanto despejamos a clara na xícara – crianças, não tentem isso sem estar acompanhadas de um adulto!

Você mal vai começar a mexer aquela única e solitária gema no meio daquele mundo farináceo e ela já vai sumir. Não se preocupe. Em tese, é assim mesmo. E quanto à clara? Guarde carinhosamente a xícara com a clara dentro da geladeira – até que venha a ser necessária em alguma outra receita ou então que estrague de vez em decorrência do tempo sem uso. Provavelmente opção “b”, se você for solteiro.

Pegue a manteiga. É LÓGICO que você já a tinha retirado da geladeira ANTES de começar com tudo isso. Se não o fez, dê um tempinho para amolecer. Coloque-a dentro da tigela e, com a colher, corte-a em pedaços misturando-a de leve. Caroços enormes surgirão em sua tigela...

Pois é. Agora não tem jeito. Teremos que – literalmente – botar a mão na massa. Recomendo veementemente, pelo bem dos degustadores, que lave as mãos ANTES de começar. Aliás, mais veementemente ainda, sugiro que, se o caso, tire e guarde a aliança em local seguro. Também ANTES de começar.

Essa parte é mais ou menos como fazer bonequinhos de areia na praia, ou de argila na beira da represa (conforme tenha sido sua infância). Vai apertando, virando, apertando, mexendo, apertando, puxando, apertando, até que aquela massa farinácea comece a ter uma muito sutil consistência. Ou que seus antebraços comecem a ficar dormentes e os dedos formigando, numa nítida sensação de estar sendo afetado por LER - Lesão por Esforço Repetitivo. O que vier primeiro.

Particularmente acho que jamais vou conseguir voltar a segurar um copo de cerveja com firmeza novamente...

Depois disso, descanse e deixe a massa descansar por 10 minutos. Como foi dito no original: *"Por descansar, entenda: deixe a massa quieta, num canto, em paz."*

Passados os 10 minutos, ligue o forno (para ir aquecendo), e, enquanto isso, coloque toda a massa numa forma com fundo desmontável. É uma espécie de prato com colarinho – um disco de metal cujas laterais podem ser removidas (só vim a descobrir que esse tipo de coisa existia depois de uns trinta anos de vida e dois casamentos). Vá ajeitando a massa na forma com a mão mesmo (droga, esqueci de tirar a aliança!), deixando-a firme, uniformemente distribuída no fundo e com uma ligeira borda subindo pelas extremidades. Para que a massa não estufe, dê asas à criatividade, fazendo furos com um garfo por toda ela. Manda pro forno pelos próximos 15 minutos.

Enquanto isso, pegue os morangos que estavam de molho no hipoclorito (você pôs de molho, não pôs?) e enxágue-os abundantemente. Com cabinhos e tudo. Deixe escorrer e secar por um tempinho e então, munido de uma boa faca corte esses cabinhos (ou cabelinhos, como disseram meus filhotes). Após todos ficarem carecas, quer dizer, sem cabinhos, corte os morangos no meio, colocando-os de bruços sobre uma toalha de papel absorvente.

Que cheiro é esse? Putz, a massa!

Tire-a do forno, rápido! **Não!** Aaaaiiii!!! Pega uma luva, pano de prato, sei lá! Isso. Ufa...

Não sei se era pra esperar esfriar tudo, mas, com medo de queimar, já desmontei a forma desmontável (quente mesmo) e tirei a massa. Ela ficou com uma certa consistência e no formato de uma espécie de prato.

Enquanto a massa esfria e os morangos secam, vamos à geleia. Na receita fala-se de geleia de framboesa, amora, laranja e mesmo morango. Ataquei com o que tinha à mão, ou seja, tuti-frutti... Vale a dica original de, se a geleia for muito encorpada, aquecê-la ligeiramente no fogo, diluindo com pouquíssima água.

Com tudo frio e seco, basta voltar a dar asas à imaginação, distribuindo os morangos sobre a massa e cobrindo tudo com a geleia. Foi aí que descobri que um potinho de geleia não era suficiente – deveriam ser, no mínimo,

dois. Paciência. Cobri apenas os vãos. Aliás, para esse tipo de operação, sugiro procurar morangos aproximadamente do mesmo tamanho. Ficaria beeeem mais bonito.

A Ju deu algumas sugestões para complementar essa iguaria, mas acho que já abusei da sorte por demais. Então a torta ficou assim mesmo, na sua versão básica. Como dá pra perceber, pode não ter ficado lá muito bonita, mas que ficou uma alegre delícia – hmmmmmmm – isso eu garanto! Com direito a atestado do Inmetro conferido pela Dona Patroa e mais três experts (adivinhem)...

Ah! E não adianta querer fugir. Sobrou a louça pra lavar, viu?

### *Quer perder peso? Pergunte-me como.*

É uma tarefa relativamente fácil. Não requer prática e tampouco habilidade. No meu caso em particular, comecei o dia com cerca de 102kg, o que, distribuído por meu 1,90m de altura, não aparenta ser muita coisa. Mesmo assim é um sobrepeso razoável, de mais de 10kg.

Pois bem. Levante às cinco. Afinal, você pode estar de férias, mas rotina é rotina e é melhor mantê-la do que ter que reimplantá-la mais tarde. Relaxe. Faça suas coisas, leia seus e-mails, consulte alguns blogs, atualize-se.

Sete horas. Vá buscar pão. Pelo caminho mais longo. Afinal de contas uma boa caminhada só faz bem, ainda mais que seu médico mandou fazer exercícios para fortalecer aquele joelho ruim. Quarenta minutos depois, com um ligeiro cansaço saudável – pois você foi em ritmo acelerado – chegue de volta em casa para tomar café.

Hm? A Dona Patroa? Também está de férias. E dormindo. Coitada, afinal ela está bastante cansada e meio que gripada.

A criançada já começou a levantar e clama pelo café da manhã. *No problem!* Faça o café, o achocolatado dos pequeninos, prepare a mesa e aguarde sua esposa. Não é porque você está de férias que vão deixar de tomar café juntos, certo?

Bem, mais ou menos. Nada dela levantar. Tome apenas uma xícara de café com leite e aguarde mais um pouco. Oito horas. A empregada já chegou. Você insiste um pouco e ela levanta. Está sonolenta. Você toma outra xícara de café com leite e ela mal toma metade da de café. “Vou me deitar, não estou legal” – diz ela. Paciência.

Deixe o pão pra lá. Já está tarde e temos muitas tarefas programadas. Num resumo da ópera, basicamente, foi o seguinte: recortar parede com marreta e talhadeira, acabar encanamento interno do banheiro, fazer parte elétrica, passar fiação pela parede, arrancar batente velho de porta, sair pra comprar material, reclamar consigo mesmo porque ficou caro, fazer um pouco de massa para assentar os canos, tubulações e alguns tijolos, exagerar na quantidade de massa, não ter onde mais gastar a porra da massa, ficar tapando buraquinhos deixados pelos pedreiros anteriores.

Essa desventura se estendeu até cerca de uma da tarde. Num quartinho no fundo de casa que pega sol direto. Literalmente eu suei em bicas. Mas a massa já estava quase acabando e ao menos eu iria poder bater um pratão de almoço…

– Seu Adauto? Chegou um moço com material aqui! – gritou a empregada, lá de baixo.

A essa altura do campeonato a Dona Patroa finalmente tinha conseguido se levantar e foi levar a criançada na escola. Suspeito fortemente que ela deva ter sido picada por uma mosca Tsé-Tsé. Aliás, era também o primeiro dia de aula do caçulinha. Desejei-lhe sorte.

Mas onde estávamos? Ah sim. O material.

Apenas quatro barras de ferro, sendo duas de 3/8″ e duas de 3/16″, um rolinho de arame recozido e uma caixinha d'água de 100 litros. Ah, e também DUZENTOS E ONZE BLOCOS. Daqueles de dez.

– Cumassim na calçada? É só dar mais dois passos e colocar na garagem! Que patrão não deixa o quê! Quebra o galho, vai? E se eu ajudar? Ah, aí pode? Tãotáintão…

E toca o jamanta a descer os blocos da merda do caminhão.

Voltemos à fórmula. Lembre-se: você não comeu seu pãozinho de café da manhã e ainda não almoçou. E já são duas da tarde, com um sol de rachar côco. E você tem DUZENTOS E ONZE blocos na garagem, *bem na vaga onde a Dona Patroa guarda o carro*. Isso não vai prestar. É melhor levar tudo lá pra cima. Afinal são apenas dois lances (íngremes) de escada e mais uma pequena caminhada até o quintal – tendo que dar uma volta pela casa, pois a empregada havia acabado de limpar com esmero o caminho direto.

A dois blocos por viagem, teremos, deixe-me ver, CENTO E SEIS viagens. É como sempre digo: "a caminhada de mil léguas começa no primeiro

passo”. Mãos à obra. O *“legal”* é que, com dois blocos por vez, assim que você os levanta eles devem pesar cerca de dois a três quilos cada. Ao final da viagem, após escadaria, sol e caminhada, tenho certeza de que pesavam uns **quinze quilos** cada…

Cinquenta e seis viagens depois, e com uma sensação de ter subido e descido umas cinco vezes – correndo – a escadaria da Penha, resolvi dar uma parada pra descansar. Um pouco antes disso a Dona Patroa chegou, com uma cara de muxoxo. Já estava melhor, mas ainda cansada (Tsé-Tsé, sem dúvida). O pequenino tinha ficado na escolinha numa boa. Tudo bem que ele tem apenas três anos, mas, nos dias de hoje, onde foi parar aquele saudável pânico de primeiro dia de aula?

Vamos lá. Mais cinquenta viagens. Apesar de tudo ainda é melhor não comer nada, pois você está fazendo força, pode até fazer mal. E faltam apenas CEM blocos. Mal começou a carregá-los novamente, você, que NUNCA teve cãibra em nenhum momento da vida, sente o músculo da coxa dar uma violenta repuxada.

– PUTAQUEOPARIU!!!

Para. Descansa mais um pouco. E volta à tarefa. Mais lentamente, agora. Os últimos dois blocos foram transportados aproximadamente às seis da tarde. Foram cerca de **cinco horas** de esforço contínuo. Sua mente tem uma vaga noção de estar ligada a um monte de andrajos que um dia já foi chamado de “corpo”.

Após um belo banho de quase uma hora você tem a certeza absoluta de que emagreceu. Uns dois ou três quilos. Não é necessário nem pesar. Se não foi pela fome, foi pelo esforço, ou, em último caso, pela desidratação. O conjunto dos três, então, nem se fala.

Tudo o que você mais deseja na vida agora é descansar, afinal você está cansado demais até mesmo pra comer.

O pior?

Você está tão, mas *tão*, mas ***tão*** cansado que não consegue dormir…

### *Uma questão de tecnologia*

E então, eis que no fim de semana dei uma rápida passada na casa de meus pais. Ao chegar, já no portão fui recebido pela minha mãe, com uma certa carinha de preocupação.

Achei estranho, mas – conhecendo-a como conheço – deixei pra lá.

Entrei, proseei um pouco com meu pai, tomei um café e já estava saindo, quando minha mãe me interpelou. Parece que ela havia emprestado um DVD de uma amiga e tinha sumido a legenda na hora em que estava assistindo. Expliquei-lhe que provavelmente era alguma configuração no aparelho. Bastava procurar o menu e ativar as legendas ou subtítulos ou seja lá que nome tivesse naquele DVD.

– Mas o som é em italiano e a legenda é em português – e sumiu!

– Tudo bem, mãe. Peça pro pai acessar o menu e ativar a legenda.

– Mas ele já tentou, se enfezou e não conseguiu.

– Uai? A senhora já não assistiu o DVD?

– Já.

– Entendeu tudo que queria entender?

– Entendi, até porque sei um pouquinho de italiano.

– Então, qual é o problema?

– Mas filho! Quando minha amiga me emprestou o DVD estava com legenda! Como é que eu vou devolver agora SEM a legenda?…

Só então entendi o imbróglio da coisa. Ela estava achando que o fato de estar sem legenda no aparelho dela significava que tinha "tirado" a legenda do DVD. Só depois que eu lhe garanti que não tinha problema, que todas as informações necessárias AINDA estavam lá dentro do DVD e que era só uma questão de configuração de cada aparelho – aí ela se tranquilizou. Um pouco.

Enfim, só posso concluir que estamos tão, mas *tão* acostumados com a tecnologia em nosso dia a dia que acabamos deixando de perceber o quão rápido nossa vida vem sendo permeada por essa mesma tecnologia, assim como deixamos também de perceber que nem sempre todos a nossa volta conseguem ter a mesma facilidade para captar e assimilar tudo isso.

É mais ou menos como li na última edição da revista *Língua Portuguesa*. Era uma frase que dizia mais ou menos o seguinte: *o analfabeto do futuro não será aquele que não souber ler ou escrever; será aquele que não conseguir esquecer o que já sabe e reaprender tudo de novo*.

## *Um brinde ao ócio*

Plena terça-feira. Feriado na cidade onde trabalho – aniversário de 355 anos. Fomos agraciados com um dia de descanso no meio da loucura burocrática que usualmente nos afoga.

Moro na cidade vizinha, onde o comércio funcionou normalmente e "aproveitei" (lema da Dona Patroa) para fazer inúmeras coisas. Desde providenciar algumas "cópias para avaliação perpétua" de alguns DVDs para um amigo, passando pela compra (e armazenamento – na pá!) de meio metro de areia, bem como levar o carro no mecânico, procurar e comprar algumas peças para restauração, levar os filhotes para escola (pelo menos um dia de folga também para a Dona Patroa), até outras compras e tarefas básicas – e eis que me deparei com as duas da tarde.

O mecânico pediu para que eu lhe ligasse lá pelas três, então teria uma hora para matar pela frente.

Com o calor que está fazendo (sei lá, uns 35 graus?) e já suando em bicas, decidi passar essa hora "proseando" com uma loura. Gelada. Estupidamente gelada.

Das diversas opções à minha frente, restaurantes, bares, happy-hours e outros, decidi por um resgate à simplicidade. Um mero boteco em pleno centro comercial, próximo do velho shopping e da antiga Câmara Municipal.

Boteco mesmo. Com ovos cozidos na estufa e garrafas empoeiradas de cachaça espalhadas por todas as paredes.

Aliás, essa é a melhor maneira de se tornar total e completamente invisível. Ninguém olha pros capiaus que estão num lugar como esse.

– Pode fumar aqui? – o atendente me olha com uma cara de incredulidade. Tolo que fui. É LÓGICO que pode.

Passei a hora seguinte sentado ao balcão exercendo a mais doce arte do ócio. Sem pensar no passado, presente ou futuro, simplesmente vendo o movimento de pessoas na calçada enquanto me refrescava com uma Brahma (royalties, please) ignorantemente gelada. Acendi um cigarro.

Após a primeira baforada, comecei a prestar mais atenção no desfile humano que passava a minha frente. Inúmeras moças, moçoilas e senhoras, todas com pressa e certeza de que têm que chegar logo a seu destino – seja ele qual for. Em comum entre elas somente o fato de que quase todas estão "na moda", usando aquelas sandálias, chinelos e

tamancos plataformas. Coisas gigantes. Ainda bem que não nasci mulher. Certamente eu cairia daquele troço no primeiro passo.

Passam dois ébrios, um mais encardido e encachaçado que o outro, com os tradicionais cachorros vira-latas os seguindo (alguém sabe explicar esse mistério?). Pelo menos nenhum deles veio me pedir um real para "ir" sabe lá Deus pra onde.

Um carro com um equipamento de som potentíssimo passa na rua, democratizando a todos que não querem ouvir uma música de qualidade muito abaixo do nível do discutível. Outra indagação de cunho universal se faz presente: por que desses caboclos que gastam milhares – sim, milhares – de reais para colocar um equipamento de som desses num carro, nenhum deles têm sequer um mínimo de bom gosto cultural? Não sou nenhum expert na área musical, mas conheço o suficiente para saber que *"tô ficando atoladinha"* não é nenhum clássico da MPB ou do rock progressivo mundial.

Dois policiais militares passam eu suas motos. Alguém se lembra de CHiPs? Pois é. Totalmente diferentes. Sob suas fardas e coletes à prova de balas (sinal dos tempos), devem estar derretendo com esse calor.

Encho meu copo e acendo outro cigarro.

Como já trabalhei nos mais diversos lugares e profissões, desde entregador de jornais, bicicleteiro, "fazedor" e "entregador" de salgados, passando por bancário, funcionário público, e até mesmo junto à redação de jornais locais e agências de publicidade, conheço MUITA gente. Mais do que sou capaz de lembrar. E dos inúmeros rostos que passam pela minha frente, muitos são de velhos conhecidos, que, em algum momento, pertenceram ao meu passado.

Dentre esses, vejo passar, todo apressado, um rapaz que foi meu funcionário. A última notícia que tive dele foi que assumiu a gerência de uma agência bancária. Está engravatado e com uma camisa de mangas compridas. *"Quente"*, penso eu. E velho. Marcas de constantes preocupações e estresse estão bem delineadas em sua face. Cabelo grisalho. Ar de cansado.

Mas, como disse, estou invisível e ele não me vê. Pergunto-me intimamente se também não estou tão velho e marcado como ele, apesar de meus parcos 38 anos.

Uma criança, com sua jovem mãe (quanto terá? apenas de uns 16 a 17 anos?) passa saboreando uma espiga de milho verde. Um negro, rastafári, camiseta estampada com uma foto do Bob Marley, passa com um estampado ar de dignidade. Alguns executivos se vangloriando do quão bons eles são, logo são seguidos por algumas prostitutas discutindo quem sairá na próxima etapa do Big Brother.

Um pequeno interlúdio para atender um amigo que me liga no celular, contando uma das inúmeras desventuras que sempre encontra no mister de sua profissão. Hilário. Inenarrável. Mas, ainda assim, hilário.

Mas o desfile continua e meu tempo vai chegando ao fim.

Acendo outro cigarro.

Crianças suando, dormindo no colo de suas mães. Portadores de deficiências (desculpem-me, não sei qual o “termo politicamente correto” em voga) passam lentamente. Quarentões, barrigudos, cobertos de correntes “de ouro”, com suas camisas abertas até o umbigo, mesclam-se com patricinhas e office-boys apressados. Um sujeito que parece saído de uma festa country – ostentando uma gigantesca fivela em seu cinto – para, tira o chapéu, enxuga o suor da testa, enquanto aguarda alguns momentos para seu cavalo defecar bolotas em plena via pública.

Mesmo assim, o show de horrores e maravilhas continua incessantemente.

Mais rostos conhecidos desfilam à minha frente – alguns me fazem lembrar de nomes e lugares, outros não. Mas minha hora de ócio está praticamente no fim.

No decorrer dessa hora não me tornei mais sábio ou mais inteligente. Não desvendei os segredos do universo, nem tampouco me tornei um ser humano melhor.

Mas, no decorrer das duas cervejas que tomei, tive um momento de sobriedade na vida, constatando quão efêmera ela é.

Estamos aqui de passagem. Invisíveis, apenas observando ou correndo, efetivamente participando. Podemos assumir um papel ativo ou passivo no decorrer das coisas.

Particularmente, creio que o caminho do meio ainda é o melhor. Um pouco de cada. Acho que seria a melhor maneira de não desperdiçar nosso tempo.

E encerro meu relato sob a discussão acalorada de duas meninas que procuram decidir qual seria o melhor meio de retocar a tatuagem de uma delas, enquanto meu vizinho de balcão chuta o cesto de lixo em meus pés e corre para o banheiro (o qual, aliás, é como qualquer banheiro de qualquer boteco).

Minha última imagem?

A passagem de um saltitante pequerrucho, de uns dois anos, segurando a mão de sua mãe, divertindo-se a valer com sua bexiga, fazendo de conta que era um balão.

Esperança. Imaginação. Criatividade. De fato, estas ainda são as melhores opções!

### *Repensando a vida*

– Ah, sei lá. Que tal darmos uma saída para almoçar fora? Ver algum verdinho…

Não. A Dona Patroa não estava à procura de nenhum marciano. Por "verdinho" entenda-se algum local a céu aberto, com bastante mata, plantas, morros, enfim, algum lugar onde a natureza predominasse.

Sendo este o fim de nossa conversa de domingo pela manhã – bem, "manhã" às quase onze horas – decidimos ir até uma cidade vizinha, na busca de um tempero diferente: Monteiro Lobato. Fica a mais ou menos uma hora de casa e com bastante "verdinho" em suas redondezas, uma vez que está situada no meio do caminho da antiga estrada velha para Campos do Jordão.

Com toda a tropa no carro (lembrem-se: três filhotes), seguimos viagem. Fomos meio que proseando pelo caminho, ao mesmo tempo que, por minha cabeça, se passava algo assim: *"Bem, saímos em tal horário, a tantos por hora, devemos chegar em tal horário, almoçamos mais ou menos em tanto tempo, passeamos durante tantos minutos…"* – e por aí afora ia o meu devaneio (sistemas operando em background, pois estávamos proseando, certo?).

Em dado momento tínhamos pela frente duas motos e dois carros. A tal da estrada para Monteiro Lobato é daquelas "simpronas" de tudo, uma mão para ir, outra para voltar, e com raros pontos de ultrapassagem. Pois bem, os carros ultrapassaram as motos e fiquei ali, logo atrás, a espera de uma deixa. *A uns 60 km/h…*

**Entretanto**, ao contrário do usual, aquilo não me irritou. Olhei bem pro caboclo na minha frente (ou pra nuca dele). Uma moto estilo chopper, não sei se nova ou das antigas, mas que com certeza tinha motor pra andar muito mais que aquilo. Ele – certamente já com uns cinquenta – e a companheira usando jaquetas de couro com um emblema estampado atrás – provavelmente de algum clube de motociclistas (motoqueiro é outra coisa – um dia eu explico). Capacetes abertos, pilotando calmamente pela estradinha cuja vegetação, às vezes, forma verdadeiros túneis por dezenas e dezenas de metros.

Disse pra mim mesmo: *"Mim mesmo, certo estão eles. Pra que a pressa? Não é você que sempre diz que o importante não é o destino, mas o caminho em si. É como uma boa história, que, por mais que você já saiba o final, deve ser contada palavra por palavra. Saboreada. Desfrutada. Vivida."*

E continuamos nosso caminho, entre 50 e 60km por hora, proseando mais ainda e sem pressa nenhuma de chegar. Mal percebemos e já estávamos lá.

Só disso eu já teria tirado uma bela lição de vida, mas teve mais.

Já no restaurante, com boa comida no fogão de lenha (e beeeem barata, também), encontramos um amigo que há muito não víamos: Déo Lopes, *cantador* de primeira linha e que estava por ali almoçando. Proseamos um bocadinho, o suficiente pra colocar as ideias em dia, e ele já nos convidou para a apresentação que seu filho estaria fazendo naquele mesmo dia ali perto. Afinal filho de músico, músico também acaba sendo. De quebra arrematei-lhe um CD que eu ainda não tinha, chamado "Noite cheia de estrelas", e com doze músicas de raiz daquelas para ouvir sonhando acordado, balançando na rede num domingo à tarde.

Logo depois encontramos uma antiga amiga/colega de trabalho de mais de dez anos atrás. *"É a Kátia?"*, perguntou a Dona Patroa. *"Não sei, acho que não – mas você sabe como sou péssimo fisionomista…"* Passados alguns minutos alguém a chamou pelo nome. Era ela mesma. Nesse momento houve um brilho meio cegante que veio do semblante de triunfo da Dona Patroa, mas, ainda que com risco de queimar as córneas, resolvi solenemente ignorar…

Proseamos (adoro essa palavra) também um pouco, o suficiente para saber que hoje, com o filho de uns seis meses, ela e o maridão estão morando na zona rural de Monteiro Lobato (cujo próprio Centro em si já

pode ser considerado uma zona rural), sendo que sua casa divide espaço com uma marcenaria, também dele. E ela? Professora ali por perto.

Para se ter uma ideia da reviravolta disso tudo, quando a conhecemos, há uns dez anos, ela trabalhava na Secretaria de Comunicação da administração municipal de São José dos Campos. Findo o governo, ela abriu uma agência de turismo ou de viagens – não sei ao certo. Se não me engano, ela própria já viajou mundo afora, trabalhou em diversas outras administrações públicas, e, creio eu, até em Brasília.

E hoje, com um rostinho sereno e feliz, mora numa pacata cidade do interior paulista. Acho que ela encontrou "seu eu"…

Diante de tudo isso, pergunto: e nós? Como ficamos? E eu? Qual a relevância da correria de nosso dia a dia para a busca da felicidade? Digo, da VERDADEIRA felicidade, aquela que traz paz de espírito, tranquilidade, um terno sorriso sobre o que nos aguarda o futuro…

A simples percepção de que coisas simples como estas que acabei de descrever muitas vezes nos passam despercebidas já não seria o suficiente para indicar que algo não está totalmente correto? De que muita coisa precisa ser repensada? Revista? Redefinida?

Por mais que tenhamos a consciência do que **deve** ser feito, efetivamente **fazer** é que são elas. Daí uma das frases de Richard Bach que mais adoro: *"Você ensina melhor o que mais precisa aprender"*.

Grande verdade.

Seremos capazes?

**Serei** capaz?…

### *Projeto três-por-quatro*

Numa daquelas aventuras etílicas de elucubrações mentais (talvez até mais digna de figurar lá no *Copoanheiros* que aqui), eis que eu e o nobre cervejonauta *Bicarato*, num arroubo de valentia face à extremamente cansativa semana que se encerra, resolvemos tecer nossas teorias acerca da injusta divisão semanal de trabalho-descanso.

Explico.

A semana tradicional, a qual classificamos de *cinco-por-dois* (cinco dias de trabalho por dois de descanso) necessitaria de uma imediata reformulação.

A primeira proposta – prontamente deixada de lado – seria de uma relação *dois-por-cinco*, mas aí até nós dois mesmos já concluímos que seria vagabundagem demais…

Então resolvemos fechar que o mais coerente a se adotar seria a relação *três-por-quatro* (retratistas do Brasil, segurem-se pois isso NÃO é com vocês!). Ou seja, três dias de trabalho por quatro de descanso.

A regulamentação disso deverá se dar por Decreto Presidencial, pois, primeiramente, somente o Poder Executivo é quem teria a rapidez necessária de baixar unilateralmente uma norma nesses moldes; segundamente, apresentar uma lei dessas à Câmara poderia gerar meses (anos?) de discussão até que nossas centenas de deputados NÃO chegassem a um acordo definitivo; e, terceiramente, não seria justo submeter ao Poder Legislativo um projeto dessa estirpe. Concorrência desleal, sabe? Afinal de contas eles JÁ praticam essa relação *três-por-quatro* em seu dia a dia…

Mas voltemos ao que interessa.

Algumas peculiaridades seriam necessárias para essa formatação. A melhor maneira de implementar o Projeto *três-por-quatro* seria extirpando diretamente determinados dias da semana – mas creio que discordamos em alguns pontos nesse quesito, talvez por entendermos que dias diferentes deveriam ser suprimidos. Ou será que foi porque acabei com o amendoim enquanto ele tomou o último gole de cerveja?… Não me lembro bem, mas tenho certeza de que em *alguma coisa* discordamos!

Enfim, segundo o MEU entendimento, os dias Terça, Quinta e Sábado deveriam desaparecer. Coisa mais inócua e dias mais sem graça esses! Assim a semana teria somente a Segunda, Quarta e Sexta. E, é lógico, até pegar no tranco ninguém começa mesmo a trabalhar antes do meio-dia da Segunda. Já na Quarta dá pra se trabalhar direitinho, que nem gente grande. Porém, na Sexta, dando meio-dia já diminui o ritmo do trabalho enquanto começa o agito porque o final de semana está chegando!

Enquanto isso o Domingo seria multiplicado por quatro. Não chegamos exatamente a concluir como isso se daria, pois entramos numa ferrenha discussão sobre qual seria a origem da palavra “Domingo” para que pudéssemos dar uma destinação semântica coerente a todos os dias da semana. Lembro de algo sobre o Mingo, aquele índio do Daniel Boone, o que nos levou à possível figura de um ordenança do Senhor chamando

“Min”, oriundo da terra do Tio Sam, o qual receberia ordens em inglês no sentido de *“Do! Min, go!”*. Mas, apesar de concordar com a figura desse ordenança, o copoanheiro discordou de seu nome, pois poderia trazer algum conflito com a figura da Madame Min, e ninguém aqui tá a fim de enchimento de saco por causa de direitos autorais. Então voltaria a ser Mingo, esse atrapalhado faz-tudo de Deus.

Mas, nesse ponto, o teor etílico comprometeu a seriedade do estudo, que resolvemos deixar para outro dia, e passamos então a falar de bobagens e amenidades…

*(Segue discussão virtual pós-etílica.)*

***Marcelo Bicarato –*** *Minha contribuição: num tempo longínquo, quando feriados prolongados faziam mais sentido pra mim, costumava dar nomes variáveis aos dias, chamando já a véspera desses dias de *sexta-feira*, não importando qual fosse. Na sequência — já sem trema –, todos os próximos dias até a véspera do último sabático seriam o sábado, sem diferenciação entre si. Afinal, sábado prolongado é muito melhor que domingo. Finalmente, a véspera do retorno à lida seria o domingo, dia de recolhimento e cura da ressaca. Aplicando então este processo à proposta 3×4, teríamos uma semana assim: domingo, segunda-feira, quarta-feira, sexta-feira, sábado, sábado, sábado.*

***Paulo Soares –*** *Bem… Esse projeto inclui as “forcas”?… Afinal, ninguém é de ferro…*

***Margarida Negra –*** *Também prefiro sábados. Mas, pensando bem, quem se importa? Eu até inventaria nomes lindos pros dias de descanso. O importante é descansar, né?!?!*

***Adauto –*** *De fato, de fato… Aliás um complemento que, à época, não tinha ocorrido: também deveria haver a determinação legal de que todo e qualquer feriado JAMAIS poderia cair nos finais de semana!*

***Juliana Magalhães –*** *Concordo com o Marcelo… Sábado é sábado (o melhor dia da semana) e não abro mão dele!*

***Adauto –*** *Ok, Juliana. Relendo o texto, hoje sou obrigado a concordar… Até porque QUATRO FANTÁSTICOS POR SEMANA,* ***NINGUÉM MERECE****!!!!!*

### *Sobre o apagão de ontem*

Sabem o que descobri com o blecaute de ontem?

- que as cidades ficam muito mais aconchegantes no escuro;
- que quase ninguém mais usa dinheiro – só cartões;
- que existem estrelas no céu;
- que os motoristas ficam mais civilizados nos cruzamentos;
- que a maioria das pessoas não têm velas em casa;
- que cupins alados procuram a luz das velas para suicidar-se;
- que as crianças *realmente* se divertem com qualquer coisa;
- que é possível ler (ou inventar) estórias para as crianças dormirem;
- que fica muito mais propício para tomar um vinho na varanda;
- que ainda existem vaga-lumes!

E vocês?

Também fizeram alguma descoberta?

*(Seguem comentários virtuais dos que compartilharam a escuridão.)*

***Aliny –*** *Descobri que é uma delicia não ser vista… Que a luz da brasa do meu cigarro ilumina o necessário para eu ficar segura.*

***Mirian Martin –*** *Descobri que água gelada continua tirando o fôlego da gente no banho e ri quando meus filhos descobriram a mesma coisa. Que continua gostoso os dois moleques na cama, com a gente, falando besteiras. Que o escuro faz com que as pessoas falem mais baixo e os sons da natureza aparecem. Que a gente esquece de apagar as luzes da casa e às 5h00 a casa inteira amanhece iluminada.*

***Sheila –*** *Eu não tinha velas em casa, só daquelas aromáticas… Não tomei vinho, mas tomamos uma cerveja à luz de uma lanterna, com minha pequena dormindo no meio. Descobri que sem a TV ficamos mais dispostos para conversar, curtir o momento…*

***Marcelo Bicarato –*** *Eu descobri que, no escuro, os móveis da casa andam, e ficam todos no meio do caminho, bem na frente da canela e do dedinho do pé!*

***Dominique Thomaz –*** *Ainda posso dormir cedo. Ficar longe algumas horas da internet não é o fim do mundo. Dormir sem o barulho da tv do vizinho é uma maravilha.*

***Paulo Soares –*** *Descobri, de imediato, que ainda não havia pago a conta de luz do mês passado. Descobri que precisava trocar as pilhas de minha lanterna. Descobri que não devo ficar enrolando para tomar banho quando chego cansado do trabalho. Descobri que estava sem vinho nem cerveja em casa. Descobri que não sei viver sem ventilador. Descobri, finalmente, e por relato de um conhecido, que não se deve entrar num elevador estando apertado para o xixi…*

### *Lição de vida*

Esse *causo* já deve ter uns bons cinco ou seis anos…

E então fomos para uma reunião – daquelas escabrosas – que, por algum motivo que não me lembro, minha presença e opinião talvez fossem necessárias.

Mesa cheia. Da grande. Todos os figurões mais importantes estavam lá. Sentei-me onde pude, tendo à minha esquerda o Davi Lino e à minha direita meu chefe à época – o Lelis.

E ferve o povo na discussão.

Nesse meio tempo peguei o processo sobre o qual estavam discutindo e comecei a folhear, pra tentar me atualizar sobre o perrengue que estava acontecendo. E então, não mais que de repente, algo assim como num segundo plano desfocado, lá ao fundo ouvi ecoar meu nome. Era o Doni.

– *Hein?*

– É você, mesmo, Adauto.

– Errr…

– Diga-nos o que acha sobre tudo isso que acabamos de falar?

E como eu iria dizer que não tinha a mínima ideia sobre o que estavam falando porque não estava prestando atenção? Afinal, estavam esperando algo de mim! Não lembro patavina sobre o que discorri, só sei que até aos meus próprios ouvidos – naquele momento mesmo – tudo já soava como uma enrolação sem tamanho… Mas ainda assim falei. E com cara de convicto.

E, quando terminei, silêncio.

Até que o Davi, bem do meu lado, com aquele tamanho todo, ruidosamente espalma as duas mãos na mesa!

– E eis que do meu lado reencarna o Doutor Tancredo! *"Onde está Minas? Minas está onde sempre esteve!"** Disse tudo e não disse nada! Meu filho, vá ler com calma esse processo e quando tiver alguma opinião, daí a gente conversa…

Não preciso nem dizer que ali mesmo me senti a mais insignificante das criaturas.

Desse dia em diante aprendi de maneira irrefutável uma das lições mais importantes para toda e qualquer reunião que se vá participar: se você, sabe, diga; se não sabe, encha o peito e, com orgulho, brade a todos em alto e bom tom: "NÃO SEI". É infinitamente melhor dizer que não sabe, que vai estudar o assunto, que vai perguntar para alguém, que vai pesquisar – qualquer coisa! – mas jamais, JAMAIS, sequer pense em fazer o que fiz daquela vez. Aliás, frise-se que foi a ÚLTIMA vez NA VIDA que fiz algo do gênero…

** Numa pesquisa básica a frase na realidade é atribuída a Otto Lara Resende. O que não muda em absoluto seu efeito…*

### *Por onde andará a Lua?*

Por onde andará a Lua?

Essa menina benfazeja, Nova na sua essência eis que seu pouco prateado teimava em aparecer apenas em alguns dos raros pelos brancos que lhe recobriam o dorso. Olhos verdes inquiridores, insaciáveis pela sua natural curiosidade, serenos em sua usual companhia. Dizem que gatos são bichos independentes, que se afeiçoam à casa, ao território e nada mais. Mentem. Ela sempre teve a capacidade de pressentir quando estávamos por chegar ou quando pretendíamos sair. Alguém já viu gato responder ao próprio nome? Pois bem, esta respondia. Sempre.

Por onde andará a Lua?

Era apenas uma pequena e arisca bolinha de pelo preto nos idos de 97, quando a encontramos em Caraguá. Ou melhor, será que não foi ela que nos encontrou? Impossível não se apaixonar por aqueles olhinhos estralados e suplicantes desde o primeiro momento do primeiro contato.

Veio, viu, ficou. Pra sempre. Fui o primeiro a conquistá-la (ou será o contrário?), pois sempre procurava meu colo quando, a namoro, eu surgia na casa. E ela foi a companheira do fim de solteirice da Dona Patroa, foi a companheira das pequenas tarefas e consertos de meu sogro, foi a companheira dos crochês e tricôs e costuras e invencionices em geral de minha sogra – e quando esta, doente e debilitada sequer conseguia se locomover, mesmo assim lá ainda ela permanecia, fiel como sempre. Mesmo dos sobrinhos, hoje adultos, foi a companheira oculta – pois bastava aquela criançada chegar que ela já se escondia em algum canto até que eles se fossem e lhe devolvessem o sossego de sempre. Meus próprios filhos, hoje adolescentes, nasceram e cresceram com ela. Tornou-se mais família que a própria, eis que sempre presente. Sempre.

Por onde andará a Lua?

E assim, ano após ano, companheira sempre foi. Por longos dezesseis anos. Teve suas crias – várias – que também se foram para outros lares. Até que, derradeira vez, uma delas recusou-se a sair. E ficou no ventre. E a necessária cirurgia extirpou-lhe a capacidade de novas crias. E, provavelmente, lá se foi também a primeira de suas sete vidas. Inúmeras também foram as brigas com cachorros e outros gatos da vizinhança, pois vez ou outra, surgia estropiada – mas serena. O pequenino pedaço de orelha que lhe faltava na profundidade de um corte era a maior prova disso. E pelo menos quatro outras vidas devem ter sido levadas nessas desventuras. Dezesseis anos… Quase oitenta, se humana fosse. Mas quem disse que não o era? Sempre pôde compreender nossos mais íntimos sentimentos muito melhor que muita gente por aí afora. E, mesmo em mudo silêncio, compartilhava nossas dores e alegrias, quaisquer que fossem. Sempre e sempre e novamente. Sempre.

Por onde andará a Lua?

Mas o tempo passa e cobra seu inafastável preço. De repente, do nada, de uma hora pra outra, adoeceu. Sua pata com uma chaga exposta e constantemente sangrando deixou claro que algo de muito errado havia. Diagnóstico: câncer. Sim, esse mal também aflige o mundo dos animais. Amputar? O melhor. Mas, pela idade, pelos rins falhando, pelo quadro clínico geral, não sobreviveria. Restava tão-somente cuidar e minimizar seu sofrimento. Remédios, pomadas, preparados, nada parecia adiantar. E eis que, num de seus usuais arroubos de maga-bruxa, a Dona Patroa suspende tudo e passa a tratá-la somente com seiva de babosa. Miraculosa babosa. Funcionou, resolveu, cicatrizou. Mas certamente lá se foi sua penúltima vida. Pra sempre.

Por onde andará a Lua?

Nada dura pra sempre. O “pra sempre” sempre acaba. Meses se passaram desde então e eis que, de repente, a Lua sumiu. E a mais antiga, presente e fiel companheira da Dona Patroa se foi. De nada adiantaram as buscas e as lágrimas. *“Gatos sempre somem quando sentem que vão morrer”*, foi o que lhe disse seu pai, do alto de sua oriental sabedoria. Verdade. Todo aquele que gosta de gatos sabe que eles escondem suas doenças até que estejam em estado avançado – é o instinto que restou de sua história ancestral. Na natureza seriam presas fáceis de predadores mais fortes e é por isso que se escondem até que se restabeleçam; até que estejam prontos para voltar a lutar ou fugir de vez. Ou, pior, até que sucumbam. E a Lua, ainda que especial, nesse ponto nunca foi diferente. E coube a mim, já há uma semana de seu desaparecimento, encontrá-la. Ou melhor, não, não a encontrei. Encontrei apenas sua casca, vazia e aninhada num canto, num esconderijo, que provavelmente deveria ser um de seus preferidos. Pois ela não estava lá. A prova disso está no que sinto, nas lágrimas que nublam os olhos enquanto escrevo, no seu sabor salgado que materializa sua ausência. Ela se foi. Ela não estava lá. Sua sétima e última vida a levara de vez. Pra sempre.

Por onde andará a Lua?

Se existe um “céu para os gatos” é lá que ela está. Companheira, guerreira, amiga, fiel escudeira. Já sofreu tudo que tinha que sofrer nessa reta final de sua longa vida e merecidamente precisava descansar. Se no Antigo Egito gatos foram deuses, então certamente ela ascendeu à sua própria divindade. E, garanto-lhes, nunca mais me será possível olhar para a Lua que no céu desfila aos meus olhos sem lembrar da Lua que no chão ronroronava a meus pés. É lá que ela está. É lá que, para mim, ela está. E sempre estará.

Pra sempre.

*(Seguem os comentários...)*

***Cláudia –*** *Só quem tem gatinhos em casa sabem quão preciosos eles são, carinhosos, amorosos e presentes. Certamente a Lua está no céu dos animais, contando pra todos a vida feliz que teve na terra com uma família que a amava muito.*

***Eu (a Patroa) –*** *Coração partido. Chego em casa e olho a escada, onde sempre ela estava a me esperar. Ela sabia, por instinto, o momento em que a gente ia chegar e já se postava sentadinha na escada, na espera de um*

*carinho. A Lua sempre aguardava eu guardar o carro, trancar o portão, e somente então, após ganhar o cafuné na cabecinha, ela subia as escadas comigo. Todos os dias, sem falta, durante todos esses anos. Olho a escada e não a encontro… Meus olhos se enchem de lágrimas, nunca mais vou ter a sua companhia… Todas as minhas calças tem a marca de suas unhas, aqueles fiozinhos puxados, porque toda noite, quando sentávamos na varanda para conversar, ela escolhia o colo, ou o meu ou o do Adauto, e "amaciava" o colo antes de se aninhar, por uns bons minutos, deixando a sua marca nas pernas das calças. Vou sentir sua falta por muito tempo, e chorar toda vez que não a encontrar na escada. Meu consolo é que de alguma forma eu a salvei das ruas onde havia sido abandonada, e ela me retribuiu com muito carinho e lealdade. Obrigada Lua, por ter sido nossa companheira por todos esses anos…*

### *Por uma voltinha de bicicleta*

O matemático *Edward Norton Lorenz*, nos idos da década de sessenta, desenvolveu a tese básica de que *"situações iniciais ligeiramente diferentes podem se desenvolver em situações consideravelmente diferentes"*. Sei que parece um pouco confuso, mas – vejam só! – este é exatamente o enunciado primordial da *"Teoria do Caos"*.

Particularmente prefiro um dos corolários da **Lei de Murphy** (aquele velho sacana e que tem a cara do House) em que diz que *"se uma série de fatos pode dar errado, dará errado na pior sequência possível"*.

Dito isso, vamos aos fatos. Isolados em sua essência, mas conectados em sua conclusão.

Desde a adolescência minha coluna vertebral já possuía uma ligeira "deformação morfológica em curva dupla" – o nome é pomposo, mas nada mais é que a chamada "escoliose em S". Durante muitos anos isso me causou dores e desconforto, mas, como com tudo a gente se acostuma, ela sempre estava ali, presente, às vezes com algumas crises e outras, por longos períodos, sem sequer me incomodar. E isso somente "sarou" após *o acidente*. Desde então ganhei um joelho que dói o tempo todo e vive clamando por atenção, de modo que a escoliose foi alçada para um segundo plano, praticamente imperceptível. Até hoje.

Independentemente disso, desde a mais tenra idade sempre adorei andar de bicicleta. Sozinho, em bando, para me divertir, para me distrair, para me desestressar ou, simplesmente, para namorar. E, sim, isso é da profícua

década de oitenta, época em que nós, meninos, levávamos as moçoilas para dar uma voltinha sentadas no quadro da bicicleta, entre o selim e o guidão, totalmente aninhadas em nossos braços. Como desde aquela época eu já não dava ponto sem nó, a minha bicicleta era a única da turma que tinha uma almofada para elas sentarem, então nem preciso dizer por quem elas preferiam ser levadas, né? E, assim, bateu uma vontade de dar umas pedaladas, pois já fazia muito tempo que eu não tirava a bicicleta do lugar. Até hoje.

Isso porque nos últimos tempos tenho estado mais sedentário do que jamais fui na minha vida. Totalmente acomodado. Desde a cirurgia no joelho, em 2012, que comecei a me acomodar. Até que, durante a recuperação, ainda estava fazendo meus alongamentos, algumas caminhadas e por aí afora. Daí veio um inverno terrível e uma preguiça maior ainda. O inverno passou. A preguiça, não. E, hoje pela manhã, numa conversa sincera com a dona balança, cientes dos três dígitos que teimam em não baixar, juntos chegamos à conclusão que estava na hora de uma nova dieta! Afinal de contas minha boa e velha bicicleta – que, diga-se de passagem, eu mesmo montei – está encostada lá na garagem, num canto, soterrada pelas bicicletas da Dona Patroa e dos meus filhotes, acumulando camadas seculares de poeira. Somente assim, com um pontapé inicial, eu sairia desse sedentarismo que diretamente estava me incomodando. Até hoje.

E, último dos fatos que interessam para nossa narrativa, temos meu sogro. Sim, aquele bom e simpático velhinho, um japonês de 82 anos, que mora conosco, mal fala uma palavra de português e surdo como uma porta de carvalho. Dupla. E que, como todo japonês velhinho tradicional, tem uma ~~compulsão~~ mania de guardar coisas. Acumular, mesmo. Alguns dizem que é uma tradição herdada desde a época dos tempos difíceis da guerra, quando nada se tinha e era preciso guardar tudo o que fosse possível e usar de muita criatividade para aproveitar tudo isso para as coisas práticas do dia a dia. Aquele negócio de que *"vai que um dia precisa, né?"*. Bem, dessa genética pela guarda de quinquilharias e criatividade para usá-las, meu sogro tem de sobra. E, numa dessas, num canto bem ao lado das bicicletas, tem um monte de caibros, madeiras e ripas, variando de dois a três metros de comprimento, desordenadamente acumulados para que, como sempre, algum dia jamais viessem a ser utilizados. Ou sequer tirados do lugar. Até hoje.

Já começaram a perceber o tamanho da encrenca, né?

Então.

**Hoje**, logo pela manhã, munido mais de ânimo que de bom senso, resolvi que já era hora de sair do marasmo. Como meu pé ainda está meio avariado do tombo da moto, correr não é possível, caminhar é quase uma opção, mas andar de bicicleta seria tudo de bom! Logo após o café fui até a garagem com o firme intuito de encher os pneus da bicicleta – vazios já há muito. Faria isso, subiria para ler o jornal com uma boa xícara de café, desceria novamente já com um balde d'água, constataria que os pneus estão bons, faria uma bela duma lavagem e limpeza na menina e, ato findo, sairia para dar uma boa e saudável voltinha de bicicleta. Me cansaria um tanto, suaria outro tanto, mas, feliz, voltaria para casa endorfinicamente com uma sensação de dever cumprido. E seria só o começo! Plano perfeito.

Ou quase.

Isso porque o fiadaputa do Murphy resolveu que era o momento ideal para combinar de modo magistral todos os fatos isolados anteriores que já acabei de descrever...

E, lógico, ao começar a desvencilhar as bicicletas da Dona Patroa e dos filhotes que estavam impedindo de tirar a minha, não percebi que parte daquelas madeiras estavam sutilmente apoiadas nelas. A não ser quando já era tarde demais. Já foram pegos de surpresa por uma chuva quando estão no meio da rua? Ou pela água gelada do chuveiro quando esperavam que estivesse quente? *NADA DISSO* se compara a receber no *lombo* uma chuva de caibros e ripas e madeiras e sei lá mais o quê quando menos se espera. Do susto, da cacetada, da exagerada torção no corpo para me desviar do que ainda não tinha me atingido, restou somente a mais antiga e familiar **dor** que me acompanha *até hoje*.

E meu bom humor matinal se esvaiu junto com a poeira que baixava no chão da garagem.

Com toda a sutileza e cuidado de um mastodonte em fúria coloquei as madeiras de volta no lugar.

Carinhosamente, como um babuíno selvagem, empilhei todas aquelas bicicletas de volta no lugar.

E agora, calmo como no decorrer de toda essa desventura, ciente e cioso da necessidade de cuidar deste templo que é meu corpo, deixo-lhes a refletir sobre todas essas conexões que nos envolvem, e, enquanto isso, vou pegar minha moto e me dirigir até o boteco mais próximo para uma cervejinha gelada.

Pois três quarteirões é uma distância muito longa para ir a pé...

***Férias: agora começou de verdade!***

Você só consegue perceber que REALMENTE está de férias quando a vida à sua volta está dentro da normalidade do dia a dia, exceto você.

E somente agora, nesta primeira segunda-feira após o Carnaval, é que o ano começou de verdade... Criançada na escola, Dona Patroa enfrentando novos desafios de volta ao velho trabalho, meu povo ralando lá no meu trabalho, e, ainda que não vá viajar para lugar nenhum, posso ficar aqui, totalmente relaxado, descansando, pronto para...

– *Mieko ligou Terefônica?*

– *Oi?*

Era meu sogro. Com uma conta de telefone na mão e um olhar inquiridor pra mim, pois faz dias que o telefone dele está mudo...

– *Então. Mieko ligou Terefônica. Quando arruma, né?*

Péraê. Deixa eu matar esse negócio no ninho. Liguei pra Dona Patroa pra saber o que é que estava pegando.

– *Ah, eu já liguei lá e eles já vieram fazer uns testes. Parece que o problema não é pra lá do poste, mas do lado interno da casa mesmo...*

Taquiôspa!

Olho para aquele bondoso velhinho nipônico, detentor de um acolhedor sorriso interrogativo – e surdo como uma porta de carvalho.

– *Pode deixar que eu vou dar uma olhada...*

– *Eh?*

– *EU! VOU! VER! O QUE TÁ! ACONTECENDO!*

– *Ah, tá.*

E lá se foi ele e cá fiquei eu sabendo que estava fodido...

Bem vamverssaporra. Peguei um aparelho telefônico e fui na caixa de entrada da casa. Conectei os fios descascados. Com sinal. Fui até o ponto onde fica o aparelho dele e desmontei a caixinha. Conectei os fios descascados. Sem sinal. Fodeu. O ponto de desconexão estava em algum lugar no meio do caminho. E, por caminho, entenda-se a fiação que vem desde a frente da casa, passando por todo o tétrico emaranhado de fios que fica no forro até o ponto do telefone dele. Merda. E vai o Jamanta aqui entrar na porra do forro da casa, andando agachado por cerca de uns 30

metros, com o sol literalmente cozinhando as telhas – e eu junto. Muito próximo de espanar os parafusos do meu joelho, consegui achar o defeito: havia rompido um dos fios numa emenda entre a fiação interna e a da rua. E por um acaso eu estava com as ferramentas necessárias pra consertar isso? Nããããããooo... Volta, pega o indispensável, sobe de novo, nova maratona, refaz a conexão e pronto! Telefone funcionando perfeitamente!

Feliz da vida, suado, cansado, empoeirado e cheio de teias de aranha cobrindo meu corpo, fui lá contar para meu sogro que agora o telefone estava funcionando.

– *Ah, tá.*

Toda vez que ele responde com esse "Ah, tá", num tom extremamente peculiar, significa que ele não ouviu absolutamente nada do que a gente tenha falado. Paciência.

Aproveitei que estava com a mão na massa – e já fodido mesmo – e resolvi consertar uma das arandelas de frente de casa que estava lá, toda desmilinguida, pendurada somente pelos fios. Muito provavelmente algum vento forte deve ter feito isso. Mas isso é só para me enganar. Muito mais provavelmente ainda deve ter sido alguma bolada de algum dos filhotes...

Após desmontá-la, limpá-la e avaliar o tamanho do estrago (tinha rompido o fundo que a prende à parede), para solucionar o problema nada como um bom e velho trabalho feito de improviso com peças alternativas e com design informal. Isso mesmo. Uma *gambiarra!*

Mas péra lá! Comigo não é assim não! Gambiarra tem que ter classe e não pode aparecer! Consegui adaptar uma arruela de bicicleta na parte desmilinguida da rosca da arandela e tudo certo. Como é? Não entenderam? Não se preocupem. O que importa é que está lá, firme e provavelmente melhor que antes!

E, como dizia um antigo estagiário, *"já que está no inferno, abraça o capeta"*. Então resolvi dar uma checada no registro da pia da cozinha que estava vazando. Até porque a Dona Patroa também já estava pegando no meu pé para consertar esse vazamento. Acho incrível isso! Vocês mulheres são todas iguais! Quando nós, homens, dizemos que <u>vamos consertar</u> alguma coisa, nós vamos consertar essa alguma coisa. No nosso tempo e no nosso ritmo. Não tem a mínima necessidade de vocês ficarem nos cobrando a cada seis meses...

Bem, como eu dizia, uma vez que a cozinha faz parte da ala nova da casa, pós reforma, tive que descobrir onde ficava o registro geral dela. Adivinhem

onde ficava? Isso mesmo! No forro, junto da caixa d'água. O que significou também uma nova incursão ao abafado mundo das teias de aranhas...

Uma vez desmontado, avaliado, sopesado, registrado, carimbado, rotulado e seja lá mais o que for, pude chegar a duas conclusões. A boa notícia é que o registro estava perfeito. A má notícia é que continuava vazando.

Mas como? O problema é que a parte possível de se desmontar de um registro, onde estão as borrachas, roscas, travas, etc, estava em perfeitas condições. De modo que ao checar mais detalhadamente percebi que o vazamento vinha da parte de baixo do registro. Provavelmente onde se conectam os canos DENTRO da parede.

Perceberam o tamanho do enrosco? Somente quebrando a bendita parede é que vai ser possível encontrar o vazamento...

É... De fato minhas "férias" começaram bem. Isso porque, fora inúmeras outras pequeninas coisas da casa que clamam por minha atenção, ainda vou ter que pintar a garagem!

Isso fora o novo sofá que eu fiquei de criar, desenhar e construir.

Mas essa já é uma outra história...

### *Atleta urbano*

E então, aproveitando que estou de férias mesmo, nada como procurar manter *mens sana in corpore sano*... Não, não é nada disso que vocês estão pensando, ô cambada de pecadores! Isso é latim, tá bom? Quer dizer "mente sã em corpo são". Simples assim. E já que minha mente é um espetáculo (vejam bem, eu disse "mente", não "memória" – pois nesse último quesito até mesmo pombos se saem melhor que eu...), então, pela milésima, quadringentésima, sexagésima nona vez, resolvi voltar a correr.

Acordaria cedinho no dia seguinte, no horário de praxe – cinco da matina – e antes mesmo de levar os filhotes pra escola – que entram às sete – eu faria uma boa série de alongamentos e já encararia uns bons quilômetros de alazônico galope!

Só que daí, já que estou de férias mesmo, com todas aqueles episódios não assistidos das séries que costumo acompanhar, bem, aproveitei pra me colocar em dia – sabem como é, né? Ou seja, fui dormir mais de uma da manhã...

Bem, não importa. Fui me deitar na confiança do meu infalível relógio biológico!

Que, lógico, falhou.

E assim, no dia seguinte, lá do ninho aconchegante que se tornou minha cama, resolvi dar uma lânguida e preguiçosa olhada no celular para ver quanto tempo ainda faltava para ele começar a despertar...

*E já era umas seizivinti!!!*

Passado o inicial choque elétrico que percorreu meu corpo e depois de, na sequência, praticamente jogar a Dona Patroa cama afora (eu sei que um dia ainda vou ter que pagar por isso...), corri pra acordar a criançada, fazer café, colocar pão na mesa... Mas... Cadê pão? Táquiôspa!

– Môr! Vai fazendo o café que eu vou buscar pão, tá bom?

Não tenho muita certeza, mas pelo estilo do grunhido ela deve ter dito algo como um “sim”...

É lógico que esqueci que meu sogro tinha saído com o carro na véspera e, tendo sido o último a guardá-lo, atrapalhou toda a “logística” da garagem. E, detalhe: o carro dele, um Golzinho dos quadrados, não pode ficar na rua, porque a porta do motorista não fecha. E nem posso achar ruim, porque fui EU quem destruiu a capacidade de a porta trancar direito. Mas essa é uma outra história.

Enfim, abre todas as fechaduras do portão de castelo da garagem, dá partida no carro do sogro que não pega, insiste, liga, tira o carro do sogro, tira meu carro, volta pro carro do sogro, dá partida, insiste, xinga, liga e guarda a porra do carro novamente, tira o carro da Dona Patroa, guarda meu carro, fecha todas as fechaduras do portão de castelo da garagem, pega o carro da Dona Patroa, vai até a padaria, compra pão, volta pra casa, põe o carro em cima da calçada (já falei que tiveram a capacidade de colocar uma placa de “Proibido Estacionar” BEM EM FRENTE de casa?), chega esbaforido na cozinha e... Todo mundo já tomou café.

– *Cumassim???*

– Ué, amor, você estava demorando e resolvi fazer uns bolinhos de chuva, que é bem rapidinho. Só que gostaram tanto que não sobrou nenhum pra você...

– Gnagnagnagnagnagna...

– Oi?

– Nada não.

Bem, estando dentro dos rígidos padrões do horário escolar, e já voltando pra casa agora era só botar em prática o “Projeto Corrida” e zuzo bem!

Mas, aproveitando o ensejo, resolvi dar uma checada nos e-mails. E ver as notícias. E conferir o Instagram. E ler as últimas do Twitter. E dar uma passeada no Facebook. E atualizar o blog. E responder aquele outro e-mail. E...

– Môr, já tô indo, que tô atrasada, tá bom?

– Ué, mas você não entra às nove?

– E que horas você acha que são?

Caceta! Como o tempo voa e a gente nem percebe! E o pior é que agora o sol já está alto e eu, com minha pele de *tez moreno-hipoglós*, não tenho a mínima condição de enfrentá-lo. Paciência. Fica pra mais tarde, então...

E nesse meio tempo, entre o começo do dia e o final da tarde, fiz aquelas faceiras coisas corriqueiras que um bom sujeito de férias sempre costuma fazer... Isso mesmo. Se eu não estava consertando alguma coisa, estava furando, quebrando, refazendo ou montando. Isso fora um relatório que tive que encaminhar para o serviço, já trabalhando no “modo certo de operação”. Mais a necessidade financeira absoluta de fazer as declarações de imposto de renda em casa – minha e a da Dona Patroa – e o dia acabou-se num átimo (não é ótimo usar palavras que muitos de vocês jamais ouviram?)...

Seis da tarde! Pouco mais de doze horas depois do planejado, mas já num clima agradável, sem sol pra castigar e ainda com o dia claro o suficiente para um bom exercício! Peguei meu bom e velho par de tênis de corrida comprado especialmente para esse fim há cerca de uns quatro anos – e pelo qual paguei quase um caldeirão de sestércios! Curioso que após tantos anos ele encontra-se praticamente novo. A marca deve ser realmente muito boa!

Fui ter para com meu filhote mais velho:

– Filho.

– Oi, pai?

– Vou dar uma saída, tá bom? Se sua mãe chegar, diga que fui correr e já volto.

– VOCÊ vai correr, pai?

– Vou, lógico! Pelo menos uns dez quilômetros!

– HUAHUAHUAHUAHUAHUA!!!!

– (...)

Diacho. Só não corto a mesada desse moleque porque ele não tem.

Pois bem. Lembrando de um artigo do dr. Drausio Varella que li recentemente, resolvi seguir o conselho do nobre médico: alongamento pra quê? Afinal de contas, meu corpo ainda estava despertando para a ginástica! Acocorei-me, dei umas esticadas, umas estraladas na coluna, quase fui atropelado ao atravessar a avenida, olhei para diante, pelo meu longo caminho a frente e, antes de começar a corrida, cheguei a uma sábia conclusão.

Melhor diminuir minhas expectativas.

Cinquenta por cento tá bom. Caminho uns cinco quilômetros adiante, aqueço-me o suficiente e volto correndo. Plano perfeito! E lá me fui.

E absorto em meus pensamentos, depois de horas caminhando em forçada marcha, certamente já tendo atravessado inclusive a divisa da cidade (talvez de mais de uma!) fui me dar conta de onde estava. Coisa de pouco mais de um quilômetro de casa. Na mesma avenida, ainda. Cerca de, sei lá, uns quinze minutos desde minha saída. E suando. MUITO.

Então resolvi diminuir minhas expectativas.

*"É. Pro primeiro dia, tá bom, né?"*, disse pra mim mesmo. E mim mesmo, confiante, respondeu-me sem pestanejar que voltar correndo não ia rolar. Ah, não ia mesmo!

Olha só: já que eu ia voltar a partir dali e tinha caído pra apenas vinte por cento do plano original (um quilômetro pra ir e outro pra voltar em detrimento dos planejados dez quilômetros), restar-me-ia apenas dez por cento para, de fato, correr – ou seja, o quilômetro de volta, pensando naquele meu joelho latejando e com os parafusos meio que espanando tive que convir comigo mesmo.

O negócio era diminuir minhas expectativas.

Caminho metade da volta e corro o resto. Cinco por cento do plano original. Para um paquiderme sedentário como eu, vamos combinar que tá pra lá de bom! E lá fui eu, caminhando em passo célere, suando como se estivesse debaixo de uma ducha – imaginem se estivesse debaixo do sol? – e vendo todo aquele povo que provavelmente faz suas caminhadas e corridas todos

os dias (aliás, tenho certeza que já vi essa morena passar por mim por pelo menos duas vezes!). Ao longe, cada vez menos, minha casa se aproxima e meu ânimo para começar a correr é inversamente proporcional à minha vontade de tomar uma cerveja gelada...

Então resolvi diminuir minhas expectativas.

Faltando cerca de uns cem metros para chegar em frente de casa eis que começo uma tímida corridinha leve (cara, esse tênis é bom mesmo!), aos cinquenta metros me empolgo e já começo a correr com desenvoltura (por que é que eu não comecei correndo desde o início?), a uns quinze metros já passo a me sentir o próprio Rocky Balboa e resolvo fazer aquele *sprint* na ponta final da corrida, e, finalmente, suadamente, cansadamente, aos cinco metros finais eu descubro o tamanho da merda que fiz.

MEU. JOELHO. FODEU. MEU. JOELHO.

De Rocky Balboa a Corcunda de Notre-Dame. Ao menos foi assim que eu me senti ao atravessar a avenida de volta para casa. Mardito Varella! Sem fôlego, com o joelho latejando, e maldizendo toda essa tal de "geração saúde" que vive falando das vantagens de se exercitar. Não tinha como piorar.

Mas, na verdade, tinha.

Cadê a chave? Cadê a porra da chave do portão de casa???

Sobre minha mesa, que é onde ela deveria estar, não é mesmo?

Toca a tocar a campainha. De novo. E de novo. E novamente. Não é possível! Com exceção da Dona Patroa, tá todo mundo em casa, que eu sei. O filhote número um deve estar no computador, com seus fones editando algum vídeo, o do meio, em seu quarto curtindo com seus fones alguma música que baixou no celular, o caçula, com seus fones, afundado nas almofadas do sofá jogando o tal do DS, e, por fim, meu sogro, sem fones, porém – será que já não falei isso antes? – surdo como uma porta. De carvalho. Dupla.

E meu joelho doendo.

Após muita insistência (ou sorte, ainda não sei) o filhote mais velho veio abrir o portão. Rindo.

– E daí, pai? Correu os dez quilômetros?

– Gnagnagnagnagnagna...

– Pelo menos cinquenta por cento disso?

– Humpf.

– Tá, pai. Ao menos fala quantos por cento você de fato correu!

– Um por cento...

– O QUÊ???

– *Um por cento*, tá! Isso mesmo. Ou quase, ao menos...

– HUAHUAHUAHUAHUAHUA!!!!

– (...)

Diacho. Só não deserdo esse moleque porque não tenho herança nenhuma pra deixar.

O que me leva a uma interessante conclusão... Na casa de um homem, seu sacrossanto lar, seu refúgio, seu castelo, a regra é muito clara: ou se tem respeito ou se tem filhos. Os dois juntos? Impossível!

Bem, enfim, foi isso. Após toda essa desventura ao menos pude tomar uma boa ducha para recolocar cada pedaço de mim de volta ao seu devido lugar. Detalhe: pouco antes de entrar para o banho a Dona Patroa ligou, dizendo que estava no supermercado e perguntando se eu queria alguma coisa. *"Uma cervejinha, pode ser?"* E, pasmem, ela concordou! Ao menos algo daria certo no final do dia. Nada como relaxar, limpo, exaurido e refrescado, tomando uma breja estupidamente gelada!

E já estava eu na varanda, quando ela veio subindo as escadas.

– A-mô-or... Cheguei!

– Ah, como diria aquele outro, Sua Linda! Você trouxe de verdade o que disse que iria trazer?

– Claro!

– Ah, que belezinha!

– E já tá até geladinha!

– Jura?

– É, sim. Toma aqui a sua cervejinha sem álcool...

***– Oi?***

Carái! Eu sabia. Eu sabia que ainda ia ter que pagar por ter jogado ela cama afora hoje pela manhã.

Mas – que putz! – precisava ser tão já?...

V

# PASSADO A LIMPO

Porque meu passado me define; é de onde tiro minha força e através do qual apresento meus artigos e crônicas: tudo o que hoje está acontecendo, já aconteceu antes e ainda vai voltar a acontecer...

Eu, que sempre andei no rumo de minhas venetas, e tantas vezes troquei o sossego de uma casa pelo assanhamento triste dos ventos da vagabundagem, eu não direi que fique.

Em minhas andanças, eu quase nunca soube se estava fugindo de alguma coisa ou caçando outra. Você talvez esteja fugindo de si mesma, e a si mesma caçando; nesta brincadeira boba passamos todos, os inquietos, a maior parte da vida – e às vezes reparamos que é ela que se vai, está sempre indo, e nós (às vezes) estamos apenas quietos, vazios, parados, ficando. Assim estou eu. E não é sem melancolia que me preparo para ver você sumir na curva do rio – você que não chegou a entrar na minha vida, que não pisou na minha barraca, mas, por um instante, deu um movimento mais alegre à corrente, mais brilho às espumas e mais doçura ao murmúrio das águas. Foi um belo momento, que resultou triste, mas passou.

*Rubem Braga*

*(Na crônica "A Viajante", do livro "200 Crônicas Escolhidas")*

## *O passado bate à porta*

**1948**. Seu Bento (vulgo Meu Pai) tinha, então, apenas onze anos de idade e veio do interior de Minas, juntamente com toda sua família, de trem, para o Vale do Paraíba, em São Paulo, onde seu pai (vulgo Meu Avô) resolveu tentar nova vida. Instalaram-se na zona rural de São José dos Campos, a família cresceu, fizeram amigos, conheceram o povo em geral. Passados pouco mais de dez anos seu Bento casou-se com Dona Dete (vulgo Minha Mãe) e instalaram-se na mesma cidade, no bairro de Santana (também conhecido como estância hidromineral – muita água em baixo e mais mineiro ainda em cima). Repetiu-se o ciclo, tiveram seus filhos e também eu nasci, sem saber que num futuro não muito distante teria a aparência física tão semelhante à de meu pai.

**1988**. Um ano que começou quente e abafado, com chuvas tão ligeiras que mal era possível se refrescar. Eu (vulgo Eu mesmo) havia me casado há pouco tempo e estava de mudança para uma casa nova, ainda em reforma, em Santana. Bairro antigo na cidade, onde a maioria dos moradores já remontava a outras épocas. Dentre estes, estavam as chamadas "Irmãs Cajazeira". Quem se lembrar da antiga série "O Bem Amado", com Odorico Paraguaçu, Zeca Diabo e outros personagens pra lá de caricatos também vai se lembrar dessas moçoilas.

Na vida real, lá em Santana, tratavam-se de três irmãs já idosas e solteironas convictas que moraram juntas a vida toda. Minha nova residência ficava a apenas algumas dezenas de metros da casa delas e, na época eu ainda não sabia, elas foram amigas de minha família e conheciam meu pai de longa data. Naquele entra e sai de mudança, organizando tudo, eu e minha esposa (vulgo ex-esposa) estávamos a todo momento na calçada, sob a vistoria intrépida daquelas senhoras que tinham por missão particular de vida fiscalizar toda a vizinhança. E eis que entre elas surge o *conversê* (cujo teor só fiquei sabendo por elas mesmas, anos depois):

– Olha lá, vizinhos novos!

– Hmmm, parece casalzinho recém-casado…

– Já têm filho? Alguém viu algum bebê por ali?

– Não, não parece que têm não. Mas aquele moço ali até que é bem familiar, não é não?

– Agora que você falou, é sim. Quem será?

– Ah, não acredito que vocês não se lembram! É o Bentinho!

– Será?

– Ah, não pode ser!

– É sim!

– Mas tirou o bigode.

– E tá bem, não tá não?

– Tá sim. Bonitão, como sempre… E casado com aquela mocinha!

– Menininha de tudo!

– E a Detinha?

– Não sei não.

– Deve ter desquitado…

– Pouca vergonha.

– Puxa vida, mas que coisa. Como será que ele conseguiu ficar assim tão bem conservado – tanto que até casou de novo – e nós três aqui, *ACABADAS!…*

### *Direto do túnel do tempo*

1968. Marília. Dessa vez decidiu nascer no seio de uma pequena família japonesa. Agricultores. Vida difícil...

Mas foi criada, juntamente com o casal de irmãos mais velhos, com todo amor e firmeza necessários, típicos da cultura nipônica. Sua infância foi na fazenda. Pé descalço. Bonequinhos de argila na beira do riacho. Subindo em árvores e se enfiando em buracos de tatu para encontrar ninhadas de cachorrinhos.

O tempo passou e, mesmo após algumas mudanças, uma grande reviravolta: a família toda se transferiu para outra cidade. O destino? Litoral norte de São Paulo, a centenas de quilômetros de distância. Horas e horas de viagem. Sua adolescência se deu caminhando descalça na areia da praia e assistindo o pôr do sol passeando entre refrescantes ondas nos fins de tarde.

Nova mudança, agora mais sutil. Simplesmente subiram a serra. Início da vida adulta, muitos empregos, concursos e namorados (não necessariamente nessa ordem). Mas há que se estabelecer. Há que se ter segurança. Há que se ter recursos. E toca pro Japão, trabalhando em belíssimos gramados num campo de golfe por quatro longos anos.

Na volta, completou seus estudos. Terminou o estágio. Terminou a faculdade. Terminou o noivado.

E então surgiu um novo namoro. Meio que foi chegando, se instalando, participando, e – quando deu por si – já estavam juntos. Dali também veio casamento, vida a dois, um filho, outro filho e – pasmem – mais um filho.

Três pequerruchos.

Três razões de viver.

Três esperanças para o mundo.

A vida continua difícil. Às vezes pregando peças, às vezes assustando. Traz desânimos tanto quanto traz alegrias. Felicidades e tristezas. Coragem e medo. Enfim, a vida como ela é.

2007. Treze de março. Muitos anos se passaram (não serei deselegante, façam as contas) e ela continua tão linda quanto no dia em que a conheci. Inteligente como sempre foi. Cada vez mais sábia, cada vez mais perspicaz. Seu caráter é tão ou mais forte que antes. Sua alegria continua arrebatadora. Me perco em seu sorriso. Me afogo em seu olhar. Me deleito em seus cabelos.

Eu a amo mais do que seria possível mensurar.

Mãe de nossos filhos. Mulher de minha vida.

E sempre serei eternamente grato porque me foi permitido fazer parte de sua vida.

Feliz aniversário, Mi.

### *Machadadas na TV e o Homem na Lua*

Meu pai, vulgo “Seo Bento”, do alto de seus 72 anos, continua firme e ativo – ainda que aposentado – com uma oficininha de conserto de televisores no fundo de sua casa.

Foi mecânico a vida inteira, tendo vindo de trem de Santa Rita de Jacutinga, interior de Minas Gerais, para São José dos Campos, em São Paulo, aos onze anos de idade. Sendo o mais velho de um total de doze irmãos (e irmãs), foi para roça para plantar arroz com a família e cerca de dez anos depois resolveu ir para cidade. Conseguiu emprego numa fecularia e mais tarde numa mecânica de caminhões, ambos da família Renó. Quando a empresa faliu, foi para a Johnson e lá ficou até sua aposentadoria.

Tudo isso é só para contextualizar.

Lá na mecânica conheceu o sr. Nobilino, encarregado, e que viria a ser meu padrinho de batismo. Vida dura, casou-se, construiu sua casa e teve três filhos (sendo eu o caçula). Minha mãe contribuía na renda familiar com suas costuras, mas, para ajudar um pouco mais, meu pai fez um curso por correspondência para conserto de rádios e televisores no Instituto Universal Brasileiro. Sempre após o serviço ficava acordado até tarde, ainda na cozinha de casa, consertando rádios e outros aparelhos.

Numa época em que televisão ainda era um luxo, meu padrinho, seu chefe, sujeito já estabelecido e com mais posses – mas dado a violentos acessos de fúria – havia comprado uma dessas máquinas de fazer doido. Mas não é que a televisão apresentou defeito? Mexe daqui, mexe dali, fuça, vira, tenta, esmurra, acabou ficando puto, levou aquela “geringonça” para fora, bem no meio do quintal, e extravasou sua raiva a golpes de machado no pobre aparelho…

Não sobrou muito.

Ciente de que meu pai estava dando seus primeiros passos naquela arte eletrônica, juntou os cacarecos que sobraram da vítima e levou até em casa.

– *Toma, Bento. Se você conseguir fazer essa porcaria funcionar, ela é sua.*

O que para outros seria lixo, para meu pai foi uma oportunidade! Jamais que ele teria como comprar um aparelho daqueles naquela época!

Desmontou tudo, arranjou madeira (sim, os televisores de então possuíam caixas de madeira – ótimas para cupins…), e, usando suas habilidades de marcenaria, fez outra caixa para a televisão. Economiza daqui, compra uma válvula dali, solda acolá e, não demorou muito, o aparelho voltou à vida!

E então, quando eu tinha apenas um mês e meio de idade, na vizinhança a casa de meu pai – ainda que modesta – era a única que tinha televisão. Minha mãe conta que nesse dia todos os vizinhos possíveis e imagináveis se reuniram em casa para ver as fantásticas notícias naquela TV preto e branco à válvulas e recém reformada, a respeito de um homem – quanta ousadia! – que chegara à Lua.

E essa é a história da primeira televisão que tivemos em casa…

E pensar que, quarenta anos depois, ainda ontem comprei um "eme-pê-qualquer-coisa" pro meu filhote, do tamanho de um celular, e que dentre outras funções já possui tv embutida…

### *Eu e meus gibis*

Quem me conhece um bocadinho apenas sabe o quanto sou apaixonado pela chamada "nona arte".

Ou seja, por gibis.

Mas comecemos do princípio: o porquê do nome "gibi".

Os quadrinhos tiveram início nos Estados Unidos aproximadamente em 1895, nos suplementos dominicais coloridos, usando a dimensão total do jornal. Segundo o especialista Ralph Luiz Solera, *"Quadrinhos ou Histórias em Quadrinhos, as conhecidas HQs, são narrativas feitas com desenhos sequenciais, em geral no sentido horizontal, e normalmente acompanhados de textos curtos de diálogo e algumas descrições da situação, convencionalmente apresentados no interior de figuras chamadas 'balões'."*

Ok. Tecnicamente acabamos de esclarecer o óbvio.

Numa apertadíssima síntese histórica dá pra dizer que lá pelos idos de 1933-1934 surgiram os chamados *Comic Books* em meio tabloide com estórias completas. No Brasil esse mesmo tipo de tabloide passou a ser conhecido popularmente pelo nome de **gibi**, por causa do lançamento da revista *Gibi*, com 32 páginas em papel jornal. Em 1940 começou a ser publicado o *Gibi*, uma revista com estórias completas, iguais aos Comic Books (inclusive "importando" as mesmas estórias), sendo que tudo indica que seu nome estava voltado ao significado original da palavra gibi, ou seja, *moleque* ou *negrinho* (percebe-se pelo logotipo). Em função dessa revista, crianças e jovens da época passaram a chamar de "gibi" qualquer tipo de revista em quadrinhos – o que perdura até hoje (inclusive já catalogado pelos dicionários)...

Tá bom, agora vamos ao meu “primeiro contato” com os gibis.

Uma das minhas lembranças mais antigas no que diz respeito a quadrinhos me remete diretamente à Turma da Mônica, pois costumávamos ir até a casa de meu bisavô e lá havia uma espécie de hall onde sempre haviam alguns jornais da semana. Assim, em pleno início da década de 70, eu já chegava fuçando tudo e procurando pela Folhinha (era esse mesmo o nome?) para poder ver aqueles desenhos que me agradavam tanto. Sim, *ver*, pois eu sequer era alfabetizado...

Mais tarde, ainda na infância e assim que aprendi a ler (graças ao Adilson, meu irmão mais velho – *valeu, cara!*), nosso vizinho – cujo nome era “Seu João” (não é um nome perfeito para um vizinho?) – abriu para mim as portas de um tesouro. Em sua garagem haviam prateleiras e mais prateleiras de gibis dos mais variados tipos. Suas filhas haviam crescido, eram adolescentes, e aquilo já não lhes importava mais. Não sei dizer quantas horas eu devo ter passado dentro daquela garagem (pois, sabiamente, ele não permitia que as revistas saíssem de lá) onde lia, dentre outras, revistas do Tio Patinhas, Pato Donald, Mickey, Gasparzinho, Riquinho, Brasinha, O Gigante Miudinho e, claro, Turma da Mônica ainda em suas primeiras estórias.

Passada essa “fase de alfabetização” meio que deixei os quadrinhos de lado no decorrer do restante de minha infância. Não que eu não lesse alguma coisa de quando em quando, mas num típico bairro tradicional de cidade do interior existem MUITAS outras coisas para serem feitas e exploradas por uma criança hiperativa...

Lembro-me que, bem no comecinho da adolescência, passei a me interessar pela revista *Mad* – ainda com os desenhos originais americanos. Don Martin e Aragonés (com suas impagáveis “tiras de rodapé”) eram autores que me cativavam. Seções específicas, tais como “a sombra sabe” ou “respostas cretinas para perguntas imbecis” eram hilárias. A famosa dobradura da última página sempre tinha algo *nonsense*. Mas, mais do que tudo isso, aquele traço de caricatura das estórias principais, sempre tirando um sarro de filmes que eu adorava – ah, isso sim era o máximo!

Heh... Tocam sininhos na minha memória que, lá pela oitava série, devo ter aprontado uma das boas... Tanto, que minha mãe me fez vender TODA minha coleção para uma banca de revistas usadas e doar (sim, DOAR) esse dinheiro para a Igreja. Desse episódio a única coisa que me lembro

bem foi de, com muito sacrifício, caminhar até a enorme urna verde que ficava bem no meio da igreja de Santana e depositar lá o envelopinho com todos os míseros trocados que foram pagos pelas revistas...

Nesse momento, já versado em estórias mais complexas e em traços mais refinados, a fase seguinte aconteceu naturalmente. Meu irmão mais velho – aquele que me ensinou a ler, lembram? – estudava engenharia na USP – Universidade de São Paulo e, durante as férias, fui passar uma semana com ele lá no CRUSP – Conjunto Residencial da USP. Mesmo já sendo um quase adolescente, eu ainda era muito novo para desventuras etílicas ou tabágicas, mas me recordo bem da incontável quantidade de bichos grilo por metro quadrado que encontrei por lá! Coisa de louco (literalmente falando). E, para um garoto nessas condições, entediado por não ter o que fazer, tudo que me restou foi fuçar nas coisas do *brother-san* para ver se encontrava algo interessante para ler. E o que achei? Nada mais, nada menos que *Asterix e o Combate dos Chefes*.

Nunca ri tanto sozinho por tanto tempo.

O traçado, as tiradas, as referências, os diálogos, o humor – simplesmente TUDO era ótimo naquela revista!

Fui irremediavelmente fisgado por esses personagens e não parei enquanto não consegui juntar todas as revistas da coleção. Aliás, nessa minha coleção, o exemplar que tenho do Combate dos Chefes é exatamente o mesmo que estava com meu irmão naquela época...

Pois bem, de volta à terrinha, fui cada vez mais entrando na adolescência e tendo todos aqueles interesses que todo adolescente costuma ter.

Exato.

Eu queria uma bicicleta!

Como não dava pra comprar uma – pai mecânico, mãe costureira e um orçamento familiar apertado – fui dar uma de enxerido numa bicicletaria perto de casa e não sosseguei enquanto não me contrataram “para aprender o ofício”. Com meus pagamentos ora em peças ora em dinheiro aos poucos pude construir minha primeira bicicleta.

E o que tem isso a ver com o assunto deste texto?

É que o filho mais velho do dono da bicicletaria, o Jesimiel (êita nominho!) costumava deixar no canto de uma das prateleiras os gibis que lia. E,

lógico, lá fui eu fuçar. E encontrei algumas das primeiras edições de Conan, com traços do John Buscema!

Eu não conseguia compreender como era humanamente possível que alguém pudesse produzir aqueles desenhos somente com nanquim, sem se utilizar de nenhuma cor ou tonalidade de cinza, e ainda assim o produto final ser tão perfeito, cheio de vida e movimento. Parecia impossível, mas o mestre conhecia de seu traçado.

Estávamos em meados da década de oitenta e minha coleção durou exatos dez anos. Parei no número 120 da revista, pois as estórias acabaram ficando por demais repetitivas e a nova geração de desenhistas estava cada vez pior.

Por gostar desse tipo de arte – só nanquim – acabei me interessando pelos contos do Lobo Solitário – uma série recentemente relançada integralmente em seus 28 volumes.

Creio que é dessa época também minhas viagens nas estórias de alguns bons artistas brasileiros – em especial, é lógico, Angeli e Laerte.

O primeiro, dentre outros personagens, com o escrachado Bob Cuspe, e Laerte, também dentre outros, com os impagáveis Piratas do Tietê! E, mais tarde tendo o Glauco se juntado à trupe, teríamos os fantasticabulosos *Los Tres Amigos*.

Tudo isso curti e curto até hoje.

Pois bem. Tendo aprendido a (tentar) ser mais criterioso em minhas escolhas, quase que sem querer, lá pelos idos de 86, veio parar em minhas mãos uma revista que fez toda a diferença. *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, de Frank Miller. Num futuro caótico somente um personagem igualmente caótico poderia ser a solução. Não só a narrativa, nem tampouco os traços, mas, principalmente, a linguagem cinematográfica inserida naquele gibi tinha um quê de sensacional – era um *storyboard* completo!

Desde então passei a colecionar a linha DC Comics. Passei a conviver com os dramas de Superman, Batman, Lanterna Verde (EXCELENTE personagem) e todos demais heróis da linha. Com um pouco de trabalho e um tanto de teimosia, em bancas de revistas usadas consegui voltar até o ano de 84 e resgatar todo o início das tiragens pela Editora Abril. Aliás, não parei mais. Coleciono até hoje.

Mas, em especial a partir desse Batman, passei a me interessar também por muitas das chamadas – à época – “revistas alternativas”. Aquelas que ninguém comprava e que mais tarde se tornariam *cult*. Só pra citar o básico do básico é desse período *V de Vingança* e *Watchmen* – pra se ter uma ideia...

E então veio Sandman.

Neil Gaiman, no que considero seu melhor trabalho, criou todo um universo – com começo, meio e fim – tendo por base tudo que já existe. E essa é a maravilha da coisa. Tratavam-se de estórias tão fortes que superavam os artistas que a desenhavam. Mesmo quando o desenho não agradava, o conto era perfeito. Com a exata dose de suspense, de mistérios e de segredos (Caim e Abel que o digam), somada à capacidade de deixar nas estórias algumas pontas soltas que seriam novamente amarradas em algum outro momento, tornavam fascinante a leitura dessa revista.

A narrativa toda girava em torno de Sandman, um dos Perpétuos, sete irmãos que não são deuses, nem mortais, mas aos quais todos se curvam – Sonho, Morte, Desejo, Delírio, Desespero, Destruição e Destino (ou, do original, **D**ream, **D**eath, **D**esire, **D**elirium, **D**espair, **D**estruction e **D**estiny).

Foram exatas 75 edições.

E fim.

Tal como Bill Watterson, uma vez dito tudo que tinha para dizer, Gaiman calou-se. Ou quase. Sempre houve – e talvez continue assim – edições especiais e alguns contos complementares. Por exemplo, Daniel, que substituiu Morpheus, já apareceu em algumas edições da Liga da Justiça; Caim e Abel volta e meia surgem em alguma revista com estórias específicas; mas, em especial, a Morte sempre retorna!

Talvez um dos personagens mais carismáticos surgidos dentro desse universo compacto tenha sido a irmã mais velha de Sonho, uma linda goticazinha com um bom humor insuportável! Simplesmente cativante...

Enfim, as revistas de Sandman me apresentaram, coexistindo nesse mesmo universo, vários outros excelentes personagens – quase tão interessantes quanto o próprio. Estamos falando da linha Vertigo. Para não me estender, ficarei com Tim Hunter, uma espécie de Harry Potter *antes* de Harry Potter, da série Livros da Magia e, obviamente, aquele arrogante, negligente, enganador, safardana e mestre do ocultismo conhecido como *John Constantine*.

Enfim, gosto de tudo isso e muito mais.

Não posso deixar de citar outros tantos quadrinhos que admiro, tais como Calvin, Garfield, Snoopy, Hagar, etc. Talvez, também, uma pitadinha de Marvel...

Porém não se enganem! Não deixo de ler um bom livro – quer seja técnico, clássico ou contemporâneo – mas definitivamente não abro mão de meus gibis.

### *O Fim da Picada - O Início*

*Quando começamos a contar para as pessoas o que havia acontecido, minha parte da história começa numa fria noite de sexta-feira, bem assim:*

E então, depois de um dia de trabalho exaustivo, decorrente de uma semana de trabalho exaustiva, lá estava eu, em casa, me preparando para dormir logo após uma saudável refeição altamente nutritiva (um X-Bacon, é lógico). Últimas repassadas nos e-mails... Checada nos tuítes... Uma visitinha ao Face... E veio aquele calafrio, seguido de uma tiritada de frio! Num arresisti e atualizei o status lá do Face dizendo o quão gelado estava! Exatamente 14 minutos depois eu recebo, direto de Sampa, a seguinte mensagem:

*"Vamos pra FLIP, tipo... agora?"*

Coisa mais inusitada! Me pegou totalmente de surpresa! Avaliei o que foi proposto, ponderei acerca das consequências, analisei as dificuldades, perdi-me em pensamentos acerca dos prováveis desdobramentos de um ato eventualmente tresloucado de pegar estrada naquela hora, enfim, considerei fria e calmamente todas as possibilidades mediatas e imediatas acerca daquela proposta. Nisso devo ter demorado aproximadamente uns 0,013 segundos...

*Simultaneamente, em um tempo e espaço dimensional diferentes, lá estava ela:*

Sabe quando você olha à sua volta e sente que tem a vida mais besta e sem graça do mundo? Era assim que eu estava me sentindo. Uma semana inteira trabalhando! Sete dias seguidos com os olhos grudados em frente ao computador, bolando estratégias malucas pra fazer o nome de um filme ecoar pelos quatro cantos do país. Trabalho, trabalho, trabalho e mais

nada, sabe? Nenhuma diversãozinha básica. E tem gente que ainda acha que o que eu faço é glamouroso... Pfff! Eu estava na labuta numa sexta-feira, às onze da noite, sentada numa cadeira de papai, de pijama, xícara de chá de camomila na mesinha ao lado, notebook no colo, pantufa das tartarugas ninjas nos pés, dois aquecedores ligados na sala porque um só não estava dando conta do recado. Cenário lindo, né? Pois é... A vida de uma web-editora-escritora-marketeira pode facilmente ser confundida com a de um aposentado que ainda acha que dá um caldo.

Pra espantar o tédio e os pensamentos, abri o Facebook. Não adiantou muito, já que a timeline não ajudava em nada, contando somente que meus amigos estavam todos ocupados exibindo suas vidas off-line na on-line. Antes que eu implorasse ao Mark Zuckerberg um botão de "não curti", vi ele postar uma frase manifestando toda a sua alegria por jantar um... X-Bacon!? E ainda fazia graça com aquele tempo horrível de gelado. Era o próprio Macaulay Culkin, vivendo uma espécie de versão adulta do *Esqueceram de Mim*...

E eu a cem quilômetros de distância, praticamente falando sozinha...

*"Pfff... Como é que alguém pode tuitar felicidade só por causa de um X-bacon?"*

E sorri de saudade do bestão, sem mover um dedo pra deixar ele saber disso. Mas, inevitavelmente, continuei pensando...

*"Isso... Vai em frente. Dá vontade de responder que quem precisa de bacon constrói pontes de safena, mas se eu fizer isso ele vai saber que é indireta e indiretas pela Internet me deixam doida e eu cansei de ser doida. Além do mais, uma indireta chama outra indireta e, quando a gente vê, tudo parece que foi escrito com uma intenção, viramos o centro do universo e tudo passa a parecer teoria da conspiração. Não... Deus me livre. Cansei (mesmo!) de ser doida."*

Quieta no meu canto da internet, deixei ele quieto no dele. Um momento histórico de sanidade que durou uns 0,013 segundos, até que vejo ele postar outra mensagem e voltei a pensar...

*"Sério que você também vai passar a noite postando no Facebook? Putz... Como a gente é looser..."*

Comecei a achar que a vida dele talvez estivesse tão besta feito a minha e seria o fim da picada se deixássemos isso acontecer só porque já era quase meia-noite e só porque somos adultos, sensatos, equilibrados o suficiente pra não nos deixarmos levar por impulsividades do tipo...

*“Vamos pra FLIP, tipo... agora?”*

Juro que não sei porque cliquei no maldito botão de enviar mensagens e escrevi aquilo. Eu tinha certeza absoluta de que ele diria não. Mas...

*Enquanto isso, eu, nestas plagas interioranas:*

Bem resumidamente tivemos o seguinte diálogo:

*“Cê tá falando sério?”* – rondou-me a desconfiança de uma piada que eu não havia entendido.

*“Tô”* – lacônica resposta, sem explicação ou motivação.

*“Então vamos”* – afinal de contas o assunto já havia sido exaurido mentalmente numa ferrenha discussão comigo mesmo já há muitos segundos atrás.

Combinada a viagem no carro dela, ficou de passar em casa dali a duas horas para me pegar. Quatro horas depois lá estava ela. Ah, essas mulheres...

*Nesse meio tempo, ela:*

Nem voltei no Facebook pra ver a resposta! Se ele não tivesse entrado no MSN pra se certificar de que eu não havia escrito do dedo pra fora, eu teria ido dormir. Ele perguntou se era sério, falou alguma outra coisa sobre a volta, eu disse qualquer coisa para que mantivéssemos o foco na ida e, quando vi, desliguei o celular dizendo que chegaria em Jacareí em duas horas.

Me pergunta se dois minutos depois eu sabia o que era tédio? Nem lembrava mais! Aumentei o som e sai dançandinho a trilha sonora do *The Blues Brothers*. E, como costumo ser muito prática, foi jogo rápido: certifiquei-me de que todas as notas sobre o filme estavam programadas e apertei o botão de desligar fazendo a oração do off-line...

*“Querido Deus... Eu vou desaparecer um fim de semana inteirinho e espero que ninguém perceba e se perceberem por favor faça com que o filme seja a maior bilheteria do ano e ninguém me aborreça.”*

Dei uma olhada no melhor caminho indicado pelo Google Maps, desliguei o notebook, corri pra tomar banho, passei um tempo olhando pro meu guarda-roupa como se ele fosse uma equação matemática sem solução aparente, liguei pros amigos que estariam em Paraty resolvi a equação escolhendo algumas roupas, botei a fofoca em dia, fiquei na dúvida se

levava ou não o pijama, carreguei a bateria da câmera fotográfica, verifiquei os celulares, achei um absurdo eu ter dois celulares, esqueci os óculos, voltei pra pegar os óculos, troquei a bota pelo tênis, levei mais uma blusinha, mais um casaco, troquei de batom, sorri pro espelho, fechei a porta, parei no posto de gasolina, verifiquei se estava tudo certo com o carro, com meus documentos e...

*"Putz... Ainda bem que não esqueci o GPS!"*

Quatro horas depois, eu estava em Jacareí esperando por ele no portão do condomínio errado, cem metros depois do que ele mora. Mas...

*"Putz... Três da manhã! Ah... Tudo bem... Paraty é logo ali mesmo."*

### *O Fim da Picada - A Saída*

*Com tudo combinado, depois de breves cochilos entremeados de curtos e estranhos sonhos, meu despertar foi assim:*

Três da manhã, então. Acordo com o celular tocando e aquela tradicional sensação de quemcosô, oncotô, proncovô... Atendo. Ela chegou. *"Vamos?"* Checo todo o indispensável material necessário que arregimentei para uma viagem desse naipe, ou seja, a roupa do corpo. Celulares carregados (eu também gostaria de ter apenas um), carteira sem absolutamente um centavo sequer (lá deve ter um caixa rápido... TEM que ter!), tênis para andar nas desniveladas ruas de Paraty e – lógico – meu inseparável chapéu! Saio de casa e, ao passar pelo incrédulo olhar do porteiro (que deve ter pensado algo como *"onde será que esse caboclo vai a essa hora, nesse frio e a pé?"*), chego à rua e...

Cadê?

Olho para um lado, nada. Para outro, nada. *"Vai ser a pior piada da face da Terra se isso tiver sido um trote... Pior ainda: e se tiver sido um sonho?"* – pergunto eu aos meus estarrecidos botões... E o porteiro esticando o pescoço pela janelinha, tentando ver o que eu fazia...

Já começando a duvidar que realmente tinha recebido uma ligação comecei a andar rua abaixo quando vi um carro parado logo adiante, bem em frente ao condomínio do lado. Ok. Não foi um sonho. Ufa! ACE Ventura (que foi como batizei o carro naquele momento) havia chegado!

*Enquanto isso, estando ela parada em frente do condomínio errado, outros despertares estavam em andamento:*

Antes de começar a escrever minha parte dessa história, acho melhor contar um segredo meio esquisito. Não é nada grave mas, como se torna gritante durante algumas viagens, vale a explicação.

Dentro da minha cabeça moram duas vozes que raramente concordam uma com a outra e, nem sempre, comigo. Uma delas, a mais tranquila, tem todo o meu jeito. Ela pega leve a maior parte do tempo e é uma apaixonada nata. Gosto muito dessa voz, gosto da forma positiva que ela vê o mundo, dos detalhes que me conta e saca nas pessoas. É meio tonta, meio tagarela, meio confusa, mas é uma voz “do bem” e que convive bem com todo mundo. Quer dizer... Todo mundo, menos com a “do mal”.

A outra voz moradora da minha cabeça, foi apelidada de “do mal” por mim e pela “do bem”. A do mal é exigente, questionadora e racional aos extremos. Ela não dá mole nem pra do bem, nem pra mim, nem pra ninguém. Minha sorte é que ela não tem a menor paciência pra nós duas e acaba aparecendo pouco, graças a Deus. Quando aparece, deixa claro que despreza a do bem e que eu não me canso de decepcioná-la. Um dos únicos momentos que concordamos é viajando, é na estrada. A do bem ama cada teco de natureza desse planeta, cada olhar sobre qualquer universo, inclusive o universo de experiências e sentimentos que compõem cada pessoa. A do mal também, mas é muito mais prática, não curte perder tempo na vida. Ela sabe que viver tem prazo de validade e é assumidamente uma caçadora de prazeres, embora não seja facilmente conquistável. Pra variar, ela não vai muito com a cara dele, acha que nós dois temos defeitos meio parecidos e diz que o maior deles é não termos muitas qualidades. Basta eu lembrar que ele existe e ela surge do nada, de braços cruzados, dizendo que gosta mais dele escrevendo do que existindo. Desde sempre, sei que ela tenta me ensinar a viajar sozinha, me mostrar os encantos da liberdade absoluta, mas sem muito sucesso. Qualquer ser humano (tanto pra mim quanto pra do bem) é uma grande viagem. Algo que a do mal se recusa a entender, chama de prisão de luxo e me aponta um milhão de exemplos de humanos previsíveis e empatadores de emoções. Às vezes concordo um pouco, mas sei também que ela diz isso por egoísmo, por querer andar sozinha e assoprar os caminhos que deseja seguir, sem muita discussão. Ainda bem que quase sempre ela é voto vencido, já que qualquer estrada ou pessoa boa ainda me divertem, ainda me causam bons arrebatamentos.

Naquele dia – assim que cheguei cantarolando com a do bem em Jacareí – tive a impressão de que a do mal só se ligou onde estávamos quando olhei pelo retrovisor, o vi ajeitar o chapéu e caminhar na direção do carro. Foi só eu olhar essa cena e lá veio ela aparecendo de sopetão...

– E aí? – Saiu das profundezas do meu cérebro, riscando seu salto alto dentro da minha testa e cruzando os braços ao lado da do bem.

– E aí o quê!? – Assustou-se a do bem.

– Isso lá é hora de você aparecer? – Perguntei eu, já com vontade de mandá-la dar uma volta pelo meu fígado.

– É sério que vocês duas vieram parar em Jacareí a essa hora? Posso saber porque não pediram a minha opinião?

– Ahhh, não enche do mal! Hoje não. Tô precisando de folga. Inclusive de você.

– Não é uma viagem qualquer... É uma *"viagem de uma hora pra outra"*!

A do bem se sente acuada por ela, vive justificando tudo, mas nesse caso fazia sentido. *Viagem-de-uma-hora-pra-outra* é, entre nós três, uma frase mágica que quase transformamos em uma palavra só e nos desperta a união. Era ouvi-la e concordávamos, amávamos de paixão cada instante, indiscutivelmente, desde quando éramos crianças.

– Vocês armaram uma viagem-de-uma-hora-pra-outra sem me consultar!? Sério?

– Se tivéssemos "armado" não seria uma viagem-de-uma-hora-pra-outra, né do mal?

– E desde quando vocês precisam ser convidadas, para aparecerem?

– Ok. Mas são três horas da manhã e você está parada com o carro numa rua de Jacareí. Você sabe me dizer exatamente o porquê?

– Ela sabe! Vamos pra Paraty. Conhecer a Flip! – Acho tão bonitinho quando a do bem tenta me proteger da do mal...

– Hahahahaha! E você acreditou nela, sua mega-tonta!?

– Anram.

– Tsc, tsc, tsc... Arrááá! Eu sabia! Olha o do chapéu vindo ali! Eu sabia! Ela nem gosta muito de ler!

– Não gosto mesmo! Gosto de escrever, não gosto de ler e todo mundo tá careca de saber. Qual a novidade?

– É verdade... Esqueci que agora você não mente mais...

– Con-ti-nu-andooo, dona do mal: vamos pra Paraty pegar essa estrada linda que te fez dormir por um bom tempo, vamos ver amigos e passear por aquela cidade que mais parece uma poesia de tão encantadora. Tô indo comer peixe no Dona Ondina e passar horas naquela varanda que deixa nós três de bom humor. De repente até compro e leio um livro! Quem sabe? Se a promessa for boa, mudo de opinião. Mas vou pra experimentar cachacinhas, sentir um pouco de sol, de sal e me permitir viver um pouco além do...

– Ok, concordo com tudo isso. Só não entendo porque o grandalhão do chapéu tem que ir junto.

– Ele é legal, do mal...

– Isso! Porque ele é legal. E porque adoro gente que diz sim para os caminhos inusitados dessa vida, ao invés de viajar na maionese discutindo certo, errado e adequado dentro da própria cabeça e sem sair do lugar. A do bem tem razão. Ele é legal e topou uma viagem-de-uma-hora-pra-outra. Até hoje, quantas pessoas nós conhecemos que aceitaram e curtiram isso numa boa? Hein? Hein?

– ...

– ...

– Ótimo. Que bom que nós três concordamos.

– Ok... Você que sabe. Quero só ver aonde isso vai dar. Aceitar – do nada – um convite, é uma coisa. Querer viajar junto, de verdade, é outra.

– Quer saber? Menos, do mal. E olha aqui... Isso é pra vocês duas e é muito sério: se abrirem a boca pra dar um piu durante essa viagem, eu juro que...

– Oi.

– Oi...

Fomos interrompidas pela entrada dele no carro. Retribui o oi, dei-lhe um sorriso com suspiro aliviado e me dei conta de que – tanto a do bem quanto a do mal – estavam erradas. Ele era mais do que um cara legal e até que tem ido relativamente bem existindo. Sei também que viajar junto e fazer uma boa viagem é das coisas mais difíceis, mesmo sendo por um curto período ou trajeto. A do mal tinha suas razões pra questionar pra onde

íamos e com quem, mas precisava compreender que quem se joga na estrada as três da manhã com uma mulher que está no volante conversando com duas vozes do além, é no mínimo alguém de coragem. E isso, nós três sempre admiramos.

Foi assim, entre sorrisos e logo depois de ligarmos o aquecedor do carro pra espantar o frio que nós quatro odiávamos, que as duas silenciaram e passaram a fazer o que mais gostam: olhar a paisagem, mesmo no escuro, e seguir em frente. Quietas... Quietas e atentas. E me deixaram conversar só com ele, pelo menos por um tempo...

### *O Fim da Picada - O Caminho*

*Após nossa saída, finalmente a caminho de Paraty, surge a dúvida:*

Já na estrada perguntei a ela que caminho pretendia fazer até Paraty – pois pensei na estrada que liga Taubaté a Ubatuba, ainda que seu trecho de serra fosse meio chatinho, pois, que me lembrasse, a qualidade do asfalto por lá não era grande coisa. Pensei (mas não sugeri) que poderíamos também descer pela Tamoios – a estrada que liga São José dos Campos a Caraguatatuba –, mas teríamos que pegar um longo caminho beirando o mar. Ao que ela me respondeu que, segundo o GPS, havia um acesso logo ali na altura de Guaratinguetá, passando por Cunha, que já daria direto na cidade de Paraty. Já naquele momento alguma coisa soou na minha cabeça... Cunha... Paraty... O que eu já tinha ouvido falar desse trecho mesmo? Bem, não devia ser nada de importante... Limitei-me a responder *"Legal, vamos por lá então! Bendito aparelhinho de GPS, hein?..."*

*Nesse meio tempo, nos caminhos da sempre pensante cabecinha dela:*

No final do ano passado fiz uma viagem de carro com uma amiga que estava prestes a casar. Somos amigas desde garotinhas e, logo depois de ouvir todos os detalhes sobre a decisão dela e do namorado de morarem juntos, minha primeira reação foi:

– Despedida de solteira!

E a dela foi...

– Hum... Quantos dias?

Passamos trinta dias na Califórnia, alugamos um Mustang conversível, dirigimos de San Diego a San Francisco, entregamos o carro em Las Vegas, falimos em Bahamas e ambas confessamos que em vários momentos só o que queríamos eram poderes paranormais para nos teletransportar para nossas casas. Sabe quando alguém tem poucos graus de miopia, não usa óculos e esquece que ela aumenta com o tempo e a falta das lentes? Nossa viagem foi uma lente de três graus. Nos demos conta do passar do tempo, percebemos que não gostávamos mais das mesmas rotas e transformamos o silêncio em um terceiro passageiro.

Conclui muita coisa sobre viagens de carro na despedida de solteira da minha melhor amiga, mas as mais importantes foram:

**1)** Acertar a sintonia entre duas pessoas dentro de um carro é mais difícil do que atravessar o deserto de Nevada. A pé.

**2)** Respirar fundo. Três vezes. Principalmente quando começar a desejar que uma ilha ou alguém que você ama, desintegrem do planeta e reapareçam em Marte.

**3)** Sempre questione o seu GPS. Sempre.

Quando voltamos para o Brasil, quase aplaudimos o pouso do piloto no aeroporto de Guarulhos. Ela casou, eu me separei e nós duas só não nos separamos pelos bons milagres da amizade. Desde então, mesmo que seja de São Paulo a Praia Grande por uma única tarde, penso duas vezes sobre o caminho sugerido e a companhia escolhida. Sempre. Quer dizer... Quase sempre. Eu fiquei tão contente com o sim que ele me deu para aquela “viagem de uma hora pra outra” até Paraty, que realmente descartei qualquer possibilidade de algo dar errado. Além do mais, quando o GPS disse para seguirmos em frente e virarmos à direita para a cidade de Cunha, alguma coisa soou na minha cabeça... Cunha... Paraty...Virar à direita... Esse batom não tá legal... Beleza! Conheço o caminho. Não tem o que dar errado.

Não pensei em mais nada, muito menos depois de encontrá-lo em Jacareí. Esqueço da vida, ao viver a vida... Você deve saber como é. E foi estranho imaginar que o tempo passa e as pessoas realmente mudam. Estranho pensar que hoje em dia tenho mais afinidades com ele do que com uma amiga que me viu crescer e existir em tantas fases. Não é fácil acertar a sintonia das relações... Às vezes a gente fala demais, às vezes de menos. Às vezes a música completa, alegra, distrai. Às vezes ela atrapalha, confunde ou se faz necessária. Pessoas que conhecemos há anos se

tornam completas desconhecidas da noite para o dia e outras, que acabaram de chegar, parecem saber quem somos há trezentos anos. É estranho, mas curiosamente me parece bom...

*Enquanto isso, meu sempre analítico eu*
*do meu lado daquela nau, digo, daquele carro:*

Prosseguimos viagem com o excelente proseio de sempre. Acho absolutamente incrível como a gente consegue ter assunto o tempo todo, todo o tempo. Normalmente nossas conversas fluem naturalmente por horas a fio... Depois de algum tempo fizemos uma providencial parada para um café e esticar as pernas. Na altura da cidade de Aparecida, viramos à direita, rumo à segunda estrela e seguimos em frente até o amanhecer...

Mas o amanhecer mal havia chegado e estava pronto para nos pegar muito cansados – e bem quando chegávamos em Cunha, depois de uma excelente estrada com um ótimo asfalto (e, deveríamos ter percebido, bem pouco trânsito). Concluímos que, faltando apenas cerca de 30 quilômetros para chegar, seria uma boa ideia descansar em algum hotel ou pousada em Cunha mesmo – até porque, por conta da Flip, todas as pousadas DO MUNDO em Paraty deveriam estar lotadas. É lógico que rodamos aquela cidade deserta, às cinco e meia da manhã, e não nos deparamos com viv'alma. O único hotel facilmente encontrável era, na realidade, uma pousada.

E nada de ninguém atender a campainha – ainda que insistentemente tocada. Pô! Custava terem atendido? Só porque nem sequer os galos ainda tinham se aventurado para seu canto matinal? Bem, sendo assim, resolvemos então prosseguir viagem, até porque a parada e o frio intenso do lado de fora do carro serviu para despertar do cansaço. Ou seja, em última análise, tocamos a campainha e saímos correndo, tal qual velho costume de criança...

### *O Fim da Picada - Interlúdio*

*Ainda que pela metade, esta é a continuação da aventura que*
*agora se tornou uma narrativa*

Falha-me a memória se a parada que fizemos foi antes ou depois de chegar em Cunha... Naquela pousada em que não pousamos. Creio que deve ter sido antes...

*“Que parada?”*, perguntariam os incautos.

*“Simples!”*, responde-lhe este cauto que vos tecla.

Estrelas no céu.

Nem mais, nem menos que estrelas no céu.

A noite estava ligeiramente fria e, longe das grandes – e pequenas – cidades, foi possível ver o brilho de cada uma daquelas estrelas que estavam à nossa disposição. Paramos o carro, acendi um cigarro e filosofamos um pouco sobre aquele espetáculo que, ainda que diariamente estivesse presente, raramente tínhamos a capacidade ou sequer o interesse de simplesmente olhar para cima. Ficamos algum tempinho ali, na beira de uma estrada totalmente deserta, encostados no carro, comigo abraçando-a pela cintura e ambos simplesmente olhando para cima...

Constelações inteiras à nossa disposição, as Três Marias nos acenando, verdadeiro deleite visual numa fria noite de inverno. Um cenário de verdadeiramente perder o fôlego.

Enfim, uma fantástica miríade de pontos luminosos e brilhantes sobre um veludo negro somente visíveis em locais tal qual aquele onde estávamos, ou seja, total e completamente afastados da civilização e de suas luzes artificiais, de modo que podíamos apreciar todas aquelas luzes naturais.

Inclusive as coloridas que piscavam e se moviam no céu...

E foi assim, com esses sinais de bons presságios que prosseguimos tranquila e animadamente nosso caminho!

Mal sabíamos o que, muito em breve, nos aguardava...

### *O Fim da Picada - A Estrada*

Bem, já ao alvorecer do dia, prosseguimos viagem, sempre num proseio animado, até que, de repente, não mais que de repente, com um belo dum solavanco, o asfalto simplesmente acabou, dando início a uma estrada de terra!

Paramos o carro.

*“Quiéisso???”*, ela perguntou.

*“Estrada de terra, uai...”*, respondi-lhe dizendo o óbvio do óbvio (uma de minhas muitas inúteis especialidades natas).

Numa rápida consulta ao GPS, o desgraçado informou que era por ali mesmo e que ainda faltavam cerca de vinte quilômetros até o centro de Paraty. Ou seja, simplesmente não existiam alternativas. E vamos combinar que voltar trocentos quilômetros até a Via Dutra, retornar até Taubaté para, dali, descer a serra, bem, isso definitivamente NÃO era uma alternativa...

Alás, perdidos que estávamos em nossas conversas, um pouco antes havíamos apenas vislumbrado – mais pela visão periférica que por merecida atenção – uma placa bem no final do asfalto, onde supomos que deveria informar sobre a divisa de estados: ali acabava o Estado de São Paulo e começava o Estado do Rio de Janeiro. Que putz! Ficou claro que a infraestrutura havia ficado lá em São Paulo!

E ela, por sua vez, estava simplesmente pasma. Não era possível que aquilo fosse realidade. Uma estrada de terra, e, ainda por cima, bem ruinzinha. Foi então que lembrei-me o que era que tinha ouvido falar acerca daquela estrada: é que era ruim mesmo. Pecava pela falta de conservação, etc, etc, etc. E tinha ouvido isso foi numa conversa com um antigo chefe já há mais de dez anos! Bem, desde então com certeza a estrada não deve ter melhorado, não é mesmo?...

*“Não acredito. É o fim da picada! Como é possível que isso exista? Uma estrada de terra? Aqui? É o fim da picada!”*

Ela continuava pasma. De minha parte, hoje, sabendo a história completa, me pergunto como estariam se comportando a Do Bem e a Do Mal lá dentro daquela cabecinha reviravoltada. Provavelmente, naquele momento, AS TRÊS deveriam estar querendo jogar o Do Chapéu montanha abaixo...

Já com o dia tendo despontado, prosseguimos com toda cautela naquela estradinha surreal, descendo a serra, em boa parte à beira de abismos, com trechos onde mal passava um veículo e com pedras dum tamanho de fazer inveja a qualquer meteoro de respeito.

Creio não ter comentado que estávamos num Astra automático, ou seja, talvez o carro mais inapropriado deste lado do Equador para uma estrada daquele gabarito. Também não ajudava em nada o fato de haver um pouco de barro entre as pedras e poças d’água que não tinha como saber a profundidade. Fiquei de co-piloto, dando palpites por onde passar e por onde não passar e, sinceramente, não sei como ela simplesmente não me mandava calar a boca... Sua tensão era visível e mesmo assim manteve-se firme – ainda que receosa de que talvez aquela estrada não fosse dar em lugar nenhum, quando muito, talvez, numa porteira e só.

Inevitável não lembrar naquele momento do Ítalo Casoni, um sargento reformado do exército com o qual trabalhei já há muitos anos. Ele adorava contar causos de sua época da ativa, em especial quando sua unidade se embrenhava no meio do mato, com jipes, armas e toda aquela parafernália típica do exército. De quando em quando surgiam umas pontezinhas de madeira caindo aos pedaços (isso quando eles próprios não tinham que construir uma) e tinham que passar por ela com o veículo. E bem devagar. Quase parando. E o soldado, quando acabava de atravessar, de dentes tão cerrados muitas vezes estava com o maxilar travado tamanha a tensão pela qual passava! Pelo menos naquela estrada em que estávamos não havia disso...

E lá, com ela, dentro daquele carro naquela situação total e completamente inusitada, perdidos no meio de tanto verde, meio que me encolhi em mim mesmo nos meus devaneios. Explico. Ainda que uma parte de mim estivesse ali, de corpo presente, conversando e tentando trazer um pouco de conforto a ela que – literalmente – entre trancos e barrancos avançava com o carro serra abaixo, uma outra parte de mim estava viajando no meio daquela mata ancestral, com os primeiros pássaros despertando alvoroçados para mais um dia que se iniciava (e provavelmente se perguntando quem diabos eram aqueles dois malucos perdidos por ali), me fazendo lembrar de tantos outros lugares e acampamentos e situações e pessoas e vidas que já deixei pra trás. Sempre fui mais um sujeito de montanha que de praia, de rio que de mar. E ali, naquele local abençoado, meio que minh'alma começava a ser sugada por toda aquela imensidão de verde.

E eu estava ali, meio que presente, meio que perdido nessas lembranças e considerações, quando eis que, do nada, materializou-se no retrovisor e em seguida já estava nos ultrapassando, também descendo, uma caminhonete – acho que da Polícia Florestal ou algo que o valha.

*"Vamos perguntar se é esse mesmo o caminho?"* – ela sugeriu.

*"Que nada, não tem como não ser. Eles mesmos já estão descendo, não estão?"*

Não sei que raio de argumento foi esse, mas até ali ainda haveria um último raio de esperança de um eventual retorno. Ah, nós homens... Nunca nos rendemos a perguntar nada, não é mesmo?

Tendo a estrada melhorado um pouco depois de algum tempo (algo como tendo deixado de ser *"inacreditavelmente difícil"* para apenas

*“extremamente complicada”*), encontramos um marco implantado numa das curvas. Paramos pra ver. Era um dos marcos da Antiga Estrada Real!

Pelo menos agora – em tese – sabíamos onde estávamos!

Descemos, demos uma espreguiçada geral para aliviar a tensão, respiramos um pouco daquele ar absurdamente puro, tiramos algumas fotos e conversamos. Ela ainda cogitou voltar e eu, bom taurino teimoso como sempre[1], talvez indo contra toda a lógica racional para uma aventura daquela estirpe, ainda insisti que já sabíamos o quão difícil era o que já tínhamos encontrado e, dali pra frente, ainda não sabíamos o que iríamos encontrar e muito provavelmente talvez não tivesse como piorar.

É lógico que eu estava enganado.

### *O Fim da Picada - A Trilha*

Então.

Lembram-se que a estrada tinha mudado de algo como “inacreditavelmente difícil” para apenas *“extremamente complicada”*? Teimosamente seguindo em frente a estrada conseguiu se tornar *“absurdamente impossível”*...

Aquelas pedras que faziam parte de alguns pontos da estrada há centenas de metros atrás, agora eram A PRÓPRIA estrada! Sabem aquelas ruas de Paraty, com pedras gigantes, onde não se consegue andar a não ser que seja de tênis? Espalhe um pouco de limo e barro para todos os lados e enfie um carro por ali. E ponha tudo isso morro abaixo. Beeeem íngreme. É mais ou menos essa a imagem do caminho.

Já não cogitávamos mais voltar. Se aquela caminhonete havia descido, então também era possível que descêssemos. Mesmo num Astra. Isso caso a caminhonete não tivesse despencado ribanceira abaixo. Ah, sim! Ribanceira. Inúmeras. Em curvas fechadas e precipícios vegetais por centenas de metros abaixo. E, para ajudar, em vários pontos da serra minava água da montanha, fazendo com que tudo que não fosse pedra se tornasse um verdadeiro tapete de lama pra lá de escorregadio.

---

1 **Nota –** Somente para que tenham uma ideia do que é teimosia, sempre disse pra todo mundo que sou daqueles taurinos que tranquilamente colocaria o seguinte adesivo no carro: *“Não adianta me seguir, pois também estou perdido, não sei onde essa estrada vai dar, MAS VOU ATÉ O FIM!”.* Quão profético isso...

Já não era mais possível ser um mero co-piloto palpitando de dentro do carro. Tomar a direção também não era uma opção – até porque eu não tinha nenhuma intimidade com carros automáticos. Desci e fui caminhando de costas para a estrada e à frente do carro, um verdadeiro guia, batedor naquele nosso safári das letras. Pulando de uma pedra para outra, tentando não escorregar, dançando uma dança de contorcionismos, meio como um *Jack Sparrow* das montanhas, lá ia eu orientando as manobras do carro:

*"Isso... Agora vira tudo pra direita... Acelera! Para, para! Agora vira pra esquerda... Vem bem devagarzinho... Agora pra direita de novo! Força! Isso..."*

E assim por diante. E o carro vindo, todo desengonçado naquela estrada toda torta, às vezes começando ligeiramente a escorregar de lado, em direção à ribanceira, quando eu falava, suando frio: *"Dá uma aceleradinha só, vai, devagarzinho..."* E o carro voltava ao leito... Aquilo já havia deixado de ser uma estrada, era quase que meramente uma trilha!

Mas o mais fodasticamente incrível disso tudo foi o grau gigantesco de confiança que ela depositou em mim. Conheço muitas outras mulheres que numa situação como essa simplesmente teriam saído do carro, sentado na estrada e se colocado a chorar. Ela não. Confiou quase que cegamente no meu julgamento de que estava fazendo o melhor possível – mesmo quando o fundo do carro emitia barulhos horripilantes de metal se esfregando nas pedras, como o casco de um Nautilus prestes a arrebentar. E ela, lá. Firme. No mínimo deve ter enfiado a Do Bem e a Do Mal dentro do porta-luvas, só pra não atrapalhar...

Não sei dizer quantas centenas de metros durou esse sofrimento. Eu à frente e ela me seguindo. O medo de o carro quebrar ou enroscar de vez era uma constante. Isso sem falar em derrapar barranco abaixo! O dia já havia amanhecido e, pelos cálculos, sequer estávamos na metade do caminho.

Mas eis que o que já era inusitado acabou nos trazendo algo mais inusitado ainda! Além de todas aquelas pedras no meio do caminho, justamente quando a trilha parecia estar voltando a ser uma estrada, acabamos por encontrar algo totalmente inesperado!

UM BOTECO!

Isso mesmo: um botequinho, pé-sujo, de madeira, perdido no meio do nada!

E – pasmem – aberto!

Entre surpresos e cansados, apeamos do carro e fomos ver aquele local insólito dentro de um cenário que já era pra lá de insólito. Conhecemos o tiozinho que “toca” o lugar, proseamos um bocadinho e pudemos relaxar outro tanto. É lógico que ali, perdido no fim do mundo, as opções seriam limitadíssimas.

Com o friozinho que fazia e os pés meio que úmidos eu adoraria tomar um “choconhaque” – uma boa lembrança de quando fui pela primeira vez em São Thomé das Letras e que, numa situação de chuva calamitosa e barracas flutuando, encharcados até a alma, vim a conhecer essa saborosa mistura que aquece até o coração: chocolate quente com conhaque.

É lógico que ali ele não teria essa beberagem divina, quando muito a garrafinha térmica com café dele mesmo. Pra não passar em brancas nuvens, já que não teríamos um choconhaque, fiquei somente com o conhaque mesmo...

E, após tanta tensão, ela, embevecida com a paisagem, sacou de sua máquina fotográfica e começou a registrar tudo que podia – em especial a passarinhada multicolorida que cobria o lugar. O tiozinho explicou que ali era assim mesmo, e que os passarinhos já estavam até acostumados, até comiam na mão. Ante minha cara de incredulidade ele descascou uma banana e colou na murada. Aquilo ferveu de passarinhos! Coloquei uma raspinha na mão e a estiquei. E não é que veio mesmo um curiosinho dar umas bicadas na polpa da banana (e também da minha mão)?

Mais um pouquinho de proseio e de repente a gente ouve o inconfundível som de um motor de fusca. Não apenas um, mas dois, estavam descendo a serra, carregados até o talo de tralhas e, numa boa, como se estivessem passeando em pleno asfalto! De fato, fuscas são bodes mecânicos, aguentam ir até onde jipeiros não arriscariam...

Não sei precisar quanto tempo ficamos por ali, se apenas alguns minutos, meia hora, uma hora ou mais. Eu sei é que estávamos agora bem despertos e mais relaxados e com uma paisagem paradisíaca à nossa

frente. Um quê de comunhão com a natureza em poder olhar a paisagem até onde a vista alcança e apenas encontrar a mata densa, fechada, linda, soberba!

Até mesmo a estrada parecia que estava bem melhor a partir daquele ponto!

Mas não se enganem: Murphy é, sempre foi e sempre será um velho sacana – e com a cara do House...

Talvez pouco mais de uma centena de metros abaixo havia uma ponte de pedra no meio do caminho, no meio do caminho havia uma ponte de pedra... Larga o suficiente na justa medida para as rodas do carro passarem quase que na borda...

Foi minha última intervenção como guia. Bem devagar, com as rodas bem alinhadas, ela veio trazendo o carro em linha reta até passar a bendita da pontezinha – sempre olhando nos meus olhos enquanto eu, do lado de fora, ia vendo se as rodas não desviavam de seu trajeto.

Passado esse último obstáculo, de fato a estrada voltou a ser estrada – ainda que de terra, mas já dava para desenvolver até mesmo uma surpreendente velocidade de uns trinta a quarenta quilômetros por hora...

E continuamos nossas conversas e proseios, agora de fato relaxados, planejando o que faríamos onde ficaríamos e assim por diante. E como quando você não está dirigindo sempre acaba tendo mais liberdade para prestar atenção na paisagem, coisas e pessoas, de repente eu vejo as costas de uma grande placa e fico curioso. Enquanto estávamos passando ao lado da placa, fui virando a cabeça e pude ler o que estava escrito. Não me contive:

*“Para! Para! Para! Para esse carro agora! Você PRECISA ver isso!”*

Logo no começo da subida (ou no fim da descida, pelo caminho que fizemos) havia uma gigantesca placa com fundo amarelo e garrafais letras pretas, onde estava escrito:

***“ATENÇÃO***

***TRECHO***
***INTRANSITÁVEL***
***A PARTIR DESTE PONTO”***

Taquiôspa! Só agora que avisam? Não dava pra terem colocado essa bendita placa lá em cima, no começo, ANTES de a gente entrar na estrada? Que caramba!

## *O Fim da Picada - O Fim*

Enfim, chegamos.

Paraty.

Paramos na primeira pousada que encontramos – e que tinha vagas, pois, sob outro ângulo, era a última da estrada para quem viesse da cidade... Chalezinhos aconchegantes no pé da serra, embrenhados no meio do mato. Simplesmente perfeito.

Entre sangue, suor e lágrimas – mas sem lágrimas – pudemos descansar, relaxar, dormir, tomar um belo de um café da manhã (lá pelo meio-dia) e tudo o mais que um casal que passou pelo que passamos teria direito a fazer...

Mais tarde, já na cidade, eis que ela recebe uma ligação. Era da sua equipe. Fazia horas que estavam tentando falar com ela, mas não conseguiam... Por que será? Talvez porque no meio do nada onde estávamos simplesmente não existia a mínima possibilidade de um sinal de celular nos alcançar? É, acho bem provável. Enfim, tinham notícias para ela: O FILME BOMBOU! Uma das maiores bilheterias de lançamento! Sua felicidade era palpável! Êita oraçãozinho do off-line que funciona, né?

E nosso dia foi de passeios, encontrar e conhecer os amigos dela, livros, lanches, lembranças, cachacinhas, namoro, proseio e assim por diante. Já à noite, para que as inusitadices que passamos não ficassem para trás, mais uma ainda aconteceu. Procurando algum lugar para jantar e estando tudo lotado, ela lembrou-se de um certo restaurante que talvez ainda tivesse vagas e fomos para lá. Enquanto, distraídos, aguardávamos a liberação de uma mesa, veio um sujeito lá de dentro direto na minha direção; antes mesmo de acabar o percurso, quando lhe dei a devida atenção, pude ver bem quem era: meu Chefe!

Se tivéssemos combinado de nos encontrar não daria tão certo!

Fui até a mesa dele para prosear por alguns minutos – onde tinha mais uma turma nossa lá do trabalho – e, dentre outras coisas ele me perguntou:

*“Que legal, você por aqui! Quando vocês chegaram?”*

*“Ah, saímos de madrugada, mas só chegamos hoje pela manhã.”*

*“Caramba! Muito trânsito?”*

*“Na realidade, não... Zero de trânsito. Zero, MESMO. É que viemos pela estrada de Cunha – Paraty...”*

*“QUE LEGAL! Eu sou doido pra fazer essa trilha, também! Em que jipe vocês vieram?”*

*“Errr... Então. Nós não viemos de jipe, não... Descemos aquilo lá num Astra automático...”*

*“CUMÉQUIÉ???”*

Bem, não demorei muito e lhe expliquei num resumo bem resumido mais ou menos como foi nossa desventura... Voltei para minha mesa, onde desfrutamos o resto da noite com os amigos dela. E, dali, pegamos o rumo pra casa – dessa vez por estradas “de verdade” – mas como o cansaço já estava batendo em alto e bom tom à nossa porta, resolvemos fazer pouso na beira da praia. Encontramos uma pousada que resolveu que era possível receber aqueles dois malucos já de madrugada e, banho tomado, passamos mais uma noite aconchegante aconchegados numa cama macia. Pela manhã, acordamos e, de mãos dadas, pudemos ver o amanhecer à beira-mar... Simplesmente perfeito.

E foi essa a história. Fim da picada, fim do picadeiro, fim. Com pouco tempo acabamos nos afastando – totalmente minha culpa, não dela – e, cada qual no seu canto, fomos viver nossas vidas, nossos imaturos e dramáticos dramalhões. Dentre tantas outras coisas que passamos, foi nessa viagem-de-uma-hora-pra-outra que fizemos nossa história, que agora virou estória. Graças à minha eterna confusão de sempre cada um tomou seu rumo e vamos, muito bem, obrigado, vivendo nossas vidinhas...

Mas essa história é nossa. Foi nossa. Nada vai mudar, nada vai apagar. É certo que as palavras do lado de cá não fluem tão bem e não soam tão interessantes quanto do lado de lá, mas eu precisava acabar de contar essa história. Ela estava em aberto, inacabada, sem um fim. E toda história precisa de um fim para não ficar viva, flutuando a nossa volta, se fazendo presente, pedindo para que se retorne a ela. Durante tempo demais deixei-a em aberto, como que para manter um aroma, uma fragrância por perto. *Um quê de Alê.* Um último restinho de minha paixão que não foi forte o suficiente para se tornar amor. Essa história não foi o fim de nossa história, mas era a última história a ser contada e que ainda precisava de um fim.

***FIM.***

***Daquilo que não me sai da memória***

Seu sorriso.

Seu jeitinho único de conversar.

Uma conversa sem fim.

Da qual não se quer fim.

Seu toque.

Seu envolver.

Minha confusão de sempre.

Um carinho, um bem querer, um gostar maior que qualquer outro.

Mas não o suficiente.

Uma franqueza doída.

Um pedido de desculpas.

Um coração apertado.

Uma despedida.

A culpa de sempre.

A já familiar sensação de fracasso.

Novamente.

E um beijo.

Um beijo triste.

Mesclado.

Salgado.

Salgado pelas lágrimas que lhe deram tom e sabor.

E o vazio.

***Daquilo que desejei que vivêssemos...***

Contar e recontar a história de como nos conhecemos, igual ao dia que passamos no Pé pra Fora.

Ver você chegando no meu portão, tocando a campainha, olhando pra janela e me esperando jogar a chave... Igual a primeira vez que veio aqui em casa.

Trocar e-mails como se fossem cartas, trocar cartas como se fosse amor, mensagens como se palavras nos bastassem, posts daí e de cá como se precisássemos nos manter em segredo.

Te beijar sem o desespero da minha saudade...

Banho quente jogando conversa fora, outros filmes no meu futon, mais cobertores e vinhos na sua cama, meu queijo e o seu tomate seco na minha mesa.

Andar de mãos dadas.

Suas mãos...

Conversar abraçada.

Quentinho...

Morder seu nariz.

Seu rosto que me faz sorrir...

Deslizar meus dedos pelas suas mãos enquanto tagarelávamos...

Acarinhar seu coração enquanto te sentia triste...

Cabular o dia, dar a partida, ignorar todo o resto da vida só pra cuidar um pouco de mim e de você.

Compartilhar amigos...

Esbanjar carinho...

Passar outras tardes, noites e manhãs sem nos darmos conta das horas, adivinhando as horas...

Outras estradas... Escrever outras histórias.

Ouvir suas músicas, passar as minhas...

Dirigir, ver você dormir...

Esperar a intimidade chegar...

Conseguir dormir.

Brincar de pensar...

Brinde de garrafa...

Brinde de arco-íris, brinde de estrelas...

Brinde no café da manhã...

Café misturado com leite frio e pão na chapa com muita manteiga toda santa vez, iogurte com frutas e inveja do seu pedido pra mim.

Ouvir você falando de política.

Ouvir você falando das crianças.

Ver o seu jeito e seus olhares diante da vida que passa a nossa volta...

Sentir tanta vontade de escrever...

Escrever.

Seu livro.

Meu livro.

Nossos livros.

Caminhar na praia...

Caminhar pelas ruas e praças de qualquer lugar...

Pararmos pra você fumar, pra eu pensar, pra bebermos, pra tentarmos enxergar, pra descansar, pra abraçar, pra viver.

Passarmos mais tempo em pousadas como aquela da serra...

Dormirmos até mais tarde em pousadas como aquela da praia...

Vivermos nossos dramalhões mexicanos em paz e encontrarmos um jeito de rir e contá-los depois de superados...

Passar no final da tarde no seu trabalho e me perder em pensamentos sobre nós e gravatas e paletós e vestidos pra embrulhar presentes.

E ir contigo até o seu Armazém e ir contigo até o meu Armazém...

E conhecer o seu Arpoador e ver você no sol do meu Arpoador...

Suas vindas pra São Paulo e o resto da tarde comigo depois das reuniões...

Passar mais tempo beijando em vez de falando, mais tempo namorando em vez de pensando, passar o tempo sem pensar no tempo, sem dar tchau com o coração apertado, sem pensar em tudo que queríamos deixar de lado.

E conseguir dormir ao seu lado, dividir o colchão, o chão, meu coração. Aprender a te dar fôlego para enfrentar os dias, tirá-lo durante as noites...

Acordar com café, com sorriso de bom dia.

Tentar te fazer feliz... Me manter feliz.

Dar um ponto final para a confusão de sempre, uma exclamação para o seu coração meio cheio ou meio vazio, tirar a interrogação da minha porta aberta, sem saber se fecha ou espera mais um pouco.

Interromper de vez minhas lágrimas, por nunca saber o que fazer pra jogar nessa barriga quentinha, pelo menos uma mísera larvinha.

Amo você. E era o suficiente pra ter arriscado esperar o tempo nos dizer se ele se tornaria história ou estória. Mesmo diante da nossa imatura e dramática necessidade de deletar, amo você. E por tudo aquilo que desejei que vivêssemos, mesmo que fosse só um pouco mais.

Lembra se puder, se não der esqueça... De algum jeito vai passar.

### *Recordâncias...*

Até onde posso me lembrar, eu estava trabalhando.

Preocupado, vendo a papelada de sempre, com os telefonemas de sempre, pensando nas reuniões de sempre.

Quando menos esperava, já estava na hora do almoço.

Saí.

O ambiente, ainda que familiar, me parecia estranho...

Sei que, de cara, pouco antes da rua, numa mesa com outros dois rapazes (seria um deles seu marido?) eu a vi.

*Evanilda.*

Deixei de chamá-la de “falecida” há pouco tempo, por respeitosíssimas relevantes recomendações...

Olhei novamente, disfarçadamente, enquanto passava. Era ela mesma.

Cabelo bem mais curto, quase chanel. Um pouco mais morena, mas ainda assim com a pele quase alva de sempre...

Sim, era ela.

Saí encafifado.

Mas, afinal de contas, o que raios ela estava fazendo por ali?

E, pensando nisso, atravessei a rua olhando para o Colégio Olavo Bilac, onde estudei pouco antes de conhecê-la. Até mesmo vi alguns rostos familiares. Continuei meu caminho, desviando das barracas dos camelôs de sempre em frente às Lojas Americanas – movimentada como de costume. Novamente atravessei a rua, indo em direção ao Banco Nacional. Olhei para as grandes portas envidraçadas de correr, por experiência própria difíceis de serem puxadas. E olhei para minha imagem nelas refletida.

E percebi que estava sem barba.

E achei curioso.

Já tem quase um ano que ostento esta minha esbranquiçada barba. Eu deveria me lembrar claramente de quando a tirei. E busquei pela memória. Nada. Parei. Olhei novamente para aquelas grandes portas. E o movimento dentro da agência. E daí comecei a perceber o que na realidade estava acontecendo...

*Eu estava sonhando!*

Voltei-me e novamente encarei as Lojas Americanas: até o balcãozinho lá no fundo, onde eu costumava almoçar sentado nos tamboretes ainda estava lá! E visível!

Também olhei para o lado e a boa e velha pastelaria do chinês, com seu magnífico frango xadrez, também estava aberta!

**Mas nada disso existe mais!**

Então me apercebi que, de fato, estava sonhando. E me lembrei dos mais de quatrocentos quilômetros quase ininterruptos de viagem, de minha exaustão física, de que fui deitar cedo e de que já devia estar dormindo há, pelo menos, nove horas!

E me instalei naquele tênue limiar entre o sonhar e o acordar. Acordei dentro do sonho. Mas não despertei na vida real. Tomei consciência de que estava perambulando pelas paragens do mundo onírico, onde tudo é possível e qualquer coisa pode se tornar realidade.

E resolvi que minha realidade seria ter uma boa e franca conversa com ela.

Voltei correndo, torcendo para não acordar de vez, torcendo para que continuasse dormindo, semidesperto, ou seja lá como for que se chame esse estado.

Parei do lado de sua mesa, puxei de lado a cadeira em que estava sentada e encarei-a fixamente. Ela sorriu. Aquele sorriso tão completo que somente ela sempre soube dar. E ali mesmo, ignorando sua companhia, beijei-a. Profundamente. Sinceramente. Melhor: fui beijado. Aqueles lábios carnudos me tomaram por completo e podia perceber que ela também sorria durante esse desencontrado mas absoluto beijo.

E sentei-me.

E conversamos.

Conversamos sobre tudo. Sobre todos. Sobre mim. Sobre ela. Conversamos como sempre conversávamos quando nos tínhamos um ao outro à disposição. Conversamos sobre uma infinidade de coisas por uma eternidade de tempo. Pois o tempo se move de maneira diferente quando sonhamos. E o mundo parou de girar e nós continuamos a conversar. Eternamente pra sempre enquanto durou.

Mas, como diz a música, *“o pra sempre, sempre acaba”...*

Acordei.

Sem saber como terminou a conversa. Como nos despedimos. Quase, sequer, como nos encontramos.

Aquela estranha sensação de não saber bem onde se está ou o que falar ou com quem falar.

Mas acordei.

Estranhamente impressionado por algo tão recente e tão vívido em minha mente. Seu gosto ainda estava em minha boca. E, mesmo assim, eu não havia saído dali.

Como explicar?

### *Fogo cruzado*

Meados da década de oitenta.

(Sim, aquela mesma, a década perdida, que ninguém sabe direito onde é que foi parar, mas na qual eu – posso garantir! – estava lá…)

Éramos um bando de adolescentes meio malucos, com os mais variados tipos imagináveis, mas que tínhamos uma coisa mais ou menos em comum: curtir a vida. O Jarbas (cujo nome não era Jarbas – acho que era Ronaldo – mas que assim o chamávamos por ser o único a ter um carro e nos levar a todos pra cima e pra baixo), que nem era tão adolescente assim, possuía uma invejável coleção de LPs. Sim, *"LPs"*. Ou *"Long Play"*. Aquelas coisas grandes, pretas e redondas, feitas de um tipo de plástico chamado "vinil", e que mal chegava a ter doze músicas distribuídas por seus dois lados. Isso mesmo, caríssima geração MP3: o mundo tecnológico era jurássico e, ainda assim, conseguíamos sobreviver!

Mas, para variar, estou variando.

Acontece que foi através do Jarbas (ou Ronaldo) que conheci uma banda chamada *Scorpions*. É lógico que, com o ciúme que tinha de seus discos, ele se limitou a gravar uma fita para mim – que, inclusive, devo ter até hoje. Sim, também já fazíamos pirataria antes mesmo de ser cunhado tal conceito…

Mas o negócio é que, por conta dessa fita, acabei por me aproximar de uma menina naqueles idos tempos de colégio. Bem, na verdade, foi *ela* quem se aproximou de mim… Aliás, mais na verdade, na verdade, ainda, foi porque uma amiga dela estava interessada em mim e não tinha a desenvoltura suficiente (leia-se "cara de pau") de chegar até este hoje ancião que vos tecla. Garotão, boa pinta, cabeludo, metaleiro e que – pasmem! – estudava contabilidade. Até hoje eu não sei muito bem o que é que fui fazer lá – mas, ao menos, passei a dominar o chamado "método das partilhas dobradas"…

E lá sigo eu, variando de novo.

Voltemos ao *causo*.

Pra encurtar um pouco a história, acontece é que acabei por me interessar mesmo foi por aquela mocinha japonesa toda solícita (e que não, não era a excelentíssima senhora, amada, idolatrada, salve, salve, Dona Patroa de hoje). E tivemos lá nosso namorico – que não era namoro só para a amiga dela não saber, nem se chatear – e que nem durou muito, pois em pouco tempo eu sairia daquela escola para novas guinadas na minha vida. Nesse meio tempo, entre uma e outra, fiquei lá eu no meio daquele fogo cruzado.

E o que todo esse relato desconexo tem a ver uma coisa com outra? Bem, essa mocinha, escorpiana do dia quinze de novembro, levadíssima da breca, tinha um lindo escorpiãozinho tatuado, digamos assim, quase sobre o coração. E conversa vai, conversa vem, acabei por apresentar-lhe aquela velha fita (na época, novíssima) do Scorpions. E ela até que gostou muito. E, por sua vez, apresentou-me o tal do escorpiãozinho.

Mas isso já é outra história…

Bem, e tudo isso por quê? Simplesmente porque hoje ouvi novamente uma das músicas que mais gostava daquela fita. E não, não era o comercialíssimo hit de então *Still loving you*, que arrebatou tantos suspiros e romances naquela época. Estou falando é de *Crossfire* – uma música com um ritmo de bateria totalmente envolvente e com uma guitarra com riffs de sonoridade desafiadora.

Hm?

Ainda querem saber sobre minha caríssima escorpiana?

Nunca mais a vi.

Ainda correspondemo-nos por algum tempo quando ela foi para o Japão, mas depois simplesmente desapareceu.

Aliás, por “corresponder”, entenda-se bem, significa que naquela época enviávamos cartas – aquela coisa de escrever num papel, colocar no envelope, colar um selo e levar até o correio. Creio que talvez vocês já devam ter lido sobre isso em algum livro de história…

## *Caco e Forcinha – lembranças de dois malucos*

Sei que já há um bom tempo não conto nenhum *causo* por aqui… Sinal dos tempos, da correria, das obrigações, da correria, das responsabilidades, da correria, da preguiça, enfim, em resumo: da correria.

Mas também já há alguns dias tenho algumas lembranças me martelando a memória e pedindo pra sair. Não sei exatamente o porquê, mas vamos lá!

"Caco" e "Forcinha" são dois amigos da minha já distante adolescência. Dois malucos (no sentido amplo da palavra) que invariavelmente estavam com suas motos em todo e qualquer ponto do pacato bairro de Santana, Zona Norte de São José dos Campos, verdadeira e legítima estância *hidro-MINE**I**RAL* (água embaixo, mineiro em cima). Ambos cabeludos e loucos como só eles sabiam ser, mestres do *wheelie*, viviam empinando suas motos em toda e qualquer oportunidade nos áureos anos do início da década de oitenta. Não me lembro mais da moto do Forcinha, mas o Caco com certeza tinha uma Yamaha DT 180 – só não consigo lembrar se preta ou vermelha. Ah, essa memória…

O irmão do Forcinha tinha uma oficina de motos – de aparência tão maluca quanto a de todos os irmãos – que era constituída de um amplo salão e, logo após a entrada, havia uma escada de concreto com largos degraus, tendo correntes estilizadas como corrimão e que ia de lugar nenhum a lugar algum: começava no nada e acabava na parede. Assim, no nada mesmo. A qualquer um que chegasse e tivesse a petulância de perguntar o porquê daquela escada, a invariável resposta era:

*"Stairway to Heaven, cara! Stairway to Heaven…"*

A bom entendedor, meia palavra basta.

Certa vez, num *conversê* de cachoeira lá em São Francisco Xavier, o Forcinha – magrelo como ele só – me contou que tinha problemas com a virada do tempo por conta dos pinos que tinha no corpo (o que hoje, com meus dois quase espanados parafusos no joelho, compreendo muito melhor). Também não lembro mais a quantidade, mas sei que era muita coisa. Mesmo. Perguntei-lhe como foi aquilo, se tombo de moto ou o quê.

*"Ah, foi, também. É que foram dois acidentes. Primeiro eu bati a moto no meio de um poste."*

Até ali nada demais. Mas ele fez uma cara de riso nem um pouco disfarçada me instigando a perguntar o que mais tinha por trás daquele acidente, de modo que não resisti. Perguntei. E ele explicou que não bateu simplesmente no meio do poste *"na horizontal"* – mas sim *"na vertical"*.

*"Cumassim???"*

Correndo demais (como sempre) no alto de uma subida simplesmente decolou e foi pro ar. Mas calculou (muito) mal a "aterrissagem", pois foi pro lado. E no meio do caminho havia um poste. E havia um poste no meio do caminho. E ele se esborrachou no poste. E as pessoas que chegaram depois não entendiam aquele cara estendido no chão, a moto destruída e nenhum sinal de carro ou de batida por perto. Até que olhassem para cima e visualizassem a alguns metros do chão, abaixo dos fios e acima das placas, a nítida marca do acidente no poste…

*"Putz… E o outro acidente?"*

Assim como quem não quer nada, como se tivesse sido a coisa mais trivial do mundo, respondeu-me:

*"Capotei um jipe."*

Isso mesmo. Um jipe. Já imaginaram? Sem capota, tudo aberto, rodopiando de lado como nos filmes de ação e com aquele magrelo firme no volante girando junto com o bólido. Não vou entrar nos detalhes do resgate nem tampouco da experiência extra-corporal de quando ele estava na UTI. Mas ele foi praticamente reconstruído *(santo Steve Austin, Batman!)*, com direito a placa no crânio e tudo o mais. E ali estava ele, magrelo, bem vivo, bem maluco, feliz e brincalhão como sempre, curtindo uma cachoeira como se nada disso jamais tivesse acontecido…

Doutra feita, num dos costumeiros acessos de loucura de ambos, Caco e Forcinha começaram uma discussão:

– Eu sou mais maluco que você!

– Claro que não! Eu é que sou mais maluco!

– Nada! Sou eu!

– Eu!

E tocaram a fazer todas as proezas que se pode – ou não – imaginar. Concluíram pelo empate. Mas a discussão não acabou ali.

– Ok, na moto estamos iguais. Mas na prática eu sou mais maluco que você!

– De jeito nenhum, eu é que sou!

E resolveram provar sua maluquice. Tradicionais e conhecidíssimos pelos cabelos nas costas e barba no peito, entraram numa barbearia. Sentaram-se ao mesmo tempo em duas cadeiras lado a lado. Chamaram os barbeiros.

*"Tira a barba"* – em uníssono.

E toca os barbeiros, com aquela cara de interrogação, a escanhoar os rapazes até que suas jovens feições aparecessem novamente…

Empate.

Um olhou para o outro. Já com raiva. Ainda deitados nas cadeiras, cada qual esticou o braço e segurou o outro pela camisa, na altura do peito. E a outra mão em punho fechado. Já sabiam qual seria a próxima "prova" pra conferir quem seria mais louco. Mas também cada qual queria se certificar que o outro não fugiria no meio do caminho…

*"Raspa"* – rosnaram ao mesmo tempo.

Os barbeiros, já não sabendo se deveriam se divertir ou temer aqueles dois comprovados malucos, passaram ao trabalho de tosquiar a cabeça dos agora imberbes motoqueiros.

Final de serviço, novo empate.

Com um nada dissimulado ódio da situação, pensando como numa única mente pra onde é que agora iriam, foram no que sobrou: as sobrancelhas. A princípio nenhum dos barbeiros queria levar aquilo adiante, mas ao final acabaram também cedendo. Cada qual passou a *Gilette* no seu freguês, deixando-o mais próximo de *Roger Waters*, em *The Wall*, que qualquer outra coisa.

E naquela nova bizarra aparência ambos se levantaram.

Os barbeiros se afastaram.

Ambos se olharam.

Se mediram.

Se encararam.

E…

Tiveram o mais monumental acesso de riso jamais outrora registrado na face deste nosso planetinha Terra!

Anos de cabelo e barba se transformaram em horas de trabalho no chão. E esses dois malucos, amigos-irmãos, tiveram a absoluta certeza de que não importava quem fosse mais maluco, desde que estivessem perto um do outro pra poder rir um pouco de toda aquela doideira…

Não sei mais desses dois. Nunca mais vi. Nunca mais ouvi falar. Conhecia muito mais o Forcinha que o Caco, mas podia tranquilamente me dizer amigo dos dois. Até porque o divertido era a "química" de ambos. Espero que ainda estejam por aí, assim como também poder encontrá-los, nem que seja só pra saber de outras maravilhosas maluquices que, certamente, já aprontaram e ainda devem estar aprontando por esse mundão afora!

## *Cuidado!*

1984.

Diferente do que previu George Orwell, o mundo (ainda) não estava dominado pelo Grande Irmão. Levaríamos, em padrões Globais, mais uns trinta anos para alcançar esse patamar...

O movimento *Diretas Já!* era algo que acontecia lá fora, marcando o início do fim da ditadura no país, sustentada tão somente pelo já depauperado governo do general Figueiredo, deixando a todos num ar meio que de perplexidade, sem saber exatamente para onde estávamos indo, tendo somente como realidade a última herança dessas duas décadas: um quadro de hiperinflação que ainda iria perdurar por cerca de mais dez anos. E estamos falando de números de quatro dígitos! Era uma insanidade!

Mas nós, adolescentes da época, começando nosso despertar para a vida, para os amigos, para os amores, para o trabalho, para a política – apenas orbitávamos em torno de tudo isso. Nada nos surpreendia, pois quadros como esse já faziam parte de nosso dia a dia. Fato processado, assimilado e consumado.

E, para mim, a simples realidade de período integral eram os estudos na ETEP, com tudo que dele fazia parte: mochila Knapsack preta de lona, régua T, outras réguas e esquadros da Desetec, compasso Kern, lapiseira 0,5 Pentel, canetas nanquim, papel vegetal, pranchetas, folhas A4, A3, etc, etc, etc. E, também, um certo cansaço. Apesar da tenra idade, a ida e volta pedalando doze quilômetros todos os dias – e com toda essa tralha nas costas – não era lá muito fácil! Mas também tínhamos as festas, os namoricos, os trotes, as reuniões. Em especial aquelas que aconteciam no GEDOM, um salão reservado dentro da escola que sediava uma espécie de "clubinho" dos alunos que, como eu, estudavam Mecânica (daí até chegar na área de Direito teve uma longa estrada...). Eram clássicas as batalhas nas mesas de pingue-pongue, bem como as sessões de cinema que fazíamos, tendo por base fitas VHS alugadas ou simplesmente copiadas de alguém – "pirataria" era algo que simplesmente não existia no vocabulário da sociedade da época. Outras coisas eram clássicas lá também, mas este é um blog de família e deixo essa conversa para um pé d'orêia nos botecos da vida...

Enfim, volta e meia aparecia alguém com um filme "novo" para nosso deleite. O dinheiro era escasso, o cinema era caro (hiperinflação, lembram?), então virávamo-nos como podíamos.

E dessas sessões clássicas, lembro-me de uma clássica entre elas: uma tarde em que não havia aula e nos enfurnamos nesse nosso castelo para curtirmos dois filmes. Começamos com o recém-lançado filme Bete Balanço, com a – na época – deliciosa e sapeca Débora Bloch com apenas uns vinte aninhos; e, na sequência, *The Wall*, do Pink Floyd.

Vocês não têm noção do que foi aquilo.

A história dentro da história dentro da história. Tudo paralelo, simultâneo, ao mesmo tempo. A Segunda Guerra Mundial mesclando-se com uma infância isolada e opressora do mesmo jovem que viria a ser uma depressiva estrela do rock (conhecido como "Pink"), culminando com sua liderança de um grupo de "tudo-fóbicos". Tudo isso temperado com a total desintegração de seu próprio ser ante o peso de todas essas experiências marcantes de sua vida. E, mais, com uma música de primeiríssima qualidade.

Mas os desenhos – ah, os desenhos!

Hoje todos estão tão acostumados com animações, efeitos especiais, desenhos de todo tipo e calibre, que até poderiam fazer com que os do filme parecessem toscos. Mas não o são. Nem nunca foram. E para aqueles adolescentes alucinados (literalmente) foi uma experiência reveladora! A harmonia do desenho perfeitamente conjugado com o filme, o impacto da música, as cenas fortes, a insinuação sexual nada sutil, enfim, não tinha como não ficar fã daquela banda ali mesmo!

Mas o porquê desse proseio? Bem, tudo sempre tem o seu "porquê"...

Toda essa viagem ao passado serviu somente para contextualizar como e quando conheci esse filme. Os tempos eram outros, as necessidades eram outras, a visão do mundo era outra. Por toda a sociedade.

Entretanto, das últimas manifestações dominicais, do tão aventado "discurso pacífico" autoproclamado por "pessoas de bem", não me foi possível deixar de lembrar desse filme. Já quase no final, o depressivo e quase enlouquecido personagem acaba recebendo um coquetel de drogas que o leva a alucinar de vez. E segue para seu show, imaginando-se um tipo de ditador neo-nazi e o evento se transforma numa grande e apoteótica manifestação, com gigantesca pompa e circunstância, na qual manipula uma ainda mais alucinada plateia e usa o seu poder de persuasão para que o sigam e "limpem o mundo dos males da sociedade"...

Nada parecido com muita coisa que tem acontecido, não é? Ou será que não?

Nessa hora cabe lembrar da famosa frase daquele famoso filme: *"Então, é assim que morre a liberdade. Com uma grande salva de palmas..."*

Enfim, caríssimos... Cuidado com o discurso fácil e comovente, cuidado com o deixar de pensar em prol de que pensem por vocês, cuidado com as manifestações de ódio (ainda que pensem que não estão a fazendo), cuidado com as acusações infundadas, cuidado em defender um futuro sem conhecer seu próprio passado, cuidado com as notícias cuidadosamente preparadas para sua digestão, cuidado ao se acharem o centro do mundo (ou, ao menos, do Brasil), cuidado com a marcha das ideias, mas, sobretudo, cuidado com as ideias de marcha...

## *Histórias de uma Vida Passada*

Descobri-me um contador de histórias.

Nem todas aconteceram comigo, nem todas ocorreram à minha época, nem sempre são do jeito que descrevo – algumas sequer existiram! Mas, uma vez contadas, todas são verdadeiras.

Ainda que com minha peculiar narrativa, do meu jeitão às vezes denso, às vezes bem humorado (mas sempre dramático), me é sempre agradável contar uma história – quer seja realmente uma história, uma estória, um causo, uma anedota, ou seja lá o que for: tudo se mistura, se funde e se transforma numa verdadeira história.

E dentre as histórias que merecem ser contadas, algumas dizem respeito às nossas vidas passadas – porque todos as temos (algumas além até mesmo desta nossa vida...), pois, ainda que não delimitadas, as lembranças da vida da infância são uma coisa, da adolescência, outra, assim como também o são as do início da vida adulta. Aquele trabalho, aquela viagem, aquela aventura, aquele relacionamento. Cada situação, curta ou não, pode ser encarada como uma das vidas que vivemos. Uma de nossas histórias.

E estas são algumas das histórias de uma de minhas vidas.

Conheci-a em 30 de agosto de 86, ficamos noivos em 8 de julho de 87 e nos casamos em 16 de janeiro de 88. Nesse meio tempo *terminamos pra sempre* nosso relacionamento por pelo menos umas três vezes...

Como nos conhecemos e como foi essa vida a dois, por si só já merece uma narrativa à parte! Então, por hoje, vamos focar nas histórias de sua difícil e encantadora personalidade!

Desde a mais tenra idade sempre teve a mesma carinha. Invariavelmente eu a matava de vergonha ao mostrar, todo orgulhoso, um par de fotos dela com cerca de apenas um aninho e com as roliças pernocas peculiares da idade. Era um orgulho esquisito, como se fosse um pai mostrando a foto de uma filha. Talvez tivesse sido meio que isso mesmo, apesar de eu ser apenas duas semanas mais velho que ela.

É que a relação que ela teve com o pai foi muito intensa. Comecemos com a seguinte situação nada hipotética: a mãe na cozinha, a filha de incompletos dois anos sentadinha à mesa e que, até então, jamais soltara uma única palavra sequer. Nadica de nada. A mãe absorta em seus afazeres, de repente ouve a filha dizer:

*“Mamãe, o papai ainda vai demorar?”*

*“Não, filha, ele já deve estar chegando...”*

A resposta foi automática, mas a compreensão lhe caiu como um raio! Como assim aquela criaturinha que nem “mamãe” falava de repente estava articulando frases completas? Que bruxaria era aquela? Ainda que recomposta do susto, enquanto seu marido não chegou manteve uma salutar distância da filha que continuou ali, brincando com suas coisas de criança...

Exatos três anos e dois dias depois de seu nascimento, veio seu irmão. E este sequer chegou a conhecer o pai, que faleceu apenas três meses depois.

Essa perda tão cedo, mas com memórias tão intensas do curto período que durou, foi um dos motivos que fez com que ela sempre tivesse uma empatia muito grande com minha mãe, que por sua vez sequer chegou a conhecer a própria mãe – minha avó materna – eis que esta faleceu quando ela tinha apenas dois anos. Mesmo após nossa separação, durante algum tempo ela ainda manteve um contato muito próximo com minha família, em especial com minha mãe.

Mas o tempo passa e a vida continua. Tudo que tem um fim abre a oportunidade para um recomeço. Foi assim que, pouco mais de um ano após o falecimento do marido, sua mãe resolveu se casar novamente. E desse casamento teve outros três filhos: um menino, uma menina e outro menino. Tempos difíceis para ela, pois tinha antipatia por seu padrasto, o qual invariavelmente a provocava e ao seu pequenino irmão. E a relação com a própria mãe também não era fácil, criança cheia de vontades que era. O momento de almoçar costumava se estender por horas a fio, ela sem querer comer e a mãe, à frente, com o chinelo na mão... Ô geniozinho desde cedo difícil...

Para se ter ideia, numa outra passagem, ela brigou com a irmã. Fula da vida, pegou um martelo e pôs-se a destruir a cama dela. Não dela, a da irmã. Tá, vocês entenderam. Passou uma tarde inteira na tarefa. O maior pedaço que restou não alcançava o tamanho de uma dessas réguas escolares!

Mas a maior prova de sua personalidade se deu quando seu padrasto, acometido de câncer, estava à beira da morte. Chamou-a em seu leito e pediu perdão por tudo aquilo que ele tinha feito ela e o irmão passarem durante todos aqueles anos. Ela não teve dúvidas:

***"NÃO."***

E saiu do quarto.

Mas não se iludam por esse quadro de gênio forte. No fundo, no fundo, ela era um amor de pessoa, meiga e carinhosa. Eu tranquilamente casaria com ela. Bem, de fato, casei.

O que me faz lembrar que, ainda quando do início de nosso namoro, sua mãe veio ter uma "conversa séria" com a gente. Ela percebeu que aquilo não seria apenas um namorico passageiro e já resolveu colocar algumas "regras".

*"A questão é a seguinte: não me interessa se isso vai durar ou não. O que eu quero é que vocês tenham juízo. Mesmo se vocês vierem a se casar não me venham com essa história de ter filho logo, porque eu ainda sou muito nova para ser avó!"*

Ah, sim: à época ela – a mãe – tinha apenas 36 anos...

Bem, por sorte ou por azar – ou seja lá o que for – cumprimos essa determinação à risca: nos praticamente dez anos que estivemos juntos não tivemos nenhum filho. Nada. Nem ameaça. E posso tranquilamente dizer que, nesse mesmo período, minha relação com minha sogra foi sempre ótima! Como ela não fazia questão nenhuma de ter proximidade com a mãe, de minha parte eu ficava quietinho no meu canto. Ou seja, ficamos todo esse tempo praticamente sem nenhum contato com ela!

Já no final de nosso relacionamento ficamos sabendo que sua mãe estava meio que de namorico com um sujeito e acabou engravidando! Teve uma filha, que não vim a conhecer. Só sei que, com o histórico anterior de casamentos da mãe dela, o sujeito, que não era besta, tratou de não querer nenhuma amarração! *Vai que...*

Dessa minha Vida Passada, entre períodos de harmonia, de monotonia e de conturbação, até que tivemos uma boa vida. Passamos por três casas diferentes e tínhamos lá nossas coisinhas. Eram tempos difíceis – época de hiperinflação – mas nunca deixamos de ter algum trabalho ou algum veículo na garagem. Tínhamos bons amigos, saíamos sempre – às vezes com eles, às vezes somente nós, e mesmo assim, após anos juntos, ainda tínhamos fôlego o suficiente para proseios até altas horas nos botecos da

vida. Sempre politizados (ela mais que eu), invariavelmente estávamos resolvendo os problemas do mundo entre um copo e outro...

Aliás, lembro-me bem do final do ano de 89, quando recebemos a notícia da queda do muro de Berlim – que também significava o começo da queda do Comunismo e o fim da União Soviética. Ideais em que ela piamente acreditava. Ela passou praticamente a noite inteira aos prantos enquanto eu a consolava.

Enfim, estas são apenas algumas facetas dessa história. E tudo que tem um começo, um dia acaba. Às vezes antes mesmo do fim de nossas vidas. E acabou. Eu e meu fabuloso toque de Midas às avessas para relacionamentos, já ali me fazia presente. No começo do fim ela não queria terminar, mas eu não cedi. Até mesmo nos últimos momentos, em fins de 96, na sala de audiências, ela se manteve firme. Mas, ato consumado, já do lado de fora, recebi seu último olhar. Gelado. E ali ficou claro, acima de qualquer suspeita, que ela jamais voltaria a me dirigir a palavra.

E cada um de nós partiu para suas novas vidas, suas novas etapas, seus novos recomeços. Meu primeiro filhote nasceu em 99. Fiquei sabendo que o dela, no ano seguinte. De fato, quis o Destino, sabiamente, que não tivéssemos filhos...

Muita gente já me ouviu contar muito do que está aqui por mais de uma vez. Outro tanto, nem tanto. E ainda existem muitas outras histórias desses dez anos em que estivemos juntos...

Aliás, não se iludam! Relembrar esses momentos não tem nada a ver com minha atual relação com a Dona Patroa – que vai muito bem, obrigado. Mas tudo isso que aconteceu, por todo esse tempo que durou, também faz parte de mim, também ajudou a me tornar quem hoje eu sou. Apesar de nossa memória usualmente possuir tanto a lembrança do que foi bom quanto a marca do que não, é curioso como o filtro “tempo” trabalha de maneira eficaz para reter as impurezas, deixando passar em sua maioria apenas as boas histórias. E, afinal, são histórias que não podem se perder.

Porque toda história merece ser contada.

Simples assim.

### *O aparelho*

Esta é daquelas para se guardar na memória...

Meu pai – vulgo “Seo Bento” – desde que veio da roça, resoluto, resolveu que tinha que se virar do jeito que desse. E, nos idos da década de sessenta, um desses “jeitos” era pelos famosos cursos por correspondência – no caso, o IUB – Instituto Universal Brasileiro...

Estudou, fez o que fez e aprendeu o que pôde – de modo que nos sustentou: eu e a meus dois irmãos. Tanto o é que dá para se ter uma ideia por outro causo que já contei por aqui, o das machadadas...

Mas não é o único...

Lembro-me de certa vez, minha mãe estava lá, a cuidar de seus afazeres domésticos, quando toca a campainha. Ela foi atender. No portão um antigo compadre de meu pai, daqueles que o conheciam desde sempre. Queria que lhe arrumasse um aparelho televisor. Trazia-o, pequenino, de suas apenas 14 polegadas, num saco de estopa, a tiracolo.

– *Mas o que é que ele tem?* – perguntou-lhe minha mãe.

Sagaz, mas não menos preciso, traduzindo uma perfeita explicação do defeito, explicou-lhe o senhorzinho.

– *O pobrema, dona Dete, é que esse aparêio proseia, mas não tem feição...*

### *Mulher Morena*

Mulher Morena, você é daquelas que se destacam na multidão, ainda que não queira se destacar. Que fazer? Esse é seu jeito natural de ser! Você chama, sim, a atenção…

Mulher Morena, normalmente mais alta que baixa, mais magra que gorda, de pele mais escura que clara, cabelo alisado ao cacheado. E por que raios você teima em alisar? Ao natural é tão ou mais lindo que você nem imagina!

Mulher Morena, de lábios carnudos e beijo voluptuoso… Posso me perder por horas nesses lábios, sem me cansar jamais. Cada beijo, um suspiro;

cada suspiro, outro beijo… Benzadeus! Por que é que você beija tão gostoso?

Mulher Morena, de mãos macias, dedos longos e esguios, unhas perfeitas, de toque suave e pegada firme, que me abraça, que me toca, que explora cada centímetro de minha pele… Você ainda há de me levar à loucura!

Mulher Morena, de pernas firmes e coxas grossas, de passo elegante e andar sensual, que sabe onde pisa, que conhece seu rumo e que, com essas pernas, abraça tanto ou mais que com os próprios braços…

Mulher Morena, de seios fartos e aréola delicada, que se excita ao menor toque, que suspira por pouco (e esse suspiro pede outro beijo), minhas mãos jamais se cansam de tocá-los, de envolvê-los, de amá-los.

Mulher Morena, de sexo gostoso e envolvente, de ritmo cadenciado e alucinado, de vontade de quero mais mesmo quando ainda não acabou de querer, me leve, me arraste, me acabe – só não pare!

Mulher Morena, que não estava na minha vida e veio de passagem, assim meio de sopetão, sem saber se fica ou se vai, enquanto ficar não me deixe, e se me deixar não olhe pra trás. Pois quero que guarde minha melhor imagem, assim como eu, a sua.

Mulher Morena, durma com os anjos, sonhe comigo...

### *A vida em momentos além do tempo e do espaço...*

De alguma forma eu já a conhecia bem antes daquele primeiro momento que, mágico ou não, veio a ser o momento que ficou marcado na minha memória como ao menos, senão o nosso primeiro encontro, aquele que viria a ser o primeiro de muitos outros momentos somente nossos.

A primeira vez que nos encontramos foi na danceteria.

A primeira vez que nos encontramos foi na faculdade.

A primeira vez que nos encontramos foi no trabalho.

A primeira vez que nos encontramos foi numa festa.

A primeira vez que nos encontramos foi pela Internet.

Foi quando rolou nosso primeiro beijo.

Foi quando você quase me esganou para acertar seu nome.

Foi quando não nos suportamos um ao outro.

Foi quando quase soltamos faíscas de desejo.

Foi quando conversamos tanto como se já nos conhecêssemos há décadas.

E também foi ali, naquele momento, que me apaixonei – ainda que de imediato não percebesse. E quando percebi – quando percebemos – fomos tão felizes quanto poderíamos ser pelo tempo que poderíamos ter.

Mas quis o Destino que nossas vidas dessem voltas e voltas até que surgisse o momento em que finalmente nos desejássemos um ao outro. E esse mesmo Destino também quis que nossas vidas se entrelaçassem tão de imediato e de um modo tal que não suportássemos a distância um do outro. E, à parte do Destino, por um tempo fomos felizes.

E brigamos porque eu deixei de gostar.

E brigamos porque você não parou de me acusar.

E brigamos porque gostávamos de brigar.

E brigamos porque seu passado se fazia presente.

E brigamos porque meu presente estava no passado.

Até que não deu mais. Não tinha como dar certo. Éramos tão parecidos quanto diferentes e nossos pontos de vista tanto convergiam como divergiam sobre tudo e sobre todos. A paixão de início se transformou em algo diferente, sobre o qual deixei de ter domínio.

E, com ódio, você me deixou.

E, com raiva, você se afastou.

E, com um beijo sincero, você se foi.

E, com um beijo roubado, eu parti.

E, com lágrimas, você partiu.

Espanhola, Cabelos Negros, Rãzinha Blues, Mania de Você, Chão de Giz. Não tem como ouvir essa música e não lembrar de você. Em algum momento, ainda que não saiba ou sequer perceba, foi essa a nossa música – aquela que, ao tocar, ainda hoje desperta meu coração e me faz sorrir. E me faz lembrar do seu sorrir.

Seu sorriso… Não importa sob qual ângulo ou situação, sempre que me lembro de você, vejo-a sorrindo. Esse seu jeito de sorrir um sorriso faiscante, com olhos sapecas, quando não uma desvairada gargalhada… Mas, sobretudo, seu rosto sorrindo é a imagem que mora na minha memória.

Hoje levo a vida. Vou levando. Meu coração vive quieto – até que com um ou outro leve sobressalto de quando em quando – mas, sei lá, tudo aquilo que vivemos e enquanto vivemos foi tão intenso que, ainda que eu não tenha dado o devido valor ou até mesmo o passo decisivo no momento certo, às vezes tenho sérias dúvidas se sobrou algum espaço neste combalido coração para recomeçar…

Sem aquela serenidade de nossas conversas…

Sem aquela parceria para o futuro…

Sem aquela cumplicidade em tudo que fazíamos…

Sem aquela montanha-russa de emoções…

Sem aquela vida de aventuras de uma hora pra outra…

Apenas vou levando a vida, um dia após o outro, tateando daqui e dali, buscando aquela chama que, de alguma forma se perdeu, até mesmo acompanhando sua própria vida cá do meu canto, por mais próximos ou distantes que estejamos. E, de quando em quando, lembrando daquela paixão que, ainda que tardiamente, virou amor, mas, sobretudo, lembrando dos bons momentos que passamos.

Pois é disso que a vida é feita. Além do tempo em que estivemos juntos – curto ou longo; além do espaço que nos separa – longe ou perto; são todos esses bons momentos que tivemos que ficaram registrados para sempre na minha alma e dos quais não consigo abrir mão, que me norteiam e que me distraem, que me consolam e que me atormentam, que, enfim, me fazem ser quem sou.

E hoje consigo perceber melhor mais a semelhança que a diferença – mais até do que eu mesmo poderia imaginar.

Obrigado.

Do fundo do meu coração.

Sempre amarei vocês.

### *Quando eu fiz Magistério...*

Década de oitenta… O ano exato? 1984. George Orwell havia falhado em suas previsões (a chegada do “Big Brother” ainda levaria umas duas décadas) e nós, adolescentes da época, feromônios à flor da pele, ainda estávamos em busca de nossos caminhos…

Numa época em que já havia aprendido a não levar a vida tão a sério (por que será que me esqueci como é que se faz isso?) e recém formado na oitava série, o passo seguinte seria o segundo grau. Eu e o amigo inseparável da época resolvemos estudar na ETEP (Mecânica, vejam só!) e, para tanto, havia um “vestibulinho” a ser superado. Que, dentre farras e brejas, é lógico, não passamos. Mas nem tudo estava perdido: havia o chamado “Reforço”, que era um cursinho de seis meses, na própria ETEP, que iria nos preparar para o exame seguinte.

À noite.

Ou seja, teríamos seis meses de dias ociosos pela frente, fazendo somente um curso noturno e numa época em que na ETEP o percentual de meninas por metro quadrado era inferior aos piores prognósticos da Polícia Militar em contagem de multidões. Isso mesmo. Praticamente só cueca. Buscando pela memória eu diria que a proporção “normal” naqueles tempos deveria ser coisa de uma moçoila para cada vinte espinhentos.

E como desde sempre “cabeça vazia é a oficina do diabo” (ainda mais na adolescência!), eis que engedramos mais um dos nossos “planos perfeitos”. Na verdade acho que, pela proficuidade de nossas desventuras, nossas cabeças até que não eram tão vazias assim não… Talvez o funcionamento de nossas mentes estivesse mais para um saco de gatos que para qualquer outra coisa…

Mas divago.

O negócio é que lá no nosso bairro, em Santana, havia uma escola estadual que no segundo grau ministrava também o curso de… Magistério! Naqueles tempos ainda não era necessário um superior em Pedagogia para lecionar e era maciça a procura desse curso pelas meninas da região. Ou seja, a relação entre garotos e garotas provavelmente seria justamente o inverso daquela da ETEP! Teríamos uns seis meses para ficar por lá e de repente ver o que poderia rolar com uma ou outra menina, ao menos até que acabassem as aulas noturnas de Reforço e a nossa jornada na ETEP passasse a ser integral. Ali também seria necessário realizar uma prova para admissão e nós, que havíamos recentemente levado bomba numa, passamos em terceiro e quarto lugares nesta. As diferenças de conteúdo eram brutais! E conosco arrastamos mais uns dois idiotas que acharam que aquela nossa era uma boa ideia…

E foi quando começamos o curso de Magistério!

E eis que começaram as aulas!

Na sala tínhamos algo entre umas trinta a quarenta pessoas, sendo seis rapazes (dois deles REALMENTE estavam ali para fazer Magistério), cerca de umas dez tiazinhas (qualquer pessoa com mais de trinta – o dobro de nossa idade – por nós já era praticamente considerado um tiozinho ou uma tiazinha) e o restante… Ah, o restante! Lindas meninas, jovens, moçoilas, cada qual com uma beleza própria, um mistério a decifrar um desafio a sobrepujar! E que ao encontrarem aquele quarteto fantástico, totalmente deslocado e desesperado para se misturar com a turma toda, fizeram exatamente o que tinha que ser feito!

Nos ignoraram completamente.

QUEM eram aqueles sujeitos e O QUE estavam fazendo por ali?

Não, não, não.

Melhor ignorar.

E toda essa “ignorância” deve ter durado umas três, talvez quatro semanas. Aos poucos foram percebendo que, apesar de toda nossa cafajestice, não deixávamos de participar das aulas (e pra quem estava fazendo um reforço nível ETEP, surfávamos por ali). Mas não esmoreciam.

Até que um dia nós, usualmente loucos e retardados – que invariavelmente pulávamos um muro de uns quatro metros para fugir dali e jogar bilhar até a hora do almoço –, estávamos aguardando uma janela entre uma aula e outra sem professor algum na classe. Ou será que foi durante uma greve de professores? Bem, não importa: o fato é que estávamos sozinhos na sala de aula. E com uma lâmpada, daquelas longas, fluorescentes, piscando irritantemente no fundo da sala. Um de nós (não eu), que até gostava de brincar com a parte elétrica e eletrônica das coisas, subiu na carteira e pôs-se a mexer, cutucar, tentando resolver um imaginário mau contato – e nada. Até que removeu-a e ficou naquela pose sobre a carteira, com a lâmpada numa mão, a outra mão no queixo, olhando para o teto, conjecturando o que poderia ser.

Nisso, como não consertava nem desempatava, outro dos idiotas foi à frente da turma e começou a tirar um sarro do caboclo.

– Óóóóiii…

– Quié?

– Melhor parar…

– Ah, é? Por quê?

– Tô te falando…

E eis que o desinfeliz subiu na mesa do professor, bateu a mão no peito e soltou algo como *"Qualé? Vai fazer o quê?"*…

Imaginem um atleta olímpico. Aquele que arremessa a lança (ou o dardo, se preferirem). Em câmera lenta, ainda sobre a carteira, o rapagote fez toda a cerimônia de lançamento e, num piscar de olhos, uma lâmpada foi arremessada e ato contínuo já estava voando de uma ponta a outra da sala, na exata direção do peito do já citado desinfeliz!

Foi por um triz!

O tempo necessário de ele se desvencilhar, assim meio de lado, se desequilibrar e cair da mesa, de costas, pranchando no assoalho de madeira. E a lâmpada explodiu na lousa. Já ouviram uma lâmpada dessas sendo quebrada? É, sim, uma explosão. O barulho corresponde

praticamente a um tiro. Entre risadas, acusações, deixa disso, tá todo mundo bem, ninguém se machucou, cê viu a cara dele, eu ainda no chão gargalhando, eis que ouvimos, não sem um arrepio de congelar a espinha:

– O QUE É QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI???

Era o inspetor de alunos. Sim, as escolas tinham essa figura (será que ainda existe?). E esse em especial meio que já tinha percebido que nós não estávamos ali – como direi? – "com as mais puras intenções"… E os quatro idiotas apalermaram-se todo. *"FO-DEU"* – foi o nosso imediato pensamento.

– E ENTÃO? ESTOU ESPERANDO UMA RESPOSTA! OU SERÁ QUE VOU TER QUE SUSPENDER TODA A CLASSE???

Antes que sequer pudéssemos começar ao menos balbuciar alguma desculpa, uma das meninas tomou as rédeas da situação e já foi explicando:

– O senhor não viu? Escapou a lâmpada do teto! Por um triz não cai na cabeça dele! O coitado até se estatelou no chão, pra desviar! É um absurdo que a escola não tome uma providência pra trocar esse material de quinta categoria que colocaram nas salas de aula! E os bebedouros, então? Quando funciona, sai água demais ou de menos! É vergonhoso! E lá no pátio…

Sinceramente parei de absorver o inesperado discurso que aquela baixinha foi fazendo, dedo em riste, pra cima do inspetor que por sua vez foi se afastando, sendo acuado, saindo da sala, tentando explicar entre um gaguejar e outro alguma coisa parecida com falta de recursos e por aí afora.

Mal passou um minuto e ela voltou com olhar brilhante e um sorriso triunfante no rosto! Ovacionada por praticamente toda a classe a única coisa que se limitou a dizer foi:

– Ainda bem que aquele lerdo não olhou pra cima! Senão ia ser muito difícil tentar explicar como é que uma lâmpada que está faltando no fundo da sala veio cair e quebrar bem aqui na frente… NÃO É, SENHORES?

Os "senhores" éramos nós quatro…

Enfim, nada como passar por um belo de um apuro juntos para unir uma turma desunida… E com alguns meses ainda pela frente eu posso garantir que o relacionamento entre nós e elas (várias delas) melhorou – E MUITO!

Mas tudo que é bom um dia acaba. E antes mesmo da chegada das férias juninas nos vimos abandonando aquela escola para seguirmos outros rumos, outros cursos, outras histórias, outras encrencas, outras vidas.

Mas isso, por si só, já é uma outra história.

# VI

## MARTELANDO O TECLADO

### Um bocadinho de história, de contos, casos e causos.

Com a Internet, voltamos à era alfabética. Se um dia acreditamos ter entrado na civilização das imagens, eis que o computador nos reintroduz na galáxia de Gutenberg, e doravante todo mundo vê-se obrigado a ler. Para ler, é preciso um suporte. Esse suporte não pode ser apenas o computador. Passe duas horas lendo um romance em seu computador, e seus olhos viram bolas de tênis. Tenho em casa óculos polaroides que protegem meus olhos contra os danos de uma leitura contínua na tela. A propósito, o computador depende da eletricidade e não pode ser lido numa banheira, tampouco deitado na cama. Logo, o livro se apresenta como uma ferramenta mais flexível. Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher. Designers tentam melhorar, por exemplo, o saca-rolhas, com sucessos bem modestos, e, por sinal, a maioria nem funciona direito. Philippe Starck tentou inovar do lado dos espremedores de limão, mas o dele (para salvaguardar certa pureza estética) deixa passar os caroços. O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é.

*Umberto Eco / Jean-Claude Carrière*

*(No capítulo "O livro não morrerá", do livro "Não contem com o fim do livro")*

### *Questões de família*

Já nasceu assim, pequenino. Sempre foi discreto, esse tal de **Selinho**.

Mas não necessariamente era conformado. Meio que tímido, nunca teve muita coragem de ir adiante em tudo que fazia – e isso o preocupava. Resolveu conversar com sua mãe.

**Beijo** era uma entidade *caliente* e voluptuosa. Sempre foi uma criatura de atitudes, indo direto ao assunto, sem meias palavras. Ao ver seu filho todo preocupado, tranquilizou-o. “Não fique assim, meu anjo”, ela disse. “Todos temos nossa natureza e nossas obrigações. A sua própria existência está vinculada a essa sua maneira de agir. Se assim não o fosse, com certeza perderia sua identidade.”

Não contente com essa explicação, procurou então seu pai.

Um ser muito afável e de bom coração, o **Abraço**. Jamais teve uma imagem dele que não fosse sorrindo. Mesmo em momentos de profunda tristeza ele tinha um jeito de chegar que, no mínimo, transmitia consolo. Suas palavras não foram diferentes das de sua mãe.

– Entenda, meu filho, que nós fomos criados para assumir determinadas responsabilidades. São elas que nos norteiam. Devemos nos dar por satisfeitos quando vemos que nosso trabalho está sendo bem feito. Se ainda restar dúvidas em seu coração, então converse com seus avós…

Assim resolveu falar primeiramente com sua avó. Tinha verdadeira admiração por ela. Era, sem dúvida, alguém de outra época – sua presença exalava essa sensação. Tinha um quê de enigmática, de altiva, de misteriosa, de alguém que aparenta saber muito mais do que diz. Como se dizia antigamente, tinha um certo *aplomb*. Entretanto aparentava dar sérios sinais de senilidade. E **Ósculo** lhe disse:

– Tu deves te aquietar, meu pimpolho. Não questiones o que não entendes. Por mais que ignores, tua função sempre foi importante, a de abrir caminhos e a de tornar estável aquilo que já se consolidou. Outrora a paixão falava por meu intermédio, eis que fui arrebatadora à minha época. Mas tudo muda com o tempo, tua mãe agora conduz o cetro que eu já ostentei. Ainda assim, meninote, vislumbro que o futuro mora em ti.

Suas conversas com sua avó tinham esse poder: sempre tinha a sensação que saía com mais perguntas que respostas…

Então foi conversar com seu avô, o benfazejo **Amplexo**. Sua sabedoria simples lhe cativava. Encontrou-o impecável como sempre. Grandalhão, mas elegante, com o eterno chapéu propositadamente meio inclinado, a corrente de seu relógio de bolso aparecendo sobre o colete, com um ar de quem iria subir numa locomotiva a qualquer momento.

– Diz um velho ditado que o Diabo não é sábio por se tratar do Diabo, ele é sábio porque é velho! E tem gente, meu querido neto, que me considera muito sábio… E do alto dessa sabedoria, tudo que tenho a lhe recomendar é: paciência. Munido de paciência e observação, com o tempo você acabará entendendo melhor suas funções e quão grande é sua responsabilidade neste mundo. Até porque, quando esse momento chegar, você também já estará se tornando sábio como teu avô aqui!

Não. Suas perguntas não foram respondidas, mas ao menos ele já tinha no que pensar. E, de um certo modo, estava menos irrequieto agora. O Selinho continuou sendo tímido e, às vezes, meio desajeitado. Mas lembrou-se que por muitas vezes foi graças a ele, num momento de arroubo, que muitos relacionamentos foram pra frente (certamente herdara essa característica de sua mãe).

É. O jeito era dar tempo ao tempo, como dissera seu avô. Pois, a cada vez que se fizer presente, terá oportunidade de aprofundar cada vez mais sua percepção e tentar se entender melhor.

Realmente, **Paciência** é tudo.

E também é sua prima, por parte de pai. Faz tempo que não a visita…

### *(Mequinho) Valtinho*

E então, reunidos no boteco's-bar de praxe, estavam os também copoanheiros de praxe discutindo, como de praxe, acerca da solução dos problemas do mundo.

E eis que chega todo esbaforido o nosso caríssimo amigo, companheiro, retratista e gente boa a toda prova, o Valtinho. Com a sua característica e portentosa voz de buzina de bicicleta (aquelas do tipo *fon-fon*, lembram?), já foi logo dizendo:

– Caramba, gente. Acabei de ganhar um jogo de xadrez. Acho que nem sei mais como é que se joga xadrez. Como é que vou ensinar meu filho, assim? Como é mesmo que se joga esse negócio?

O sempre prestimoso *Bicarato* bem que tentou apelar à memória do próprio Valtinho:

– Vamos lá, neguinho. Como é que o cavalo anda?

Meio que desconfiado, meio que indignado, na hora o caboclo já emendou:

– Como assim como é que o cavalo anda? Anda nas quatro patas, uai!

Após os dezoito minutos de gargalhadas que em seguida tomaram conta do recinto, eis que o Bica, *talvez* munido mais de compaixão que de bom senso, ainda tentou insistir:

– E que mais você lembra do xadrez?

– Ah, sei lá! Sei que tem um monte de peãozinho querendo comer a rainha. Aliás, também tem o rei – que acho até que deve ser meio viado…

Depois dessa, ficou decidido.

O negócio dele é o jogo de damas.

Ainda que com as peças do xadrez…

### *Tudo por um sax*

Essa é mais uma do *Valtinho*.

Sim, aquele excelente fotógrafo *lambe-lambe* – ele odeia ser chamado assim – que é a uma das pessoas mais fora de série que eu conheço. Definitivamente uma "figura prima", pois o termo "figura ímpar" é muito pouco para descrevê-lo – já é melhor ir diretamente para os números primos…

Enfim, do nada ele se convenceu que EU tenho que comprar um saxofone.

Aliás, não é qualquer saxofone – tem que ser o saxofone que ELE está vendendo…

– Valtinho, mas por que cargas d'água você comprou um sax afinal?

– Ah, sei lá. Nem lembro mais. Sempre achei bonito aquele negócio de sax. É que nem aquele filme que tem um policial que faz uns hominhos com palitinhos!

– "Hominhos com palitinhos"? Do que é que você está falando?

– Um filme do futuro, pô! Que é todo mundo robô e tem um policial que enquanto vai conversando faz, assim, uns hominhos, uns bichinhos – tudo com palitinho – e vai deixando pra trás…

– Robôs? Futuro? Não é o *Blade Runner* não?

– ISSO!

– Tá. Entendi. Mas não é no filme, é na trilha sonora então. De fato tem umas músicas muito boas lá com sax…

– Então. Mas agora mudei de ideia. Acho que *você* é que tem que comprar esse meu saxofone.

– **EU?** Mas o que é que eu vou fazer com isso Valtinho? Eu nem sei tocar esse negócio.

– Ah, sei lá. Passa pros seus filhos então. Já imaginou aqueles japonesinhos tocando sax? Que da hora não ia ficar?

– Não, Valtinho. De jeito nenhum. Não rola.

– Ou então pra você mesmo! Você é uma figuraça, que gosta dessas coisas antigas… Gosta daqueles carrões – como é que é mesmo? Ah é, *Passat* (ai!). Já imaginou? Você aí… Desse jeitão… De chapéu… Tocando um sax… Ia ficar igualzinho aquele cara famoso, o *Baden Powell* (aaaai!)!

– Baden Powell?…

– É, cara!

– Cê tem certeza disso, Valtinho?

– Tô te falando!

– Tá. Entendi. Mas não vou entrar em detalhes com você. Ainda assim, vamos combinar: qual parte do “não rola” você não entendeu? Sinto muito, mas sem chances!

– Pô! Ó o cara…

Enfim, só mesmo o Valtinho para perder tanto tempo querendo que (1) eu gaste um dinheiro que eu *não* tenho (2) com uma coisa que eu *não* preciso (3) para fazer algo que eu *não* quero.

Mas se não fosse assim o Valtinho não era o Valtinho…

## *Pequenas maldades*

E eis que o caboclo estava contente!

Estava chegando o grande dia!

Já fazia pouco mais de um ano que não tirava férias…

E a vida de garçom não é fácil!

Apesar de seu bom humor tradicional, de ser bastante querido pela clientela, de ser atencioso, solícito, brincalhão e tantos outros predicados que lhe são característicos, horas e horas servindo mesas praticamente todos os dias pelas madrugadas afora não é o que se poderia chamar de um trabalho fácil…

Mas as férias estavam chegando!

E – é lógico – não poderia deixar de curtir com a cara dos amigos de profissão!

Cada dia a menos para seu descanso era um dia a mais para *torturar* os demais garçons (que continuariam ali, na labuta), lembrando-os de que suas férias estavam chegando, *quem* ele veria, *como* descansaria, para *onde* viajaria, somente *quando* voltaria, *porque* iria divertir-se…

Chegado o grande dia, foi-se!

Foram excelentes **trinta dias** em que passeou, descansou, viajou, dormiu, aproveitou a oportunidade de relaxar como poucos realmente o sabem fazer!

Mas, como tudo que é bom dura pouco, faltando apenas alguns dias para seu retorno, resolveu cuidar de alguns assuntos pessoais lá pelo centro da cidade, nos arredores do bar em que trabalhava – bancos, contas, carnês, ou seja, esse mal duradouro que aflige o homem moderno…

O primeiro conhecido que encontra – um dos clientes do bar – já vem com uma saudação estranha:

– Ôpa, rapaz! E aí? Te soltaram, hein?

– Ôba! Como assim?…

Mas, na correria, não teve resposta alguma.

Mais adiante encontra outro:

– Pô, cara que bom te ver! Mas as coisas são assim mesmo! Fico feliz em ver que você está bem! Tudo de bom!

Alguma coisa estava errada nessa história… Em seguida, mais um:

– Rapaz, desculpa não poder falar, mas precisava te cumprimentar! Sei bem como é isso… É foda! Mas que bom que você está aí!

E assim prosseguiram com essa coisa insólita, esse complô que ele não entendia do que se tratava – e não tinha sequer como perguntar, limitando-se a sorrir para que não demonstrasse que não estava entendendo absolutamente nada…

Afinal, já no primeiro dia de volta ao trabalho, pensando no quanto iria tirar um sarro de seus amigos que ficaram ali ralando, não é que os encontrou com um bom humor melhor que o seu? Apesar de estarem rindo bastante e felizes com seu retorno, ainda assim não abriam o jogo com ele sobre o que estaria acontecendo.

Coisa estranha essa…

De volta à rotina, já com um de seus primeiros clientes, acabou ouvindo novamente aquela estranha saudação:

– E aí, cara? Tudo de bom? Fico feliz em saber que você está de volta! Não deve ter sido fácil, hein?

Já era demais! Com aquele ali pelo menos ele tinha proximidade o suficiente para devolver-lhe a pergunta:

– PÉRAÊ!!! Tô ouvindo todo mundo me falar coisas assim, que ficam felizes com meu retorno, que não deve ter sido fácil, que bom que tudo deu certo, etc. Quiéquitá pegando, hein?

– Ué, como assim? Depois desse gancho de trinta dias, achei que você deveria estar feliz de estar solto novamente…

– Como assim? Que gancho? Eu estava de férias, pô!

– FÉRIAS???

– É. Férias! Por quê?

– Não entendo… Não só eu, como também muitos outros clientes, sentimos sua falta… E quando perguntávamos para seus amigos, os outros garçons, eles nos contavam – com a cara mais triste do mundo – que você tinha sido recolhido para um presídio…

– PRESO?? EU???

– É. Você. Uma história sobre uma dívida de pensão alimentícia…

Com um olhar estarrecido, vagarosamente, com a lenta compreensão do que realmente tinha ocorrido, virou-se para contemplar seus “amigos”.

Estavam todos perto do balcão, no fundo do bar, gargalhando a não poder mais…

**Moral da História:**

**“***Deus me livre dos amigos, que dos inimigos cuido **eu**!”*

***Proseio***

– E aí?

– E aí…

– Quanto tempo, hein?

– Acho que sim…

– Êêêê… Já vi que a coisa tá pegando…

– Cumassim?

– Primeiro. Você só aparece por aqui quando tem algum enrosco – você sabe muito bem que nem precisava, mas acho que talvez assim você se sinta, sei lá, mais confortável dessa maneira. Segundo. Essas respostinhas evasivas, do tipo *“não quero falar, mas se você perguntar, eu falo”*. Larga mão de bobagem! Terceiro. OLHA PRA MIM QUANDO EU FALAR COM VOCÊ!!!

– Oi, tá. Pronto, pronto. Desculpa aí…

– Tá. Agora desembucha.

– Sei lá. Às vezes acho que só quero mesmo é uma companhia… Daí eu venho aqui prosear um bocadinho. Mas, da mesma maneira, às vezes, tenho certeza absoluta de que quero ficar absolutamente sozinho. Entende essa pseudo-confusão?

– É mais comum do que você imagina… A metade das pessoas com quem falo não quer falar comigo, e a outra metade acha que me ouve, mas na verdade não escuta absolutamente nada. Às vezes é frustrante…

– Ei, quem é que tá com problemas aqui?

– Ei! Péraê! Por um acaso tá me achando com cara de psicólogo? Bem, pelo menos você admitiu que tá com algum tipo de problema…

– É. Na prática acho que tô sim.

– E?…

– Tá. Então. Eu vou levando aqui minha vidinha, sabe? Pago minhas contas, meus carnezinhos, gosto de meu trabalho, tenho bons amigos, amo meus filhos, curto minhas paixões, sempre me entrego de coração aberto, não sacaneio ninguém, tento ser um cara legal, enfim, nada demais, certo?

– Certo…

– Então será que tem como explicar o porquê de, ainda assim, eu estar com essa sensação de "vazio"? Você está sempre na área quando eu preciso de ajuda – tá, e quando não preciso também – então queria saber se tem alguma dica, algum toque, algo pra eu me apegar, entende?

– Você sabe muito bem qual será minha resposta, não sabe?…

– Acho que sei… Que eu mesmo tenho todas as respostas que preciso, né? Só preciso descobrir qual é a pergunta certa…

– Pois é. Assim como qualquer outra pessoa, você tem um potencial enorme. Tanto para o bem quanto para o mal. Tanto para o sucesso quanto para o desastre. Só depende de você. Fique centrado, busque seu equilíbrio, descarte os pensamentos inúteis que ficam ocupando o lugar dos úteis. Reveja seus posicionamentos. Reinvente-se! Mas ficar aí lamuriando é que não vai te ajudar mesmo!

– É. Eu sei. Sempre soube, né? Mas acho que às vezes a gente tem que ouvir isso de outra pessoa. E, sinceramente? É muito mais fácil se essa outra pessoa for Você…

– Heh… Você até parece aquele personagem, o House. Só procura o Wilson quando tá ferrado…

– *Você* assiste House?

– Adoro! Noutra situação eu até não seria capaz de acreditar nele.

– Faz sentido… Bom, valeu pelo proseio. Vou indo. Um monte de coisas pra fazer, Você sabe, né? O de sempre.

– Eu sei, eu sei. Fica bem. Quando e se quiser pode voltar aqui. Mas você sabe que tem muitos outros lugares onde a gente pode se encontrar. Acho que você sabe que não sou muito chegado nisso aqui não. Muita ostentação…

– É, agora que falou, realmente isso não tem muito sua cara, não…

– Pois é… Mas esse povo é teimoso. É como costumo dizer: *“corte uma madeira e lá estarei; levante uma pedra e lá me encontrarás; não estou em altares de madeira ou em estátuas de ouro – você é o meu verdadeiro templo”*… Mas parece que não adianta!

– É… Então ficamos assim. Valeu!

– Vai em paz, criança… Se precisar, já sabe, né?

– Sei sim. Sempre comigo, né?

– É.

### *Amar é punk*

Eu já passei da idade de ter um tipo físico de mulher ideal para eu me relacionar. Antes, só se fosse diferente (bem diferente). Tivesse um figurino único. Gostasse de minha companhia mais que tudo. Tivesse no mínimo cabelos longos (e, talvez, uma tatuagem). Soubesse andar de salto alto. Que fosse do tipo rebelde. E, lógico, portadora de um grande coração…

Uma coisa meio Angelina Jolie.

Hoje em dia eu continuo insistindo nos quesitos “gostar de minha companhia mais que tudo” e “portadora de um grande coração”, mas confesso que muita coisa mudou. É, pessoal, não tem jeito. Relacionamento a gente constrói. Dia após dia. Dosando paciência, silêncios e longas conversas. Engraçado que quando a gente para de procurar o “amor da vida”, um amor pra vida da gente aparece. Sem o glamour da alma gêmea. Sem as promessas de ser pra sempre. Sem borboletas no estômago. Sem noites de insônia. É uma coisa simples do tipo: você conhece a menina. Começa, aos poucos, a admirá-la. A achá-la FODA. E, quando vê, você tá fazendo declarações açucaradas igual um pangaré (e escrevendo textos no blog – ainda que através de indiretas – para que ela entenda uma coisa: dessa vez, caríssima, é DIFERENTE).

Adeus expectativas irreais, adeus sonhos de adolescente. Ela vai esquecer sempre aquilo que você já leu e comentou com ela, mas vai se lembrar sempre que você gosta do seu pão na chapa com muita manteiga (e aquele pingado com um pouquinho de leite frio). Ela não vai fazer declarações românticas e propor jantares à luz de velas, mas vai saber que você está estressado com o trabalho no primeiro “Oi”, te perdoando docemente de qualquer frase dita com mais rispidez.

Ah, gente, sei lá. Descobri que gosto mesmo é do tal amor. Da paixão, creio que não. Depois de anos escrevendo e insinuando sobre querer alguém que me tire o chão, que me roube o ar, venho humildemente me retificar. *Eu quero alguém que divida o chão comigo. Quero alguém que me traga fôlego.* Entenderam? Quero dormir abraçado sem susto. Quero acordar e ver que (aconteça o que acontecer) tudo vai estar em seu lugar. Sem ansiedades. Sem montanhas-russas.

Antes eu achava que, se não tivesse paixão, eu iria parar de escrever, minha inspiração iria acabar e me tornaria simplesmente mais um dos inumeráveis companheiros ranzinzas e conformados, prontos para deixar de viver aventuras em prol da estabilidade. Mas, *caramba!* Descobri que não é nada disso. Não existe nada mais contestador do que amar uma pessoa só. Amar é ser rebelde. É atravessar o escuro. É, talvez, mudar o conceito de tudo o que já pensei que pudesse ser amor. Não, antes era paixão. Antes era imaturidade. Antes era uma procura por *mim mesmo* que não tinha acontecido.

Sei que já falei muito sobre amor, acho que é o grande tema da vida da gente. Mas amor não é só poesia e refrões. Amor é *reconstrução*. É ritmo. Pausas. Desafinos. E desafios.

Demorei anos para conhecer direito e até mesmo concordar com o Cazuza: *"eu quero um amor tranquilo, com sabor de fruta mordida"*.

Provavelmente antes, se ouvisse essa música, eu pensaria (e não diria): *porra, que tédio!*

Ah, Cazuza! Parece que ele sempre soube. Paixão é para os fracos. Mas amar – ah, o amor! – **Amar é punk**.

*(Esse texto foi recortado-e-colado-e-adaptado do originalíssimo da Fernanda Mello, que – na sua "versão feminina" – pode ser encontrado na Internet. Mas, ainda assim, as garatujas acima são tão verdadeiras quanto o original…)*

### *Questão de equilíbrio*

– Querida!

– Querida!

– Há quanto tempo! Como você está?

– Ah, sei lá... Estou bem, sabe? Numa correria danada, mas faz parte, né?

– É, eu sei. A gente só acaba encontrando quem a gente gosta assim, meio de sopetão!

– E não é que é? E você, menina? Também continua na correria, sempre cuidando dos outros, né? Falando nisso, e aquele seu tio que eu gosto tanto? Como ele está?

– Ah, daquele mesmo jeitinho. Um pé na cova e o outro na casca de banana!

– ?

– Mas agora preciso ir, já me chamaram para a próxima audiência! Um beijo!

– Beijo! Tchau!

E fiquei eu lá, cuidando das minhas coisas, da minha papelada, das minhas audiências. Mas aquela frase ficou na minha cabeça! Como assim *"um pé na cova e outro na casa de banana"*? O complicado de frases como essa é que a gente fica imaginando a situação… E na minha mente o pobre tio de minha amiga, meio que moribundo, meio que melhorando, bailava sobre sua própria cova, ora indo para um lado, ora indo para outro…

Mas a vida não nos dá tempo para devaneios! E a correria do dia a dia se sobrepõe a tudo! Dali para as compras, das compras pra casa, e em casa os gêmeos que me dão tanta felicidade quanto trabalho… Não tanto trabalho quanto o maridão, mas essa é uma outra história! Mas, pouco antes de dormir, mais uma vez lembrei-me de minha amiga, seu tio e a inusitada frase que usou para descrever a situação…

E naquela noite sonhei com ele, com covas, com paisagens deslumbrantes que conheço e jamais vi, e – lógico – com cascas de banana!

Dia novo, vida nova, afazeres de sempre, audiências de sempre.

Entretanto, mais certo que em eventos sociais, é no balcão do fórum que a gente sempre se encontra. E dali a duas semanas lá estávamos nós, novamente.

– Querida!

– Querida!

– Vai consultar algum processo?

– Não, não! Já fiz carga. Inclusive já estou até indo!

– Então tá bom. Mas, escuta: e seu tio? Como está?

– Ah, daquele mesmo jeitinho, né? Um pé na cova e o outro na casca de banana!

Pronto. Lá veio ela com aquela bendita frase de novo! Levei dias para esquecê-la e agora eis que ela volta pra me assombrar…

E não demorou muito, eu, já no mercado, durante as compras semanais de sempre – que talvez seja um dos únicos lugares fora o salão de beleza em que conseguimos pensar com calma – voltei a pensar naquela frase. E só pude concluir que normalmente ficamos tão absortas na correria que deixamos a vida passar. Deixamos de viver, de passear, de nos divertir, de conhecer gente nova, lugares novos, até mesmo de simplesmente comer todos os chocolates que pudermos, só para tentar dar conta desse carcereiro chamado tempo que teima em nos roubar o que de mais precioso temos. E quando menos esperamos podemos ficar numa situação como a desse tio de minha amiga. Nem bem, nem mal, mais pra lá que pra cá. E esse tempo que nos foi levado? Pra onde foi? Como pegá-lo de volta?

Semanas se passaram até que a vi de novo. Lógico, nos corredores do fórum. Lá vinha ela com aquele seu tradicional passinho lépido e já antevi o nosso usual encontro de segundos. E de antemão aquela frase também já me veio à cabeça: *"um pé na cova e outro na casa de banana"*…

– Querida!

– Querida!

– E seu tio, como está?

– Então, menina. *Escorregou!*

### *Despertar*

Abri os olhos.

Meu corpo reclamou, ligeiramente coberto de suor.

Afastei as cobertas e o primeiro pensamento que me veio: ela se foi.

Finalmente aquela maldita dor de cabeça que me consumia até o último dos neurônios se foi.

Respirei fundo e fui ver como estava o dia lá fora. Como o mundo se comportou ante a minha forçosa ausência. Bem, como era de se esperar, o mundo continuou sendo mundo. Um ligeiro toque de melancolia maculou minha alma. Serei tão desnecessário assim? A casa em silêncio – afinal as crianças estavam na escola – fazia ecoar meus próprios passos.

Com o corpo ainda dolorido resolvi que era hora de dar uma olhada também lá fora, ver um pouco de céu, de ar, de gente.

No caminho resgato um cigarro e visito a garrafa térmica. Um último gole ainda me aguardava. Precisava de ambos. Afinal já se passaram dois dias inteiros sem café e ao menos mais de um sem cigarro! Muito tempo sem nenhum veneno no corpo.

No meu cantinho de sempre, da amurada do navio que a casa se transformou, vejo o mar de asfalto logo abaixo, onde apressadamente navegam carros e motos e gentes em busca sabe-se lá de o quê, sob um céu sem sol, acinzentado como tudo o mais.

Nesse momento a capela logo em frente põe-se a tocar *Ave Maria* no seu nada sofisticado sistema de som, com um único megafone dependurado à porta. Era a costumeira versão de *Charles Gounod*:

– *Ave Maria, Gratia plena*

Como que atraído por aquele triste lamento, meu vizinho também sai, mas à rua. Joga algo na lixeira, volta, recosta-se no portão.

– *Dominus tecum, Benedicta tu*

Volto toda minha atenção para ele que, agora, acocorado, perde-se em algum íntimo devaneio, olhando sem ver a densa mata que se ergue frente às nossas casas.

– *In mulieribus, Et benedictus*

Não posso deixar de pensar que, de algum modo, assim como eu, com esse ambiente, com essa música, também nele se fez vibrar alguma dissonante nota de tristeza dentro d'alma.

– *Fructus Ventris tui, Jesus*

E, não sei o porquê, talvez me atentando ao silêncio reinante dentro de minha própria casa, lembrei-me de seu filho, pouco mais que um adolescente e que faleceu há pouco tempo. Pouco mais de um ano, ou anos, creio eu.

– *Sancta Maria, Sancta Maria, Maria*

E me veio um aperto no coração, um aperto do tipo que se sente quando o mundo se distorce, retorce e contorce ao seu redor. Quando algo está extremamente errado e não necessariamente conseguimos entender o que é. Sequer sei se é sobre isso que ele devaneia, mas ao vê-lo, ali, aquele pai que sobreviveu ao filho, de um certo modo sua dor se torna minha dor. Seu lamento se torna meu lamento.

– *Ora pro nobis, Nobis peccatoribus*

Ainda me lembro do dia em que o garoto faleceu. Alguma espécie de leucemia descoberta tarde demais, se não me engano. Lembro-me claramente dos gritos desesperados de sua irmã naquela madrugada em que se foi, quando recebeu a notícia de sua partida. Gritos somente suplantados pelos da própria mãe. Mas dele, do pai, não me lembro sequer de um som. Talvez não estivesse lá. Mas talvez estivesse. Sofrendo. Como agora, em silêncio.

– *Nunc et in hora mortis, Hora mortis nostrae, Amen*

E, cá no meu canto, comungo com ele uma silenciosa oração por aquele menino que tão cedo se foi. Apenas uma solitária lágrima rola por minha face, ainda que meus olhos estejam completamente marejados. E, talvez egoisticamente até, sinto uma enorme saudade de minhas crianças e da algazarra que normalmente preenche este lar e este coração vazios.

## *Imagem e Ação*

– Não tem o menor cabimento!

– Como não? Não é para compartilharmos tudo? Então?

– Meu amor (tom de paciência e resignação após respirar profundamente), entenda que MEU Facebook é MEU Facebook! Não faz o menor sentido você utilizá-lo para postar as suas coisas!

– Ah, é? Mas se eu não posso utilizar nem mesmo o meu, então isso significa dizer que eu posso utilizar o seu!

– Você que utilize o seu do jeito que quiser!

– Ah, mas agora eu até já apaguei ele.

– Nem me venha com essa. Você sabe que a qualquer tempo dá pra recuperar tudo. Você já fez isso muito mais de uma vez!

– Escuta: de que adianta eu ter o meu Facebook se eu não posso colocar aquilo que quero? Você não deixa!

– Não é que eu não deixo, mas toda vez que você muda sua senha e eu não consigo acessar o seu Face, acabo ficando desconfiada, né?

– Desconfiada de quê? Em todos esses meses que estamos juntos já lhe dei motivos pra não confiar em mim?

– Ah, você deve estar brincando, né? E aquelas sirigaitas que ficavam flertando com você no Inbox?

– Não, mas aquilo não tinha nada a ver…

– Ah, não? Tá bom. Faz de conta que eu acredito.

– Mas aquilo foi passado…

– Passado ou não, não interessa. Você tem o SEU Face e se quiser publicar alguma coisa que vá na timeline do SEU Face.

– Como se eu pudesse.

– Ah, não pode, é?

– Não. VOCÊ não deixa! Toda vez que eu coloco meu posicionamento político ou tento encorajar algum movimento social, você vem me dizer que aquilo vai te prejudicar de alguma forma!

– Acontece que você não pensa! Tudo o que você vê é a necessidade de escrever o que quer, de colocar sua posição! E eu, como fico? Seu "posicionamento político" é totalmente diferente do meu, não dá pra deixar, na minha própria timeline, que as pessoas pensem que eu concordo com aquilo que você escreve!

– Tá vendo? Tá vendo? É esse o problema: você me sufoca. Eu fico travado, não posso falar o que penso, não posso sequer discutir aquilo que acredito ser o certo. Que culpa eu tenho se o MEU certo é diferente do SEU certo?

– O problema não é esse. O problema é que você vende uma imagem de "salvador da pátria", do lutador, do batalhador, de alguém que respira revolução. Como se na vida real você fosse assim! Acho que é esse realmente o problema: sua imagem na Internet é mais importante que nosso relacionamento! Desse jeito não é possível!

– Ah, imagem, é? Então vamos falar de imagem. E você, então? Você é a pessoa mais antissocial que eu conheço. Entre sair com meus amigos e

ficar em casa vendo filmes e séries baixados da Internet, você não pensa duas vezes! Aquela moça cheia de sorrisos, cheia de energia, toda atleta e tudo mais que aparece nas fotos da sua timeline simplesmente não é a mesma pessoa que passa por essa porta todas as noites!

– (…)

– Ah, não acredito! Ficou sem resposta, né? A verdade dói, não é mesmo? E é por isso que, já que eu não posso fazer o que quero no meu Face, então vou usar o seu Face pra isso. Daí você vai ter o gostinho de sentir a mesma sensação que senti em todos esses meses: violado moralmente!

– Se tá tão ruim assim, então por que é que ainda estamos juntos?

– Eu gosto de você. Eu te amo! Mas não posso deixar minhas convicções de lado.

– Suas convicções… Sua imagem, isso sim!

– Que seja, mas é o que sou – e não vou mudar!

– Olha, se o problema é a Internet, então vamos fazer o seguinte: não deixe de ser quem você é. Vamos ficar fora disso. Por um tempo. Sei lá, vamos tentar… Por favor?

– Como é que é? E como vou pagar minhas contas? E os e-mails com meus contratos? E a publicidade pelo Face? E a política?

– Dá pra fazer tudo isso sem Internet…

– Meu amor, entenda: não existe vida sem Internet.

E assim terminou aquela discussão. Naquele momento. De modo fulminante. Não havia mais nenhum argumento. Nada mais a declarar. E naquela noite foram se deitar. Emburrados, enfezados, cada qual com um nó na garganta. E agora? Como continuar? Voltar atrás? Permanecer daquele jeito? Sem respostas, assim dormiram. Bunda com bunda.

Mas, por sorte ou por azar, quis o Destino se intrometer nessa briga, inserindo um inesperado capítulo nessa novela que estava longe de acabar. Em se falando do mundo da informática como vilã, eis que, exatamente por uma providencial confusão no processamento de dados nos computadores do banco, os débitos em conta não caíram no cartão de crédito. E assim, menos de um dia depois da desavença, viram-se eles chegando em casa tarde da noite enfrentando um breu sem saber o porquê. Sem energia. Sem telefone. Sem celular. E, obviamente, sem Internet.

No começo foi esquisito. Não tinham como se mover naquela escuridão. Lanternas? Quem tem isso nos dias de hoje? E, ainda que tivessem, as pilhas já teriam se esgotado. Velas? Nem de aniversário. Mas tinham aquelas aromáticas! O jeito era espalhar as poucas existentes pela casa.

E assim foram tomados por aquele novo e estranho ambiente de aconchegante e perfumada penumbra…

No dia seguinte, cada qual em seu canto, cada qual em seu trabalho, ambos ainda tentaram – sem sucesso – vencer a confusão que o computador lhes proporcionou. Continuavam desconectados do mundo. Nem mesmo os celulares permitiam acesso! Mas a vida continua e as contas vencem nos prazos de sempre. Com o cartão bloqueado a saída era pegar a fila no banco. Audácia! Imaginem, nos dias de hoje, serem submetidos a uma forma tão arcaica de atitude.

– E aí, sujeito!

– Hm? Ah, oi. E aí, moça, há quanto tempo, hein?

– Só se for pra você! Que acontece? Faz uns dois dias que não te vejo online…

– Ah, não. Só tô dando um tempinho, sabe? Internet demais, sabe como é…

– Ah, não sei não! Eu não consigo ficar um dia sem saber o que está acontecendo! Mas – nossa – não sabia que você estava assim com o cabelo grisalho. Sua foto lá está diferente…

– É… Tá meio velha, né?

– Não sei porque não atualiza. Ficou bem assim. Na verdade, se pensarmos bem, acho que já tem meses que nos vimos pessoalmente!

– É mesmo! Foi quando nasceu seu filhote! Como está o bebê?

– Já está andando, rapaz! Você realmente tá fora do mundo real, hein?

E foi assim, com aquela frase final na cabeça, que naquela noite ele voltou para casa começando a vislumbrar e perceber o quanto de razão poderia haver em tudo aquilo. E ambos conversaram sobre isso, conversaram muito mesmo, pra tentar se entender. E, agora já sob a luz de velas de verdade emolduradas num belo castiçal que ela havia encontrado num brechó durante o dia, jantaram animadamente – como há muito não o faziam – e brindaram com suas já não mais empoeiradas taças de vinho.

Por um breve segundo quase lamentaram a falta de um Instagram para registrar o momento – mas, afinal, isso serviria para quê? Só pra fazer inveja a quem quer que seja? Bobagem. A vida a dois era muito mais importante. E, desde que se conheceram – pela Internet, diga-se de passagem –, pela primeiríssima vez estavam tendo uma noite a dois, sem a presença da multidão onipresente que invariavelmente os cercava: e-mail, blogs, Facebook, Twitter, Instagram, Foursquare, WhatsApp, GTalk, e sabe-se lá quantas outras "ferramentas" inventadas para trazer a comodidade que eles simplesmente não precisavam.

Mas que também não sabiam inexistir.

Simplesmente por forças ocultas alheias – sim, o Universo conspira quando necessário – ambos se viram obrigados a viver uma vida desconectada. Por mais tempo que imaginavam e, o que no início era um desconforto, passou a ser uma cotidiana busca de opções. Nada de filmes ou seriados na portentosa TV de cinquenta polegadas – por não poder baixá-los e, muito menos, assisti-los. Compartilhar livros começou a tornar-se um hábito e discutir – no bom sentido da palavra – o posicionamento de cada qual com relação aos autores, mais ainda. Receber (e conhecer) amigos de um de outro, também. O que era a princípio estranho para as visitas, tornou-se um charme. Motivo de comentários nas redes sociais – dos quais eles sequer tomavam conhecimento. Sem energia o negócio era improvisar, de modo que sempre tinha alguém com um violão, uma flauta e – pasmem! – até mesmo um violino, numa memorável noite de foundue!

O problema tão digladiado na origem perdeu-se na memória, pois não havia – nem por parte de um nem por parte de outro – nenhuma necessidade de "passar uma imagem" de quem pretendiam ser. Pois, do ato ao fato, passaram efetivamente a sê-lo. Até mesmo a política, essa eterna controversa, passou a ser melhor compreendida entre ambos. Não que tenham mudado seus posicionamentos – jamais! Entretanto, por pura falta de opções, se viram obrigados a entrar um na cabeça do outro e compreender o que cada um pensava e se forçar a rever suas próprias íntimas convicções, sem ninguém para "curtir" ou "comentar" algum eventual desabafo de momento. E, como sempre, respeito gera respeito.

Mas, como dizia o poeta, tudo que é bom um dia acaba.

E os computadores resolveram fazer as pazes e solucionaram os problemas de débitos e créditos pelo qual por tanto tempo foram submetidos.

Numa bela noite de sábado, após um revigorante dia com amigos de ambos na piscina do condomínio (sim, lá havia uma piscina na qual jamais haviam sequer chegado perto), entre confusos e ofuscados entraram naquela estranha casa toda iluminada para só então descobrir que era a mesma em que moravam. E ela lhes pareceu apática e sem personalidade. Jantaram cabisbaixos e foram dormir em silêncio. E agora? Como continuar? Voltar atrás? Permanecer daquele jeito?

No dia seguinte resolveram tomar seu café da manhã fora, como também há muito não faziam. Aquela casa agora era estranha, cheia de sons silenciosos e zumbidos ocultos que lhes testavam a compreensão. E, mais uma vez, conversaram, conversaram muito pra tentar se entender.

E assim o foi. A televisão, venderam. Os computadores, também. Os tablets e notebooks viraram presentes para filhos de amigos.

Como sei de tudo isso? Encontrei-os há pouco, na usual "feira do rolo" de domingo, aqui perto de casa. Tinham acabado de fazer uma troca, com um atônito rapazinho, em que entregaram seus ultramodernos smartphones por aparelhos da década passada, somente de teclas e ainda com aquele visor verde. De quebra estavam levando também uma coruja de madeira e uma bomba de ar, daquelas antigas, para encher o pneu de suas bicicletas.

– Uai? Depois de tudo isso, celulares, é, moça?

– É. Não dá pra fugir de tudo, né? Mas somente daquilo que for possível…

– Tãotáintão. E no mais?

– No mais? A vida continua!

E foi assim, olhos nos olhos e sorrindo, que os vi desaparecer de mãos dadas no meio daquela multidão de pessoas reais.

### *Para eu me apaixonar por você, garota...*

Sabe, não sou o tipo de cara que se apaixona meramente por um rosto lindo e um corpo monumental. Também não me importa se você usa roupa de grife, tem um carro do ano e só degusta os melhores vinhos. Não quero saber se você frequenta as casas noturnas mais badaladas da cidade, e que gosta de mostrar o quão influente é a sua presença nesses lugares.

Eu não sou o tipo de sujeito que vai se apaixonar só porque você me chamou de lindo. Muito menos ficarei tentando te agradar quando você

começar a contar vantagem pra cima de mim. Aliás, é provável que eu te ache uma babaca se você fizer isso…

Eu não quero saber quanto tempo você passou na academia. Nem sobre aquela noitada com suas amigas onde todos os homens babavam por você. Aliás, se tem um monte de homem correndo atrás de você, querendo que você saia desfilando com eles do lado, no melhor traje, sapato mais caro e uma aparência de arrasar, parecendo um pombinho empertigado de tanto que fica se achando, fique sabendo que eu não sou desses metidos a galã.

Talvez seja por isso que até seja difícil eu me apaixonar. Não me encanto por tamanhas futilidades. Às vezes eu me encanto por alguém. Acontece quando você é dessas garotas que estão de bem com a vida e consigo mesma, mas não precisa esfregar isso na cara de tudo e de todos. Eu me apaixono quando eu vejo que você cuida de mim, sem invadir meu espaço. Se preocupa comigo, mas não me faz sentir um incapaz. Conta comigo, mas não depende de mim. Eu gosto quando você é gentil, pega na minha mão, me olha nos olhos, me abraça.

Se você for inteligente, eu me apaixono. Mas não precisa querer me mostrar o quanto você é inteligente o tempo todo. Eu vou perceber isso quando conversarmos. Aliás, eu me apaixono se você gostar de conversar e gostar de ouvir.

Olha, vou contar que eu tenho uma queda grande se você tiver um desses talentos bonitinhos, do tipo criar um prato especial só pra gente ou mesmo tocar violão. E gostar de ficar fazendo companhia, durante horas, fazendo um carinho bom… E eu não vou me importar se seu perfume é de marca ou não… Eu gosto é de sentir o cheiro da sua pele mesmo… Se eu gostar do cheiro da sua pele, se nossa pele combinar, te garanto, seremos capazes de nos arrepiarmos inteiros apenas com nossos singelos toques…

Eu vou gostar se você me surpreender. Mas nada exagerado. Não quero que você demonstre em público com declarações cheias de potenciais micos. Me surpreenda trazendo a minha cerveja preferida, ou combinando um jantar naquele restaurante que eu adoro.

Eu não quero saber se você vai me dar presentes caros, ou querer dividir a conta. Aliás, entenda o pagar a conta como uma gentileza. Não sou desses neuróticos que querem tentar provar quão independente você deve ser e correr o risco de que acabe entendendo isso como uma ofensa. Mas isso

não vai me fazer ficar apaixonado por você. E se você quiser dividir, eu também não vejo problema nenhum. Agora, se você se importa com outras coisas, se demonstra que tem interesse em mim, de saber quem eu sou ou de onde vim, e quer dividir essas coisas comigo também, olha, por esse tipo de conta a dividir eu até posso gostar de você.

Se o nosso papo flui, se a gente conversa, e gosta da companhia um do outro… Se o beijo encaixa, se na cama encaixa, se no gosto encaixa… Se você me admira, e não me vê nem acima, nem abaixo de você própria, se você valoriza minhas qualidades que vão além de um rosto bonitinho ou de um braço forte ou mesmo um sujeito sarado, olha garota, eu tenho grandes possibilidades de me apaixonar por você… Se você me olha nos olhos, me abraça apertado, me faz rir e quer dividir sua intimidade comigo, você me encanta… Se você me pega pra dançar – por mais que eu não goste – me tasca um beijo apaixonado… Se me puxa de repente e me arranca outro desses beijos… Mostra respeito mas não esquece do tesão, olha, você tá no caminho certo.

No jeito que você me olha eu sou capaz de perceber se gosta de mim, se tem vontade de mim. Então me olha, me busca. Repara em mim, como reparo em você.

E cuida. Dá atenção. Esquece o ciúme. Me faz rir. Me arranca gargalhadas. Eu adoro quem faz isso. Não concorda com tudo que eu digo, me contesta. Mostra que você pensa sob outro ponto de vista também. Me mostra que a vida é mais que isso que eu penso. Me ajuda a enxergar coisas novas, vou fazer isso com você também. Me manda uma mensagem no meio do dia dizendo que pensou em mim porque viu algo que eu gosto muito ou porque sentiu saudades. Diz pra eu ficar bem quando nos despedirmos. Me abraça. Diz que não vê a hora de me ver de novo.

Saiba que o que vai me fazer apaixonar por você, garota, não é o que você tem, não é o seu corpo, não são suas conquistas anteriores e muito menos a competição com outros caras. O que vai me fazer ficar apaixonado é quem você é, é o que você pensa, e como você me trata. É como estamos em sintonia e como me sinto bem somente por estar ao seu lado.

Simples assim…

*(Esse texto foi uma "adaptação" de uma outra versão, de autor desconhecido, o qual – na sua "versão feminina" – pode ser encontrado na Internet. Mas, ainda assim, esses meus rabiscos são tão verdadeiros quanto o original…)*

### *Orando por quem mesmo?*

Eu sempre costumo dizer que não precisamos de roteiristas ou ficcionistas, pois a vida nos dá munição… Segue mais um causo que ouvi recentemente para que vocês confirmem se estou certo ou não.

Coisa de umas duas décadas atrás. Um grupo de jovens reunia-se na casa de um deles para sua oração diária, como então era comum. Às vezes somente eles, às vezes com alguns amigos ou convidados, esse era o costume de então.

Para "não dar trabalho" um deles já chega na frente, um dos mais esforçados e, às vezes, atrapalhado do grupo, organiza tudo e faz os devidos arranjos num improvisado altar. Acende as velas, coloca um quadro, enfim, prepara o local para as visitas que virão orar.

Um a um vão chegando, se cumprimentando e já se preparando, também, para dar início à reza. Nesse dia, em especial, como convidado, um amigo do grupo, conhecido professor de história.

No instante do início da oração, eis que o professor pede um momento!

Confusos e sobressaltados eles param e olham em direção ao convidado, curiosos.

– *Me digam uma coisa: estamos aqui para orar, certo?*

– *Sim*, responde um deles.

– *Mas, desculpem-me, é em intenção a alguém em especial?*

– *Não, viemos orar para Jesus, como sempre fazemos.*

– *Ah, por isso então desse quadro no altar?*

– *Sim, isso mesmo.*

– *Entendi. Mas vocês têm consciência que Jesus foi crucificado, não é mesmo?*

– *Claro, claro*, vão respondendo um a um, maneando suas cabeças, ainda meio que confusos.

– *Então podem me explicar o porquê desse quadro de um sujeito que não foi crucificado, mas sim* ***enforcado****, no caso,* ***TIRADENTES****???*

## *A história de uma multa*

E então o caboclo, sabe-se lá por quais motivos, precisou transportar a moto de um lugar para outro.

Fez o de praxe: tirou a máquina da garagem, trancou tudo, deu partida, aguardou um tempinho pra esquentar (sim, ele sempre foi cuidadoso), colocou o capacete, afivelou, refez o trajeto mentalmente, engatou a primeira e foi.

Mas não foi longe – na realidade bem ali perto. Isso porque o transporte ia ser feito usando o reboque de um amigo. Chegou, deu uma buzinadinha, foi atendido – o carro e o reboque já estavam na rua – colocou uma prancha, subiu com a moto, prendeu-a de modo bem firme, desceu do reboque, agradeceu o amigo, pegou a chave, ligou o carro, engatou a primeira e foi.

Um dia até fresco num bairro tranquilo, abriu a janela, cotovelo apoiado, um olho na rua, outro no retrovisor e seguiu seu caminho...

Mas a cada semáforo percebeu que as pessoas invariavelmente apontavam em sua direção e algumas até mesmo riam. Esquisito aquilo. Olhou pra trás: a moto estava bem firme lá no reboque. Paciência. Gente esquisita, essa. Continuou seu caminho.

De repente – já viu de longe – um comando lá na frente. *"Tudo bem"*, pensou consigo mesmo. *"Toda documentação está em ordem, tanto do carro, quanto da moto e até mesmo do reboque. Se me pararem vão simplesmente perder seu tempo comigo."*

E não é que mandaram que parasse?

Sorriu, deu uma acenadinha, reduziu a marcha, ligou a seta, encostou o carro, puxou o freio de mão, desligou o motor, abriu a porta, desceu, já meteu a mão no bolso, tirou a carteira, puxou os documentos e, ali na rua mesmo, dirigiu-se ao guarda.

– Documentos, né? Tá tudo aqui, ó: os do carro, da moto, do reboque, minha habilitação...

– Meu senhor, está tudo bem?

– Uai, tá sim.

– O senhor tem certeza?

– Claro que tenho certeza. Que coisa! Olha, se o senhor puder já conferir os documentos e me liberar, é que eu tô meio com pressa, sabe?

– Meu senhor, por favor venha aqui para a calçada. Precisamos conversar.

– Seu guarda, não estou entendendo. O que é que tá pegando? Por que é que o senhor está me tratando assim?

– O senhor tem certeza que não sabe?

– Claro! Não estou entendendo nada!

– Olha, quando vi o senhor vindo já achei esquisito. Por isso que pedi pra que encostasse o veículo. Agora que o senhor desceu e está aqui conversando comigo, estou achando muito mais estranho ainda. Por favor, insisto, venha aqui para a calçada.

– Seu guarda, faça o favor de explicar o que é que está acontecendo!

– Então vamos fazer o seguinte: primeiro, acalme-se. *Agora, se o senhor fizer o favor de tirar esse capacete então poderemos conversar com calma, tá certo?*

Só então, só daí, já morrendo de vergonha, foi que ele percebeu o que realmente estava acontecendo desde o momento que saiu de casa...

Quié?

Vocês estão achando que tudo isso é invenção, é?

Pior que não... Essa historieta foi, ainda que às avessas, baseada numa "Notificação de Aplicação de Penalidade" – aquela que a gente recebe *antes* da multa propriamente dita – aplicada lá de Fortaleza para um veículo Uno Mille, cujo teor da infração era: *"veículo em movimento, vidros baixos, condutor não utilizava o capacete de uso obrigatório"*.

### *E você? Cospe ou engole?*

E então aquela mocinha, toda correta e ordeira, doutora adêvogada de direito jurídico, bailarina de passos e palavras, gente boa a toda prova – e até vegetariana, vê se pode? – eis que no seu usual horário de almoço, como de praxe foi até a casa de sua mãe, ali pertinho do trabalho mesmo.

Ninguém em casa, não tem problema. Vai, mexe, fuça, arruma suas coisinhas, seus temperos e por aí afora. Prato pronto, almoço feito, fome saciada.

E essa sede, meu Deus?

Fuça mais um pouco e, na geladeira, uma garrafa com um providencial suco de uva. Sim, ela estava atrás de suco de uva mesmo, e não, não tô sendo sarcástico fazendo de conta que estaria falando de vinho. Era suco de uva que ela queria. Que coisa!

Bem, onde estávamos? Ah, sim: a garrafa.

Baixou um copo do armário – meio copinho já estaria de bom tamanho – serviu-se e guardou novamente a garrafa na geladeira. Meio copinho, geladinho, daqueles que numa golada você se sacia.

E assim o fez.

E depois que o fez, já não soube o que fez!

– Oi?

Aquilo tinha gosto de qualquer coisa, MENOS de suco de uva. Afinal de contas o que era aquilo? Até que era gostoso, mas definitivamente não era o que ela esperava. Sim, até estava geladinho, mas também meio ardidinho. E por que ela não conseguia entender que gosto era aquele? E por que seu raciocínio estava meio lento? E por que o chão estava meio inclinado? E por que as paredes teimavam em não ficar paradas?

– Oi, filha!

– Mãe?

– Sim?

– Me diz uma coisa, mãe: sabe aquela garrafa ali na geladeira?

– Ah, sim, ficou bom, né?

– Mãe, o que era aquilo? O que é que ficou bom?

– Ah, filha, então, eu mesma que fiz. Talvez tenha ficado um pouco forte, mas ainda melhoro na próxima.

– MÃE. O. QUE. ERA. AQUILO?

– Ué, não é óbvio? Licor de Jabuticaba.

– OI?

– Uma delícia, né, filha?

E ela, toda mocinha, não se sentindo lá nem muito correta nem muito ordeira, doutora embriagada de direito jurídico, tropicando entre passos e palavras, por mais gente boa que fosse, estava totalmente tontinha – vê se pode? Só com meio copinho?

Bem, como toda mulher que se preza, do alto de seu salto, o negócio era enfrentar a situação e, zureta ou não, voltar para o trabalho. Quieta no seu canto, cuidando de seus processos e prazos, já, já que aquilo passava e tudo certo.

Aliás, pensando bem, no máximo, a pior coisa que poderia lhe acontecer naquele momento seria somente encontrar com seu chefe...

Uai? Que foi? Tá procurando o quê ainda? Já acabou.

Vai dizer que foi por causa do título desse texto?

Êitcha que não é nada disso não!

Esse aqui continua sendo um cantinho de família, tá bão?

Cambada de hereges...

Mas nem é preciso falar o que ela fez, né?

Aliás, só pra constar: adivinhem quem é que sou o chefe dela? E, óbvio, quem foi que ela encontrou ainda na rua, antes mesmo de voltar para o trabalho?...

### *Chá de boldo amargo medicinal e sem açúcar*

Então tem essa figuraça com quem trabalhei durante muitos anos. Por incrível que pareça, um sujeito tímido. E, justamente para enfrentar essa timidez, sempre foi um cara pra lá de bem humorado, sempre propenso a “pegadinhas” e coisas do gênero, o que somente foi aumentando cada vez mais a aura de cara sacana que sempre orbitava à sua volta. Mas, em verdade, em verdade, não era assim. Bem, quase. Vamos chamá-lo de “Xina”.

E dos inúmeros causos que me contou em inúmeras situações, teve um que jamais me esqueci. Ele trabalhava num banco, concursado, cargo de gerente ou algo que o valha.

Numa era pré-informática, quando mais se trabalhava com papel que com pessoas, tinha lá a sua própria mesa, com a famosa “mesinha de café” logo

atrás. E quem já trabalhou em banco sabe: lá dentro somos todos movidos a café. Aliás, fora do banco também. Mas não é esse o caso.

O caso é que nessa mesinha havia uma garrafa térmica. E, na garrafa térmica, uma etiqueta colada com os seguintes dizeres:

*"Chá de boldo amargo medicinal e sem açúcar."*

Intimidador, não?

E quem passasse por ali, já pensando em serrar um cafezinho, se deparava com aquela garrafa e já ia perguntando, com nariz torto:

– Pô, Xina! Quiéisso, hein? Algum tipo de remédio, por acaso?

E sempre que alguém fazia essa pergunta, já com uma cara toda lamentosa, o Xina buscava um daqueles copinhos de café descartáveis, suspirava fundo, se servia de um tanto da garrafa térmica e dizia:

– Estômago, cara. Sabe como é, né? Tenho que ficar o dia inteiro tomando esse troço...

E, ato contínuo, virava aquilo numa golada só, fazia careta e buscava um olhar de compreensão – que sempre lhe era retribuído, pois ninguém estava a fim de tomar aquele negócio, ainda mais o dia inteiro. E deixavam-no em paz, com seu "chá de boldo amargo medicinal e sem açúcar".

Só tem um detalhe.

Era uísque.

### *Era uma vez uma perna...*

Invariavelmente vocês já me ouviram aqui reclamando do meu joelho. Pra quem não sabe – ou não lembra – isso foi desde o acidente. Mas isso é só por conta de meu crônico e houseriano mau humor, pois tem gente neste mundo que, Pollyannas à parte, consegue sempre ver o lado bom das coisas.

Ou seja, é isso mesmo, crianças: *senta que lá vem história!*

Essa minha amiga, Milena, tem um tio que tinha um problema na perna. Não me perguntem qual – não sei! A única coisa que sei é que essa perna sempre doía, o tempo todo. Aliás, que nem meu joelho. Mas, no meu caso, trata-se de uma dor constante mas suportável, diferente da dele, que incomodava e muito.

Ainda assim era um cara de um bom humor insuportável. Sabem aquela figura de tiozão legal que, invariavelmente, encontramos em toda família? Então. Ele era assim. Bom humor à toda prova. Aliás, mais até do que poderíamos imaginar, como vocês vão ver...

Pois bem. Com a perna sempre o incomodando e após passar por diversos médicos, segundas e terceiras opiniões, veio o inafastável diagnóstico: teria que amputá-la.

E lá foi ele para a cirurgia.

E, logo depois, tio querido que era, lá se foi também a Milena para visitá-lo. Ela e o maridão. Chegaram no quarto apreensivos, com cuidado e cheio de melindres, afinal – caramba! – ele teve uma perna amputada! Qual seria sua reação? Será que entraria em depressão? Como ele passaria a encarar o mundo a partir de então? Foi com essas preocupações na cabeça que, receosos, foram entrando...

– Oi tio...

– Oi! E aí, crianças? Tudo bem?

– Errr... Com a gente tá, sim... E o senhor, tá tudo bem?...

– Olha, filha, vou te falar uma coisa: se eu soubesse que esse negócio era desse jeito, minha decisão com certeza teria sido outra!

– Ai, tio! Como assim?

– Ora, se eu soubesse que ia parar de doer, já tinha cortado essa perna faz tempo!

– CUMÉQUIÉ???

– É sério! Pela primeira vez em muito tempo é que consigo estar relaxado. Você já deu uma topada com o mindinho numa perna de mesa? Sabe aquela dor excruciante que a gente sente na hora? Então. Agora imagine se essa dor NUNCA passasse. Era mais ou menos isso que eu sentia na minha perna. Agora que não tem mais perna, não tem mais dor. Olha que maravilha!

– Caramba, tio. A gente veio aqui esperando tudo, menos esse tipo de reação! Quer dizer, então, que está tudo bem?

– Olha, na verdade, na verdade não está não...

– Ué? Por quê?

– Tá vendo aquele camarada ali?

Foi então que notaram, no outro canto do quarto, mais uma cama. E, nela, um sujeito que fazia questão de se deitar de costas para eles, nitidamente não querendo participar de nada daquilo e, provavelmente, embalado num mau humor dele só.

– Ahn... Tá. Que é que tem ele, tio?

– Então. Vocês não vão acreditar na coincidência! Esse sujeito também teve um problema na perna e também teve que amputá-la. E até é por isso que estamos aqui no mesmo quarto. Só que ele não está nadica de nada conformado com isso, não! E eu fiquei ontem o dia inteiro tentando animá-lo e reconfortá-lo, sabem? Até que estava indo tudo mais ou menos bem, só que agora ele não quer mais falar comigo!

– Por que, tio? O que foi que você disse pra ele?

– Não foi nada demais, oras! Sabem o que acontece? É que a perna dele que foi amputada foi a direita, enquanto que, no meu caso, foi a esquerda.

– Tá, e daí?

– Daí que, conversa vai, conversa vem, eu descobri que a gente calça o mesmo número! Olha só que legal!

– Como assim “legal”, tio?

– Caramba, será que vocês não estão entendendo? Antes desse nó cego enfezar e ficar amuado, ali no canto, eu tinha feito a seguinte proposta pra ele: já que a gente calça o mesmo número poderíamos combinar de sair sempre juntos pra comprar sapatos, oras! A gente racharia a conta e cada um ficaria com um pé...

### *Tinderada*

E eis que nossa heroína de hoje havia marcado um encontro pelo Tinder!

Para os incautos que não conheçam o atual estado da tecnologia de pegação, saibam que “Tinder” nada mais é que *“um aplicativo que apresenta pessoas que estão próximas a você. Através do programa, você poderá conhecer outros usuários que também estão registrados no aplicativo, com o objetivo de marcar encontros.”* Ou seja, dá uma olhada na foto, troca umas mensagens, vê se rola um clima e marca uma ponta... Simples assim.

E o local do encontro marcado foi um belo de um barzinho aconchegante...

Apesar de não gostar nem um pouco de se adiantar, curiosamente nesse dia ela acabou chegando antes que o moçoilo. Resolveu mandar uma mensagem pra saber por onde ele andava. *"Já estou entrando"* – foi a resposta dele.

Nisso, eis que ela levanta os olhos e vê o sujeito vindo porta adentro enquanto guardava o celular no bolso. Seus olhares se cruzaram e ambos sorriram. Ele, de contentamento. Ela, de mais puro nervosismo.

E não, não era nervosismo pelo encontro em si. É que o caboclo não tinha NADA a ver com a foto. Sabem "nada"? Nothing? Niente? Zero? Então. Que enrascada! E agora, como sair dessa? Enquanto isso, ele veio caminhando em sua direção. Ela esboçou o sorriso mais congelado que se pode imaginar para alguém, olhos levemente arregalados e tascou-lhe um *"oooooooooooooooooiiiiiii"* próximo do interminável...

Ele aproximou-se, ela beijou-o no rosto (ainda com aquele sorriso sardônico travado em seu próprio rosto), entreolharam-se – aquele momento meio de vazio quando duas pessoas não sabem bem qual o próximo passo. Ela começou:

– E aí?

– E aí? Tudo bem?

– Tudo!

– Ahn... Você já pediu alguma coisa?

– Não, não. Também acabei de chegar.

– Que tal um choppinho pra ir quebrando o gelo?

– Ah, tá. Acho legal!

Nisso ele deu uma olhada por sobre o ombro, parecendo que estava meio que medindo o local. Fixou um ponto ao longe, sorriu e garantiu:

– Vou providenciar, então. Só um minutinho e eu já volto!

*"Só um minutinho?"* Cumassim? Podia levar todos os minutos que quisesse! E um só chopp não iria dar conta de enfrentar essa noitada. Ou melhor, essa roubada! Um porre era o mínimo que ela tinha que esperar agora... Que sacanagem, isso! Como podia ter se enganado tanto com alguém? E olha que no Tinder a conversa dele até que era legal, bem

descolada, inteligente, bem humorada... Bem, como dizem por aí, *"já que está no inferno, abraça o capeta"*. E que capeta, viu? O negócio agora era tentar descontrair um pouco, olhar o movimento, o lugar, as possíveis rotas de fuga...

Foi então que ela o viu.

Um outro sujeito.

Parado, na porta, conversando.

Seus olhares se cruzaram.

E ele sorriu. E acenou.

E ela, tímida, parva, também acenou...

ESSE é que era o rapaz da foto, do Tinder, das conversas, de tudo!

Mas, mas, mas... E o outro?

Nisso, ela virou-se e o viu voltando para a mesa.

Com o chopp.

*Era o garçom...*

***Outro proseio***

– E aí, meu rapaz?

– E aí...

– Êêêê... Já vi tudo. Problemas de novo, né?

– Oi?

– PRO-BLE-MAS. Pê-érre-ô-bê-éle-ê-ême-á-ésse. Problemas.

– É. Mais ou menos...

– Sabe o que é infinitamente incrível? E olhe que de infinito Eu entendo. Você raramente vem aqui, quando vem é porque tem alguma coisa incomodando sua cachola e quando Eu pergunto o que é, você fica com essa infantilidade de "meio que sim", "meio que não"... Enfim, DE-SEM-BU-CHA!

– Caramba! Calma aí! Um pouquinho de paciência, faz favor.

– Paciência Eu tenho. Divina paciência, Eu diria. Mas se você já sabe o que precisa, então poupe Meu tempo.

– Ei! E aquele negócio de onipresença, hein? Presente em todos os lugares, etc, etc, etc?

– Não é porque Sou onipresente que o tempo passa mais rápido ou mais devagar para cada aspecto de Mim. Aliás, no nosso último proseio já não deixei bem claro que nem precisava vir aqui para Me procurar? Lembra? *"Sempre contigo..."*

– Sim, sim. Eu sei. É que, apesar de toda esta ostentação, aqui na cidade, na falta de um bosque, de um riacho, de uma cachoeira, fica mais fácil nossa conversa aqui neste lugar. Grande, arejado, geladinho...

– Tá, tá, tá. Mas, e daí?

– Tá bom. Calma. E não adianta me olhar assim, hein? Na nossa última conversa eu estava meio que sozinho, meio que deprimido, lembra? Mas eu já superei isso!

– E?...

– Bom, o problema agora não está em mim. Está nos outros. Estou ficando cansado, muito cansado... Sabe, a mesquinhez desse povo me espanta! No meu dia a dia tenho encontrado situações que não dá pra acreditar!

– Não acredito!

– Não?

– Na verdade, sim. Mas continue.

– Tá. Pois bem. Ficar decepcionado com quem não faz parte do seu círculo, tudo bem. Na realidade, é bem isso: faz parte. Sabe, é revoltante suspeitar que algumas pessoas são capazes de jogar sujo – e muito – para conseguir alcançar seus próprios objetivos. Mas é frustrante não saber se isso acontece ou não. Contudo é extremamente decepcionante ter a certeza de que isso realmente acontece.

– Então é isso?

– Não, na realidade tem até mais. Às vezes sou obrigado a assistir pessoas maravilhosas serem engaioladas. Privadas de sua criatividade, de seu fantástico potencial de transformação. Pessoas que, por conta de situações que envolvem seus maridos, suas esposas, sua chefia, seu vizinho – não importa quem! – pessoas que são tolhidas da própria existência, limitando-

se a levar uma vidinha controlada, planilhada, regrada, abrindo mão da própria felicidade sem sequer perceber o que verdadeiramente está lhe acontecendo!

– Acho que já estou entendendo...

– Não é por mim. Não mais! É por essas pessoas que não despertam para a realidade! Do quão prejudiciais estão sendo para com os outros ou para consigo mesmas! Será que não percebem? Existe um bem maior! Um plano maior!

– E disso COM CERTEZA Eu entendo!

– Heh... Tá, tá bom. Pedi por essa alfinetada, né?

– Né?

– Então. Estou cansado, extremamente cansado, justamente porque estou rodeado desse tipo de pessoas. Por que é que são assim? Não consigo entender o porquê... Por quê?

– Ah, minha criança... Se algum dia você tiver a resposta para todas essas perguntas, mande engarrafar, rotular, reproduzir e fique rico vendendo esse elixir milagroso...

– Cuméquié?

– O que eu quero dizer é que não há resposta. Ou melhor, há. Sabe onde?

– Em mim mesmo? Nah! Não me venha com esse papinho de novo não!

– Olha o respeito, moleque... Mas perceba bem o quanto você já evoluiu: antes você vinha aqui num estado de autocomiseração, agora você vem PEDIR pelos outros!

– Não estou pedindo por ninguém! O que eu quero é saber como me livrar deles!

– Pensa bem. Não mesmo?

– (...)

– Presta atenção. Você, com seu discursinho autopiedoso, acabou demonstrando mais piedade é pelos outros que por si mesmo. Você vê injustiça nessas pessoas engaioladas em si mesmas e não consegue se conformar com a ideia de que elas não possam ou não consigam se libertar. Não é bem isso?

– É, olhando por essa ótica...

– Então. Mas o que você não sabe – ou não aceita – é que nem todos estão prontos para voar. Tem gente que, muito pelo contrário, prefere a “segurança” de sua gaiola, mesmo com todas as limitações que ela lhes impõe. Mas sabe o que é pior?

– Não. O quê?

– É que não existe gaiola. Cada um de vocês é dotado com a pequena centelha divina que Eu lhes dei, e, por isso mesmo, têm o livre arbítrio necessário para fazer o que bem desejarem. Apesar de uma gigantesca capacidade tanto para o bem quanto para o mal, a decisão sempre vai ser individual. E impor limites a si mesmos, prender-se em situações – gaiolas – das quais acreditam que não podem se livrar, bem, isso faz parte também desse livre arbítrio...

– Mas não seria melhor acordá-los para a vida? Mostrar que tudo é uma grande ilusão e que cada um pode se livrar de seu próprio sofrimento?

– Você andou lendo aquele livro do Richard Bach de novo?

– Não é isso – apesar de eu praticamente tê-lo de cor em minha mente. É que essas pessoas têm tudo pra ser felizes e não o são! Não querem ser!

– Por uma decisão única e exclusiva delas próprias... Livre arbítrio, lembra? Aliás, você mesmo tem sua própria gaiola sentimental e não percebe, não é mesmo?

– Na verdade, sim... Mas prefiro ignorá-la.

– Decisão sua...

– Como é que Você sempre consegue me fazer sentir como um tolo, como se eu já tivesse todas as respostas?

– Porque você as tem!

– É, né?

– É.

– Bem, tãotáintão. Vou nessa.

– Tá bom. Vai em paz. E se precisar....

– Sim, sim. Sempre comigo, né?

– Isso... Sempre.

## *Os barbeiros*

Cabelo é um negócio complicado…

E, no caso das mulheres, é uma complicação elevada à enésima potência! As que têm cabelos lisos, querem cacheados, as cacheadas alisam, as de cabelo longo vivem ensaiando cortar, enquanto as de cabelo curto não veem a hora de crescer, as morenas ficam loiras, as loiras ficam morenas, enquanto que as ruivas… Ah, as ruivas…

Desculpem aí. Se perdi.

Enfim, à parte desse complicado mundo feminino, não pensem que o mundo masculino é lá tão fácil. Não por toda uma eventual metrossexualidade implícita (ou explícita) deste ou daquele, mas porque cabelo de homem é foda. Ou, melhor dizendo, o MEU cabelo é foda. Apesar de, numa longínqua infância, já ter sido loiro e com cabelos lisos, meu cabelo hoje é meio que uma capina roçada pelo vento, onde cada haste resolve crescer para um lado. E se já não bastasse essa complicação, um rodamoinho perdido e um tufo do lado esquerdo teimam em sempre dar as caras. Por isso, no meu caso, não basta cortar: tem que saber cortar.

Durante muitos e muitos anos havia um cabeleireiro no centro da cidade que “acertou a mão” comigo. Mas o desinfeliz resolveu voltar pra terrinha dele e eu fiquei no vácuo. Daí, próximo ao trabalho, na cidade ao lado, fiz algumas tentativas num e noutro cabeleireiro somente para chegar à fatídica conclusão: não ia rolar. Ainda que espécime em extinção, decidi procurar um barbeiro. Barbeiro de verdade. Não iria novamente expor minhas madeixas ao alvedrio de quem achava que sabia o que fazer – só que não.

Mas a vida – a vida! – é uma caixinha de surpresas! E numa bela manhã de sol, passando distraidamente em frente a uma porta de vidro, algo me chamou a atenção. Uma cadeira de barbeiro. De barbeiro! Naquele momento não tinha ninguém naquele salãozinho de espartanas instalações. Dei uma filmada: na bancada um pincel de barba dentro de uma cumbuquinha, apenas duas tesouras num pote, uma navalha repousava ao lado dessas tesouras, um grande espelho em frente à cadeira, um pequeno pendurado a um canto e mais um armário de duas portas noutro. E só. Pensei comigo mesmo: “comigo mesmo, esse é o cara”.

Voltei noutra hora e conheci o dono do local, o grande Barbeiro (sim, Barbeiro com “bê” maiúsculo): “Seo” Titico. E, apesar do tamanhinho desse senhor, o nome dele é esse mesmo. Ou melhor, sobrenome. Pensando um pouco no assunto, creio que isso tudo aconteceu já tem uns dez anos. E, desde então, nunca mais deixei de frequentar a barbearia do único cara que conseguiu acertar o corte do meu cabelo, a um preço camarada e um proseio de primeira. Até recentemente…

É que o Seo Titico, por melhor pessoa que seja – e É –, também é daqueles senhorzinhos que adoram um proseio. Até aí, tudo bem, eu também. Mas, vejam bem, o proseio dele é daqueles que ao lembrar de um causo ou um fato curioso, simplesmente para o que está fazendo, dá um passinho pra trás e começa a contar a trama. O que eleva o tempo de corte de uns 20 minutos para pelo menos uma hora e meia. E, invariavelmente, meu tempo disponível para cortar o cabelo sempre foi o curto horário de almoço, sempre no meio de uma agenda pra lá de atribulada. Deixar o corte para os finais de semana também seria difícil, pois implicaria em ter que ir para outra cidade só pra isso. E o que era bucólico e até mesmo divertido, começou a ficar complicado. Tanto quanto meu cabelo.

Então, eis que há coisa de uns 4 ou 5 meses, li em algum lugar (jornal, TV, Twitter, Facebook, site de notícias, agregador de blogs – sei lá o quê!) acerca de dois sujeitos que teriam montado uma barbearia no estilo “das antigas”, até mesmo com um visual meio retrô – e, melhor ainda, perto de casa! De cara já me interessei, pois já há algum tempo eu vinha acompanhando esse movimento de “resgate” a esses locais destinados a um público masculino, tendo como exemplo a Barbearia Corleone, em Sampa. Resolvi descobrir um pouco mais e, fuçando daqui e dali, principalmente nos Facebooks da vida, consegui levantar algumas imagens do local: decoração de primeira, com esmero nos detalhes, ao fundo – vejam só! – uma mesa de bilhar e um freezer com cerveja gelada! Agora sim estávamos falando o mesmo idioma!

Com um pouco de custo encontrei o local (maldita reportagem que não deu o endereço!) e, lá chegando, conheci os dois desbravadores da Zona Sul: Nando e Fred. Proseamos um bocado – até porque, como fazia pouquíssimo tempo que tinham inaugurado, praticamente não tinham muita clientela – ambos passaram os primeiros dias de portas abertas, mas, sem trabalho, ficaram se aprimorando na bela arte do bilhar de boteco…

Mas, como era de se esperar, mesmo sem uma “propaganda formal”, graças ao excelente serviço (sim, eu também testei e aprovei) e, creio eu,

às redes sociais, a fama foi crescendo de maneira diretamente proporcional à clientela. Cabeludos, estilosos, barbados e barbudos, bem como hipsters dos mais diferentes estilos começaram a frequentar essa barbearia com o sugestivo nome de *"Sr. Barba"*. Assim como eu.

E o mais interessante, além mesmo do estilo e da técnica, é que são eles é que dão o tom diferencial. Ambos também com suas esmeradas barbas, tatuagens das mais diversas, mas com um proseio leve e sempre bem humorado – mesmo quando estão reclamando de alguma coisa! Somente os dois é que cuidam de tudo, desde o abastecimento da geladeira, passando pela limpeza, compra de produtos, administração, etc. E ainda trabalham pra cacete! Já pensaram? Ficar nunca menos de oito horas ali, em pé, sem folga, dando o melhor de si e ainda mantendo o bom humor? É por isso mesmo que não tem como não ser um ambiente "do bem", lugar onde é gostoso estar e participar. Mais que uma barbearia, aquilo é uma verdadeira comunidade, onde se encontram as mais diversas pessoas dos mais diversos locais, dos mais diversos níveis econômicos e/ou sociais. Ainda ontem estive lá e enquanto esperava minha vez matei as saudades dos velhos tempos e joguei algumas partidas de bilhar com alguns ilustres desconhecidos (de cinco, ganhei quatro…), tive ótimos proseios, dentre outros, com um sujeito que é instrutor para pilotos de motos de velocidade e um militar lá de Caçapava, daqueles em que a conversa flui leve e solta. Tudo isso, lógico, acompanhado de um ótimo rock ao fundo, bem como algumas boas e geladas brejas…

E levou apenas umas duas ou três horas para que eu fosse atendido! Como? Tudo isso? Não, vocês não estão entendendo… Foi só isso… É que quando você está num ambiente desses as horas simplesmente passam voando, mal se percebe! É como diz aquele velho ditado: *"Terapia pra quê? Vai pro bar!"* Ou, no caso, pra *bar*-bearia… (Ai!)

Agora creio que vocês devam estar se perguntando o porquê deste texto… Propaganda? Publicidade? Jabaculê? Nada disso. Simplesmente, como sempre fiz, estou neste nosso cantinho virtual compartilhando aquilo que acho que é bom, aquilo que acho que é Legal. Se isso ajudar a arranjar mais um ou dois clientes para eles, zuzo bem. Fico feliz.

Mas mais do que isso, devo confessar que minha motivação foi outra… Acontece que um infeliz foi lá na página do Sr. Barba, no Facebook, e fez uma "avaliação" alegando uma "falta de respeito" com a clientela, que "esperou mais de uma hora" pra ser atendido e desistiu e que (isso não foi ao ar) estava com o pai no hospital e não poderia esperar. Por tudo que eu

já escrevi aí em cima vocês já puderam notar que não é nada disso – o sujeito não compreendeu e sequer assimilou a boa energia que emana do lugar. Mas, disso tudo, dois pontos são gritantes na minha opinião. Primeiro: a "mais de uma hora" dele foram cravados 22 minutos e, sendo o primeiro da fila, não teve a mínima paciência de aguardar todo o procedimento que envolve abrir um comércio logo pela manhã, entre destravar portas, arrumar equipamentos, cuidar da limpeza básica. E, segundo: carái, véi, se seu pai tá no hospital, que é que você tá fazendo numa barbearia? Cuidando da aparência? Preparando-se para uma selfie com o velho no leito hospitalar? Pessoas normais estariam o tempo todo do lado da cama e não buscando sarna pra se coçar e botando defeito na casa dos outros!

Contudo é assim mesmo. Sempre tem que ter um pra aporrinhar. E até que é legal, pois imaginem se tudo na vida fosse sempre uma unanimidade? Que coisa chata! Não ia ter assunto nem pra falar mal, nem mesmo pra escrever um texto como este!

Então, caríssimos Nando e Fred, creiam-me: vocês estão, sim, fazendo um excelente serviço nessa excelente **comunidade** que criaram e que está singelamente disfarçada de uma barbearia com o nome de **Sr. Barba**…

Continuem assim.

Sempre!

***Emenda à Inicial:*** Já estava quase esquecendo daquele pouquinho de cultura inútil que teimo sempre em buscar… Até meados do século XIX, os barbeiros faziam não somente os serviços de corte de cabelo e barba, mas também tiravam dentes, cortavam calos, realizavam até mesmo pequenas cirurgias, dentre outras coisas. Por não serem profissionais, seus serviços não raro deixavam marcas insanáveis nos pacientes, quando não lhes tiravam a própria vida! A partir de então passou-se a denominar todo e qualquer "serviço ruim" através da nada gentil expressão *"coisa de barbeiro"*. Mas esse termo é original de Portugal, pois a associação de *"motorista barbeiro"*, ou seja, um mau motorista, é tipicamente brasileira…

### *Namore um cara que lê*

Namore um cara que se orgulha mais da biblioteca que tem, que do carro, das roupas ou do penteado. Ele também tem e se interessa por essas

coisas, mas sabe que não é isso que vai torná-lo interessante aos seus olhos. Namore um cara que tenha uma pilha de quatro ou doze livros na cabeceira e que lembre com carinho do nome da professora que o ensinou as primeiras letras. Namore um cara que tem uma lista de livros que quer ler e que ainda possui aquele mesmo cartão de biblioteca desde que tinha doze anos – mesmo que, hoje, prefira ter seus próprios livros.

Encontre um cara que lê. Não é difícil descobrir: ele é aquele que tem a fala mansa e os olhos inquietos. Ele é aquele que sempre entra numa livraria, ainda que só para olhar um bocadinho. Você vai reconhecê-lo na figura do sujeito que olha com carinho e ternura para as prateleiras da livraria, o único que surta (ainda que em silêncio) quando encontra o livro que quer. Você está vendo um cara estranho cheirar as páginas de um livro antigo em um sebo? Esse é o leitor. Nunca resiste a cheirar as páginas, especialmente quando ficaram amarelas.

Ele é o cara que não tem medo de se sentar sozinho num café, num bar, num restaurante. Mas, se você olhar bem, ele nunca está sozinho: tem sempre um livro por perto. O rosto pode ser sério, mas é só porque está absorto, provavelmente perdido em um mundo criado pelo autor. Sente-se na mesa ao lado, estique o olho para enxergar a capa, sorria de leve. É bem fácil saber sobre o que conversar.

Pergunte se ele está gostando do livro. Descubra que outros livros ele já leu. Fale sobre sobre alguns novos lançamentos e de novas traduções que andam saindo por aí. Mas entenda que se ele quiser começar a lhe explicar como deve ser compreendida alguma obra complexa, isso é só para parecer inteligente. Neste caso, fuja. Um cara que realmente lê não precisa ser chato, muito menos arrogante. Caso contrário, pergunte o que mais ele está lendo – e tenha paciência para escutar, a resposta nunca é assim tão fácil…

É fácil namorar um cara que lê. Ofereça livros no aniversário dele, no Natal e em comemorações de namoro. E até mesmo no Dia das Crianças – por que não? Afinal, um cara que lê jamais abandona aquela pontinha de vontade de entrar num mundo de fantasia. Ofereça poesia, crônica, contos, histórias. Deixe que ele saiba que você entende que as palavras são amor. Normalmente, por tudo que já leu, ele vai entender um pouco melhor o seu universo. Entenda que ele sabe a diferença entre os livros e a realidade mas tenha certeza que ele vai tentar fazer com que a vida se pareça um pouco como seu livro favorito. E se ele conseguir não será por sua causa, mas porque ele é assim. Não sabe ser de outro jeito.

Por isso seja você mesma, você mesmíssima, porque ele sabe que são as complicações, os poréns, os porquês, que fazem uma grande heroína. Um cara que lê pode vir a enxergar em você todas as personagens de todos os romances.

E você também ganhará um ou outro livro de presente. No seu aniversário ou no Dia dos Namorados ou numa terça-feira qualquer. Não existe um padrão. E já fique sabendo que o mais importante não é bem o livro em si, mas o que ele quis dizer quando escolheu justo aquele. Um cara que lê não dá um livro por acaso. E escreve dedicatórias. Sempre.

Um cara que lê não tem pressa, sabe que as pessoas aprendem com os anos, que qualquer um dos grandes autores tem parágrafos ruins, que alguns começaram a escrever já velhos, que outros melhoram a cada romance, que sempre existirão aqueles famosos que podem soar sem sentido e que para chegar ao final de algumas obras é necessária muita paciência. Os caras que leem sabem que as pessoas, tal como os personagens, evoluem.

Ao conviver com um cara que lê você corre o risco de encontrá-lo acordado às duas da manhã, irrequieto e desconfiado, talvez até andando de um lado para outro; pode procurar, pois certamente haverá algum livro aberto por perto. Prepare um café, deixe-lhe um beijo e tudo certo. Entenda que de vez em quando ele precisa de um tempo sozinho, mas não é porque quer fugir *de você*. Você pode perdê-lo por um par de horas, mas ele sempre vai voltar *para você*. E falará como se os personagens do livro fossem reais – até porque, durante algum tempo, são mesmo.

Ao namorar com um cara que lê, você vai sorrir tanto, terá tanto contentamento, que acabará por se perguntar por que é que o seu coração ainda não explodiu lá dentro do seu peito. Ele não só vai transformar sua vida numa história, como também vocês escreverão a história das suas vidas, terão crianças com nomes estranhos e gostos mais estranhos ainda. Ele vai apresentar aos seus filhos os personagens de vários mundos de fantasias – provavelmente misturando-os todos. Não por não conhecer as histórias, mas só pelo prazer de arrancar um brilho dos olhos e um sorriso dos lábios dos pequeninos. E do seu, também. Vocês vão atravessar juntos os invernos de suas velhices, e ele recitará poemas enquanto, enrolados num cobertor, saboreiam um chocolate quente. Ou, talvez, chá.

Enfim, namore um cara que lê porque você merece. Merece um cara que pode lhe proporcionar uma vida mais colorida do que você possa imaginar. Por vezes com a força envolvente dos grandes romances e por vezes com

a beleza singela dos melhores poemas. Mas se você quiser uma companhia superficial, uma coisinha só para quebrar o galho por um tempo, então talvez ele não seja a melhor escolha. Então talvez seja até melhor ficar sozinha. Mas se quiser o mundo e outros além, em especial aquela parte do *"e eles viveram felizes para sempre"*, não tenho dúvidas: namore um cara que lê.

Ou, melhor ainda, namore um cara que escreve.

*Rosemary Urquico escreveu*
*"Namore uma garota que lê";*
*Gabriela Ventura traduziu e adaptou;*
*Bruno Palma e Silva fez uma adaptação*
*para "Namore um cara que lê";*
*e eu adaptei a adaptação do jeito que quis…*

## *What's in a kiss?*

– Eu nunca beijei um homem de barba.

Olhou para aquela figurinha sapeca, que parecia estar o desafiando, e, com sábias e profundas palavras, concluiu:

– Cê tá me zoando…

– Não, é sério. Fico pensando se é diferente, sei lá, como é que é?

– Olha, sou obrigado a lhe dizer: eu também NUNCA beijei um homem de barba. Aliás, nem mesmo um homem, sequer.

Risos. Risos nervosos. De ambos.

– Tá…

Ele, bem mais velho. A barba, outrora negra, já começando a ficar grisalha. Separado, advogado, sem escritório, sem clientes, mas prestando uma consultoria ora aqui, ora ali (quase um nômade), sempre em busca de uma vida financeira estável. Ela, praticamente uma menina. Morena, cabelo curto e grandes óculos. Ah, e sim: sapeca. Brincalhona. Sempre um encanto estar em sua presença. Ouvir suas conversas, suas dificuldades, seus problemas na faculdade, o difícil relacionamento com um namorado ainda imaturo, seus sonhos, seus anseios, suas viagens. Viagens de devaneios e de pensamentos. Encantadora, sempre.

Ali mesmo, no restaurante, resolveu aceitar o desafio. Se é que era um.

– Você sabe que só tem um jeito de resolver isso, né?

Com um ligeiro aperto nos olhos e um meio sorriso nos lábios ela vagarosamente meneou a cabeça.

Sentindo que aquele era o momento, ele não teve dúvidas. Simplesmente, de sopetão, puxou a cadeira dela para perto de si – com ela junto, por óbvio – e, com calma e segurança, reclinou-se sobre aquele rosto lindo, que, com olhos arregalados, meio que prendendo a respiração, meio que não podendo acreditar, também simplesmente deixou-se levar.

E ela sentiu aquela mão firme em sua nuca, que não a deixava escapar, mesmo que quisesse. E não queria! Seu coração batia forte e descompassado dentro do peito, enquanto que um ligeiro tremor e calor a envolvia nas mais íntimas e estranhas partes de seu corpo. Deixou-se levar. Os dedos dele entrelaçavam-se em seus cabelos, por pura emoção o ar começava a lhe faltar, mas, de jeito nenhum, ela queria parar. Deixou-se levar. Aproximou ainda mais seu corpo sedento, sentiu a outra mão em sua cintura e, com carinho, um carinho que jamais sabia que seria capaz de sentir, com ambas as mãos segurou seu rosto, acariciando aquela macia barba, enquanto mais e mais aprofundava naquele beijo tão intenso e cheio de desejo. Deixou-se levar.

Não sabem quanto tempo permaneceram assim, pois segundos poderiam parecer anos tal a fúria com que se entregaram um ao outro. Mas anos seriam poucos para esquecer a intensidade daquele momento… Lentamente se afastaram um do outro. Ele a olhava com aquele olhar calmo e profundo que lhe era característico, agora também com um meio sorriso pairando nos lábios, enquanto que ela sentia-se arregalar os olhos ainda mais.

– Meu… Como você beija bem!

– Caramba! Obrigado… Mas, olha só, na verdade um beijo – um beijo MESMO – é como uma dança bem dançada de um casal: enquanto que um conduz, a outra se deixa conduzir. Se aquele que conduz não sabe o que faz, nem sequer dança teremos; já se aquela que se deixa conduzir não acompanha seu parceiro, ainda que possa parecer uma dança, ela fica desencontrada. Deixou de ser uma dança. Um beijo, um verdadeiro beijo, também é assim. Como uma dança. Então esse “mérito” não pode ficar apenas de um lado, porque se um não acerta, dois não fazem… E, só pra constar, você também me acompanha maravilhosamente bem…

***Em tempo:*** Antes que vocês, hereges, candinhas e outras criaturas de pouca fé neste que vos tecla pensem que isso foi comigo, já lhes garanto: *não foi*. Mas, em verdade, foi a maneira fantasiosa que encontrei de (re)contar esse pequeno causo somente para chegar nessa última frase, a qual, dia desses, ouvi de um grande amigo num dos botecos da vida e que particularmente achei de uma verve poética no mínimo fodástica!

### *Além da vida*

Desde pequeno ele sempre quis realidades diferentes para sua vida. Queria, sobretudo, ser feliz. Mas sabia, não só por convicção como também por experiência de outrem, que realidades somente surgem após um longo e quase sempre árduo caminho.

Foi assim, almejando essas realidades, que começou a cultivar desejos e sonhos.

Era uma plantação linda: desejos das mais variadas formas, cores e tons. Alguns mais perfumados que outros, outros mais consistentes que uns. Mas desejos, por mais que crescessem depressa e rápido chegassem ao ponto de colheita, ainda assim não têm o condão de se tornar uma sólida realidade. São efêmeros e passageiros, esses desejos. Uma verdadeira realidade normalmente é fruto de um bem cultivado sonho.

E, naqueles seus campos existenciais, bem ao fundo, vislumbrava-se o bosque de sonhos que, desde sempre, vinha cultivando. Alguns mais consistentes que outros, outros mais enraizados que alguns. Mas sonhos são de crescimento lento e devem ser muito bem cuidados, acalentados. Deixe um sonho de lado, esqueça-o por algum tempo e provavelmente ele murchará por pura e simples falta de atenção. Não se tornará uma realidade e, muitas vezes, jamais voltará a brotar de novo.

E, a cada dia que passava, ele olhava para esse bosque com esperança…

Mas tinha seu dia a dia, seus afazeres, e, mais que todo o restante, suas responsabilidades… RES-PON-SA-BI-LI-DA-DES! Palavra complicada que nos traz sentimentos ambíguos, tanto implicando nos felizes resultados de um trabalho bem feito quanto nos levando a uma amarga sensação de ceticismo perante tudo e perante todos. E ceticismo é uma praga que se multiplica rapidamente.

E, esquecido que estava de seu bosque de sonhos, tendo deixado de lado sua plantação de desejos, não percebeu aquela nuvem de ceticismo que se

avolumava, zumbindo, preenchendo os vãos de esperança, avidamente devorando seus campos, consumindo tudo aquilo que vinha acalentando e que, sem sequer perceber, acabou deixando de lado…

Quando finalmente, num intervalo indesejado entre uma responsabilidade e outra, decidiu dar atenção aos seus próprios campos existenciais que havia largado ao léu, surpreendeu-se com toda aquelas plagas vazias, com a erosão que invadiu aquela outrora terra fértil, única lembrança deixada pra trás por todo aquele ceticismo que sequer percebeu surgir.

Desolado, mas ainda no firme propósito de ter realidades em sua vida, de ser feliz, passou então a criar expectativas.

E expectativa é um bicho curioso, pois nasce e cresce solto, aqui e ali, ciscando as ranhuras de nossas memórias, às vezes vinculadas a alguém, às vezes do nada. E as expectativas que criava cresciam em tamanho e número. Mas, daí a se tornarem realidades, havia uma distância muito longa.

E ele, que já não fôra capaz de cuidar de uma bela plantação e de um frondoso bosque, que demandavam apenas de alguma atenção, que se dirá então com relação a essa criação de expectativas, que requerem vigília constante para que não sucumbam ou, pior, para que não se devorem umas às outras (pois expectativas, dizem os especialistas, são antropofágicas e as maiores sempre acabam devorando as menores).

E, pior, uma expectativa mal cuidada pode nem sequer vir a se tornar uma minguada realidade, mas certamente pode se transformar numa forte desilusão!

E, ocupado que sempre estava, com foco em suas responsabilidades (olha ela aí de novo…), uma a uma apenas percebia suas expectativas sucumbirem.

Até que nada mais sobrou.

E nos campos de sua própria existência quase mais área nenhuma restava, eis que em estado de desolação por sua própria falta de atenção.

Desejos ao pó…

Sonhos putrefatos…

Expectativas em decomposição…

E, aqui e ali, algumas gordas e fétidas desilusões chafurdavam naquela lama existencial… Sempre com algum ceticismo sobrevoando os campos, em busca de algum mínimo vestígio de esperança…

E, olhando de si para si, pela talvez primeira vez depois de tanto tempo, naquele restinho dos campos que intactos ainda lhe restava, descobriu um pequenino espaço cercado que nunca sequer tinha reparado que existia. Um pequenino jardim, protegido por vigorosas rochas de confiança, fé, paz, bem querer e outras mais da mesma natureza. Ali, bem no meio de um vistoso gramado de esperança, à parte do mundo devastado que ele mesmo deixara para si, rodeadas por alguns sonhos que sequer lembrava da existência, crescendo em algumas colunas de certeza, permanecia uma única e vigorosa roseira de amor.

Há quanto tempo estaria ali?

Como nasceu, floresceu e se manteve forte sem que jamais tivesse tomado nenhum cuidado com ela?

Por que não foi afetada como todo o resto que praticamente arruinou os campos de sua existência?

E, agora mais velho e mais sábio, acabou por perceber que nada disso importava. Não se questiona o imponderável! Era uma dádiva. Estava ali – como, aliás, sempre estivera – com perfumadas rosas com amor de todas as matizes, prontas para serem colhidas. Independentemente das realidades que pairassem no mundo lá fora, quer tivessem sido criadas por ele ou não, à margem de seus desejos, sonhos, expectativas ou o que quer que fosse. Tudo que precisava era simplesmente ter prestado um pouco mais de atenção em si próprio. Ou, ao menos, que não tivesse dado tanta atenção fora de si.

E com o que lhe resta dos campos de sua existência, despreocupado com o passado – que já foi, que já não pode mais lhe afetar – foi ao lado dessa roseira, desfrutando de todo esse amor que ela teria para lhe proporcionar, que pôde sorver com felicidade até a última gota do regato de vida que ainda o alimentava e o mantinha vivo.

E no seu último suspiro, renasceu.

E deparou-se com novos campos a serem explorados!

Mas desta vez fez diferente: tratou de, antes de mais nada, localizar todo o amor necessário para, desta vez, pautar sua vida da maneira certa desde o início.

E todo o restante seria apenas consequência…

***Por que um corvo se parece com uma escrivaninha?***

O que é um coelho branco? O que ele representa? Uma mensagem de esperança? Um sentimento de renovação? Uma firmeza de propósito? Promessas estranhas que ele mesmo significava sem saber que o fazia… Seja lá como for, quando passou, consultando seu relógio no bolso do colete, já estava atrasado. Aliás, como sempre, como tudo na vida de Alice.

E ao se meter num profundo buraco, eis que Alice, inconsequente, sem pestanejar também se atirou de corpo e alma atrás do coelho e de suas promessas não ditas.

E ao cair naquele buraco sem fim (mal sabendo que, na realidade, tudo na vida tem um fim), enquanto aguardava um fundo que não chegava, fez o que melhor sabia fazer: tagarelava de si para si, pois toda Alice – principalmente as escorpianas – é sonhadora e perguntadeira. E quando o fundo chegou, meio que sem avisar, meio trôpego até, lá ela encontrou um corredor, e do corredor encontrou um salão, e no salão encontrou uma chave de ouro que para sua decepção não abria baús, mas sim portas. Mas, diferente do que possam imaginar, essa chave abria todas as portas. Ora essa, e agora? Como decidir que rumo tomar, qual porta revelaria qual destino, qual futuro?

Ah, essa Alice imprudente! Quis porque quis beber da garrafa do desconhecido e se inebriou, mesmo sabendo que não haveria antídoto que lhe resolvesse! Mesmo com a garrafa quebrada, com lascas e cacos a cortar-lhe as mãos, os lábios, o juízo, a alma – ainda assim ansiava por dela sorver novamente. E seus efeitos mediatos e imediatos era fazer com que seu coração crescesse e diminuísse, que sua alma se expandisse e encolhesse, nunca sem dor, nunca sem mágoa, nunca sem alegria, nunca sem esperança.

E, em sua tagarelice, se ouvia a tecer recomendações para que não sofresse, pois *“em geral dava conselhos muito bons para si mesma (embora nunca os seguisse)”*…

E da porta que escolheu, na jornada em que se meteu, no jardim que desbravava, encontrou abrigo sob um belo cogumelo, onde, ensimesmado, pairava lânguida e senhora de si, fumando seu narguilé, uma lagarta azul. E, não há de se saber como, mas ela sabia, aquela lagarta detinha todo o conhecimento do mundo que ela precisava. Todas as respostas a todas as perguntas estavam com ela, com essa lagarta-bruxa, que sabia ser sua

amiga, que exalava mística sapiência. E que não estava só. E, num mundo que para qualquer outro seria de uma realidade atordoante, exceto para as Alices, que sabem que o impossível é apenas uma questão de ponto de vista, pela primeira vez esta Alice duvidou de seus sentidos!

Pois, incorpóreos, na fumaça do narguilé, Gandalf, Yoda e Dumbledore pairavam, numa muda conversa com a lagarta. Todos bruxos, todos poderosos, todos mortos como sua própria magia.

Desconcertada, assustada e, sabe-se lá o porquê, com uma certa raiva por não poder ter a atenção toda para si perante aqueles gigantescos vultos, sentindo-se pequena (e nem fôra por causa da beberagem), deu meia-volta e resolveu afastar-se dali. No meio àquela fumaça e vultos que se dissipavam, lágrimas no rosto, firmou seu passo.

*"Volte!" chamou a Lagarta. "Tenho uma coisa importante para dizer!"*

*Isso parecia promissor, sem dúvida; Alice se virou e voltou.*

*"Controle-se", disse a Lagarta.*

*"Isso é tudo?" quis saber Alice, engolindo a raiva o melhor que podia.*

Mas o silêncio e o vazio foram suas únicas respostas.

E tudo que Alice queria era saber que caminho tomar. Sabia que caminho queria, era o que a levava de volta onde esteve, mas não aguentava mais seu coração e sua alma a esticar e encolher, como borracha prestes a arrebentar. E, às vezes, de fato se sentia arrebentada. E então, do nada, um sorriso lhe sorriu. E, por trás dele, um gato, o Gato de Cheshire. Perguntou-lhe:

*"Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?"*

*"Depende bastante de para onde quer ir", respondeu o Gato.*

*"Não me importa muito para onde", disse Alice.*

*"Então não importa que caminho tome", disse o Gato.*

*"Contanto que eu chegue a algum lugar", Alice acrescentou à guisa de explicação.*

*"Oh, isso você certamente vai conseguir", afirmou o Gato, "desde que ande o bastante".*

Mas, apesar da pouca idade, Alice já carregava um cansaço de séculos… Ainda assim o Gato lhe apontou algumas direções, dizendo que tipo de gente encontraria por ali: todos loucos!

*“Mas não quero me meter com gente louca”, Alice observou.*

*“Oh! É inevitável”, disse o Gato; “somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca”.*

*“Como sabe que sou louca?” perguntou Alice.*

*“Só pode ser”, respondeu o Gato, “ou não teria vindo parar aqui”.*

E assim, tomou seu rumo. E o Chapeleiro foi quem encontrou. Talvez o mais louco entre os loucos daquelas paragens. E era justamente a última pessoa que precisava encontrar. E era justamente a primeira pessoa que desejava encontrar. Pois esse Chapeleiro alquímico, super-herói de meia pataca, tinha justamente o poder de destilar aquela estranha beberagem que estava arrasando com Alice. E seu silêncio é o que mais comprovava sua loucura, deixando Alice e sua tagarelice a mercê de um destino incerto. “Renda-se” disse ela. “Fale comigo, fale qualquer coisa, mas fale! A vida se nos passa e não há suficiente tempo!”

*“Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu”, disse o Chapeleiro, “falaria dele com mais respeito.”*

E ela pensou naquela frase enigmática (mas talvez nem tanto), olhou para aqueles olhos juvenis, velhos como estrelas, para seu sorriso de criança que acumulava uma experiência de eras, e entendeu que não havia o que entender.

Louco, louco, louco.

E que também a estava deixando louca.

Melhor enfrentar o Jaguadarte.

Não sabia como, mas sabia. O Jaguadarte, imortal, com garras e bocarra, olhos de fogo e riso louco (por que afinal tudo tem que ser louco na vida de Alice?), ferível apenas pela Espada Vorpal – que ela não tinha – era o destino a que se prestava, era sua sina. Ali estaria o descanso que precisava: esquecer, esquecer e esquecer…

E finalmente ao encontrá-lo, sentado na esquina, sob a árvore Tamtam, ao fitar aqueles olhos, ao vislumbrar aquele sorriso, finalmente compreendeu: ele era ele. Um era o outro. Seu maior louco era também seu pior inimigo, eis que a levava às raias da loucura!

E lembrou-se das palavras da Duquesa: *“Nunca imagine que você mesma não é outra coisa senão o que poderia parecer a outros do que o que você fosse ou poderia ter sido não fosse senão o que você tivesse sido teria parecido a eles ser de outra maneira”*.

Já havia começado pelo começo e prosseguido até chegar ao fim. Sem dúvida era hora de parar.

Melhor ser normal, que sofrer.

E (Neo entenderia) em busca de um espelho se deu sua nova jornada.

E em sua pressa de se ver livre, tentou repelir todos aqueles pensamentos que lhe atormentavam, como quem repele mosquitos numa noite de calor, e se viu deitada no sofá, a cabeça no colo de Dinah, sua menina, que afastava delicadamente alguns insetos que esvoaçavam por perto de seu rosto.

*“Acorde, Alice querida!”, disse-lhe. “Mas que sono comprido você dormiu!”*

*“Ah, tive um sonho tão curioso!”*

E, tentando recapitular, ficou ali sentada, os olhos fechados e quase acreditou estar de volta a seu momento no País das Maravilhas, embora soubesse que bastaria abri-los e tudo se transformaria em insípida realidade… E tudo que ela queria, agora que adulta, era conservar aquele mesmo coração simples e amoroso de sua infância, reencontrar todas as alegrias simples de criança, sempre pronta para se doar mas também exigente em receber.

“E como foi seu sonho, *bem?*”

E com a certeza de que esse sonho, de que aqueles momentos somente a ela pertenciam, limitou-se a responder:

*“Não tenho a menor ideia…”*

# VII

## FILOSOFICES

### Pensamentos íntimos e públicos e alheios sobre o como de esse mundo funcionar e porque conseguimos - ou temos que - continuar nele...

Meu primeiro impulso foi queimar tudo, mas não tive coragem. Sempre senti, a vida inteira, que as páginas que ia deixando à minha passagem eram parte de mim. As pessoas normais trazem filhos ao mundo; os romancistas trazem os livros. Estamos condenados a deixar a vida neles, embora quase nunca nos agradeçam por isso. Estamos condenados a morrer em suas páginas e, às vezes, a permitir que elas acabem nos tirando a vida.

(...)

Pedro sempre diz que a única maneira de conhecer realmente um escritor é através do rastro de tinta que ele vai deixando: a pessoa que a gente pensa que vê nada mais é que um personagem oco, e a verdade se esconde sempre na ficção.

(...)

– Por onde quer que comece?

– Você é o narrador. Só peço que me diga a verdade.

– Não sei qual é a verdade.

– A verdade é o que dói.

*Carlos Ruiz Zafón*

*(No livro "O jogo do anjo")*

## *“Considerações”*

Sempre ouço falar das famosas mudanças de Ano Novo. Eu mesmo, aqui neste espaço, já fiz algumas promessas nesse sentido...

Sinceramente? Besteira!

Nós não mudamos nossa essência em função de uma simples alteração no calendário. Somos MUITO mais complexos que isso. As **verdadeiras** mudanças levam tempo. Ou são pontuadas por momentos especiais, quer sejam tragédias, conquistas ou convicções pessoais. Podem até coincidir com a virada do ano, mas seria tão-somente uma coincidência.

Posso falar com alguma propriedade sobre o assunto. No decorrer de minha vida houveram diversas mudanças. Algumas radicais e outras tão suaves que eu mesmo só as percebi quando parei para pensar no assunto. E hoje percebo que essas mudanças, em sua maioria, estiveram diretamente ligadas com o coração. Nesta vida, até agora, já tive a felicidade de passar por dois amores e inúmeras paixões. Sim, inúmeras, pois sou da firme convicção que todos se apaixonam o tempo todo, quer seja por pessoas, por coisas, por situações, enfim, sei lá. Mas, ao contrário do AMOR, que é perene, a paixão é fogo, que arde e dilacera, até que vai se aquietando e se apaga de vez ou, como na maior parte das vezes, se transforma numa acolhedora brasa, com a qual convivemos – não sem antes ter deixado algumas cicatrizes ou queimaduras...

Quando pequeno era um dos meninos mais comportados da escola. Daqueles que NUNCA tiveram uma nota abaixo da máxima. Faltar à aula era algo jamais cogitado e a obediência cega aos padrões estabelecidos pela sociedade era o roteiro para uma vida feliz. Isso foi a *minha* verdade durante algum tempo.

Chegou a adolescência e os feromônios se agitaram!... Uma primeira grande mudança. O cabelo cresceu, o gosto musical se tornou mais ácido e tornei-me um rebelde da causa inaparente. A vida era boa e o futuro simplesmente não existia.

Deixando de lado as paixonites de infância, houve uma primeira grande paixão que realmente mexeu comigo. O nome não interessa, mas isso me fez QUERER mudar, entrar naquele mundo tão diferente do meu, fazer parte, simplesmente. O cabelo foi cortado, a gandaia ficou de lado, a escola voltou a ter importância e o futuro passou a existir, ainda que longínquo. Essa foi a segunda grande mudança de minha vida. E o que aconteceu?

Nada. Simplesmente ela não correspondeu àquele sentimento que lhe expus. Apesar da pele de cordeiro, minha fama continuava sendo a de lobo... E mudanças, depois de implementadas, são praticamente impossíveis de se desfazer.

Algum tempo passou, a vida continuou e conheci minha alma gêmea (daquela época). Enamoramo-nos e casamo-nos. A vida era boa e o futuro havia chegado. Mesmo casados por quase dez anos, fomos um mero casal de namorados. E como qualquer casal, o relacionamento se desgastou. Foi uma mudança mais sutil, mas foi uma mudança. Os valores da adolescência foram ficando de lado e a vida adulta manifestou-se no dia a dia. De tal maneira que aquela vida "deixou de me servir". Eu queria mais. Queria mais compreensão, mais parceria, mais vida doméstica, mais desafio profissional. O desfecho final se tornou óbvio: separamo-nos.

E, enfim, casei-me novamente. Amo minha esposa, bem como os três filhos maravilhosos que temos. Reconstruí (mais uma vez) minha vida e hoje temos uma situação, se não ideal, ao menos administrável...

E o que me fez escrever esse texto? Recentemente senti no ar algo que me cheirava a ventos de mudança. Algo impalpável, uma coceira que não passa e não tem como alcançar... E vi-me obrigado a reavaliar muita coisa em minha vida. A primeira impressão que tive foi que eu havia mudado muito no decorrer de tantos anos. Que os interesses já não eram mais comuns e que a solidão – ainda que cercado de pessoas – cada vez mais se fazia presente... Porém, revendo o assunto como um todo, pude concluir que todas essas mudanças pelas quais passei foram na realidade uma evolução. Não quero dizer que evoluí para um ser melhor e mais bem acabado; simplesmente evoluí. O que sou HOJE é reflexo de TUDO por que já passei. Tanto as coisas boas quanto as ruins. Caso tivesse faltado algo, eu simplesmente não seria a mesma pessoa.

Por mais que me sinta tentado a resgatar uma fase boa que já passou, ora, JÁ PASSOU. Devo, sim, manter presente aquelas características que me tornaram o que hoje sou, mas também devo aprender com minha vida atual e, principalmente, com minha cara-metade. Isso não significa obediência cega – que seria submissão – nem tampouco revolta total – que seria conflito. Não desejo uma coisa nem outra. Mas o caminho do meio. E o caminho do meio implica num trabalho constante e duradouro. Não tem fim! Mutuamente apontar os erros e reconhecer os acertos da mesma maneira que avaliar os próprios erros e comemorar os próprios acertos.

Não pretendo matar ou sufocar minha essência até que seja necessária nova erupção vulcânica de mudanças. E impor meu ponto de vista seria de igual maneira sufocar ou matar a personalidade de outrem. A vida É boa e o futuro voltou a ser longínquo. E é lá que deve ficar.

Problemas existem e sempre existirão. A caixa de Pandora foi aberta e cada vez mais se escancara... Seus males jamais retornarão! A competência de evoluir é intrínseca a cada um de nós para que possamos suplantar – e aceitar – esses "males" no decorrer de nossas vidas. É de uma agradável falsidade achar que a vida já foi melhor e que poderíamos retomá-la de algum ponto no passado. De igual maneira a revolução e o reinício também poderia ser encarado como simplesmente mais uma fuga, se acovardar diante do problema ao invés de enfrentá-lo.

E essa é, hoje, a *minha* verdade!

### *Aconselhamentos*

Não. Nada de gracinhas hoje. Não que o assunto seja tão sério assim que não permita uma pitada de humor. Somente acho que a abertura já com uma anedota não iria condizer com a matéria a ser abordada. Amanhã ou depois voltaremos com nossa programação normal…

É curioso como as coisas são cíclicas e o ser humano, cedo ou tarde, se vê participando de situações que lhe são familiares. E às vezes sequer concorremos para desencadear tais eventos!

Tem uma pessoa – que lentamente estou descobrindo ser uma amiga – que está passando por uma situação um tanto quanto difícil. Não, não vou dar detalhes do ocorrido, mas digamos apenas que tratam-se de problemas com o "coraçãozinho véio sem portêra"… E tive um longo papo com ela, de um modo que, creio eu, pude ajudar em algo. Não no sentido de descarregar um monte de conselhos ou de filosofias de vida, mas simplesmente de bater um papo. Ouvir um pouco, falar um pouco, fazer um eventual comentário.

E isso lhe fez bem.

E também ME fez bem.

Mais no sentido de saber que posso ajudar – com um simples papo – do que qualquer outra coisa. Não sou tão velho assim, mas compartilhar as experiências de vida que tenho sempre é um tanto quanto gratificante. Como diria o Dória, um amigo dos círculos genealógicos, *"O diabo não é sábio porque é diabo. É sábio porque é velho."*

E isso é uma grande verdade.

E na maior parte das vezes sequer percebemos a experiência que temos! Explico. Eu, que muitas vezes me acho um pai relapso e distante, já ouvi: *"Queria ser como você, um paizão."* Eu, que por diversas vezes acho que falto com o devido carinho para com a Dona Patroa, já ouvi: *"Queria ter um relacionamento carinhoso como o seu."* Uma boa parte do tempo sou portador de um mau humor cavalar e já ouvi: *"Queria ter essa sua disposição, esse seu bom humor."* Sou estressado por natureza e – pasmem – já ouvi: *"Queria ser calmo e tranquilo como você."*

Será que sou eu o errado, ou o mundo não me enxerga como sou? Tenho certeza de que sou a mesma pessoa em todas as situações, seja em casa ou no trabalho. Tá bom, tá bom, exceto quando tenho que atender algum cliente que espera ver uma postura de advogado, quando então ostento uma profunda voz cavernosa, com dicção perfeita e postura de lorde inglês, empertigando-me no ápice de meu um metro e noventa…

Mas não é esse o caso. O caso é que tanto eu quanto os demais estão plenamente certos. Tudo é uma mera questão de ponto de vista. E assim o sendo podemos tranquilamente ter duas ou mais pessoas com exatamente a mesma atitude mas que SE enxergam de maneira diferente. Pontos de vista. E o bate papo, a troca de experiência, nada mais seria que mostrar um ao outro que os pontos de vista podem ser exatamente os mesmos, podem convergir – basta que se decida assim. Uma vez compreendendo pontos de vista distintos, conseguiríamos também trilhar caminhos distintos. E sem mudar em absolutamente nada o nosso jeito de ser.

Sei que parece um tanto quanto confuso, mas basicamente o assunto se resume naquele velho ditado: *devemos aprender com os erros dos outros – até porque não teremos tempo de cometê-los todos!* As opiniões de outras pessoas devem sempre ser aquilatadas com parcimônia, afinal de contas, oras, eles não viverão nossas próprias vidas!

Acho incrível a capacidade que as pessoas têm de decidir a vida de outrem. "Isso é o melhor para você", ou "Não faça dessa maneira, senão vai se arrepender". Oras, às favas com essas opiniões! Como dizia minha bisa, *muito ajuda quem não atrapalha*.

Heh… Na verdade acho que estou simplesmente assimilando outros pontos de vista também. Eu, que sempre estou na incansável busca de qualidade de vida, procurando ser um sujeito mais centrado, através da opinião de terceiros acabo descobrindo que JÁ sou assim. Pelo menos sob outros pontos de vista. Acho que falta somente convencer a mim mesmo…

Pois é, gente, a vida é dinâmica, não para nunca, etc, etc, etc, e acho que temos que SEMPRE procurar melhorar. Pessoas vêm e vão, amizades aquecem e esfriam, paixões começam e acabam. Entretanto as decisões que tomamos são só nossas. NÓS MESMOS é que temos que resolver o que queremos para nossas vidas, traçar uma linha reta e seguir em frente, sem dó nem arrependimento. Ficar confabulando sobre passados possíveis só serve para nos levar a um passo mais próximo da loucura. Lembram-se do filme Efeito Borboleta?

Maníaco por gibis como sou, não poderia deixar de dar uma pitada da matéria aqui. Uma das coleções favoritas que tenho é a do Sandman, a qual retrata a existência dos Perpétuos, sete irmãos que não são deuses, nem mortais, mas aos quais todos se curvam. Sonho, Morte, Desejo, Delírio, Desespero, Destruição e Destino (ou, do original, Dream, Death, Desire, Delirium, Despair, Destruction e Destiny). Ainda falarei mais deles por aqui, mas por ora fiquemos com Destino.

É o mais velho dos irmãos, cego e acorrentado ao livro que contém tudo que já aconteceu e que ainda acontecerá. Caminha, até o fim dos tempos, em seus jardins, que são completamente tomados por labirintos.

E, diz a lenda, você pode passar toda uma existência andando pelos jardins de Destino, sempre com bifurcações e múltiplas opções de caminhos. Mas, se parar, e olhar para trás, verá que deixou atrás de si um único caminho trilhado. Assim é o destino. Hoje, quando olho pra trás, vejo que o caminho que trilhei tinha que ser esse mesmo, e sou sinceramente feliz por isso.

O difícil é conseguir atingir plenamente essa consciência…

### *Mais considerações*

*"Só tô tentando ser feliz. Só tentando te fazer feliz."* Era mais ou menos esse o refrão da música que ouvi ontem à noite, enquanto bebericava uma cerveja antes de ir pra casa. Nostalgia pura. Não sei, pode até ser dela, mas estava MUITO parecido com as musiquetas da Paula Toller do início da década de oitenta. Sim, sim, sou um fóssil ambulante…

Naquela época, aproximadamente nos idos de 85, as músicas eram mais simples e ingênuas. Mas tudo bem, nós também éramos. Pelo menos é o que pensávamos.

Quando eu era garoto, fui um dos mais comportados da classe, com as melhores notas, do tipo que as próprias professoras vinham agradar e elogiar. E isso é verdade.

Quando eu era garoto, nossa turma tinha uma cinquentinha de tanque azul, que rodava de mão em mão, a qual esmerilhávamos no asfalto do bairro, sem equipamentos, capacete ou sequer documentos, sendo que vivíamos fugindo da baratinha da polícia (um fusquinha preto e branco). E isso é verdade.

Quando eu era garoto, era tímido e retraído, sem conseguir sequer me declarar para as garotas que eu estava a fim. E isso é verdade.

Quando eu era garoto, fui tão salafrário que uma amiga de minha *ex* a aconselhou a não ter nada comigo, pois eu era mulherengo demais. E isso é verdade.

Quando eu era garoto, era extremamente religioso, enfiado dentro da Igreja, participava de grupo de jovens, ajudava nas missas e comungava toda semana. E isso é verdade.

Quando eu era garoto, já tinha tatuagem, orelha furada e cabelo comprido, curtia rock pesado, fumava e bebia todas, sequer me preocupando com questões d'alma ou o dia de amanhã. E isso também é verdade.

Heh… Como diria o Coringa, já que eu tenho que ter um passado, ao menos que seja de múltipla escolha!…

Tudo que acabei de dizer realmente é verdade, mas depende do ponto de vista sob o qual analisamos essas informações. É certo que houve um pequeno lapso de tempo entre um e outro evento, porém isso varia de acordo com o observador. Apesar de já ter falado sobre isso antes, sempre tem algo que fica pra trás. Que é novidade. Que é surpresa.

O ponto é que pessoas que me conheceram naquela época, até mesmo vivendo num mesmo grupo, podem me pintar como um anjo ou como a cria do demônio encarnada na terra. Tudo depende do ponto de vista, do aspecto sob o qual me conheceram.

O que nos leva às minhas considerações. Quão verdadeiramente conhecemos um ao outro? Quem nos garante que sabemos do brilho escondido no coração das pessoas, ou então da negritude que lhes macula a alma? Não, não pensem que sofri alguma desilusão ou que estou chateado – são apenas meras divagações de um bebedor solitário.

Por mais intimamente que conheçamos uma pessoa, NUNCA será o suficiente. Sempre existirão segredos. A eterna dúvida se o lado negro da força ainda vai se manifestar. Ou se existe um lado bom dentro daquele vilão. Num livro de Jack Kerouac – "On the road" – que tratava da geração beatnik, tinha uma passagem onde dois caras estavam tentando ser ABSOLUTAMENTE SINCEROS um com o outro. É uma coisa de louco. E veja que não falo de sinceridade no sentido contrário de falsidade, mas simplesmente no sentido de franqueza. Dá pra se ter uma noção da *nóia* permanente que nós vivemos com nossos pequeninos (ou não) segredos do dia a dia. Alguns tão superficiais que serão esquecidos antes do final do dia; outros tão profundos como se tivessem sido marcados com ferro em brasa na própria alma. E volta e meia a cicatriz coça.

De minha parte sou um livro aberto, tento sempre deixar bem claro a transparência de meus atos e de minhas palavras, porém existem algumas páginas coladas nesse livro, e creio que jamais consegui ser total e completamente franco com quem quer que seja. Sempre existiram segredos, meias palavras ou palavras nunca ditas que ajudam a manter a barreira da sanidade entre mim e outras pessoas. De igual maneira, tenho certeza que jamais conheci ninguém que fosse total e absolutamente sincero comigo.

Mas isso não é novidade. É da natureza humana. Psicólogos que estudaram a vida inteira levam anos para conseguir dar uma raspadinha superficial nesse casco sentimentaloide que usamos pra nos proteger. Na prática acho que não existe na face da Terra quem consiga o prodígio de ser absolutamente franco um com o outro. Exceto os personagens do livro que citei. E olha o que aconteceu: praticamente enlouqueceram…

### *Síndrome de Jerry Magüire*

Nos últimos tempos (últimos dias, para ser bem exato), tenho me questionado acerca da "validade" de tudo aquilo que faço na minha área de atuação – Direito. Como recentemente ouvi de um colega, a nossa profissão traz uma carga de responsabilidade muito grande, pois atuamos exatamente na defesa de três áreas cruciais do ser humano: de seu patrimônio, de sua liberdade e de suas relações para com a sociedade.

E o que fica para trás? Qual meu registro no mundo? Na sociedade em que vivo? Papel, papel e mais papel. Tá certo que existe ainda a memória daqueles com quem convivemos e com quem trabalhamos. Mas quanto

tempo isso dura? Alguns anos? Algumas décadas – se muito? Comecei a me questionar sobre o quê exatamente estou deixando para a posteridade, para a sociedade, para meus filhos, enfim.

E senti um grande vazio.

Há não muito tempo fui com meus pais no pequeno sítio de uma tia em Tremembé. Conversa daqui, fuça dali, eis que de repente meu tio surge com uns arreios e outros instrumentos – trançados de couro – que haviam sido feitos pelo meu pai em sua mocidade! E olha que meu pai já está no final de sua idade mais sexy (sexagenário), pois conta com seus recém-completados sessenta e nove anos.

Achei aquilo ao mesmo tempo tão bonito quanto surreal… Era um pedacinho da energia de meu pai que estava ali, materializado na minha frente. Guardado para a posteridade. Tudo bem, pode-se perguntar também *"Mas por quanto tempo? Alguns anos? Algumas décadas?"* – mas só aquilo já era mais do que tudo que eu já fiz…

Talvez seja a questão do trabalho manual, entendem? O confeccionar, o lapidar da coisa. Talvez seja a ânsia de provar que estive aqui, de existência de um legado de fato. Talvez também seja só mais algum sintoma da meia-idade, pois como diria um amigo, o Nanau, se a expectativa de vida de um homem é de, em média, setenta anos, já passei da metade disso e estou começando a fase descendente!

Provavelmente é por isso que tenho essa necessidade compulsória de escrever, de deixar um registro, de provar pro mundo que *"Ei, estou aqui, eu existo!"*. Apesar do ceticismo de pessoas próximas que veem essas narrativas de Internet como a mais pura ficção (certo, Carreirinha?), posso garantir que a grande maioria traduz a verdade da vida de seus escribas – até porque (assim como eu) são levados pelo seu demônio interior a exteriorizar seus mais profundos sentimentos de uma maneira pública, muitas vezes anônima – ou "pseudônima" – para conseguirem descarregar a carga emocional represada em seu (nosso) dia a dia.

Voltando ao assunto, então por que não faço algo de concreto? Sei lá, uma escultura, uma pintura, por que não construo uma casa? Talvez (sempre esse maldito advérbio!) seja porque não tenho a habilidade – ou mesmo paciência – para tanto. Talvez eu tenha receio de começar algo assim e descobrir tarde demais que eu não conseguiria. Talvez porque eu, afinal de contas, ame a escrita e utilize a palavra como ferramenta e meio para perpetuar minhas ideias, esculpindo detalhadamente os textos, neles

pintando as cores, tons, nuances e matizes de meus mais desvairados pensamentos, construindo um sólido e imaginário edifício composto de argumentações, pontos de vista e experiências de vida.

E nesse edifício, construído da mesma frágil e perpétua matéria que se tecem os sonhos, muitas vezes o leitor consegue explorar seus corredores e, independentemente do tempo ou ou da distância, compartilhar lado a lado comigo tudo pelo que eu já passei e que queria demonstrar – inclusive descobrindo sutilezas que sequer eu havia percebido quando assentava os tijolos de suas paredes, ou palavras de suas frases, como queiram.

Isso me lembra algo que li recentemente numa entrevista dada em uma nova revista sobre a Língua Portuguesa (aliás o sempre amigo Bicarato ficou encantado com essa tirada). Foi o Ziraldo quem declarou: *"Sou fascinado pela palavra. Imagina você quando percebi que, em português, a palavra 'palavra' contém em si os termos 'pá' e 'lavra'. Ela é a matéria-prima e ao mesmo tempo o instrumento para trabalhá-la."*

Enfim, é por tudo isso – e mais um pouco – que escrevo: essa necessidade primitiva, herdada dos ancestrais homens das cavernas, de deixar algum registro nas paredes das grutas para a posteridade. E esse anseio vem se tornando cada vez maior em mim: os meros sussurros de antigamente se tornaram bigornas martelando em minha cabeça, clamando por ação.

Não consigo deixar de perceber a ironia e futilidade de minha profissão – pelo menos no sentido de legado – o que acaba me levando àquele vazio que de início citei. E isso vem tomando uma proporção ainda maior na medida em que meus filhos crescem. Eles estão escrevendo sua própria história de vida, com suas próprias experiências, seus pequenos acidentes e mazelas, e a impressão que tenho é que algo está se perdendo e tenho que tomar alguma atitude…

Tá certo que algo já venho fazendo, ao ler alguns contos à noite para as crianças – que vêm demonstrando interesse crescente no desenrolar da estória. Na realidade, por falta de uma orientação religiosa mais específica (não vou muito com a cara desse negócio de trabalhar com a culpa do fiel), tenho lido a Bíblia para eles, reescrevendo o Velho Testamento num linguajar mais acessível para suas cabecinhas de dois, quatro e seis anos. Mas que não é fácil, isso lá não é. Mais uma vez, nas palavras de Ziraldo, sobre a dificuldade em se escrever um texto infantil: *"O pior é o autor desavisado ter medo de recorrer a ideias difíceis por achar que criança não vai entender. Ter a tentação de 'tatibitatizar' a linguagem. Autor nenhum pode abrir mão das ideias de difícil alcance, mas deve anunciá-las de*

*forma compreensível. (…) Consciência política em história infantil é babaquice. Um autor deve ser cúmplice da criança, não esclarecê-la."*

O conceito é tão simples quanto genial. Algo como dizer o óbvio. O que nos falta é capacidade de enxergar esse óbvio. Mas vou continuar tentando. Ainda chego lá. Pois se ele, com seus setenta e quatro, chegou; eu, com meus trinta e sete, ainda tenho algum tempo pela frente…

### *Transmimento de pensação off line*

Lendo um post curtinho lá no *efeefe* (de visual novo – bem bacana) pude perceber que mesmo desconectados virtualmente ainda assim existe uma espécie de conexão entre os pensamentos neste nosso mundão off line. Lá ele falava de paradoxos.

E numa boa discussão com o copoanheiro *Bicarato*, coincidentemente falávamos basicamente sobre a mesma coisa. A questão de projetos de vida em comparação com os rumos para os quais a vida acaba nos projetando…

É certo que *amo-de-paixão* meu trabalho, minhas responsabilidades, meus perrengues do dia a dia. Mas, quando paro para pensar, acabo tendo um pouco de uma sensação de vazio. Vazio no sentido de que – tenho quase certeza – eu poderia fazer mais. Contribuir mais. Compartilhar mais. Mesmo assim acabo não tomando atitudes proativas (ainda não decidi se gosto ou não dessa palavra) e também acabo permanecendo no mesmo ziquizira de sempre.

Creio que meus "problemas existenciais" (ao menos os atuais) se resumem a duas coisas. Uma seria essa questão paradoxal, como acabei de explicar. Outra seria já uma questão de "pessoalidade". Apesar de a Internet propiciar um contato com as melhores cabeças pensantes que existem, independentemente de sua localização nesse mundão véio, ainda assim esse contato é virtual. E essa coisa de pessoalidade, de proximidade, de olho no olho, de companheirismo (de preferência *copoanheirismo*), bem, isso está cada vez mais escasso. Falta cumplicidade para projetos, um apoio pessoal e presencial para incentivos e mesmo para puxões de orelhas e críticas – quer sejam construtivas ou não.

Mesmo os gregos já falavam em *Terminus* – o deus dos limites. Ora esses limites muitas vezes nos são impostos pela própria crítica pessoal de quem conosco convive. E isso é bom. Nos ajuda a pensar melhor, a rever

conceitos, a crescer e partir em busca de novos limites – os quais, por sua vez, serão também oportunamente rechaçados, numa espécie de ciclo virtuoso empacotado numa espiral sem fim.

O difícil é o primeiro passo.

Há que se romper os limites.

E isso se torna cada vez mais complicado à medida em que *paradoxalmente* nos acomodamos com a vidinha besta que levamos…

E essa bestagem a que me refiro diz respeito à estagnação da criatividade, da vivência numa rotina pequeno burguesa, da mesmice, enfim.

A sublime anarquia combinada com uma caótica experimentação de disparidades – ainda que sob a batuta da máscara da ordem – é que acaba por nos trazer todo o colorido da vida. Pergunte a qualquer criança de quatro ou cinco anos. Elas sabem! Temos muito a aprender com sua visão simplista da vida. Basicamente preto e branco. Entretanto os diversos tons de cinza nos quais baseamos nossos atos e pensamentos são invariável e involuntariamente construídos no decorrer de toda uma existência. E isso só serve para complicar.

Mas o tema desse nosso proseio é (ou seria) outro.

Simplesmente me chamou a atenção o fato de que pessoas tão distantes estivessem levando em conta o mesmo tema. E – pior – aquelas que estão próximas usufruindo da mesma (má) sintonia, sem possibilidade de uma crítica qualquer que seja. Algo do tipo *"putz, tá foda"*, ao que o outro responde *"é, tá mesmo"*…

Mas, nesse caleidoscópio de percepções visualizado nesta montanha russa gramatical no qual este texto se transformou, só consigo chegar a uma única conclusão (por mais estapafúrdia que seja): sinto saudades.

Saudades de um tempo em que as coisas pareciam mais simples. Em que eu conseguia enxergar todas as confusões em que me metia com franco otimismo e um insuportável bom humor. Sinto saudades de mim mesmo, de um caboclo mais camarada que vivia gargalhando pelos corredores. Pregador de peças. Sacana. Otimista. Gente boa.

Tenho estado num mau humor que nem eu mesmo tenho me suportado. Ando mais rabugento que o normal – o que, diga-se de passagem, pode ser assustador! Não gosto desse caboclo. Ele precisa ser sumariamente executado. Mas, dando a mão à palmatória, tenho que reconhecer que ele possui um nível de controle e eficiência em seus serviços do qual jamais fui

capaz. A perspectiva de perder esse (único) lado bom que ele manifesta acaba me deixando receoso.

Taí. Mais uma vez o maldito paradoxo!

Heh… Me sinto como *Harvey Dent*… Estou discutindo comigo mesmo. E brigando! E perdendo a briga!

Enfim, isso já está virando um monólogo. E tomando rumos que sequer imaginei quando comecei a escrever. De fato, textos têm vida própria…

Vou à caça do caboclo bão que conheço e que está perdido lá dentro de mim em algum lugar. E nesse meio tempo preciso dar um jeito de aumentar ainda mais o círculo pessoal (pois o virtual já é bem grandinho) de indivíduos com a mesma afinidade.

Se eu obtiver sucesso nessa empreitada, com certeza aqueles projetos de vida sobre os quais falei lá no início dessa viagem poderão ser desempacotados.

Se não… Bem, terei que ver até onde consigo me suportar desse jeito…

### *"I had a dream"*

Foi um sonho até meio maluco – daqueles que misturam montes e montes de coisas e situações totalmente insólitas.

Lembro-me que estava numa oficina mecânica, onde, além de motores consertava-se também bicicletas e estofados. De lá, talvez já na sala ao lado, fui para uma reunião com o presidente da OAB local, mas tive que sair correndo para salvar de uma enchente uma das crianças gêmeas guerreiras, que tinham cavalos alados, as quais estavam tentando insistentemente me matar. Ambas resolveram deixar isso de lado depois que, após tirá-la da morte certa em uma verdadeira cachoeira com apenas uma toalha (algo bem *a la Indiana Jones* ou, talvez, *Guia dos Mochileiros das Galáxias*), dei-lhe um pouco de café quente e uma toalha, já de volta naquela oficina do começo.

Como minhas mãos e unhas estavam totalmente pretas de graxa peguei um pouco de pasta arenosa para limpá-las e foi quando chegou um de meus melhores amigos, acompanhado de sua namorada da vez, uma baixinha de cabelo curto. Dali já fomos (surgimos?) em um show de rock, onde estava rolando um AC-DC (com os próprios), mas, quando percebi, de um ponto de vista totalmente surreal eu *era* o vocalista, mas, no instante

seguinte, o foco e o ângulo de visão mudaram totalmente e já estávamos numa mesa a um canto do palco, bebericando algo, enquanto rolava a música pauleira e Angus Young derretia a guitarra num solo pra lá de memorável.

Daí em diante as coisas ficaram um pouco confusas – se é que já não estavam – e acabei acordando.

Mas o "ponto alto" do sonho foi a namoradinha do amigo meu (não, não trabalhamos com Roberto Carlos), pois ele estava extremamente feliz com ela. Em paz. Aliás, não tinha como não ficar assim perto de alguém como ela. Sabem daquelas pessoas que possuem um bom humor insuportável? Pois é. Essa era ela.

Mal me lembro de seu rosto (aquele rotineiro "efeito névoa" pós-sonho), mas tenho certeza de que era linda. Ou melhor, lindinha. Em termos de comportamento lembrava bastante uma Gracinha de menina que esse mesmo amigo namorou já há faz um bom tempo...

Era uma daquelas pessoas de um tipo especial, pelas quais é fácil, muito fácil, se apaixonar. Mas não estou falando de nada carnal – esqueçam o sexo nesse assunto –, estou falando de uma garota bem resolvida, de bem com a vida, cujas preocupações meramente resvalam em sua pessoa. De risada fácil e extremamente sincera. Com um ar de real curiosidade sobre absolutamente tudo aquilo que você fala ou faz. Com uma simplicidade e uma alegria de viver tão grande que é quase impossível de descrever. Enfim, alguém que não estaria verdadeiramente de corpo presente nesta grande bola de lama à qual chamamos de planeta Terra.

Já sinto saudades dela.

Na prática, sinto saudades de todas as pessoas que já conheci (e as que ainda não) e que também são assim.

Tem muita gente assim no mundo – não são necessariamente difíceis de encontrar. Depende de onde você está. De onde você vive. Estuda. Ou trabalha.

E esse é o ponto.

Apesar de eu ter a felicidade de trabalhar com pessoas maravilhosas (e não, isso não é uma rasgação de seda – é fato), sendo um órgão público, tem muita gente, mas MUITA GENTE MESMO, que destila fel em vez de mel. Pessoas cujo caráter é totalmente o avesso dessa menina que acabei de descrever. Por poucas que sejam, têm amargura suficiente para puxar

todos a sua volta abaixo da linha d'água, nos envolvendo no redemoinho de conflitos que suas vidas se tornaram – por opção própria. Não conseguem ver beleza, alegria ou sequer esperança ao seu redor. Apenas um dia após o outro. E outro. E outro. E assim por diante.

E, por mais que não se queira, por mais que se combata, isso acaba nos contaminando. Bem devagarinho. E, em lenta intoxicação, quando menos se percebe, já começamos a ver o mundo com os olhos de pessoas como essas.

Ou seja, num ambiente como esse que descrevi é extremamente difícil encontrar Gracinhas como a de meu sonho. Não é um ambiente nada propício para sua existência ou seu florescimento. Talvez até existam, mas certamente não fazem parte de meu dia a dia.

Isso me fez recordar de uma tia de minha ex-esposa. Certo dia fomos à sua casa, de moto, numa pequenina cidade vizinha, e lembro-me que a sensação foi como a de conhecer um furacão encarnado numa pessoa. Sentados à uma grande mesa no quintal – onde ela fazia salgados "pra fora" – comentamos de uma bebida que havíamos tomado num bar no dia anterior – abacaxi com champanhe. Foram apenas alguns minutos até ela arranjar um abacaxi e uma garrafa de champanhe e fazer a mesma bebida só para experimentar. Ela era uma pessoa um pouco como a Gracinha, algumas fagulhas nesse sentido centelhavam dentro dela. Para se ter uma ideia, apesar da idade não deixava de frequentar um bailão toda semana. Quantos anos tinha? Cinquenta? Talvez sessenta? É difícil avaliar a idade de alguém quando se é bastante jovem – mas vai ficando mais fácil na medida em que chegamos quase lá…

Mas, enfim, talvez tudo isso seja apenas um pouco de minha boa e velha rabugice que resolveu aflorar. Ou talvez um sinal de incômodo por estar acomodado – pois sempre dei guinadas em minha vida, em média, a cada quatro anos, e onde estou já tem uns oito. Não que eu não goste do que faço – amo meu trabalho! – mas num devaneio escrito como este muitas vezes constatamos o óbvio.

Falta renovação.

Sangue novo.

Gente nova.

E, a exemplo da tia que um dia tive, gente nova não significa necessariamente gente jovem, mas sim gente com alegria sincera pela vida.

Creio que talvez já seja hora de, ainda que continue fazendo tudo igual, começar a fazer tudo diferente…

E torcer para encontrar com alguma Gracinha no meio do caminho!

### *Sobre mortalidade*

Não sei se é a idade chegando – ou que já chegou, afinal de contas *quatro-ponto-zero* implica, em condições normais, talvez mais que metade do caminho – ou se ando um tanto quanto propenso a perceber um pouco mais os fatos que me rodeiam.

Já comentei antes por aqui que, quando adolescentes, temos a certeza absoluta de nossa imortalidade. O amanhã estava muito longe e qualquer um com mais de vinte (vá lá, trinta) não seria digno de confiança. O mundo era maleável o suficiente para assumir o molde que escolhêssemos e o tempo fluido o necessário para que controlássemos sua passagem.

Mas, em algum momento, isso mudou.

E posso lhes assegurar que não foi quando do(s) casamento(s), pois, por mais que tivéssemos planos para o futuro, ele continuava lá longe, incerto e intangível.

Não foi por nenhum apuro específico – e como houveram! – pois mesmo com todos os perrengues passados o tempo ainda se me parecia tal qual mar, de tão vasto.

Acho que o princípio da mortalidade vem com a certeza da imortalidade. E esta representada por meus filhos. Eu passarei, tudo passará, mas as pequeninas coisas – talvez as que realmente importam – irão prosseguir na pessoa de meus herdeiros. Sua educação. Sua noção de certo e errado. Sua forma de enxergar a vida. Eu mesmo sou o resultado de um sem número de gerações e repositório de outro tanto de costumes, manias e gostos que vêm sendo passado insistentemente de pai para filho (ou de mãe para filha, caso o prefiram) e que resultaram na minha noção de individualidade.

Assim o será com meus filhos.

Sei que meio funesto este meu modo de pensar, mas mesmo com a certeza da imortalidade do espírito, a morte parece ter assumido novas e diferentes facetas ultimamente. Garanto que todos nós sempre tivemos algum caso na família ou nas proximidades sobre este ou aquele parente

que faleceu de velhice, alguma doença que tenha levado alguma tia e mesmo um ou outro trágico acidente que tenha ceifado algum amigo cedo demais.

Bem, quero crer, como sempre o fiz, que a missão dessas pessoas estava cumprida neste plano e já era hora de dar prosseguimento em suas existências.

Mas tais situações parecem estar mudando.

Há pouco tempo uma amiga, ainda muito mais nova que eu, faleceu. De gripe. DE GRIPE, CARAMBA! Gripe deveria ser aquela doencinha chata e xarope que nos deixa indispostos por alguns dias e depois passa. Mas não. Tem gente morrendo de gripe.

Pior.

Passava pouco das cinco da manhã e um grito de puro horror e nítido desespero ecoou na vizinhança. Somente quem já ouviu algo assim pode saber do que estou falando. Frases desconexas, pessoas tentando apaziguar, até que uma palavra se sobressaiu: *"morreu"*. Fiquei sabendo horas depois. Meus vizinhos. De parede. Seu filho caçula – adolescente, creio eu. Estava internado com intoxicação alimentar. Algo que deveria, quando muito, implicar numa diarreia mais forte. Mas já fazia uma semana. O quadro piorou. Complicações. Falecimento.

Torpor.

Devaneios. Egoísticos, sim. Chavão, até. Mas inevitáveis. *Nenhum pai deve sobreviver aos filhos.*

Não há conclusão lógica ou mensagem de esperança ou o que quer que seja para este texto. Trata-se simplesmente de um relato com impressões pra lá de pessoais.

Mas, talvez, haja sim uma sugestão.

Viva. Esteja com sua família. Aproveite os pequenos momentos. Trabalho, estudo, pesquisa, afazeres, obrigações. Tudo isso pode esperar. Converse mais. Participe intensamente. Nada é tão importante que não possa esperar um pouco mais em detrimento de sua convivência com sua mulher, filhos, netos, primos, tios, sei lá. Mesmo os amigos são a parte de nossa família que podemos escolher.

Pois, *no final*, é só o que importa.

## *Medo*

Em algum lugar, alguma vez, lembro de ter lido uma frase que dizia algo como *"é o medo que nos define"*.

É uma afirmação que sempre achei curiosa, devo confessar…

Mas nunca parei muito para pensar nisso.

Até agora.

Se tomarmos essa premissa como verdadeira teríamos uma barreira praticamente intransponível para enfrentar. Entendam que quando falo de "medo" não estou tratando apenas das famosas fobias, daqueles grandes medos que nos impedem de tomar atitudes, paralisando-nos de maneira tal que corremos até mesmo o risco de perder o discernimento entre o certo e o errado. Quando falo de "medo" refiro-me a todos os pequeninos temores de nosso dia a dia, todos os receios, todas as indefinições que também têm o condão de, senão paralisar-nos, ao menos fazer com que hesitemos.

E, creio eu, é aí que reside a singela verdade da frase lá do início. Na maior parte das vezes é através do medo, do receio, que encontramos um limite natural para nossa valentia…

Sim, confuso, eu sei. Mas vamos tentar melhorar um pouco essa linha de raciocínio tentando definir o que, afinal de contas, esse medo – ou "medos" – podem vir a definir? Nossos atos. Nossas vontades. Até mesmo nosso livre arbítrio, por que não?

- medo de fazer a coisa errada – ou a certa;

- medo de não ser aceito – ou de sê-lo;

- medo de não dar conta de suas responsabilidades – ou de dar;

- medo de não ser bom o suficiente – ou de ser ainda melhor;

- medo de não sobreviver – ou de sobreviver a todos;

- medo de não ter resposta – ou de tê-la;

- medo de não estar à altura – ou de se superar;

- medo de esquecer – ou de lembrar;

- medo do passado – ou do futuro;

- medo de não ser amado – ou de amar…

Enfim, os exemplos são incontáveis. Mas, vejam, de um modo geral, quão pequeninos são! A palavra “receio” talvez realmente seja uma substituta melhor nesse contexto… Mas, ainda assim, é possível perceber que ao darmos ouvidos a esses insignificantes corvos crocitando em nossos ombros, realmente estaremos sendo “definidos” por eles! E esses medos nos acompanham diariamente, passo a passo, momento a momento e quando menos esperamos o coração dá um solavanco de insegurança e nos permitimos ser guiados pelo mero receio que um ou mais desses medos se realizem.

Ainda que nunca venham a acontecer.

Mesmo que a lista acima seja um mero exemplo, tenho absoluta certeza que em algum momento qualquer um de vocês já passou por alguma dessas situações, isoladamente ou não.

Por puro medo.

Deixamos de fazer o que queremos, o que gostaríamos ou mesmo o que desejamos – somente para adequar nossas ações a uma expectativa que talvez jamais se cumpra!

E isso é um fato.

E vejo esse padrão repetir-se não só ao meu redor, por aqueles que me cercam, mas inclusive por aqueles que sequer conheço e até mesmo comigo também…

O que nos leva ao ponto primordial que este texto pedia – porque são eles, os medos, que vêm até mim, ainda que eu não os procure.

Não sei vocês. Mas, por mais que pareça uma bravata, tenho certeza absoluta de que uma atitude concreta é necessária. Ao menos para mim. Uma decisão com a qual convivo e devo conviver. Sempre.

Por mais medo que aparentemente me cause.

E é simplesmente simples:

– *Recuso-me a ser definido pelos meus medos!*

(E vocês? Como ficam?)

## *Alone in the darkness*

E então você chega em casa.

Silêncio.

Para minimizar o efeito você se concentra nas tarefas triviais. Limpeza da casa. Roupas no varal. Correspondência sob a porta. Coisas do cotidiano.

Mas, ainda assim…

Silêncio.

Checa seus e-mails, atualiza seu blog, publica no Twitter, passeia pelo Facebook.

Enquanto isso…

Silêncio.

Toma um banho, rememora o dia, resguarda quem queria ver, releva quem não pretendia, planeja o amanhã, imagina o depois, mas…

Silêncio.

E seu coração começa a ficar apertado (somente compreende plenamente essa expressão quem já por ela passou).

Come o último pão integral, repassa mentalmente uma lista de compras que sabe que vai esquecer e flerta por alguns momentos com uma garrafa de vinho ainda fechada que sedutoramente te encara da cristaleira.

Mas o vinho, ao contrário dos solitários destilados, é uma bebida para ser verdadeiramente apreciada, no mínimo, a dois.

Que fique, pois, a garrafa quieta em seu canto, sossegada em seu mais absoluto…

Silêncio.

Recosta-se na cama, arruma o travesseiro, cobre-se, puxa um dos vários livros para mais uma vez continuar alguma das várias leituras.

Mas depois de duas, três, quatro páginas percebe que sequer tem ideia do que está lendo. Seu corpo está presente, mas sua mente não. Deixa o marcador na mesma posição de quando pegou o livro, apaga a luz, aninha-se e fecha os olhos.

E escuta.

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

Muito silêncio.

Um silêncio ensurdecedor.

Um silêncio que se expande, que cobre, que envolve, se espalha e faz tremer as paredes.

Um aterrador silêncio.

Ainda que busque consolo nas memórias do dia, nas risadas compartilhadas, nas tarefas executadas, nas pessoas encontradas – ou, ainda mais distante, nas memórias recentes, na companhia dos amigos, nas viagens realizadas, na bagunça dos filhotes, nos lábios da amada, enfim, nos ruídos, nas percepções, nas experiências que poderiam preencher sua alma… Ainda assim ele se faz avassaladoramente presente.

Silêncio.

E a noite se estende e é cedo o suficiente para saber quão longa ela será. E nessa, em especial, na qual as famílias já se recolheram, os operários já se foram e as baladas acolhem seus devotos, mais uma vez é a solidão que em meio ao escuro do quarto se aproxima, se entremeia nas cobertas, te envolve nos frios braços e sussurra em seus ouvidos.

Silêncio.

E você – pela bilionésima vez – se questiona acerca de seus caminhos, suas decisões, suas escolhas. As conversas que já teve, as que não teve, as que gostaria de ter, as que esperava ter, as que não terá.

E, animal social que é, percebe o quanto lhe faz falta o carinho, o aconchego, o sorriso, o abraço, o entrelaço de pernas, a pele na pele, a confiança largada, a segura companhia, a estável presença, o suave murmúrio das crianças na madrugada, o calor de realmente querer bem e de ser verdadeiramente correspondido, a simples e tenra ternura de sentir serenamente preenchido o coração. Sem efusão. Sem sofrimento. Doce acalento.

Mas não é esse o seu caminho.

Não hoje.

Não agora.

Resta, então, o abraço da solidão.

A noite que se distende.

E, obviamente.

Silêncio.

### *Pétalas de rosa carregadas pelo vento*

Hoje, vindo para o trabalho, como a Viatura estava (pra variar) no latoeiro fazendo uns ajustes, seguia eu próximo de casa – a pé – rumo a uma feérica carona, quando notei algo que jamais havia percebido ao passar diariamente de carro pelo mesmo local. Uma roseira. Com rosas rosas. Numa modesta casinha com ar antigo. Daquelas com cacos formando desenhos no piso da varanda.

Mundo mágico esse nosso real que, além das redes, tem o condão de nos transportar para o virtual. E no curto caminho que me restava veio à mente um sem número de imagens, de casinhas tais quais aquela, que exalavam nostalgia, com gosto de avó, de mãe, de infância, de algo perdido que parece não querer mais ser encontrado. A própria casa dos meus pais, com seu alpendre de caquinhos vermelhos, também eles formando desenhos, como as faixas pretas e as flores amarelas de pétalas negras. As três colunas – uma de cada cor – que ainda hoje adornam as muretas internas, refúgio de uma criança hiperativa que brincava sozinha em casa, inventando estripulias e traquinagens. As paredes grossas – tanto quanto a porta da sala, com sua tradicional janelinha (ainda não existia olho mágico), sua fechadura de punho e lingueta pra abrir. O longo corredor com o comprido carpete ótimo para se escorregar. As janelas de duas folhas que dobravam, com venezianas de madeira e vidros guilhotina. O forro de madeira, assim como os tacos e os rodapés – tudo sempre bem envernizado. O jardim quadrado todo gramado (ah, o cheiro da grama cortada que me inunda a memória!), a gigantesca torre da antena, o pé de erva cidreira num cantinho e, bem no meio, imponente e majestosa, triunfava *A Roseira* – com suas rosas brancas e rosas.

Grandes e suavemente perfumadas rosas com delicadas e macias pétalas, encimando um portentoso caule espinhoso – que pela espessura fazia

denotar a sua própria antiguidade. Rosas tão frondosas e em tal quantidade que preenchiam todo o derredor com seu sempre suave perfume…

E todas essas lembranças me vieram com tanta fartura e velocidade, preenchendo de tal maneira os cantinhos vagos do coração com um nostálgico carinho, que, trôpego, momentaneamente esqueci-me onde estava, quem era, pra onde ia…

Mas o mundo real cobra seu preço e num átimo do segundo seguinte eu já seguia meu caminho.

E passei a pensar um pouco nas casas de hoje, essas de subúrbio, verdadeiras caixas de fósforo com arquitetônicas preocupações com um mítico coeficiente de preenchimento absoluto de todos os espaços possíveis de forma aproveitável. Casas sem corredores, com fórmulas *matemágicas* de ocupação diretamente proporcionais à quantidade de pessoas que ali vivem. A varanda é a garagem, o jardim é a passagem, o quintal é a lavanderia. O ornamental deu lugar ao prático. O ambiente amplo importa em desperdício. Um jardim, um quintal, uma árvore, um gramado não significam outra coisa senão a necessidade de dedicar atenção e cuidados que não encontram espaço em nossa atribulada agenda diuturna. Melhor o concreto, a impermeabilização, o piso que não dá trabalho.

E percebo o quão realmente distante estamos da qualidade de vida que nós, seres humanos hodiernamente práticos e modernos, teimamos em dizer que procuramos.

As coisas – como sempre – são mais simples do que pensamos. Ou achamos. Ou queremos.

A bem da verdade, simples como rosas.

Como as da roseira que lhes falei.

Cujas pétalas foram carregadas pelo vento da memória.

E é onde carinhosamente permanecem.

A roseira.

As rosas.

O perfume.

Rosa.

## *Insônia*

Uma noite.

Longa.

Muito longa.

Um disco de blues ao fundo.

Um dos poucos que eu realmente conheço…

Algumas cervejas.

Um maço de cigarros.

Solidão.

Própria, pretendida e merecida.

E me pergunto…

De que são feitos os caminhos?

De pretensões, ilusões, iniciativas, sonhos. Caminhos são nossa eterna busca por aquilo que desconhecemos e, ainda assim, almejamos conquistar. Conseguir. Simplesmente chegar lá – onde quer que seja, quando quer que seja, onde quer que esteja, por onde quer que siga. Os caminhos não foram feitos para se chegar, pois são simplesmente um meio. O chegar não é o fim, o caminho sim. O que importa verdadeiramente é a viagem. Eles nos levam ao ponto onde pretendemos chegar (ainda que não saibamos) para, de fato, começar um novo caminho. Os caminhos nos levam ao nosso destino.

O que é o destino?

É um sem-fim de possibilidades. Uma miríade de alternativas. E o curioso – como sempre digo – é que, ultrapassadas todas as encruzilhadas, todas as prováveis, possíveis e indefiníveis bifurcações, em algum momento olharemos para trás e veremos que existia apenas um caminho a ser trilhado. Ainda que de início não o enxergássemos. Mas o caminho era óbvio – depois de ultrapassado. Era o que tinha que ser. Era o destino.

O que é um blues?

É um sax rasgado. Um piano martelado. Um clarinete chorado. Uma corda arrebentada. Um interminável lamento. Uma nota dissonante na constância

de nossas vidas que nos leva a um estado de espírito propenso a avaliar, reavaliar e novamente avaliar todos os caminhos trilhados. E chegar à incontestável conclusão que o caminho jamais termina, segue por incontáveis retornos, encruzilhadas e novos caminhos – cada vez mais distantes do pretenso fim que almejávamos, o qual cada vez mais também se torna distante, tal qual miragem que serpenteia na linha do horizonte, delineada, febril, palpável e inatingível.

E o que nos leva a teimar em trilhar esse serpentuoso caminho para este nosso pretendido destino sob os acordes de um blues que nos toca a alma?

Creio eu que, talvez, a esperança. A eterna esperança de que dias melhores virão. Que nossas pretensões serão atingidas, nossas ilusões se concretizarão, nossas iniciativas renderão frutos, nossos sonhos se tornarão realidade. E assim voltamos à motivação que nos leva ao caminho. Que nos leva ao destino. Que, por minha própria escolha, é trilhado no ritmo de um blues. E cujo combustível para se manter em movimento é a própria esperança.

Essa, talvez, seja a verdade que hoje – *agora* – me serve como explicação para o caminho que decidi trilhar. Incontáveis percalços e incompreensões fazem parte deste meu caminho. Provavelmente não seja o seu, do seu amigo, do seu vizinho, do seu parente – mas, até onde posso perceber, é o meu. Pela simples teimosia de tentar encontrar a miragem que sequer consigo delinear claramente com minha visão ou mesmo com minha mente. Mas é meu. E dele não abro mão.

Resta-me a certeza de estar certo segundo minhas próprias convicções, por mais absurdas que pareçam ao alheio olhar que teima em me julgar segundo suas próprias convicções. Não há certo nem errado. O que existe na realidade, além desse mundo de percepção onde preto e branco imperam – e muito além do cinza (mera nuance da mescla entre ambos) é um terceiro estado, uma terceira palavra, uma que não existe, além do que se define como certo, além do que se define como errado.

E é pra lá que vou.

E é isso que me atormenta.

E é isso que me conforta.

E sigo através de minha própria, pretendida e merecida solidão.

Com um maço de cigarros.

Algumas cervejas.

Com alguns dos poucos blues que conheço ao fundo.

Através de uma longa noite.

Da mais pura insônia…

### *O poder da memória*

Eu me lembro de uma estória – contada em verso, prosa e quadrinhos – de um mago que conseguiu ampliar seus poderes ao vender pedaços de sua memória a vários demônios. Lembranças tão antigas que ele sequer sabia mais que as tinha. Considerou-as inúteis e, pedaço por pedaço, as foi descartando.

*"Primeiro dia na escola? Pode levar essa lembrança!"*

*"Brigas com meus pais? Para que vou querer isso?"*

*"Colegas de trabalho, conhecidos do dia a dia? Não me servem de nada."*

*"Aquele relacionamento que não deu certo? Essa eu até pagaria para você levar!"*

Enfim, cada uma daquelas memórias – ou sequência de memórias – foi sendo levada, substituída por mais e mais poder. Assim ele se tornou o mago mais poderoso de sua era.

E também o mais confuso.

Sem o auxílio das memórias – mesmo daquelas que ele sequer lembrava – todo seu embasamento moral, toda sua estrutura emocional acabou por ficar em frangalhos…

O mago em questão imaginou que estava fazendo um ótimo "negócio" simplesmente porque não tinha noção do verdadeiro poder da memória. São nossas memórias que nos fazem ser quem somos e como somos. Elas nos definem. Nos acalentam e nos protegem quando precisamos. Mas também doem. Também machucam. Também deixam o coração apertado, espremido e saturado.

Basta um cheiro. Uma música. Um lugar. Uma frase. Qualquer mínima fagulha serve para abrir os diques d'alma e nos inundar com memórias nem sempre desejadas.

E mais: é um erro pensar que manter-se em movimento ou em constante mudança evitaria essas fagulhas. Nada mais estamos fazendo que criando novas memórias – que, ao seu devido tempo, invariavelmente entrelaçadas com as anteriores, também poderão nos consumir…

Ou seja, não há fuga.

Não há onde se esconder.

Não há local, remédio, bebida, trabalho, diversão ou companhia que surta efeito quando tratamos do quesito apagar memórias. Exceto, talvez, a solução radical adotada em *Sucker Punch*...

Então, na prática, não tem jeito. A única alternativa (e se é única, por que seria alternativa?) é conviver com nossas memórias, tentando mantê-las sob controle, com rédeas curtas e, se preciso for, até mesmo focinheira! Pois as memórias estarão sempre ali, estáticas, esperando para nos pegar de assalto. Então é bom que estejamos prevenidos!

Aliás, é creditado a Bob Marley a frase de que *"a única razão de sermos tão apegados em memórias, é que elas não mudam, mesmo que as pessoas tenham mudado"*. E as pessoas mudam. Sempre. E é mais uma vez culpa da maldita memória a insuportável insistência que temos em tentar resgatar os bons momentos. O problema é que os bons momentos não podem ser resgatados. Eles já se foram. Podem apenas ser preservados. Onde? Sim, na memória.

O truque então é manter o foco em outro objetivo: *criar novos bons momentos*. E tentar mantê-los, protraí-los no tempo, distendê-los até que se tornem uma constante em nossas vidas. E, dessa maneira, esses novos bons momentos poderão fixar sua indelével marca na memória, talvez até mesmo sobrepujando aquelas que teimam em doer…

Porque a dor de uma memória é uma dor inigualável. É a dor que vem da sapiência do que foi, do reconhecimento do que poderia ter sido e do desespero do que não será. É uma dor que dilacera, que rasga, vira no avesso e torna a rasgar. E que invariavelmente nos leva às lágrimas.

Mas – incomensurável detalhe – essas lágrimas em especial não vêm do corpo.

Vêm da alma…

***Aquilo que cativas***

*– Vem brincar comigo, propôs o príncipe, estou tão triste…*

*– Eu não posso brincar contigo, disse a raposa. Não me cativaram ainda.*

*– Ah! Desculpa, disse o principezinho.*

*Após uma reflexão, acrescentou:*

*– O que quer dizer cativar ?*

*– Tu não és daqui, disse a raposa. Que procuras?*

*– Procuro amigos, disse. Que quer dizer cativar?*

*– É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa criar laços…*

*– Criar laços?*

*– Exatamente, disse a raposa. Tu não és para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidade de mim. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás pra mim o único no mundo. E eu serei para ti a única no mundo…*

*(…)*

*A raposa então calou-se e considerou muito tempo o príncipe:*

*– Por favor, cativa-me! disse ela.*

*– Bem quisera, disse o príncipe, mas eu não tenho tempo. Tenho amigos a descobrir e mundos a conhecer.*

*– A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres uma amiga, cativa-me! Os homens esqueceram a verdade, disse a raposa. Mas tu não a deves esquecer.*

*"Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas."*

Será?

Essa frase – como já devem ter percebido – está na obra *O Pequeno Príncipe*, de *Antoine de Saint Exupéry*. A mensagem, que de início parece ser clara, vem sendo cada vez mais e mais "interpretada", tendo chegado num ponto em que estão a lhe dar uma conotação de responsabilidade em

relacionamentos. Mas um tipo de responsabilidade que extrapola – e muito – a intenção da raposa na estória. Uma responsabilidade de propriedade, meio que amarga, não de compartilhamento, mas sim de fardo…

A questão é: dá pra concordar com esse ponto de vista?

Ser responsável por outrem, por seus sentimentos, por seus pensamentos, pelo seu próprio existir?

*Existir…*

A existência em si, independentemente de qualquer um, não seria, então, possível?

Parece-me que sim.

Ou que não?

Jogos de palavras às vezes são complicados!

Mas, na prática, o que quero dizer é que, nesse conceito hodierno, ter plena e total responsabilidade *"por aquilo que cativa"* me soa como uma impossibilidade, uma falácia, outro jogo de palavras fadado a ter uma bonita sonoridade, mas na prática atrelado a uma clara inviabilidade.

Explico.

O que seria cativar, na prática? Cuidar? Criar? Dar carinho? Se apaixonar?

– E quando não houver mais necessidade de cuidados?

– E quando a criatura não mais precisar do criador?

– E se o carinho enfraquecer?

– E se a paixão acabar?

Se o "cativar" estiver atrelado a alguma dessas acepções, ou mesmo qualquer de suas variações – o que me parece o caso nessa maluca interpretação – então, como eu disse, teríamos uma inviabilidade prática.

Desse modo, na minha humilde opinião, essa frase tão bela e tão repetida nos facebooks, twitters e sei lá que outras redes da vida, seria na realidade uma bela duma falácia, um claro dum engodo. Como alguém antes já disse, havemos que lembrar que laços são laços, belos, que atam e desatam – não são nós, não são amarras…

Entendo que toda nossa vida, até ela própria, é marcada e pontuada por ciclos. E todo ciclo, como tudo, tem começo, meio e fim. Ainda que possa

parecer confuso, mesmo os ciclos, por vezes, podem ser cíclicos, repetitivos – mas sempre com seu começo, meio e fim.

Assim, definir uma *"eterna responsabilidade"* pelo fato de que em algum momento da vida cativamos algo, parece-me um contrassenso à ordem natural das coisas.

O que não muda o fato de que, *enquanto cativos* (e não no sentido de *cativeiro*), podemos – e até devemos – dedicar toda nossa atenção, criando, cuidando, dando carinho e entregando-nos à paixão do con-viver.

Infinito enquanto dure!

Até que o ciclo se complete.

Ou se rompa.

Pois tudo, TUDO, nesta vida sempre teve, tem e terá…

*começo*,

*meio*

e

*fim*.

### *Sobre ser diferente*

– *Você é diferente, né amiga? Sempre tá com um livro na mão…*

Com essa frase – que, para muitos, poderia ser até uma ofensa – veio na realidade uma certa sensação de alívio. Isso porque tratava-se de uma evolução! Afinal de contas antigamente ela costumava ser taxada apenas de *esquisita*. Daí pra *diferente* já poderia considerar um verdadeiro avanço!

Após me contar essa breve passagem, tento argumentar. Tento dizer-lhe que não, diferentes são os outros. Que, para mim, o normal é o que taxam de "diferente". E, de troco, então ela me alega que eu até posso ser assim, mas do ponto de vista da maioria, nós é que seríamos os diferentes…

Então percebo o quão falho era meu argumento.

Pois baseava-se numa minha visão de mundo que é falha.

O problema é que flutuo no limbo do que *deveria ser*, que é muito – mas muito mesmo – diferente daquilo que *é*. Os padrões e os costumes ditados pela mídia dessa nossa época são total e completamente voltados para

uma coletividade asséptica. Já adianto que neste caso não se trata de nenhuma visão comunista ou socialista, do ponto de vista político da sociedade, mas tão-somente uma visão que tenho dos grupos e guetos gerados a partir de um pensamento comum de “aceitação” entre as pessoas.

Explico.

Talvez…

Todos nós somos diferentes. Óbvio. Cada um de nós. Único. Mas, de um modo geral, teimamos em esconder essas nossas diferenças em prol de uma pacífica convivência em sociedade. Rejeitamos e renegamos a nós mesmos para vivenciar costumes, jeitos e trejeitos que nos colocam em pé de igualdade com todos os demais. Talvez em sua grande maioria isso não seja consciente, doutrinados que estamos, desde a mais tenra idade, a seguir esses padrões de comportamento.

Mas as nossas diferenças continuam lá dentro. Em nosso íntimo. Existem e vão sempre existir, às vezes brigando pra sair – com maior ou menor força, dependendo sempre da coragem e ousadia que tivermos para enfrentar os padrões de aceitação duma sociedade que não necessariamente queremos adotar, mas que acaba nos sendo necessária para conviver.

Todo mundo já passou por isso. Por mais “comum” que se sinta, tenho certeza que uma pequena voz solitária lá dentro, em algum momento, já tentou se fazer ouvir. E, talvez até receosos que outros também a ouvissem, sepultamo-la.

E seguimos nossas vidas.

Às vezes até com algum rompante que nos dê a convicção de controle.

Mera ilusão.

Não adianta o discurso, as filosofices, as posturas, a aparência. O cabelo comprido, o hippie, o punk, o nerd. O vestido, o estilo, o curto, o longo. O cortar, modelar, tirar, colocar. O largado, a arrumada, o andrajo, o terno. A elegante, a jogada, o pobre, o rico. Sequer um chapéu adianta.

Um dos problemas é que ser diferente dá medo. E, mais ainda, *causa* medo. Se não estivermos dispostos a viver em sociedade e a nos submeter, ainda que parcialmente, às suas regras, por mais midiáticas e oportunistas que sejam, então simplesmente receberemos a pecha de louco. Ou de santo. Talvez de gênio. Ou de idiota. Depende – sabem de quê? – meramente do ponto de vista da sociedade na qual vivemos…

Então é isso.

Não dá pra partir pra luta armada, agarrando-se às cordas, no alto do mastro e com a faca nos dentes. Somos navios-indivíduos em face do mar-sociedade, que nos levará conforme suas correntes e suas ondas. Não tomamos a pílula vermelha e – vamos combinar? – apesar de todos os pesares, até que gostamos dessa nossa vidinha. Ou simplesmente nos acostumamos a ela. Por mais que, às vezes, relutemos.

É que incomoda ser igual.

Como também incomoda ser diferente.

Ainda mais se for uma diferença oculta, lastreada em sonhos juvenis que ficaram para trás, projetos não realizados, amores não correspondidos, aventuras não vividas, sonhos por realizar.

E se assim não o for, então parabéns!

Porque você já *é diferente*.

E tenha certeza de que é assim que será visto pelos demais. Com carinho. Com admiração. Com inveja. Com desconfiança.

Ou seja…

*Diferente.*

## *Chove*

E eis que a chuva se instala lá fora assim como a insônia se instala aqui dentro…

Senta do meu lado e, num acalentoso sussurro, com suas mãos lívidas e dedos longos, cutuca meus pensamentos, me descobre por dentro e por fora, expondo toda minha nudez.

A mente irrequieta – ah, tormento de quem tanto pensa! – entra na sua habitual profusão de imagens e caminhos, totalmente à revelia de minha inútil busca de tentar me concentrar no monótono, sonoro e constante desaguar da chuva que jorra lá fora.

Vã tentativa!

De um salto abandono o conforto das cobertas.

A noite é fria, mas o coração pulsa quente.

Pulsa apertado, angustiado, absorto, independente.

Despido tanto de sentimentos quanto de andrajos, as mãos buscam os batentes, o corpo se arqueia no umbral, uma gélida e úmida brisa da fria madrugada abraça a pele desnuda e o olhar se fixa no desbarrancar d'água que o céu teima em despejar.

Os pensamentos revoam ao meu redor, lépidos e faceiros, inconstantes e inconsequentes, ágeis como sempre, irrequietos como nunca. De nada adianta me concentrar. Ou desconcentrar. As taças de vinho já não os sossegam mais. Sequer o peso da idade lhes tem valor. Nada respeitam. Nada os aquieta. E o repouso fugidio teima em desaparecer.

E, torrencial, a chuva cai.

E por entre toda aquela água, o céu escuro silenciosamente grita por mim, desvendando um enigmático sorrir formado de densas nuvens. Irresistível o chamado. Entrego-me à tão sutil convocação, cabeça jogada para trás, mãos estiradas pela amurada, o frio inexistente, e o peito se abre para receber a inebriante chuva que me agasalha.

As gotas caem furiosas, agulhando minha pele em toda sua extensão. O cabelo lentamente começa a se encharcar enquanto os pingos serelepes buscam seus próprios caminhos por minha barba, roçando meus lábios, suavemente enforquilhando a garganta enquanto seguem rumo ao chão por meu dorso exposto.

É um batismo. Um rebatismo. De fogo. Na água. É a noite que, paciente, acolhe o retorno deste seu filho dileto. O ofegar trêmulo e constante não é de frio – jamais seria! – mas sim de alegria, de paz, de comunhão com um universo que jamais me deu as costas, mas sim eu a ele.

E, num sereno caótico, uma oração sem palavras se faz. Desnecessárias! O que se constrói num átimo de momento é uma oração de sentimentos. Inexpressíveis e inigualáveis sentimentos.

E é a mais linda, pura, perfeita e elevada oração que jamais fiz e jamais conseguirei voltar a fazer.

E, por fim, a mente se aquieta.

Os pensamentos se aninham.

O coração relaxa.

E a chuva cai…

## *Vento, ventania*

Causticante domingo se passou… Na realidade um cansativo repouso pontuado com os afazeres de sempre, as realizações de nunca e os devaneios de quando em quando…

Ponto alto do dia é o fim da noite quando, da varanda, me ponho a apreciar um pouco da rua e da lua matando a sede numa geladíssima cerveja e vendo a espirais da fumaça de meu cigarro se desmancharem ao vento.

Vento…

O que foi um dia seco e quente começou a se desfazer numa quase que fria noite, com o soprar de um vento refrescante, a espalhar meus pensamentos tal qual essa fumaça que desaparece. As copas das árvores, inertes até então, balouçando-se ao bel-prazer dessa agora ventania, quando até mesmo seus troncos fazem-se levemente envergar.

Fecho os olhos e sinto na face o frescor desse sopro divino, inundando-me, oxigenando-me, expulsando pensamentos e sentimentos mesquinhos arraigados na fina galharia do marasmo, nascida na mesmice da alma. E penso e concluo como é bom o vento, o ventar, a ventania, que nos reforça a frágil sensação de simplesmente estarmos vivos. Ventos de mudanças, mudanças de dependência única e exclusiva de nossos próprios méritos e ações. Em meu pensar revisito costumes que viraram hábitos, hábitos que viraram manias, manias que viraram vícios. Costumes que merecem ser revistos, hábitos que demandam ser mudados, manias para serem abandonadas, vícios para serem extirpados.

Venta.

Venta e me faz pensar cada vez mais nessas mudanças, do que é possível e plausível, bem como do que deve ser perene e estático. Vento que sopra e varre a poeira, enverga e molda a árvore, contorna e se perde na rocha. Mas, afinal, o que é poeira, o que é árvore, o que é rocha? Onde cada uma dessas metáforas se encaixam na minha vida em particular?

Não sei, com certeza, nunca saberei. A ansiedade por mudanças que se avizinham se conjugam com a necessidade de me expressar que se completam com o conforto e a segurança sem surpresas. Nenhum tipo de surpresa.

Venta!

E na ventania que me varre, que me molda, que me contorna, vejo meus insensatos sonhos de despertar em manhãs que passam muito rápido, de

avelhantadas visitas a lugares que jamais irei, de dias que se passaram, que passam e que passarão. E, com tudo isso, com minhas ansiedades, necessidades e seguranças, ainda assim o vento, por mais benfazejo que seja, não me demove de minha certeza acerca da mantença do que não é fácil – e como não! –, do conforto, do carinho e da ternura de a cada dia poder acordar onde desejo estar.

E, fora isso, o que sobrar, por inquebrantável que sou, que o vento envergue em minha vida.

E, além disso, o que restar, por desnecessário que seja, que o vento varra de minh'alma.

### *Momento National Geographic?*

E eis que ontem pela manhã estávamos numa caminhada debaixo de um sol – literalmente – de rachar taquara. Paramos por alguns momentos à sombra de algumas árvores para descansar, prosear e reidratar (estou falando de água, ô cambada de hereges!). Foi quando percebi numa das árvores flores em botão e outras já despertas. Me interessei, analisei, até fotografei – quando então a vi.

À minha esquerda, praticamente gritando por atenção.

Um tom violáceo perfeito!

Que fazia ele ali?

Despontando teimosamente pelas frestas de um alambrado, uma flor de uma delicadeza impossível de se captar com uma câmera, exuberante e orgulhosamente se exibia.

Apaixonei-me!

Perdida num caótico verde de um ainda mais caótico quintal ela se destacava por si só…

Da foto que tirei, mais tarde a Dona Patroa, numa mera visão de relampejo, sentenciou-lhe o nome. Sim, era em japonês. Não, não me lembro. Mas, segundo ela, seria uma flor que dura apenas uma manhã.

Fucei mais um pouco e me deparei com uma enorme gama de nomes para essa mesma flor, começando com *Morning Glory* e passando para as mais diversas variações, tais como *Glória da Manhã*, *Corda-de-Viola*, *Hipomeia*,

*Jitirama*, *Corriola*, *Campainha*, *Flor-de-Cardeal*, *Trepadeira-de-São-João* e muitos outros mais. Cientificamente falando, apenas *Ipomoea purpurea*.

Não importa aqui descrever seu caráter malandro e vaidoso, de quem é conhecida como flor ornamental mas, por muitos, só é vista como erva daninha. Ela é assim mesmo, vai chegando, se espalhando, possuindo, se alastrando e, quando menos se espera, esse verdadeiro súcubo floral, já tomou conta de tudo! Difícil de se prever, impossível de se controlar!

Não vou falar de seu lado oculto, que até passa despercebido daqueles que a cercam. Não, não se incomode, não é vergonha nenhuma! Você é assim, foi criada assim, aceite isso… Só cuide para que suas sementes fiquem sob controle, essas mesmas, que têm um antigo histórico de uso como psicodélico. Nossos antepassados da cultura asteca, para seus ritos mágicos, não conheciam o LSD mas conheciam a você…

Não vou sequer falar de todo o simbolismo ocultista (ou mesmo sexual?) que suas folhas em formato de coração podem trazer para aqueles que estão à sua volta.

O que quero falar é sobre sua tão serena quanto pequena existência.

Vejam só: apenas uma manhã.

Uma flor que, ainda que tenha seu nascimento sob um glorioso sol, está fadada a jamais ver as estrelas.

Existe por tempo suficiente apenas para que os insetos e pássaros possam cumprir sua função de polinização, garantindo a existência de sua espécie, mas jamais a sua própria.

Não aguardará, ansiosa, por dias de chuva. Não se incomodará se a tarde promete ser de ventania. Não acompanhará as crianças que diariamente passam por sua calçada, rumo à escola, à casa da tia, ou para qualquer outra traquinagem. Não servirá como um buquê para ser presenteada à paixão da vida de alguém. Sequer poderá ornar os cabelos da amada, numa noite quente, regada a vinho e seresta sob o luar.

Pois você já não estará mais lá.

Terá cumprido sua função e terá partido.

Não retornará, por si, nunca mais.

Então fiz bem em encontrá-la.

Então fiz bem em apaixonar-me.

Em, ao menos, tentar registrar sua cor, suas voltas, seu sutil e imperceptível perfume natural.

Pois, ainda que eu volte ao mesmo local, jamais a encontrarei novamente. No abafado calor desta noite, enquanto insone semeio palavras neste texto, você já partiu. Para sempre. Para nunca mais.

Efêmera.

Ou seja, ligeira, passageira – até mesmo ilusória.

Efêmera.

Essa, de fato, é a palavra que te define. Que te traduz.

E é somente na minha memória que você continuará existindo.

Então, adeus, pequenina flor…

### *O mecânico*

Dia desses fui assistir o terceiro filme do Homem de Ferro. Alguém já havia me falado que não tinha gostado, que esperava mais, que o filme poderia ser melhor, etc. Algo assim. Mesmo assim, assisti. A eterna desculpa de que *"fui levar a criançada"* sempre é ótima!

E lá estava eu, como de praxe, com minha pipoca – doce por baixo, salgada por cima e muita manteiga…

E, independentemente do pré-conceito que me foi passado, de um modo geral gostei do filme. Ah, antes de mais nada, para aqueles que não assistiram, fica o alerta de *spoiler*… Bem, tá certo que a estória se arrasta em alguns momentos, enquanto que em outros exageraram nos efeitos especiais. Talvez o ideal fosse dividir o filme em duas partes, de modo que se tornasse possível aprofundar um pouco mais, tanto na trama de um modo geral, quanto na do personagem, de um modo particular. Isso tudo significa que não gostei do filme? Não, antes o contrário! Aliás, melhor explicando, gostei da *mensagem* que o filme passou.

Tire as tecnologias de Tony Stark. Tire os brinquedos. Tire o dinheiro. Tire tudo. Ainda assim, o que resta? O mecânico. Isso ficou patente em todos os três filmes. De um jeito ou de outro, o personagem retrata um sujeito que gosta de construir coisas. Que tem um dom. Que cria. Que, no final,

conclui por um retorno à simplicidade. Não existe? Eu faço. Eu que fiz? Posso desfazer. Desfez-se? Faço de novo. Quebrou? Eu conserto.

Tanto o é que, ao final, Tony Stark, o cientista, o gênio, o empresário, o filantropo, o bilionário, o playboy, o super-herói – e sabe-se lá quantas outras alcunhas – assina como? Simplesmente *"o mecânico"*.

Um resgate às origens.

E, de todo o filme, compreender essa mensagem é o que me foi mais importante.

Quantas vezes já não discuti isso aqui neste nosso cantinho virtual? Sobre o que verdadeiramente importa? Velejando pelos jargões e clichês de sempre, será que a criança que eu fui gostaria do adulto que me tornei?

Invariavelmente costumo discorrer sobre a inevitabilidade da vida, para onde o Destino nos conduz. E por isso mesmo – brilhante concepção! – encantei-me com uma das frases finais do filme Forrest Gump: *"Não sei se cada um tem um destino ou se só flutuamos sem rumo, como numa brisa… Mas acho que talvez sejam ambas as coisas. Talvez as duas coisas aconteçam ao mesmo tempo…"*

Ou seja, sim, existe um Grande Plano. Mas também existe um Grande Caos. E uma coisa tanto leva à outra quanto depende da outra. Jogue uma pedra num lago e observe o efeito das ondas repercutirem sobre sua superfície. Jogue outra, com idêntico formato, peso, força e local. Jamais você conseguirá o mesmo efeito já obtido.

Seja uma pedra. Sinta-se lançado no lago do tempo. As ondas que hoje você vive são a repercussão de tudo o que até hoje você já fez. Você somente é o que é por tudo que você já fez e já viveu.

E, já que falávamos de filmes, daí, talvez, o grande encanto pelas estórias em que personagens de alguma maneira voltam no tempo, como em *Em Algum Lugar do Passado (Somewhere In Time)*, *Feitiço do Tempo (Groundhog Day)*, *O Exterminador do Futuro (The Terminator)*, *De Volta Para o Futuro (Back To The Future)* e, provavelmente meu preferido, *Peggy Sue – seu passado a espera (Peggy Sue got married)*. De todos, este último tem uma das cenas mais interessantes com relação a esse conceito acerca da possibilidade de mudar seu passado para influenciar seu futuro (ou seja, sua vida atual). Nesse filme de Coppola, a personagem, no passado, conversa com seu avô (o qual acredita realmente que ela viajou no tempo) e lhe pergunta algo como:

*“Vovô, o que você faria se tivesse a oportunidade de voltar no tempo?”*

Ao que ele responde:

*“Teria cuidado melhor de meus dentes.”*

E qual é o encanto dessa singela passagem? É a plena consciência do ancião de que qualquer coisa que tivesse feito lá atrás poderia mudar o que ele é hoje. E essa passagem sempre fez minha cabeça dar voltas – e até hoje faz. Mais ou menos como aquela crônica de Veríssimo, Versões. Cada situação que eu passei é que me trouxe ao presente momento. Qualquer mínimo desvio de rota e eu não estaria onde estou com a consciência que tenho. E, de um modo geral, até que gosto de quem sou. Creio que não me admito, hoje, sem ter conhecido cada uma das pessoas que conheci, sem ter passado por cada uma das situações que passei, sem ter cada um dos filhos que tenho. Qualquer desvio de rota no passado, por ínfimo que fosse, teria alterado meu futuro. Ou melhor, meu presente.

E – divagações cinéfilas à parte – o que tudo isso tem a ver com o mecânico?

Que, apesar de tudo, de todas as nuances, de cada uma das ondas deste nosso lago temporal que foram necessárias para vislumbrar o efeito do que hoje somos – parece-me que as coisas se tornaram complexas demais. Melhor: *tornei* as coisas complexas demais. Uma volta às origens sempre será necessária. Às vezes olho-me no espelho e não me reconheço! Alice, quem é esse cara mal humorado que me fita do outro lado? Esqueci a simplicidade. Onde está aquela criança que enfiava pequenas peças encontradas no chão em uma caixa de fósforo e a levava na oficina, orgulhoso, para mostrar ao pai que também estava consertando algo?

Enfim, preciso resgatar o mecânico adormecido que paira em algum lugar do meu coração. Ou de minha alma. Ou de ambos. Não devo – nem posso – descuidar do plano global de minha vida, mas é imprescindível retomar os pequenos prazeres das pequeninas coisas. Viver a vida a mil? Legal, Janis. Mas chega um tempo – e esse tempo sempre chega – que a dez é bem melhor.

E nesse exercício de paciência para todo aquele que chegou até aqui depois deste longo texto de quem há muito não colocava as próprias estapafúrdias ideias em evidência, diga-me: e você? Existe alguém preso na masmorra de seu coração ou na torre de sua alma que precisa ser resgatado?

## *Lágrimas de um coração*

Corações choram.

Vocês sabiam?

Sim, é verdade! Todo e qualquer coração possui a capacidade de chorar. Pode ser por vários motivos, mas invariavelmente é por amor mesmo. Em especial amor acabado, amor fragilizado, amor interrompido, amor não correspondido.

Não tem como explicar direito… É uma angústia, um aperto, uma saudade não sei de quê. E as lágrimas que ali nascem vêm de tal forma que transbordam e se espalham pelo resto do corpo – que é quando nossas lágrimas propriamente ditas descem em meio ao rubor de nosso rosto, só para acompanhar aquelas que afogam nosso solitário coração.

Mas isso passa.

Tudo passa.

O problema é que essas lágrimas d'alma não evaporam!

Elas permanecem para sempre.

Sim, para sempre!

E, pior: fossilizam!

A cada dor que o coração passa, a cada lágrima que o coração derrama, um pontinho a mais vai se formando, cristalizando, incrustando e endurecendo cada vez mais um coração que chora.

Já perceberam, não é?

Quanto mais passamos por isso, será quanto mais essa armadura vai se formando, cercando e confinando um coração que anseia por bater…

E assim me sinto.

Um coração empedernido pelo excesso lacrimoso que não se suporta mais.

Cada vez mais, menos lágrimas meu coração se dispõe a soltar.

Encapsulado em si mesmo, cético, num solidificado invólucro inquebrantável, lá dentro ele pulsa, totalmente à parte dos chamados de um mundo externo do qual não quer mais participar, eis que cansado de sofrer.

Haverá alguma esperança?

Haverá alguma fissura?

Será possível romper essa barreira?

Quanto mais o tempo passa, menos eu creio que o seja…

### *O que nos falta é magia*

Antes de mais nada, não, não ando reprisando nenhum dos filmes do *Harry Potter* ou da série *Once Upon a Time* aqui em casa – se bem que a ideia não é nada má...

O que acontece é essa inevitável constatação de que, com o passar dos anos, vamos ficando cada vez mais céticos com relação a tudo e a todos. Em especial a todos. As obrigações profissionais vão se sobrepondo às familiares. As obrigações familiares vão se sobrepondo às do relacionamento. As obrigações do relacionamento vão se sobrepondo às pessoais. E, no fim, pergunto-lhes: sobra o quê?

Enquanto perco um considerável tempo aqui matutando – e com a cabeça em background já pensando quais são as minhas obrigações pendentes enquanto tento colocar pra fora um pouquinho desse sentimento – acabo percebendo que o problema é exatamente esse: um problema de tempo. O tempo, literalmente, a cada dia que passa, é matéria cada vez mais escassa na vida de cada um. Afastemos todas as outras variáveis possíveis que determinaram quem hoje nós somos e o que raio estamos fazendo aqui onde estamos e poderemos concluir que o tempo é a única variável absoluta com a qual não temos como negociar. Acontece por si só e tudo o mais é por nossa conta. Assumamos nossa parcela de responsabilidade no tocante a isso, ok?

E, nostálgico que sempre sou, olhando para trás vejo o quanto já desperdicei dessa preciosa matéria que se esvai, grão após grão, ampulheta abaixo. E também vejo que a cada punhado a menos de areia, um punhado a mais de ceticismo foi se empilhando em minh'alma. A cidade não é mais um mistério a ser explorado, mas sim uma equação a ser resolvida. O povo já não é mais uma fonte de curiosidades, mas sim uma população crítica e eternamente descontente. O céu já não é mais tão azul, as matas já não são mais tão verdes, sequer os rios possuem o mesmo frescor. Tudo isso se perdeu no outrora. E a vida ficou mais cinza e maçante.

Falta-me leveza para o dia a dia...

E o que me veio à mente nessa minha constante e incessante busca de um tiquinho de qualidade de vida foi a lembrança de um tempo perdido, num lugar que não existe mais com gente que, provavelmente, também já não. Namorava então com aquela que viria a ser minha esposa (e que também viria a deixar de sê-la) e numa noite quente ela propôs que fôssemos à casa de sua madrinha, para visitá-la. Logo imaginei a gente sentado em sofás de tecido estampado, numa salinha pequena e de janelas grandes, com mesinhas cheias de badulaques sobre toalhinhas de crochê, enquanto tomávamos chá com rosquinhas feitas em casa e sua idosa madrinha nos contava, tediosa e chorosamente, sobre o saudoso e finado marido.

Ou seja, o último programa na face da Terra que um adolescente fervilhando nos seus dezessete anos de idade gostaria de fazer num sábado à noite, ainda mais acompanhado da formosidade que era sua namorada.

E é lógico que eu, desde então já sendo um idiota no que diz respeito a assuntos sentimentais, prontamente concordei.

Naquela época, nos idos da década de oitenta, quando o excesso de carros e a falta de mobilidade urbana ainda não eram os temas preferidos de dez entre dez cidadãos, restavam-nos os ônibus, as caronas e as longas caminhadas. Neste caso, a última.

Meu silêncio sepulcral no decorrer do caminho só era sobreposto pela sorridente carinha de lambeta que ela ostentava. Que raios aquilo queria dizer, afinal de contas?

E então chegamos.

E – surpresa das surpresas – nada mais distante da realidade que eu havia racionalizado na minha mente!

O primeiro choque foi conhecer a madrinha propriamente dita, já na porta da casa. Hoje calculo que, na época, ela deveria ter uns trinta e poucos anos. Uma mulher alta, linda, longos cabelos pretos, cheia de anéis, brincos e colares, usando uma psicodélica saia hippie que vinha até os pés.

O segundo choque foi a casa em si. Uma acolhedora casinha, já quase nos arredores do bairro, fantasticamente decorada com tudo o que se possa imaginar no que diz respeito a material hippie. Os caquinhos na parede do lado de fora, as cortinas para passar por entre os cômodos, os tapetes trançados, os móveis de bambu ou reciclados, os adornos pendurados,

espalhados, afixados por todos os lados, enfim, tudo aquilo fazia um mosaico, ou melhor, um caleidoscópio de cores, imagens e sons simplesmente maravilhosos.

E, sim, eu disse sons. Porque do lado de fora, nos fundos, num amplo pátio protegido por uma frondosa árvore e com plantinhas e vasinhos espalhados para todos os cantos que se pudesse olhar, estava um grupo simplesmente fora de série! Em tamboretes e banquinhos improvisados faziam uma verdadeira roda de samba, tocando e cantando não só os grandes clássicos, de Adoniran a Chico Buarque, como ainda intercalando com músicas de sucesso da época, como Legião, Paralamas e por aí afora. E, temperando tudo isso, no meio do grupo, uma garrafa com uma deliciosa cachaça que aguardava sua vez de, por cada um, ser saboreada. Não rolava, como hoje, os (caros) excessos de cerveja, mas sim um módico bebericar de uma cachacinha enquanto se cantava, conversava, discutia e se resolviam os problemas do mundo...

E era isso. Simples assim. Não mais que de repente um véu se rasgou e fui apresentado a um mundo novo, uma dimensão paralela, que estava ali, presente, bem do meu lado. Naquele mesmo lugar conheci e reconheci muitas pessoas maravilhosas e, dentre elas, o Braz da Viola, figurinha pra lá de carimbada e ali mesmo combinamos que iríamos todos acampar no alto da Pedra do Baú, em São Bento do Sapucaí. Mas isso já é uma outra história!

Enfim, perguntam-me vocês, onde afinal de contas eu quero chegar com este causo?

Em lugar nenhum. É somente para demonstrar como a vida era mais fácil e intuitiva em tempos passados, quando a ampulheta ainda estava bem mais cheia. Nos dias de hoje, nestes dias em que nos circunda a horrenda figura do “politicamente correto”, nestes tempos em que, diuturnamente conectados no mundo virtual, nossas obrigações clamam cada vez mais por atenção, fazendo com que horas pareçam minutos, sinto falta dessa época em minha vida. Era meio que como surfar no dia a dia, passando por cima e à parte da sociedade, do tempo, de tudo, simplesmente aproveitando aquele momento, aquele tubo, aquela onda – que jamais voltaria a surgir, mas que trazia, então, o equilíbrio perfeito para nossas vidas. Para minha vida.

E é exatamente esse tipo de magia a que me refiro…

### *A insustentável leveza do ser*

Parmênides, um filósofo que já era filósofo antes mesmo de Sócrates (o filósofo, não o jogador), lá pelos idos de 500 a.C. ("antes de Cristo", ô sapiência!) defendia uma tese acerca das dualidades ontológicas do ser, ou seja, suas propriedades transcendentais do ponto de vista da metafísica. Parece complicado, mas não é. Explico. Como o ser é, por excelência, unitário, então as dualidades surgem de acordo com a sua própria perspectiva, sua percepção do mundo que o cerca, conforme venha a notar a presença ou a ausência de uma determinada entidade. Focando no que é o natural, naquilo que seria óbvio, percebe-se a existência de seu contrário. Nesse sentido, o frio é apenas a ausência de calor, o "não-calor". As trevas são a ausência de luz, a "não-luz". E, diferente do que poderíamos supor, o peso, por sua vez, seria a ausência de leveza, ou seja a "não-leveza". Na minha opinião, uma lógica bastante consistente, jogada digna do calcanhar de Sócrates (o jogador, não o filósofo).

Ou seja, o óbvio para o ser humano é o "peso" que surge naturalmente em sua vida, uma "não-leveza". Esse peso pode ser percebido como um sem número de coisas ou fatores: o peso de um comprometimento, o peso de um engajamento, o peso do medo, o peso da ansiedade, o peso da vida...

Sim, pois não se iluda! A vida pesa, sim – e muito!

Afinal de contas, quantas vezes já não fomos simples e inevitavelmente levados pelo destino ao encontro de uma situação improvável, ingenuamente acreditando que o acaso estaria traçando os rumos de nossas vidas – mas que, sobretudo, estaríamos sempre no controle.

Ledo engano!

Basta puxar pela memória. Pense no passado e como hoje você veio parar onde está, na tão peculiar situação em que se encontra. Tá vendo? Não disse? Minha memória pode não ser tão boa, mas em sua seletividade ela consegue me reconduzir pelos caminhos que já trilhei. Como eu já disse por aqui antes, você pode passar toda uma existência andando pelos jardins de Destino, sempre com bifurcações e múltiplas opções de caminhos. Mas, ao parar e olhar para trás, verá que deixou atrás de si um único caminho trilhado. Assim é o destino.

Então qual é o segredo? Pois, ao perceber a pequenez dessa vida em que vivemos e sobre a qual não temos, de fato, controle nenhum, percebemos também o quanto isso pesa. Como se livrar desse peso?

Bem, se pensarmos como o filósofo ali do início, a nossa verdadeira busca é tentar transcender para a outra ponta da dualidade que envolve a entidade peso: passar da “não-leveza” para a leveza.

Ou seja, é abandonar o medo de arriscar, abandonar o medo de ser superficial, buscar a leveza da franqueza aliando-a à beleza da sinceridade.

Almejar essas metas são simplesmente um começo. É certo, sim, que buscar deixar pra trás aquilo que te cansa, aquilo que te desgasta, aquilo que te rejeita, bem, não tenha dúvidas: isso tudo gera ansiedade. E ansiedade também é um peso desgraçado para se carregar. E, ainda que não seja preciso, é preciso continuar!

É... Não tem jeito... *Viver é para profissionais!*

Então deixe de lado a leveza do País das Maravilhas e busque a leveza em sua própria vida.

Sem medo. Sem peso. Sem culpa. Pois culpa também é peso.

Somente com tudo isso em mente – que é e sempre vai ser apenas uma parte do todo – é que será possível dar a devida importância àquilo que realmente é importante.

A vida é assim. Sozinhos viemos, sozinhos nos fizemos e sozinhos partiremos. Mas, nesse meio tempo, façamos com que seja possível mudar o rumo das coisas de modo tal que a vida siga seu rumo, que seja possível compartilhar a alegria que é viver, que seja possível dividir e mostrar que viver é bom – afinal, tem que ser gostoso! Há que se preocupar com quem se preocupa com você, há que se fazer rir, há que se consolar, há que se responder as perguntas (em especial as que não são feitas), há que se acalmar, há que se cuidar.

Há que se ter leveza.

Faça isso. Vai por mim: faça!

Transformar a própria vida não é fácil. E a de outrem, então?

Dangerosíssima missão quase que impossível!

Mas, ainda assim, é possível.

E, diferente da canção, a que diz que no coração cabem três vidas inteiras, em cada fase de nossas vidas cabem muitas vidas inteiras...

De minha parte já perdi a conta de quantas vidas tive. E olhe que estou falando somente desta vida!

Bem, é isso. Fica a dica. Viva. Deixe viver. Compartilhe a vida. Não há que se preencher o espaço da vida de outrem, mas sim fazer com que perceba como deve ser preenchido.

É isso. Vamos viver. Plenamente. Um dia de cada vez. Com alegria, com amor, com carinho, com paixão, com tesão.

E, finalmente, parafraseando o autor, entenda que as perguntas mais simples são sempre as mais profundas, com respostas por muitas vezes pra lá de complexas.

Quer um exemplo? Fácil. Vejamos a mais simples de todas elas:

*"Você é feliz?"*

Pense sobre isso de vez em quando e observe suas respostas se modificarem...

### *Meu Mundo Perfeito*

No meu mundo perfeito eu sou casado. Sim, pois por mais que eu goste de meus momentos de solidão, por mais que aprecie poder ter a paz de espírito de me largar em devaneios e sempre reavaliar tudo que ocorre à minha volta, ainda assim eu gosto de companhia. Gosto de poder acordar – ou ser acordado – logo pela manhã e ter alguém para ver, abraçar, aninhar. Gosto de ouvir e ser ouvido. Gosto de debater sem ser julgado. Gosto de fazer pequenas surpresas e de ser gentilmente surpreendido. Gosto de cuidar. Gosto de ser cuidado.

No meu mundo perfeito eu tenho filhos. São as minhas crianças, sempre, não importa que idade tenham. São bonitos, inteligentes e amorosos. Gostam de perguntar, de tentar entender como o mundo funciona e apreciam a minha opinião acerca disso. São alegres, divertidos e espirituosos. E eu os amo profundamente – não porque são meus filhos, mas porque eu os criei, cuidei, sofri e me regozijei com cada pequenino novo momento e etapa de suas tenras vidas.

No meu mundo perfeito eu trabalho naquilo que gosto. E, curiosamente, não é preciso chamar isso de "trabalho". Vejam só: eu faço aquilo que gosto, me dão condições mínimas necessárias para fazê-lo, tenho uma equipe capacitada e dedicada e ainda me pagam por isso? Não, realmente eu não tenho um trabalho e – definitivamente – não tenho um "emprego". Eu faço aquilo que gosto e ponto final.

No meu mundo perfeito eu ganho o suficiente. Não preciso ser rico. Nunca quis isso. É necessário, sempre, ter limites para que saibamos que eles existem. Ganho o suficiente para sustentar o modo de vida que escolhi. Às vezes pode ter algum aperto daqui, alguma dificuldade dali, mas sempre existem saídas. Sempre é possível dar a volta por cima. Sempre.

No meu mundo perfeito eu tenho amigos. Não importa a idade, o credo, a cor, o sexo, a orientação sexual, o posicionamento político ou seja lá o que for. São amigos. Não estou falando de "colegas", mas sim de amigos. Aqueles que me são fiéis na mesma proporção em que lhes sou, que me dão apoio e a quem apoio, que me escutam e a quem oriento, que tanto me divertem quanto lhes faço rir, sem cobranças, sem trocas, sem dedos em riste. Como diria Quintana: *"a amizade é um amor que nunca morre"*. Meus amigos são imortais.

No meu mundo perfeito nada é perfeito. Existem crises – para que as contornemos. Existem fracassos – para que possamos vencer. Existe tristeza – para que possamos nos alegrar. Existem brigas – para que nos reconciliemos. Existe dor – para que possamos ter alívio. Existem distâncias – para que nos reaproximemos. Existe ódio – para que possamos amar. Esse meu mundo é binário (por mais nuances que possam existir entre um limite e outro), pois para cada negativo haverá sempre um positivo. Basta que prestemos atenção o suficiente que conseguiremos enxergá-lo.

E então resolvo sair da utopia e encarar a realidade. E comparando meu mundo perfeito com essa imperfeita vida que levo, na qual reclamo, me entristeço, me revolto, me deixo levar, me deprimo e sabe-se lá o que mais pode caber dentro do coração e da cabeça de um ser humano, percebo finalmente a verdade que não está lá fora, mas aqui dentro: não existe mundo perfeito. Pois todos os mundos são perfeitos. Nós é que somos imperfeitos ao encarar nosso dia a dia e, muitas vezes, simplesmente não ter a coragem suficiente de relaxar, sorrir e compreender que o mundo perfeito daquele que está ao seu lado não é melhor ou pior que o seu, pois é dele e a ele pertence. E sim, a vida é um caos – mas de alguma maneira, no final, tudo sempre dará certo. E, chavão dos chavões, se ainda não deu certo é porque ainda não chegou no final.

E um dia de cada vez é o que temos que encarar.

Vivendo, cada qual, em seu mundo perfeito.

Imperfeitamente, é claro.

### *Solidário à solidão*

Em 2011 fui apresentado a um livro de Rilke – *"Cartas a um jovem poeta"* – que contém uma passagem bastante interessante. Antes de mais nada, para que compreendam um pouco melhor essa história, esse livro é uma coletânea da correspondência trocada no período de 1903 a 1908 entre o poeta Rainer Maria Rilke (1875-1926) e um jovem chamado Franz Xaver Kappus, com dicas e conselhos do mestre ao aspirante a poeta… Isso é de uma época em que as missivas eram longas, bem escritas e levavam dias, às vezes até mesmo semanas – ou mais – para que chegassem ao seu destinatário. E o curioso é que foram publicadas somente as cartas de Rilke, mas como ele se esmerava tanto em suas respostas acaba sendo até mesmo desnecessário conhecer o conteúdo das cartas que recebeu.

A passagem à qual me refiro é de uma carta de dezembro de 1903, quando o jovem poeta provavelmente deve ter se queixado da solidão que sentia com a proximidade do Natal. Rilke, escritor experiente, lhe falou acerca de determinados momentos em que as pessoas sentem uma grande solidão, muito difícil de suportar, e que seriam até mesmo capazes de trocar essa solidão por um relacionamento qualquer, por mais banal ou indigno que fosse, somente pela aparência de uma mínima concordância com o próximo… E então desfiou:

*"Mas isso não deve confundi-lo. O que é necessário é apenas o seguinte: solidão, uma grande solidão interior. Entrar em si mesmo e não encontrar ninguém durante horas, é preciso conseguir isso. Ser solitário como se era quando criança, quando os adultos passavam para lá e para cá, envolvidos com coisas que pareciam importantes e grandiosas, porque esses adultos davam a impressão de estarem tão ocupados e porque a criança não entendia nada de seus afazeres."*

Por mais de uma vez eu já disse por aqui o quanto é importante saber gostar de ficar sozinho. Mesmo em meio a uma multidão, no dia a dia de casa, até mesmo no trabalho. Cultivar esse tipo de solidão não quer necessariamente dizer que se está alheio ao mundo que o cerca, nem mesmo busca nenhuma conotação de tristeza, sequer significa que se é solitário! É que é bom ficar sozinho. É bom conversar com as próprias ideias. Assim como uma criança, como sabiamente ensinou Rilke. Vejam que poderosa compreensão: *"ser solitário como se era quando criança"*. E penso na minha infância, antes mesmo de começar a frequentar a escola – pois somente com sete anos de idade é que entrávamos direto no primeiro

ano e não havia nada de creche, infantil I, II, III, o escambau! – o meu mundo era o quintal de casa. Meus pais moravam numa avenida movimentada (aliás é onde vivem até hoje) de modo que sair para rua não era uma opção, ambos trabalhavam o dia inteirinho, meus irmãos mais velhos já eram adolescentes e não tinham tempo para um fedelho como eu, e assim o que me restava era inventar estórias, coisas e brinquedos naquele quintal gigantesco – aliás, exatamente o mesmo que, hoje, acho minúsculo…

Mas com o tempo, começando a participar do "mundo lá fora", fui esquecendo esse prazer dessa solidão. Pois era, sim, prazerosa. Cada vez mais me envolvendo com pessoas, estudos, trabalhos, clientes, situações – e em especial tendo conhecido o quão cativante era a companhia do sexo feminino – houve um momento em que eu não mais conhecia, nem queria, ter que sentir nenhum tipo de solidão. Equivocadamente, para mim, qualquer tipo de solidão significava ser solitário. Quão ingênuo!

E então o ano de 2011 chegou, lançando minha vida numa tortuosa corredeira natural, consequência de todas as cascatas e quedas dos anos anteriores, com um correnteza alucinante e que, curiosamente, não fez com que essa mesma vida passasse mais rápido – antes o contrário, ela se tornou mais lenta e perceptível. Muito provavelmente pelo fato de ter saído totalmente da rotina e da estagnação em que me encontrava, pude apreender melhor o mundo ao meu redor. E, apesar da canoagem selvagem a que me lancei, ora raspando o fundo de meu coração em afiadas pedras de desapontamento, ora arremessando as laterais de minh'alma em sólidos barrancos de incompreensão e, às vezes, quase perdendo totalmente o controle da canoa de minha vida em redemoinhos de confusão sentimental, ainda assim encontrei meu caminho, meu fluxo, minha estabilidade. E isso somente foi possível graças aos bolsões de solidão que esse rio chamado tempo me proporcionou, entre um apuro e outro.

Foram nessas águas mais lentas, longe da imperiosa necessidade de me envolver em coisas que pareciam importantes e grandiosas (ao menos para minha própria existência), sem precisar me preocupar ou sequer entender desses afazeres, é que pude realmente voltar meu olhar para mim mesmo, para aquela danificada canoa de minha vida, e que pude perceber o quão caótico é o fluxo das águas do tempo, finalmente compreendendo que esse era o segredo: não há que se combater o caos, há que se deixar levar!

Todos os desafios lançados por aquela absurda correnteza somente me magoavam porque eram resistidos, porque eram combatidos. Apenas lá, nos bolsões da solidão, tal qual criança voltada a si mesma, é que pude me reencontrar e consequentemente encontrar o caminho para águas mais mansas de viver.

Com sequelas, é óbvio. Não se passa por tudo isso sem se transformar. Aquele *eu* que já fui um dia deu lugar a um outro *eu* que sou agora. E nessa canoa de minha vida materializou-se um baú para trancafiar tudo aquilo que nubla a percepção. Somente assim o horizonte se tornou mais claro. O que não implica necessariamente em dizer que eu tenha me tornado uma pessoa melhor ou pior. Talvez, no mínimo, mais intrigante…

Enfim, toda essa metáfora foi para deixar claro que, tal qual como num outro texto que li recentemente, "para ser um bom par é preciso ser um bom ímpar". Ou seja, não há que se procurar em outra pessoa o que está dentro de si. É preciso ter a capacidade de se sentir feliz sozinho, de descobrir seu próprio valor – o que, em absoluto, significa viver só. Apenas que é bom, ao menos de quando em quando, estar só. Curtir isso. Permitir isso. Viver isso. Somente assim, sem cobranças, sem imposições, de acordo com o próprio sacrossanto livre arbítrio com que somos dotados, é que se torna possível se deixar levar pelo caótico fluxo do tempo, que sempre vai nos apresentar novas armadilhas aqui e ali, mas que com leveza, cuidando bem de si, torna-se possível contornar, desviar ou – por que não? – até mesmo enfrentar. Mas com a segurança de que não existem obrigações. Não existem amarrações ou, sequer, a necessidade de ancorar em alguma margem. Não existe destino certo. Só existe o navegar rio adiante.

E não é justamente para isso que essa nossa canoa da vida foi criada?

Para navegar?…

### *Minha Casa*

Minha casa não existe. Talvez já tenha existido em algum lugar de minha memória, quando eu era jovem e crédulo o suficiente para fazer planos, mesmo daquelas coisas que eu sabia que jamais viriam a se realizar.

Mas não desisti de minha casa.

Ainda que eu jamais venha a conhecê-la. Ou construí-la.

Minha casa será num terreno amplo – algo como uma chácara – mas não tão grande que se possa descuidar. Será cercada não por muros, mas por cercas – de madeira, bambu ou qualquer outra coisa do gênero. Serão cercas baixas o suficiente para se pular de uma só toada ou mesmo de se encostar para jogar fora um bom proseio com o vizinho.

Arame farpado, jamais. Ainda carrego no rosto a cicatriz do desinfeliz encontro com um desses…

Não terá portões, mas terá uma porteira. Perto o suficiente da entrada da casa para que se possa reconhecer o amigo que lhe bate à porta, mas longe o suficiente para ignorar quem não se queira receber. E da porteira até a soleira, árvores de ambos os lados. Árvores de sombra. Grandes o bastante para formar um túnel de frescor ao se adentrar, mas baixas o suficiente para que as crianças possam nelas subir e fazer suas estrepolias.

E será daquelas casas com três ou quatro degraus para subir, com varandas de todos os lados. Amplas varandas, para as festas, os amigos ou simplesmente para descanso numa tarde quente. Cadeiras de vime, almofadas e sofás descombinados espalhados aos quatro cantos. Afinal o conforto é mais importante. E mesinhas. Mesinhas de centro, altas, baixas, várias delas. Prontas para servir de apoio a um bom livro, alguma revista, uma cerveja bem gelada, um cinzeiro, uma taça de vinho ou mesmo um uísque. Caubói ou não.

O assoalho terá que ser de madeira, sempre bem encerada para permitir que as crianças (filhos, netos, visitas – não importa) possam escorregar e se arrastar umas às outras em tapetes ou pedaços de carpete improvisados. Terá o pé direito alto, dando a sensação de espaço, para sempre me lembrar que uma casa não deve confinar seu morador, mas sim lhe dar espaço para poder viajar sem sair do lugar.

Terá muitos quartos espalhados de ambos os lados do amplo corredor que cortará a casa de ponta a ponta – todos eles com mais de uma janela. E serão janelas altas, de duas folhas, como aquelas antigas casas de fazenda. Os moradores e visitantes poderão sempre acordar com o frescor da manhã e abrir as janelas de par em par, deixando se espalhar pelo recinto um ar puro que renove as energias. Janelas na altura exata de se apoiar ou mesmo de se sentar, recostado, para chupar uma laranja enquanto se aprecia o por do sol.

Sim, é óbvio que as janelas não terão grades.

E na minha casa não haverá uma sala de jantar ou sala de estar – apenas uma sala de tamanho condizente com um aparelho de TV de bom porte, pois não consigo imaginar minha vida sem uns bons filmes para assistir, sozinho ou acompanhado. Sempre com pipoca. De preferência doce por baixo, salgada por cima – e com muita manteiga…

E a cozinha – ah, a cozinha! – será uma grande cozinha, com uma grande mesa, com mais lugares do que se possa preencher. Afinal toda casa tem seu coração, e é na cozinha que ele fica. Ali riremos, brindaremos, cearemos e nos divertiremos. Não basta dividir o pão, há que se dividir o suor e a alegria de fazê-lo. E ali, enquanto todos ajudam e riem e bebericam e provam deste ou daquele prato, levando um eventual tapinha na mão por ter provado aquilo que "ainda não está pronto", comungaremos a felicidade da amizade e da família e todos esses bons fluidos ficarão indelevelmente impregnados nas paredes da casa para todo o sempre…

E, do lado de fora, junto da cozinha, junto da janela, haverá uma churrasqueira. Os amigos e amigas vegetarianos que me perdoem, mas não sou evoluído o suficiente para deixar de apreciar uma boa carne bem preparada, após horas sob meus cuidados, já antevendo o prazer da degustação.

E na minha casa haverá um pomar! Sim, um pomar com vários tipos de árvores com frutos das mais diversas espécies. Para se colher do pé e aproveitar ali mesmo. Para criançada correr e brincar de pique, para os adultos se recostarem e descansarem, para todos se saciarem. E, entre a casa e o pomar, uma horta bem cuidada, com os legumes, temperos, chás e seja mais lá o que for importante para dar sabor à vida.

E flores!

Sim, flores no chão, nos vasos, recostadas e penduradas. Samambaias, orquídeas, flores de maio e todas outras que servirão para dar prazer aos sentidos, para que se possa ver, para que se possa cheirar, para que se possa tocar.

Ainda do lado de fora, à parte da casa, um bom galpão que será uma garagem. Garagem de colocar veículos, máquinas, ferramentas, de pendurar bicicletas e de guardar todas aquelas quinquilharias que toda casa deve ter. Pois todo mundo no mundo tem alguma coisa guardada num canto, que arrasta uma mudança após a outra, mas nunca – nunca! – joga

fora… Será um canto de refúgio para um conserto no carro, um reparo num móvel, para a feitura de um artesanato. E terá todas as ferramentas necessárias para tudo isso.

E, falando em refúgio, minha casa terá aquele que será meu refúgio predileto: um quarto com prateleiras até o teto repletas de todos os livros e revistas que tenho e que ainda vou ter. Aqueles que ainda não li e aqueles que vou reler. Será meu canto de repouso, de meditação, um lugar para que eu possa olhar para trás, para a frente e para o presente e poder escrever sobre tudo aquilo que fervilha em minha mente.

E minha casa terá tudo isso e muito mais: terá personalidade, terá alegria em seus cômodos, terá esperança em suas paredes, terá um tiquinho de tristeza também – não muito – pois faz parte da vida passar por tudo isso. E minha casa terá vida, uma vida feita para cuidar de quem nela habita, de refletir seus humores e dar-lhe conforto e segurança.

E é nessa casa que passarei o resto de meus dias com minha amada, onde compartilharemos as noites frias e os dias quentes do porvir, onde contarei em conto e prosa como foi minha passagem desta vez por esta vida, até que eu mesmo me vá.

E então, somente então, minha casa deixará de ser minha…

# TERMINUS

Então... Permitam-me contar um pouquinho sobre algumas de minhas publicações, bem como transcrever as "orelhas" que abriram meus livros anteriores... Assim vocês podem se sentir à vontade para avaliar e - quem sabe? - até mesmo adquirir o conjunto da obra! ;-)

Em 2014 veio à luz ***Filosofices de um Velho Causídico***, trazendo em suas cravadas 400 páginas uma coletânea de textos e crônicas de meu blog, divididos nas categorias *Coisas de Casal*, *Criança dá Trabalho*, *Juridicausos*, *Vida Besta*, *Martelando o Teclado* e *Filosofices*. São textos no geral curtos ou curtíssimos – só que às vezes não – onde falo um pouquinho da vida conjugal, da difícil arte de ser pai, de causos jurídicos, das bestagens que fazemos na nossa vida, de contos, pontos de vista, cultura inútil e coisas de antigamente, bem como também compartilho um tanto de elucubrações mentais que volta e meia passam por esta minha cabeça já atordoada por tanta vivência...

Ainda em 2014 foi a vez de ***Criança dá Trabalho***, um livro que em suas 108 páginas traz as aventuras e desventuras de diversas crianças de todas as idades, em especial as de meus três próprios filhotes.

Já no ano de 2015 foi a vez de trazer à tona meu lado advogado em ***Filosofices de um Velho Causídico – Juridicausos***, 200 páginas com uma coletânea de textos jurídicos – ou não – pinçada lá do meu blog, onde compartilho um bocadinho das curiosidades que envolvem o cotidiano dos chamados "Operadores de Direitos". Nesse livro vocês vão encontrar um pouco do anedotário popular, causos que envolvem clientes, audiências e outras situações ainda mais estapafúrdias, sentenças, acórdãos e outras peças no mínimo pitorescas. Enfim, vai ser possível explorar um pouco do "Lado B" desses maravilhosos lunáticos que resolveram se lançar na carreira jurídica.

E o ano de 2015 também presenciou a chegada de minha obra seguinte; em ***Filosofices de um Velho Causídico – Outros Causos***, está reunido boa parte do que não foi utilizado no Filosofices original, bem como textos de minha autoria que produzi depois e, inclusive, o trabalho de outros blogueiros que simplesmente merecem ser lidos – desta vez distribuídos em 400 páginas pelos tópicos *Martelando o Teclado*, *Passado a Limpo*, *Blog de Papel*, *Filosofices* e *Pensatas*. De um modo geral são causos que trazem um pedacinho de mim, um tiquinho de minh'alma, invariavelmente com bom humor, não dispensando a seriedade e nunca resistindo ao dramático!

***O Autor (eu)***

# Filosofices de um Velho Causídico

*No pé d'orêia*

Que o "causo" é gênero universal, desde a Grécia antiga, a gente já sabe. Mas que nasceu em Minas Gerais, como já disse o Jô Amado, ah!, isso de fato é mêsss!

Talvez aí esteja a origem (eu ia escrever gênese, mas deixo esses *arroubos estilísticos* pras páginas seguintes, a quem de Direito) dessa *antologia pessoal* do copoanheiro Adauto: desde que abriram as porteiras do sul de Minas pro Vale do Paraíba, a mineirada desceu a serra e, lá pros lados de Santana de São José dos Campos, metamorfoseou a geologia local. Milhões de anos depois de a Pangeia se separar em vários blocos, surgia ali a *maior estância hidromineral do planeta* -- cheia de água por baixo e mineiros por cima, pra citar outro causo, do prefeito Sobral.

Se mineiro não é, não nega as origens, esse Adauto. E daí a contar seus causos-crônicas-pensatas de forma e leitura universais basta o teclado, martelado impunemente. Se há cumplicidades, outros *mineiros* desconversam, ainda que delatados aqui e ali sob a ameaça de terem que discutir com um adevogado (e que nem tentem alegar *presunção de inocência*, só piora).

Mas que se faça justiça (eis um réu cobrando sua parte: as dez próximas rodadas são por sua conta, doutor): o Adauto é generoso, abre o peito nas linhas (e, principalmente, entrelinhas), não economiza na verborragia (sim, é dramááático -- basta ver que se autointitula *velho causídico*) e, apesar de uns tantos defeitos (é que aqui a gente evita dizer, por educação), é um cara *do bem*, e deixa isso muito bem refletido (sim, narcisicamente, pra citar outro *causo* das antigas) nessas páginas.

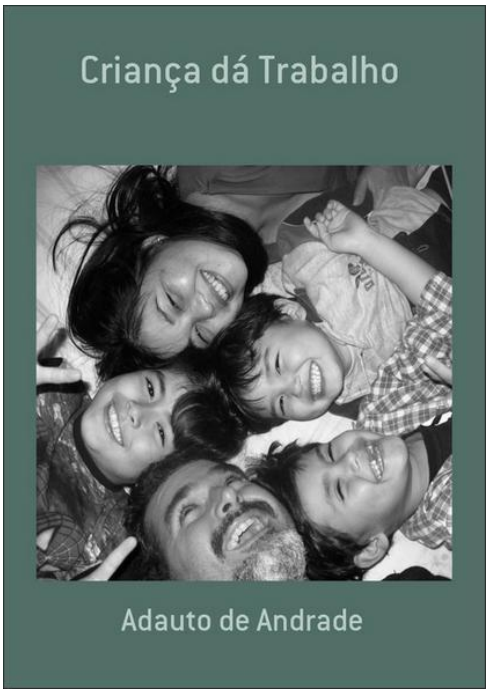
Eu disse dramático, e o dicionário vem me ajudar: diz que *drama* é um *gênero de composição teatral, que ocupa o meio-termo entre a tragédia e a comédia, quando não participa de ambas*.

Se alguém discordar, que conte outro causo.

***Paulo Bicarato***

# Criança dá Trabalho

Do grupo Palavra Cantada:




*"Lápis, caderno, chiclete, pião*
*Sol, bicicleta, skate, calção*
*Esconderijo, avião, correria, tambor,*
*gritaria, jardim, confusão*

*Bola, pelúcia, merenda, crayon*
*Banho de rio, banho de mar,*
*pula sela, bombom*
*Tanque de areia, gnomo, sereia,*
*pirata, baleia, manteiga no pão*

*Giz, merthiolate, band-aid, sabão*
*Tênis, cadarço, almofada, colchão*
*Quebra-cabeça, boneca, peteca,*
*botão, pega-pega, papel, papelão*

*Criança não trabalha,*
*Criança dá trabalho,*
*Criança não trabalha...*

*Um, dois, feijão com arroz*
*Três, quatro, feijão no prato*
*Cinco, seis, tudo outra vez...*

*Criança não trabalha,*
*Criança dá trabalho!"*

Ainda que você não conheça sequer metade das brincadeiras descritas nesse trechinho da música "Criança não trabalha", ainda assim algum dia você já foi criança.

E essa criança que um dia você já foi – regra universal insuperável – é a mesma que existe em todas as casas de todo o mundo. Com a mesma imaginação, criatividade, brincadeiras, disparates, carinho sincero, risada solta ou até mesmo choro sentido.

E é disso que este livro trata.

***Adauto de Andrade***

# Juridicausos

*"Ah, você tem um blog, que bacana! Mas isso aí dá dinheiro?"*

Quase todo mundo que se predispõe a manter um site ou blog na internet já ouviu essa pergunta. Parece loucura que alguém se dedique a ter um endereço na rede com conteúdo próprio (ou, às vezes, emprestado), mantendo certa periodicidade entre as postagens e de forma a que venha interessar outras pessoas. Domínio, hospedagem, servidor, design, hackers, plataforma... Um monte de coisas para administrar e se preocupar... Para quê?

Ora, para ser lido. O blogueiro quer se expressar, quer dizer alguma coisa ao mundo, compartilhar com seus visitantes aquilo que lhe parece interessante. Se o computador não tivesse sido inventado, certamente estaria imprimindo histórias em fanzines feitos em mimeógrafos.

Quem vive o mundo da advocacia conhece muitas dessas histórias que valem a pena ser contadas. Algumas são reais, outras fantasiosas, muitas não se sabe. Um argumento incrível pode dar ensejo a uma decisão inacreditável, que por sua vez pode não resolver problema algum. O mundo dos operadores Direito é tão complexo e estranho quanto os próprios homens que nele vivem.

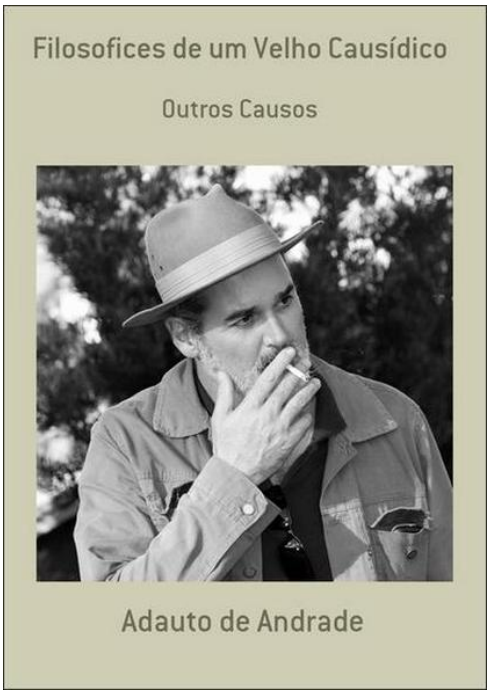
Ao publicar seu livro de causos, contos, e notícias jurídicas postadas lá no Legal, o advogado, técnico em informática, pai de três moleques e blogueiro Adauto de Andrade dá continuidade à evolução natural do seu site. Embora pareça paradoxal, ele bem sabe que a nova mídia deve se render ao velho formato para materializar aquilo que um arquivo corrompido um dia pode levar. Até essa vantagem o livro tem: suas piores inimigas, as traças, são mais simpáticas que os bugs do mundo virtual.

Considerando o mercado editorial brasileiro, não será com o livro que o autor ganhará dinheiro, mas ele já está acostumado com isso e não se importa. Tudo o que ele quer é que você leia.

E compartilhe.

***Wagner Baccaro***

# Outros Causos




Saboreei *Filosofices de um Velho Causídico* da mesma maneira que faria com uma boa cachaça: aos poucos, mas de uma só toada. E agora, em *Outros Causos*, vejo a destilaria de contos do Adauto nos brindar com uma nova safra de textos – alguns envelhecidos, outros novíssimos e mais um tanto vindo de outros apreciadores da arte de escrever.

E o que mais cativa neste botequim literário é a própria despretensão em satisfazer alguma vaidade intelectual, longe de jogos de palavras ou da narcisística necessidade de demonstrar uma suposta genialidade. Tudo isso é ignorado em favor do leitor, com uma narrativa leve e objetiva, mas sem deixar de lado o tom brejeiro, de contador, de um Pantaleão que te chama de lado no balcão para desfiar um causo – nem sempre acontecido, mas sempre verdadeiro.

Dizem que quase todos os advogados acalentam um desejo secreto de abandonar o exercício da profissão para serem escritores... Se for esse o caminho, até agora até que está indo bem! E que me perdoem aqueles que gostam das modernidades dos dias de hoje, onde tudo pode ser encontrado em meio digital, mas ainda acho que o livro em seu formato impresso continua sendo essencial. Poder ler, marcar, grifar, retornar a este ou aquele causo aleatoriamente, sentir a textura do papel e o cheiro de um livro novo continuam sendo prazeres inigualáveis para os verdadeiros apreciadores. É como já disse aquele personagem homônimo, de Zafón: *"Entrei na livraria e aspirei aquele perfume de papel e magia que, inexplicavelmente, ninguém ainda tinha tido a ideia de engarrafar."* É bem isso.

Enfim, se é o entretenimento com o prazer da leitura o que você busca, é neste livro que você vai encontrar. E entenda-se entretenimento como a sedução pela palavra escrita, a capacidade de envolver o leitor, fazê-lo virar a página, emocioná-lo, perturbá-lo, fazê-lo rir, transformá-lo. Isso tudo através de uma escrita simples, mas nem por isso descuidada em sua laboriosa construção.

E escrever fácil é muito difícil.

***David Martin***

# ÍNDICE


**I – Coisas de Casal**

| | | |
|---|---|---|
| Amor à exatidão | 12/10/05 | 12 |
| Formigas levam o fumo; eu, o vinagre | 04/11/07 | 12 |
| Sonho de uma noite de verão | 10/12/07 | 14 |
| Baleia ou avestruz? | 24/02/09 | 16 |
| Conto de reencontro | 21/08/11 | 17 |
| O pneu furado | 27/09/11 | 18 |
| Star Wars Day | 04/05/12 | 20 |
| Papa-anjo | 02/12/12 | 21 |
| Casórios modernos | 15/12/12 | 22 |
| O flerte | 09/03/13 | 25 |
| O corpo fala | 08/10/13 | 27 |
| Realidade paralela | 27/10/14 | 28 |

**II – Criança dá Trabalho**

| | | |
|---|---|---|
| Teimosas lágrimas | 26/09/05 | 30 |
| Superpoderes | 28/11/05 | 31 |
| Um dia de Philippe Pinel | 06/04/06 | 32 |
| Da propaganda enganosa | 20/07/06 | 33 |
| Parque da Mônica, a Epopeia: | - | - |
| - Parte I – A Viagem | 31/07/06 | 35 |
| - Parte II – A Chegada | 01/08/06 | 38 |
| - Parte III – O Parque | 02/08/06 | 41 |
| - Parte IV – Luz no fim do túnel | 03/08/06 | 44 |
| - Parte V – Home Sweet Home! | 04/08/06 | 48 |
| Rio das Cobras | 26/05/08 | 51 |
| A difícil arte de ser pai | 17/02/10 | 52 |
| Tesourada | 14/05/15 | 55 |
| Adolescente dá trabalho | 17/02/15 | 56 |

**III – Juridicausos**

| | | |
|---|---|---|
| Coisas que advogados NÃO precisam para amar seu trabalho | 25/03/07 | 60 |
| Chama a estagiária | 01/12/07 | 63 |
| Trote na escrevente | 10/05/08 | 65 |
| Todo dia nasce um | 14/10/08 | 66 |

**IV – A vida como ela é**

| | | |
|---|---|---|
| Torta de morango (versão masculina) | 23/07/06 | 70 |
| Quer perder peso? Pergunte-me como. | 06/02/07 | 73 |
| Uma questão de tecnologia | 26/02/07 | 75 |
| Um brinde ao ócio | 04/04/07 | 77 |
| Repensando a vida | 06/05/07 | 80 |

| | | |
|---|---|---|
| Projeto três-por-quatro | 06/03/09 | 82 |
| Sobre o apagão de ontem | 11/11/09 | 85 |
| Lição de vida | 07/01/11 | 86 |
| Por onde andará a Lua? | 07/07/13 | 87 |
| Por uma voltinha de bicicleta | 16/11/14 | 90 |
| Férias: agora começou de verdade! | 23/02/15 | 93 |
| Atleta urbano | 04/03/15 | 95 |

**V – Passado a Limpo**

| | | |
|---|---|---|
| O passado bate à porta | 06/10/06 | 102 |
| Direto do túnel do tempo | 13/03/07 | 103 |
| Machadadas na TV e o Homem na Lua | 22/07/09 | 104 |
| Eu e meus gibis | 04/05/10 | 106 |
| O Fim da Picada: | - | - |
| - O Início | 14/07/11 | 111 |
| - A Saída | 18/07/11 | 114 |
| - O Caminho | 20/07/11 | 118 |
| - Interlúdio | 23/07/11 | 120 |
| - A Estrada | 24/07/11 | 121 |
| - A Trilha | 25/07/11 | 124 |
| - Uma inusitada parada | 26/07/11 | 126 |
| - O Fim | 27/07/11 | 128 |
| Daquilo que não me sai da memória | 07/08/11 | 130 |
| Daquilo que desejei que vivêssemos... | 07/08/11 | 131 |
| Recordâncias... | 17/10/11 | 133 |
| Fogo cruzado | 08/11/12 | 136 |
| Caco e Forcinha – lembranças de dois malucos | 28/02/13 | 138 |
| Cuidado! | 21/03/15 | 141 |
| Histórias de uma Vida Passada | 06/06/15 | 144 |
| O aparelho | 18/07/15 | 148 |
| Mulher Morena | 07/12/15 | 148 |
| A vida em momentos além do tempo e do espaço... | 29/03/16 | 149 |
| Quando eu fiz Magistério... | 22/04/16 | 152 |

**VI – Martelando o Teclado**

| | | |
|---|---|---|
| Questões de família | 14/06/06 | 158 |
| (Mequinho) Valtinho | 24/09/08 | 159 |
| Tudo por um sax | 02/09/09 | 160 |
| Pequenas maldades | 24/11/10 | 162 |
| Proseio | 04/05/11 | 164 |
| Amar é punk | 04/08/11 | 166 |
| Questão de equilíbrio | 30/08/12 | 167 |
| Despertar | 24/09/12 | 169 |

Imagem e Ação 03/09/13 171
Para eu me apaixonar por você, garota... 25/02/14 176
Orando por quem mesmo? 02/06/14 179
A história de uma multa 16/10/14 180
E você? Cospe ou engole? 17/10/14 181
Chá de boldo amargo medicinal e sem açúcar 20/10/14 183
Era uma vez uma perna... 03/01/15 184
Tinderada 28/03/15 186
Outro proseio 10/04/15 188
Os barbeiros 20/09/15 192
Namore um cara que lê 14/10/15 195
What's in a kiss? 21/10/15 198
Além da vida 21/10/15 200
Por que um corvo se parece com uma escrivaninha? 24/12/15 203

## VII – Filosofices

"Considerações" 01/01/05 208
Aconselhamentos 19/09/05 210
Mais considerações 11/10/05 212
Síndrome de Jerry Magüire 12/05/06 214
Transmimento de pensação off line 06/06/08 217
"I had a dream" 27/03/09 219
Sobre mortalidade 13/10/09 222
Medo 20/05/11 224
Alone in the darkness 02/07/11 226
Pétalas de rosa carregadas pelo vento 03/08/11 228
Insônia 31/05/11 230
O poder da memória 26/06/11 232
Aquilo que cativas 26/09/11 234
Sobre ser diferente 28/11/11 236
Chove 20/06/12 238
Vento, ventania 10/09/12 240
Momento National Geographic? 17/09/12 241
O mecânico 04/06/13 243
Lágrimas de um coração 03/10/13 246
O que nos falta é magia 02/01/15 247
A insustentável leveza do ser 10/01/15 250
Meu Mundo Perfeito 28/06/15 252
Solidário à solidão 02/11/15 254
Minha Casa 06/12/15 256

## *Liber Testamentorum*
## *(Ou: um último "chorinho"...)*

Histórias inusitadas ocorreram nos últimos tempos… Gente querida de gente querida faleceu, deixando um histórico de saudade, dor, surpresa, alívio – não necessariamente nessa ordem.

Casos e casos. Morte inusitada, que ninguém espera. Morte estúpida, que ninguém aceita. Morte sofrida, que ninguém compreende. Morte distante, que traz um vazio. E, talvez pior que tudo – até onde posso compreender – morte em vida, que traz um grande sofrimento.

E, em todos os casos – sem exceção – pontuada é a tristeza dos familiares, amigos e mesmo conhecidos.

E isso dá no que pensar: e quando minha hora chegar?

Então, pois bem, está decidido.

Nada disso quero para mim.

Sem, absolutamente, faltar com o respeito para com a dor que cada um sente, quero deixar bem clara minha intenção: nada de tristeza!

Minha vez há de chegar – eis que somente não escapamos de duas coisas nesta vida: do imposto de renda e do encontro com a ceifeira. Então, vamos combinar? Faço desde já meu testamento: tudo, eu disse absolutamente **tudo**, que tenho de material vai para meus filhos. Em caráter irrevogável, irretratável e irretocável. E o que tenho de "imaterial" – representado pelas minhas ideias, filosofias, doideiras, entendimentos, convicções, memórias e tudo mais nesse sentido – num primeiro momento a eles pertence, eis que mesmo com uma dedicada vida inteira jamais eu conseguiria lhes transmitir tanta coisa de ordem personalíssima. Mas, neste caso, há uma condição *sine qua non* para que se tornem senhores de tais bens: a obrigação indissolúvel de compartilhar isso com, somente, o restante da humanidade. Quer queiram ou não. Quer desejem ouvir minhas palavras ou não. Quer dê trabalho ou não.

E é assim que procuro garantir efetivamente meu acesso à imortalidade: mantendo vivo meu pensamento, ainda que seja na cabeça do mais obscuro ser humano, do mais distante lugar, na mais improvável situação. Enquanto isso acontecer, enquanto meus ditos forem citados, enquanto minhas convicções permearem ao menos uma pessoa das gerações futuras – quer sejam descendentes ou não, quer saibam serem minhas ou não – *lá estarei*.

E se isso não vier a acontecer?

Sem problemas. Minha passagem por este plano já teve o condão de afetar vidas alheias, quer seja por minha direta intervenção ou não. Nem todas para o bem, infelizmente, eu sei, mas tal qual um “efeito borboleta”, minha marca já foi indelevelmente fixada nas vidas de outrem.

Assim, de resto, resta o encontro final em si.

Façam-me o favor: sem choradeira!

Já ouviram falar em “beber o morto”? Antiquíssima tradição funerária?

Pois é.

Comprem uns barris de chopp, uns engradados de cerveja, umas boas e velhas cachaças da terra e passem comigo minha última e derradeira noite bebendo e (re)lembrando tudo de bom e de ruim que fiz. Onde quer que eu esteja quero ouvir risadas, gracejos, lampejos de sarcasmo e brincadeiras como sempre costumei aprontar. E volto para puxar o pé de quem este desejo não respeitar!

Aliás, sim, eu disse “comigo” – ou acham que eu iria faltar à minha própria festa? Doem o que tiverem que doar (ao menos aquilo que ainda for “aproveitável”), me homenageiem como tiverem que homenagear e, depois, queimem o que sobrar. E espalhem ao léu o que restar.

Simples assim.

Minhas ideias haverão que ser mais fortes e permanentes que um mero marco fixado no chão.

Ou não.

E, independentemente disso, que tudo seja rápido, certeiro e indolor.

Ah, sim!

E a conta disso tudo?

Quem paga?

*Vocês, é lógico!*

Ou já se esqueceram para quem vai todos meus bens materiais?… ;-)

***Adauto de Andrade, em 01/02/2011.***

Aos interessados de plantão: este livro foi feito através do sistema de "impressão sob demanda", ou seja, somente é impresso na medida em que for encomendado. E isso não é comigo, é lá no Clube de Autores, mais especificamente nesse link abaixo. Tanto este quanto meus outros livros estão lá. Divirtam-se!

http://clubedeautores.com.br/authors/99597

Adauto de Andrade

Sim, esse sou eu.

Do alto já dos meus 47 anos, sou um joseense nascido e criado no bairro de Santana - um pedacinho de Minas Gerais na cidade de São José dos Campos, em São Paulo.

Dentre outras coisas, já fui bicicleteiro, vendedor, publicitário, bancário, desenhista, técnico de informática, programador, funcionário público em mais de uma prefeitura e hoje sou um mero advogado que resolveu se meter a publicar (mais) um livro...

Pela manhã, sempre que posso, começo o dia tomando um pingado com um tiquinho de leite frio e um pão na chapa com bastante manteiga. No resto do dia (e muitas vezes da noite - e até mesmo do final de semana), trabalho, trabalho, muito trabalho! Mas sempre com um tempinho para, à noite, um proseio, uma cervejinha, às vezes um uísque e até, quem sabe, um bom vinhozinho!

E no mais, como me defino?

Bem, até que sou um cara Legal, verdadeiro causídico (contador de causos), voz solitária, pai, técnico, marido, fuçador, escrevinhador, blogueiro, opaleiro, motoqueiro, temulento, curioso e rabugento - não necessariamente nessa ordem...

Ah! E também tenho outros livros publicados!

Confiram:

- Filosofices de um Velho Causídico
- Criança dá Trabalho
- Juridicausos
- Outros Causos

Apresento-lhes *Filosofices de um Velho Causídico - Seletos 99 Causos*. E de onde vem essa seleta coleção? Das mais de mil páginas de crônicas, contos, casos e causos de meus livros anteriores, bem como mais um tantinho que ainda está lá no blog.

Apesar da luta que foi o processo de escolha, consegui me restringir a apenas 99 textos. São, resumidamente, os melhores, os de maior significância pessoal, os mais divertidos, os mais profundos, enfim, os mais relevantes que já publiquei (na minha nada humilde opinião, é claro). O que não desmerece em absolutamente nada todo o restante que ficou de fora desta seleção.

Distribuídos pelos capítulos Coisas de Casal, Criança dá Trabalho, Juridicausos, A vida como ela é, Passado a Limpo, Martelando o Teclado e Filosofices, falo um pouquinho da vida conjugal, da difícil arte de ser pai, acrescento mais um tantinho de causos jurídicos, reclamo dos perrengues do dia-a-dia, do passado que tanto me guia quanto persegue, bem como desfio mais um quê de crônicas, invencionices e elucubrações de praxe...

O Autor

FSC
www.fsc.org
FSC® C041371

ISBN 978-85-918531-4-4
9 788591 853144